1953

MAIO

N.432

EU SEI TUDO





NO TEXTO: ENFIM! A VERDADEIRA HISTÓRIA DE BUFFALO BILL ★ O QUE DEVEMOS SABER DE NOSSOS OLHOS ★ PODEMOS CHEGAR AOS CEM ANOS ★ NEM TUDO, ANTIGAMENTE, ERA MELHOR

BOLOS, BISCOUTOS e MINGAUS de

CREME de MILHO LUX



Em pacotes de celofane
de um e meio quilo

Produto muito imitado, mas nunca igualado, alimento ideal para adultos e crianças, em mingaus, bolos e biscoutos

MÓVEIS — TAPÊTES — CORTINAS



projeto da CASA NUNES para CURITIBA — Estado do Paraná



Tapêtes e passadeiras

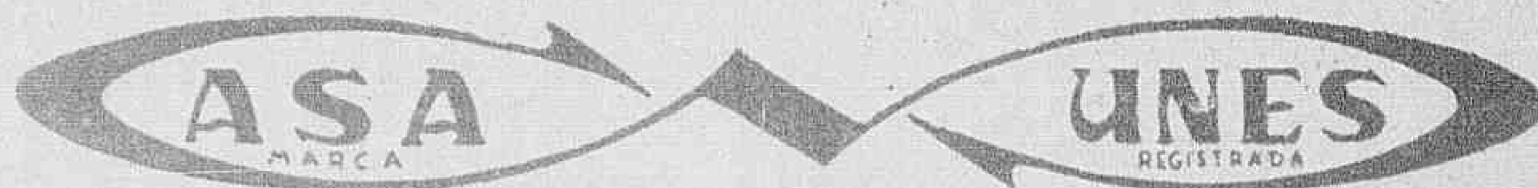
de forração em côres lisas e com flores

Grupos estofados

especialidade de nossas oficinas

Tapêtes feitos à mão

de grande beleza e originalidade



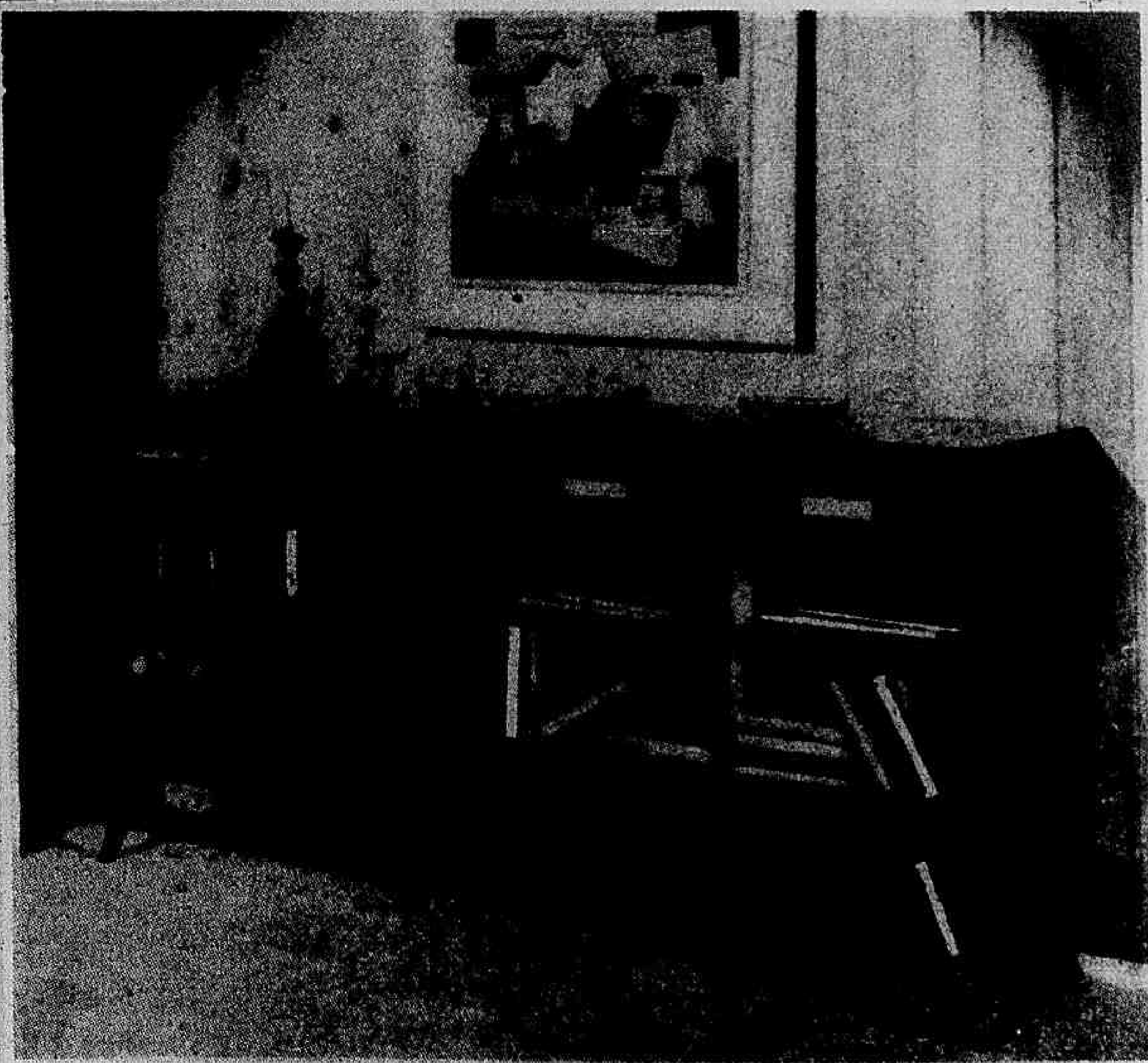
65 rua da CARIOCA 67 -- RIO

DE UTILIDADE E CONFÔRTO

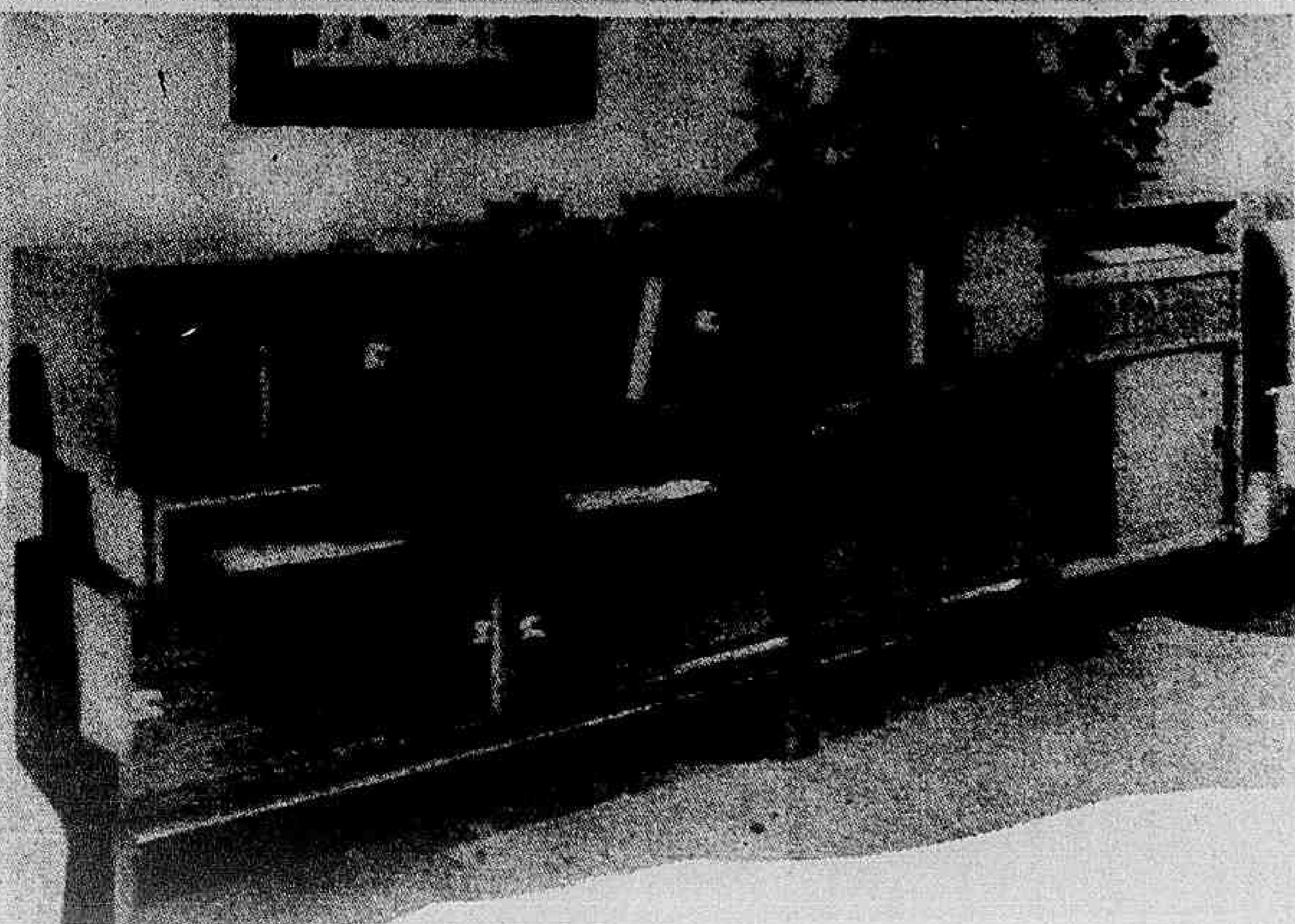
À esquerda: o leito, muito moderno, tem prateleiras em vez da guarda, tradicional e pouco útil. A penteadeira é encaixada entre duas cômodas de seis gavetas cada uma, proporcionando, além de boa estética, confôrto.

Em baixo: de ferro e vidro, esta mesinha para plantas estará bem em qualquer sala, jardim de inverno, etc. Fácil de limpar e de locomover, tem inúmeras utilidades. Poderá ter a côr que cada um prefira, embora seja aconselhável a "côr natural".

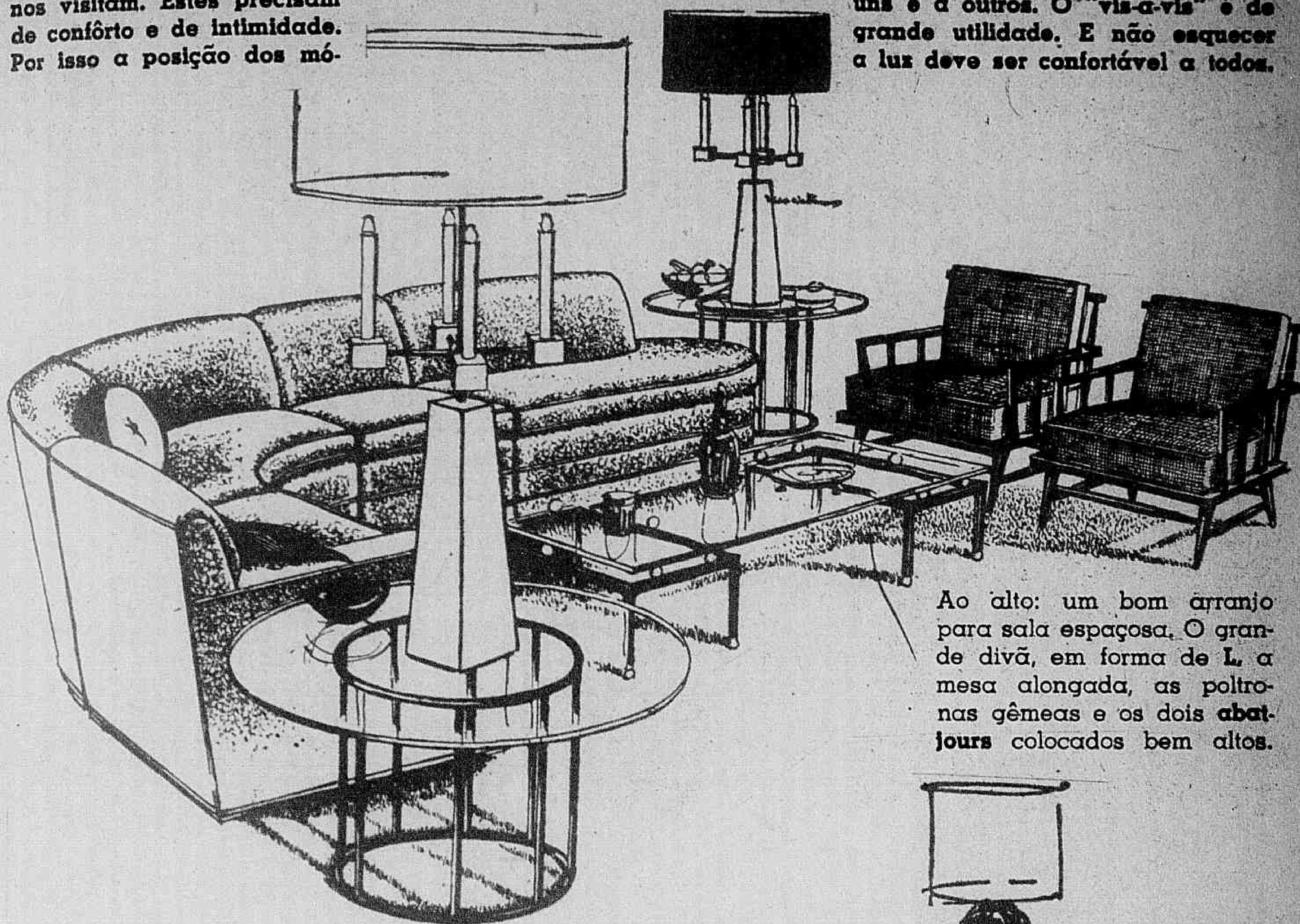




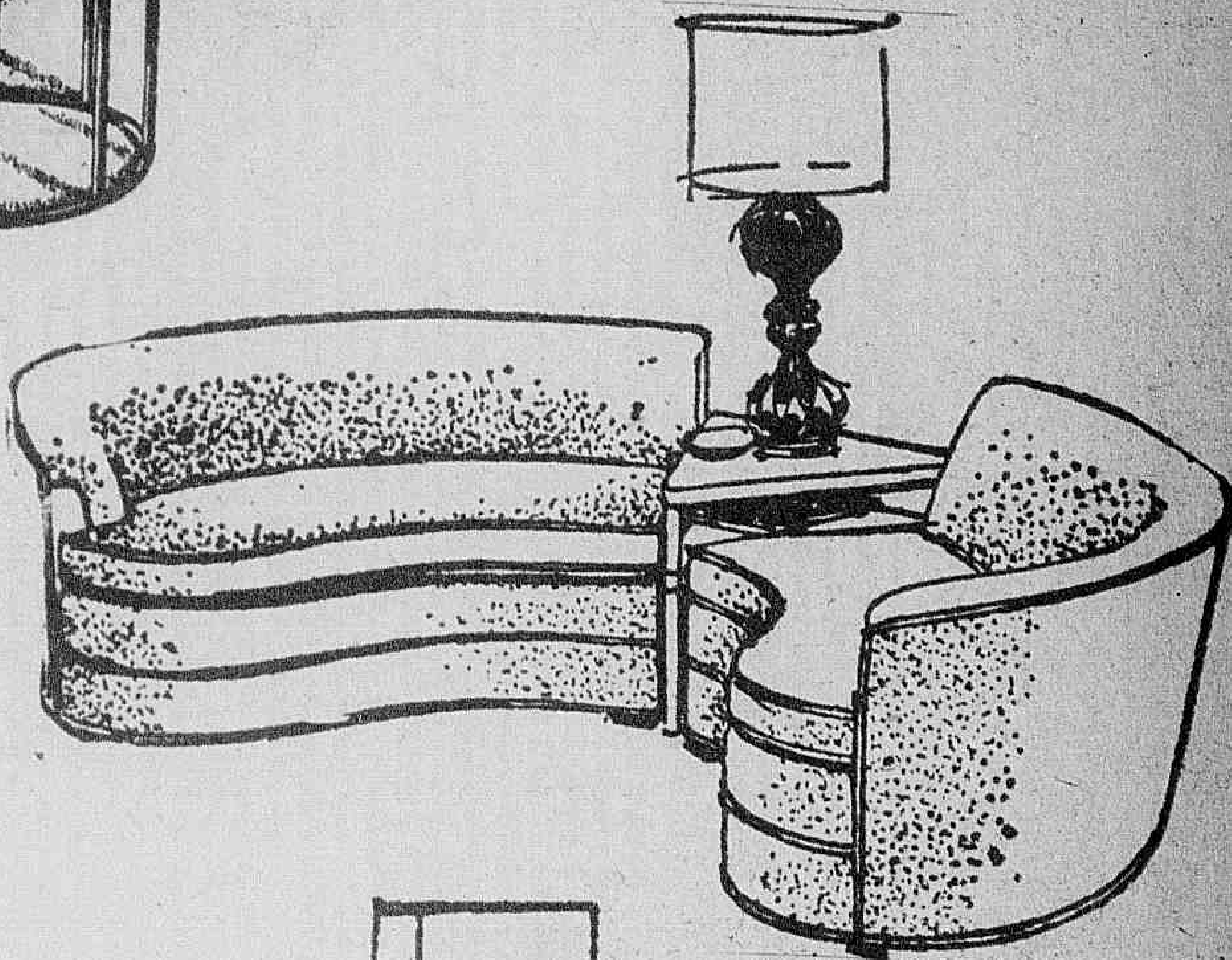
À direita: eis dois tipos de estantes verdadeiramente práticos e que prestarão grande serviço, além de ornar qualquer parede. Nelas, naturalmente, poderão estar muito bem os ornamentos de cerâmica, como os de metal forjado. Em seus diferentes compartimentos pode caber um mundo de coisas, desde o rádio, como os cristais para o serviço de "drinks", etc.



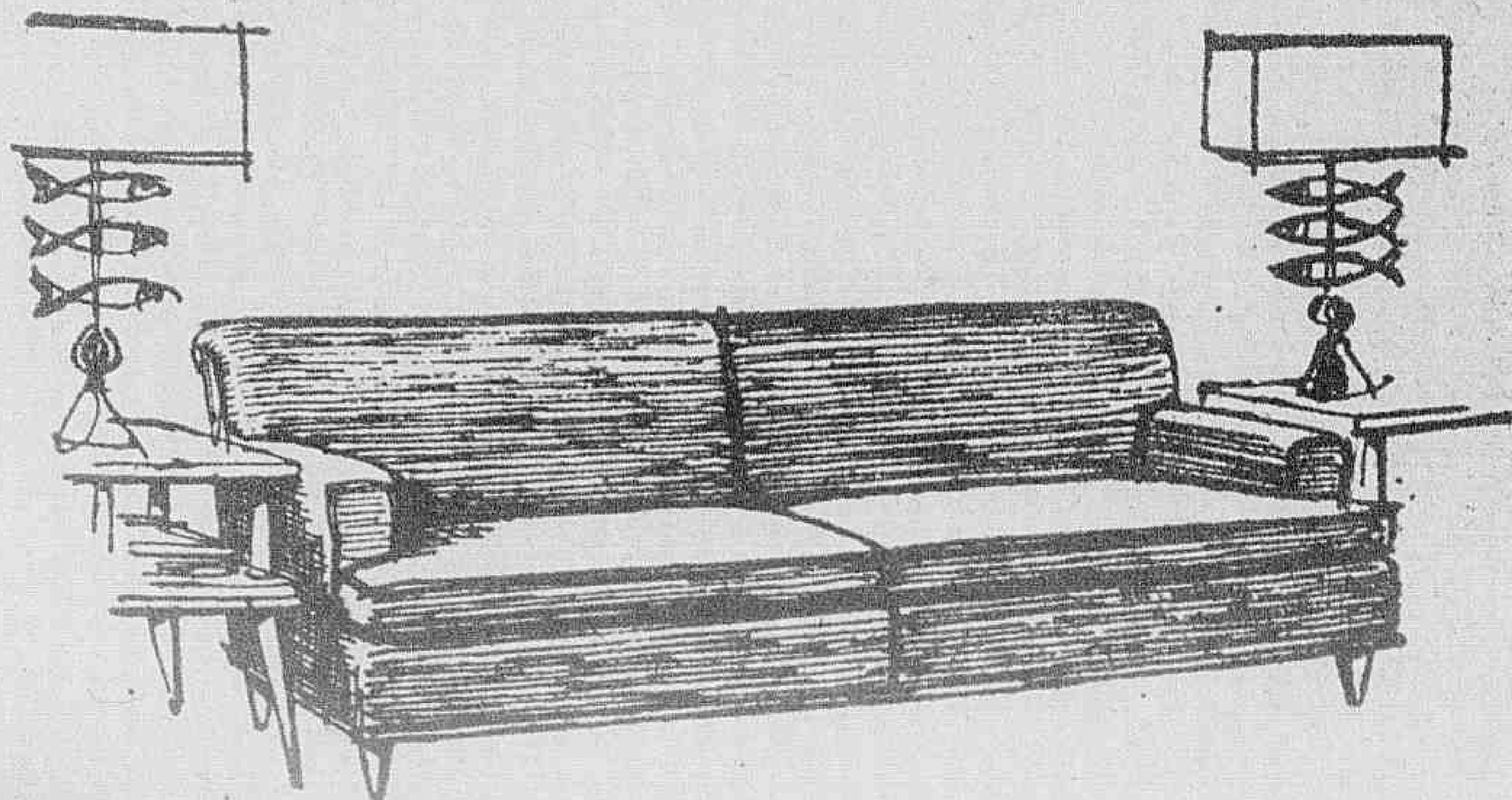
Quando se arrumam os móveis de uma sala, é preciso pensar, primeiro, nos que nos visitam. Êstes precisam de confôrto e de intimidade. Por isso a posição dos móveis deve favorecer a conversação. Com isto também aliviamos um pouco o trabalho de atender a uns e a outros. O "vis-a-vis" é de grande utilidade. E não esquecer a luz deve ser confortável a todos.



Ao alto: um bom arranjo para sala espaçosa. O grande divã, em forma de **L**, a mesa alongada, as poltronas gêmeas e os dois **abat-jours** colocados bem altos.



À direita: de grande efeito os dois divãs postos em semi-círculo, com a mesinha triangular para revistas e **abat-jour.** Conjunto realmente encantador, ao qual não pode ser dispensado, naturalmente, um lindo tapête.



À esquerda: outra boa sugestão: o divã profundo, confortável, entre dois **abat-jours.** A ciência de bem receber os amigos começa com um bom arranjo da mobília que colocamos à sua disposição. Uma visita que tenha confôrto e encontra facilidades para entreter uma palestra, sem distorsões do corpo, despede-se com um sentimento mais forte de gratidão.







insinuante

é a maior e melhor sapataria da America Latina, é tambem uma galeria á sua disposição com agua geladinha sempre as suas ordens.

O Brasil fabrica o melhor calçado do mundo e a INSINUANTE vende o melhor calçado do Brasil

CARIOCA, 46-48
SETE SETEMBRO, 199-201



MAGAZINE MENSAL ILUSTRADO — CIENTÍFICO, ARTÍSTICO, HISTÓRICO E LITERÁRIO, FUNDADO EM 1917.

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA. Diretor: Gratuliano Brito. Redator-chefe: M. R. de Castro. Redação: Rua Visc. de Maranguape, 15, Rio de Janeiro. End. Tel.: "Revista". Tels.: Redação — 22-4447; Administração e Publicidade — 22-2550. Chefe de Publicidade: Severino Lopes Guimarães. Distribuição e venda em S. Paulo: Agência Zambardino, rua Capitão Salomão, 69, telefone: 34-1569. Publicidade em São Paulo: J. Gomes Bastos, Praça Ramos de Azevedo, 209, salas 704-705. Representantes: Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes de Melo, 34, 2dt., Lisboa. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spano, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Inter-Prensa, Florida, 29, tel. 33, Avenida 9109, Buenos Aires. Número avulso em todo o Brasil — Cr$ 5,00. Número atrasado — Cr$ 6,00. Assinatura anual: Registrada — Para o Brasil: Cr$ 60,00; para o estrangeiro: Cr$ 100,00.

As pérolas Wagstaff

Conto de MIGNON G. EBERHART

Pelo telefone, veio um grito de terror e James Wickwire ficou ciente de que uma linda criatura, não resistindo à tentação, roubara o valioso colar de pérolas



A meia-noite o telefone tilintou. Estendi o braço e, ainda cheio de sono, perguntei, após dizer o número:

— Com quem deseja falar?

Uma voz feminina respondeu do outro lado:

— Senhor Wickwire?

— Sim. Quem fala?

Num tom agitado e alto, que feriu-me os ouvidos, a mulher falou:

— Sou Frances Dune. Desculpe-me por chamá-lo a esta hora, mas... **não posso esperar!** Tenho que lhe contar. Minha consciência...

Fêz uma longa pausa, e ouvi nìtidamente sua respiração opressa.

— E' a respeito das pérolas Wagstaff...

Houve então um ruído que me atordoou, como se o telefone tivesse caído da mão de Frances Dune. Em seguida, ouvi um grito, não um grito comum, mas como se a pessoa que o emitisse estivesse diante de algo terrífico e desconhecido; a modulação foi diminuindo gradativamente, da mesma forma como se processa com o eco. Em seguida, o silêncio, do outro lado do fio...

Completamente alucinado, apertei o telefone contra o ouvido, como a querer transportar-me para lá, num segundo. Frances Dune era minha secretária, e as pérolas Wagstaff estavam ao meu cuidado. Calculei que algo terrível tivesse acontecido, e, ainda sem atinar com tudo o que se

passara naqueles breves segundos, ouvi novamente alguém a respirar agitadamente; então gritei:

— Miss Dune! Que aconteceu? Responda!

Ouvi novamente uma voz feminina, diferente, porém, da primeira:

— Oh! Sr. Wickwire! Não sabia que estava ainda com o fone ao ouvido...

— Miss Dune!! — gritei, tentando interrompê-la.

Ela, porém, continuou a falar, em tom histérico. Gritei então com mais fôrça:

— **Quem está falando?** Pare com isso, e fale com calma!

— Sou... sou Muriel Evans. Trabalho no Banco. Oh! Sr. Wickwire! Ela... ela se matou!

O modo com que Muriel falou deixou-me desorientado. Perguntei em seguida:

— Onde você está?

— No... no apartamento dela!

— Dê-me o endereço!

Muriel, um pouco mais calma, ditou-me o endereço, e retruquei ràpidamente:

— Chame a polícia! Irei para aí imediatamente. Não deixe ninguém entrar. Mas, diga-me, primeiro: como tem a certeza de que Frances está morta? E como ela se matou?

Miss Evans parecia prestes a desmaiar, tal o tom enfraquecido de sua voz, quando respondeu:

— Ela... pulou pela janela! Êste apartamento fica no nono andar...

Com um arrepio a percorrer-me a espinha, julguei não mais ser necessário telefonar para um médico.

Quinze minutos depois, estava eu num "taxi", rumando para o apartamento onde ocorrera a tragédia. Meus pensamentos voavam, tecendo os mais sombrios prognósticos a respeito do que poderia ter acontecido. Já calculava o que ocorrera. Coisas como essa, acontecem também nos Bancos. O honesto e dedicado "caixa" desaparece com o dinheiro. E, agora, minha dedicada secretária roubara o colar de pérolas!

Meu nome é James Wickwire. Sou gerente de um Banco, solteiro, e com boas probabilidades para chegar à vice-presidência. As pérolas Wagstaff têm estado aos meus cuidados desde que a Sra. Wagstaff morreu, há doze anos. Seus bens foram deixados para pessoas menores, de modo que eu sou um dos curadores dos mesmos, e, como tal, tinha a chave do cofre no qual estava guardado o colar Wagstaff, entre outros documentos e objetos de valor. Ali, numa caixa de veludo azul, as pérolas magníficas ficavam escondidas dos olhos dos que apreciam as jóias fabricadas pela Natureza, e realçadas pela mão do homem.

Além do valor, que já causava preocupações, o colar tinha outra característica assaz incômoda pois, duas vêzes por ano, tinha que ser tirado do cofre e usado por certa moça, durante um dia inteiro! Os Bancos costumam efetuar serviços maçantes e singulares, para certos clientes antigos e exigentes. Êste era um dêsses serviços. Duas vêzes por ano, uma das funcionárias do Banco colocava o colar sôbre a pele (conforme recomendara a Sra. Wagstaff) e, lendo um livro, ficava sentada o dia inteiro, no estabelecimento, com o colar ao pescoço.

Na hora em que o Banco cerrava as portas, as pérolas eram novamente colocadas em seu estojo, para ali permanecerem durante mais seis meses. Eu não via jeito de, apesar disso, as pérolas adquirirem mais brilho, mas infelizmente, isto tinha sido idéia





— *Sou... sou Muriel Evans. Trabalho no Banco. Oh! Sr.* **Wickwire!** *Ela... ela se matou!*

da Sra. Wagstaff, que me encarregara diretamente de guardar o colar.

A noite não era agradável para alguém ser tirado da cama, à meia-noite; chovia e ventava, e as luzes dos postes e dos veículos refletiam no asfalto molhado. Recordando a última conversa que tivera com a Sra. Wagstaff, antes da mesma morrer, parecia estar a vê-la, surgindo da noite, à minha frente. Podia ver o seu imenso quarto de dormir, cheio de móveis luxuosos, de tapêtes caros e outros adornos essencialmente femininos. Divisava-a, sentada na cama, com as costas apoiadas à cabeceira, a cabeleira branca a sobressair do tom escuro da madeira, e às pequenas e enrugadas mãos a acariciarem as pérolas.

"— Elas têm que ser usadas, compreende? Do contrário, perderão o brilho" — disse ela, então — "Têm que ser usadas por mulheres, Jim! (a Sra. Wagstaff foi uma das poucas mulheres que me chamaram de Jim, até hoje) Uma das mocinhas do Banco tem que fazer isto. Ainda bem que você tem funcionárias bonitas, Jim!

A beleza não constitui **exatamente** uma qualificação para qualquer empregado de banco. A esta altura da conversa, meu rosto deveria ter denotado perplexidade, pois ela sorriu.

"As pérolas foram feitas para mulheres bonitas, rapaz! Eu fui... — dizem que fui bonita, em minha mocidade" — continuou ela com um sorriso que, apesar de sua idade, irradiava uma graça quase juvenil — "Meu marido costumava dizer que sòmente as mulheres bonitas adoram realmente as pérolas. A beleza atrai a beleza!"

Sorriu e, num tom mais triste:

"Naturalmente, não quis generalizar, mas afirmou que êste é o motivo pelo qual, algumas vêzes, uma bela mulher é capaz de qualquer coisa, para conseguir jóias, especialmente um colar de pérolas como êste."

Fatigada pelo esfôrço feito para falar, a boa senhora repousou a cabeça; a enfermeira logo surgiu, pedindo que eu encerrasse a visita. Beijei a pequena mão da Sra. Wagstaff antes de retirar-me, sem bem saber o motivo dêste gesto.

Esta foi a última vez em que vi a rica senhora. De qualquer modo, resolvi observar suas instruções quanto ao uso regular das pérolas, por uma funcionária do Banco. Quanto à questão relativa a "pérolas e mulheres bonitas", levei isto em conta de sentimentalismo, pois não concordava com as afirmações da Sra. Wagstaff. E' claro que não poderia efetuar concursos de beleza no Banco, para escolher as funcionárias...

E assim, naquele dia chuvoso, coubera à minha secretária, Frances Dune, usar as pérolas, a fim de cumprir as ordens da falecida. Isto significava que o colar estava sob minha inteira responsabilidade. Eu estivera fora do escritório desde o meio-dia até ao encerramento do expediente diário, e voltara para minha própria casa às 22 horas. Miss Dune, na manhã daquele dia, olhando para o calendário, lembrara-me a respeito das pérolas, e pedi-lhe que usasse o colar, pois não teria necessidade de seus serviços. Frances servia como minha secretária nos últimos dez anos. Alta, esguia, bonita, apesar de contar 40 anos de idade; tinha um modo diferente de ver as coisas, diferente de qualquer outra pessoa com a qual eu já estivera em contato, e era bastante eficiente. Resumindo, posso dizer que confiava plenamente nela.

No entanto, logo que falou comigo ao telefone, com aquêle modo frenético, adivinhei o que acontecera. Eu a havia encarregado de recolocar as pérolas no cofre, com o auxílio do Sr. Wazey, responsável pelos valores em depósito nos cofres. Negligenciara em minhas funções de curador, entregando a chave do pequeno cofre ao referido funcionário, sem a qual as pérolas não poderiam ser retiradas. Òbviamente, o Sr. Wazey guardara novamente o estojo de veludo, sem verificar se as pérolas estavam em seu interior... e, assim, Frances Dune levara o colar consigo!

Mais tarde, arrependida e com remorsos, telefonara para mim e pulara pela janela para não enfrentar as conseqüências que seu ato acarretaria. Isto se me afigurava trágico e patético, ao mesmo tempo: uma criatura sensata, trabalhadora e honesta, destruir a própria vida e a reputação, atraída por uma fileira de belíssimas pérolas.

Não resta dúvida de que as pérolas eram magníficas... Mas, os tempos estavam mudados! Quando o Sr. Wagstaff presenteara a espôsa com o colar, pagara cêrca de quatro milhões de cruzeiros pelo mesmo. Isto eu sabia, e sabia também que o colar já não tinha o mesmo valor, pois o mercado de pérolas baixara muito, em virtude da grande produção de pérolas cultivadas, que, mais baratas e quase com as mesmas características, açambarcavam as atenções dos compradores e vendedores.

O "taxi" parou em frente a um edifício, agora todo iluminado. Dois automóveis da polícia estavam estacionados próximos à entrada e uma ambulância acabara de chegar. Nas janelas dos edifícios vizinhos, seus moradores olhavam o que se passava, com os homens disputando os melhores lugares e as mulheres a tecerem comentários, de uma janela para outra.

Um tenente de polícia, alto e corpulento, pediu-me que identificasse o corpo estendido na calçada, o que fiz. A noite estava realmente fria; meu grosso sobretudo parecia não ser suficiente para impedir que o frio penetrasse em meu corpo, chegando até aos ossos. O carro que eu julgara ser uma ambulância, mas que na verdade era o **rabecão**, recebeu o cadáver e partiu em direção à morgue. Subi, em seguida, juntamente com o tenente, para o apartamento da suicida, situado no nono andar.

O apartamento era pequeno, com a sala e um quarto conjugado, o banheiro e uma "kitchnette". Estava escassamente mobiliado, mas era limpo e asseado, como costumavam ser as coisas de Frances Dune.

Uma mocinha morena e esbelta levantou-se da poltrona em que estava sentada, quando eu e o tenente entramos. Reconhecia-a vagamente; trabalhava no departamento de contabilidade do Banco, até onde só raramente eu esticava os meus passos.

— Sou Muriel Evans, Sr. Wickwire — disse com voz trêmula.

Era de estatura comum e trajava um vestido vermelho, muito elegante. Seus lábios estavam excessivamente pintados, o mesmo acontecendo com as unhas. Êste era um costume que eu não aprovava, no Banco, embora, fora do expediente, nada tivesse a ver com o modo como as funcionárias se pitassem. Apesar de dar a impressão de ser muito viva, mostrava-se bem comportada e compreensiva, numa situação terrível como a que se lhe apresentara.

Cumprimentei-a e falei ao tenente:

— Esta é a moça que telefonou à polícia.

O policial retirou a capa, enquanto dizia:

— A senhorita terá que fazer uma declaração, relatando tudo o que aconteceu. Compreendo que ainda se encontra abalada, emocionada pelo que ocorreu, mas... é a rotina!

O tenente falava com delicadeza, e notei que dava a impressão de sentir pena da moça. Esta começou a falar, e relanceei o olhar em tôrno da sala. Uma cadeira jazia tombada, próxima ao telefone, que havia sido reposto no lugar. Julguei que o ruído que eu ouvira fôra causado pela queda da cadeira. A janela, muito larga e baixa, próxima ao chão, ainda estava aberta.

— Frances telefonou para a minha casa, mais ou menos às 23 horas — dizia ela. — Moro perto daqui, alguns quarteirões adiante... Ela parecia nervosa; disse-me que não podia dormir, e pediu que viesse até aqui. Eu não a conhecia bem, mas sabia que era figura importante, no Banco, sendo secretária do Sr. Wickwire. Naturalmente, apressei-me a vir; então, em lágrimas, contou-me haver retirado as pérolas Wagstaff. Elas estavam no estojo e...

— Eu explicarei isso! — interrompi, relatando ràpidamente ao policial tudo o que dizia respeito ao colar.

O tenente perguntou, então:

— Responda com calma, agora, Miss Evans. Estava a secretária do Sr. Wickwire nervosa... histérica?

— Oh, sim! Não acreditei no que me dizia. Afirmou que precisava contar a alguém, desabafar! Chorava... Ainda assim, não acreditei no que dizia, e nem poderia acreditar! Julguei apenas que ela estivesse muito nervosa, por algum outro motivo, e não soubesse o que dizia. Por isso, resolvi fazer um pouco de café para reanimá-la. Foi a melhor idéia que me ocorreu. Dirigi-me então para a "kitchnette".

A esta altura, a moça fêz uma pausa, e, noutro tom mais dramático, continuou:

"— Enquanto preparava o café, ouvi-a discando o telefone. Conversava com o Sr. Wickwire, mas não falou mais que alguns momentos, pois largou bruscamente o fone, como se não pudesse continuar a falar. Voltei correndo da cozinha e... e ela estava passando a perna sôbre a janela. Corri em sua direção, tentando impedi-la, mas... não pude evitar que ela se jogasse no espaço! ...

Isto dizendo, Muriel Evans levou as mãos ao rosto. O tenente, afetuosamente, pousou a sua enorme mão sôbre o ombro da jovem.

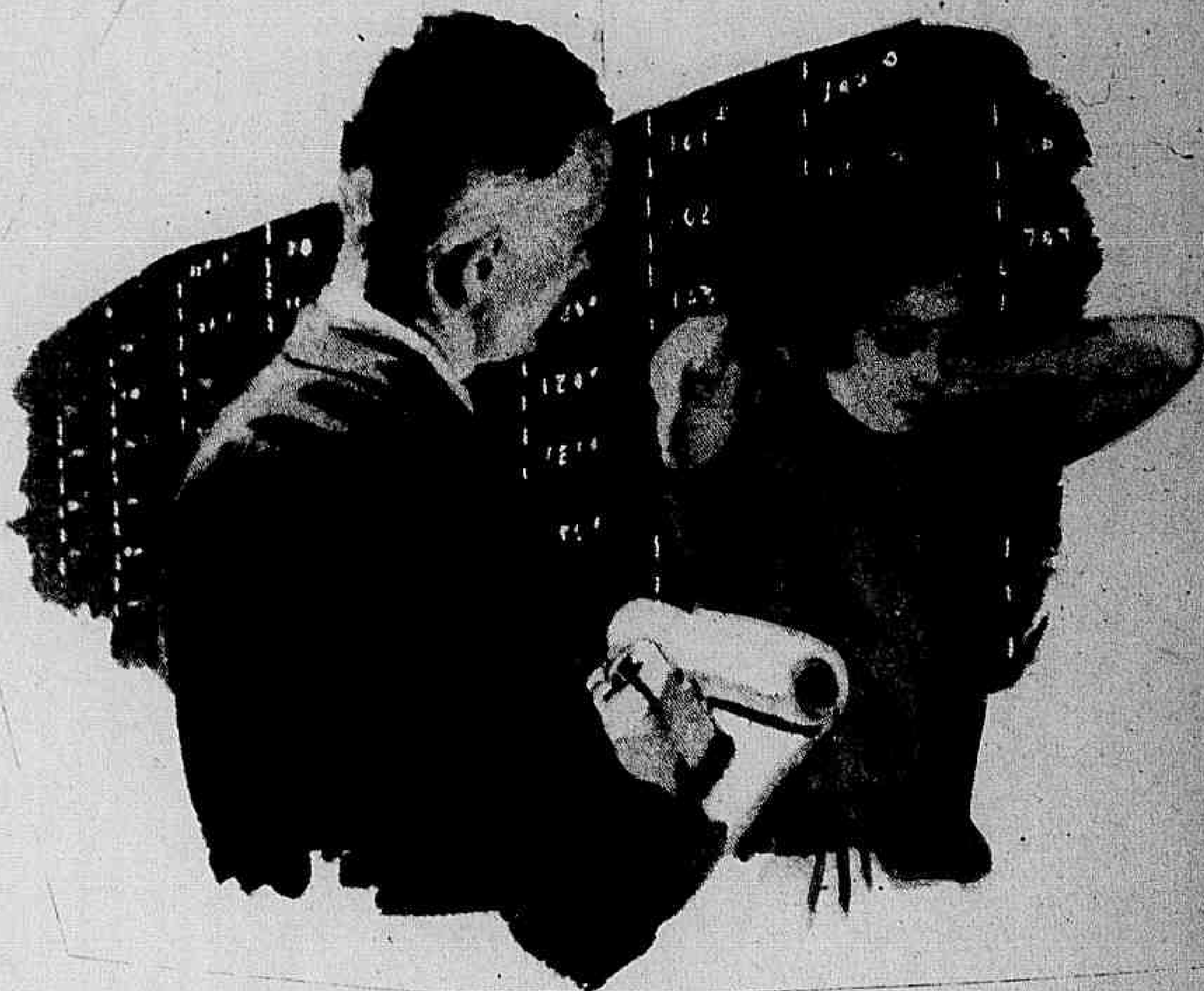
— Eu bem sei como é duro rememorar uma tal cena, mas procure controlar-se...

Perguntei então, bruscamente:

— Onde está o colar de pérolas?

Miss Evans fitou-me, surpreendida. Tinha cabelos castanhos e brilhantes, partidos ao meio e formando uma espécie de nimbo, em tôrno de seu rosto. Os olhos eram azuis, encimados por pestanas e sobrancelhas bonitas e naturais. Fiquei intrigado ao verificar que, apesar de ter sofrido tamanho abalo, ela ainda conservasse os seus traços de beleza, embora não fôsse muito bonita.

— Não sei — respondeu, afinal — Como Frances não me mostrou êsse colar, não acreditei mesmo que o tivesse roubado.



E, assim, naquele dia chuvoso, coubera à minha secretária, Frances Dune, usar as pérolas, a fim de cumprir as ordens da falecida Sra. Wagstaff.

—Nós o encontraremos! — disse o tenente — As pérolas... ou uma cautela de penhor!

Dirigi-me para o telefone, enquanto perguntava ao policial:

— Não há mal em que me utilize dêste aparelho?

Êle hesitou ligeiramente, antes de responder:

— Bem, Sr. Wickwire, embora pareça tratar-se de um suicídio, é indispensável que tiremos as impressões digitais do telefone, da janela, da maçaneta da porta... O senhor compreende... Não se importaria de utilizar o telefone da portaria?

Os olhos azuis de Muriel lampejaram por um momento, enquanto ela falava, nervosa:

Mas, **foi suicídio!** Eu vi!

— Compreendo — respondeu ràpidamente o tenente. — Não fique assustada... Não se trata

de homicídio. Além disso, se a senhorita tivesse matado Frances Dune...

— Oh! — exclamou Muriel, empalidecendo.

O policial tornou a colocar afetuosamente a mão sôbre o seu ombro, antes de continuar:

— Se a senhorita tivesse assassinado a sua infeliz colega, por certo já teria "sumido", isto é, não teria ficado aqui, nem tomaria as providências que tomou. Suponho que ninguém sabia que estava aqui, não é mesmo?

Muriel moveu a cabeça lentamente, sussurrando um **não.**

— Pois então! Não há motivo para ficar assustada!

Naquele momento, entraram no apartamento um sargento e um outro detective, êste à paisana, enquanto eu deixava a sala, dirigindo-me para o elevador. No andar térreo, fiz uso do telefone, a fim de conversar com o Sr. Wazey. O encarregado do edifício observava-me com um ar sonolento. Quando desliguei, quebrou o silêncio em que se mantivera:

— E' terrível! Miss Dune parecia estar muito nervosa, quando telefonou para a moça de vestido vermelho. Mas, eu nunca pensaria que...

Interrompi seu comentário, pedindo que chamasse um "taxi".

Os Bancos são estabelecimentos cheios de burocracia e regras rígidas. Mas, em caso de emergência, como era o presente, deixam a burocracia de lado, agindo como qualquer outra casa de negócios. Assim, o Sr. Wazey, sem mais delongas, dirigiu-se comigo ao Banco, e fomos diretamente ao departamento de cofres particulares. Quando abrimos o que trazia o nome da Sra. Wagstaff, e retiramos o estojo de veludo, tivemos uma tremenda surprêsa ao encontrarmos, em seu interior, um colar de pérolas do tipo barato, sem brilho e sem valor. Isto foi, para mim, um choque maior do que o causado pela confissão de minha secretária, ao telefone, pois vinha mostrar que o roubo do colar **fôra planejado!** Muito diferem o furto por um impulso momentâneo, e o roubo cuidadosamente preparado.

O Sr. Wazey, ante meu espanto, explicou:

— Quando recoloquei o estojo no lugar, lancei um rápido olhar em seu interior, e dei-me por satisfeito, vendo um colar no mesmo. Como não entendo e nem sei distinguir umas pérolas de outras, não poderia, nem de leve, desconfiar que a sua secretária houvesse roubado o colar verdadeiro.

Por mim, tinha a certeza de que Frances Dune ainda não havia usado o colar, até aquêle dia. Mesmo assim, consultei o arquivo que o Sr. Wazey possuía, referente ao assunto. Não me ocorria a época em que havia visto o colar pela última vez, de modo que corri os olhos por tôda a lista de nomes que constavam no arquivo, com as datas correspondentes.

Algumas das moças, cujos nomes ali apareciam, já haviam casado, ou deixado o emprêgo no Banco, em busca de melhor salário; algumas delas, também, haviam usado o colar duas ou três vêzes. Pràticamente, tôdas as funcionárias do Banco (em número pequeno, aliás) haviam usado o colar, pelo menos uma vez.

Miss Bush tivera as pérolas ao pescoço por três vêzes; Muriel Evans (a testemunha do suicídio), duas vêzes; Miss Wilkins, três vêzes. E, finalmente, Frances Dune, usara uma só vez o colar, completando a lista das moças que haviam contribuído para cumprir a última vontade da Sra. Wagstaff, nos últimos quatro anos e meio.

No entanto, minha secretária devia saber tudo a respeito do colar, pelo arquivo que eu possuía em meu escritório, de modo que pôde preparar-se para a oportunidade, lembrando-me inteligentemente a data, naquela manhã.

Eu sentia o corpo dolorido e a cabeça pesada, quando o Sr. Wazey trancou o cofre e, em seguida, a porta que comunicava com o compartimento no qual ficava situado. Despedi-me do meu chefe e voltei ao apartamento, que até algumas horas antes pertencera a Frances Dune.

Embora dêle me tivesse ausentado cêrca de sessenta minutos apenas, fiquei surpreendido ao entrar novamente no apartamento. De fato, tive a impressão de que um furacão passara por ali, tal o estado de desordem em que se encontrava. Muriel Evans se encontrava ainda sentada na mesma poltrona. Estava pálida, e qualquer coisa, na brancura de sua pele, fêz-me lembrar uma magnólia. O tenente, com o paletó desabotoado, coçava a cabeça, desconsolado. Logo que me viu chegar, foi logo dizendo:

— O colar não está aqui, Sr. Wickwire! Não há, igualmente, nenhuma cautela, nenhum bilhete de casa de penhores, **nada!**

O mal-estar que me atacara tornou-se ainda mais agudo, a partir daquele momento. Eu fracassara em minha função de curador dos bens da Sra. Wagstaff, e teria que comunicar isto ao Tribunal competente e, também, aos diretores do Banco, além da companhia em que o colar estava segurado. Assaltado por êsses pensamentos, caminhei para a janela, por entre peças de roupa, livros, e vários objetos espalhados pelo chão. Fiquei ali, a olhar para a rua, algumas dezenas de metros abaixo, enquanto novos pensamentos me ocorriam. A pobre Frances Dune, que perdera a vida por causa do colar a mim confiado, o olhar de gratidão da Sra. Wagstaff, quando me entregara as pérolas...

Pareceu-me ter ficado ali a meditar, durante horas; suponho, na verdade, que não se tenham passado mais de alguns minutos, enquanto procurava raciocinar e estabelecer um modo de conduta, para esclarecer todos os fatos que haviam ocorrido em tão rápida e trágica seqüência. Voltei-me para o tenente:

— Creio que já posso me retirar. O senhor não deseja mais alguma informação?

O policial assentiu, atalhando:

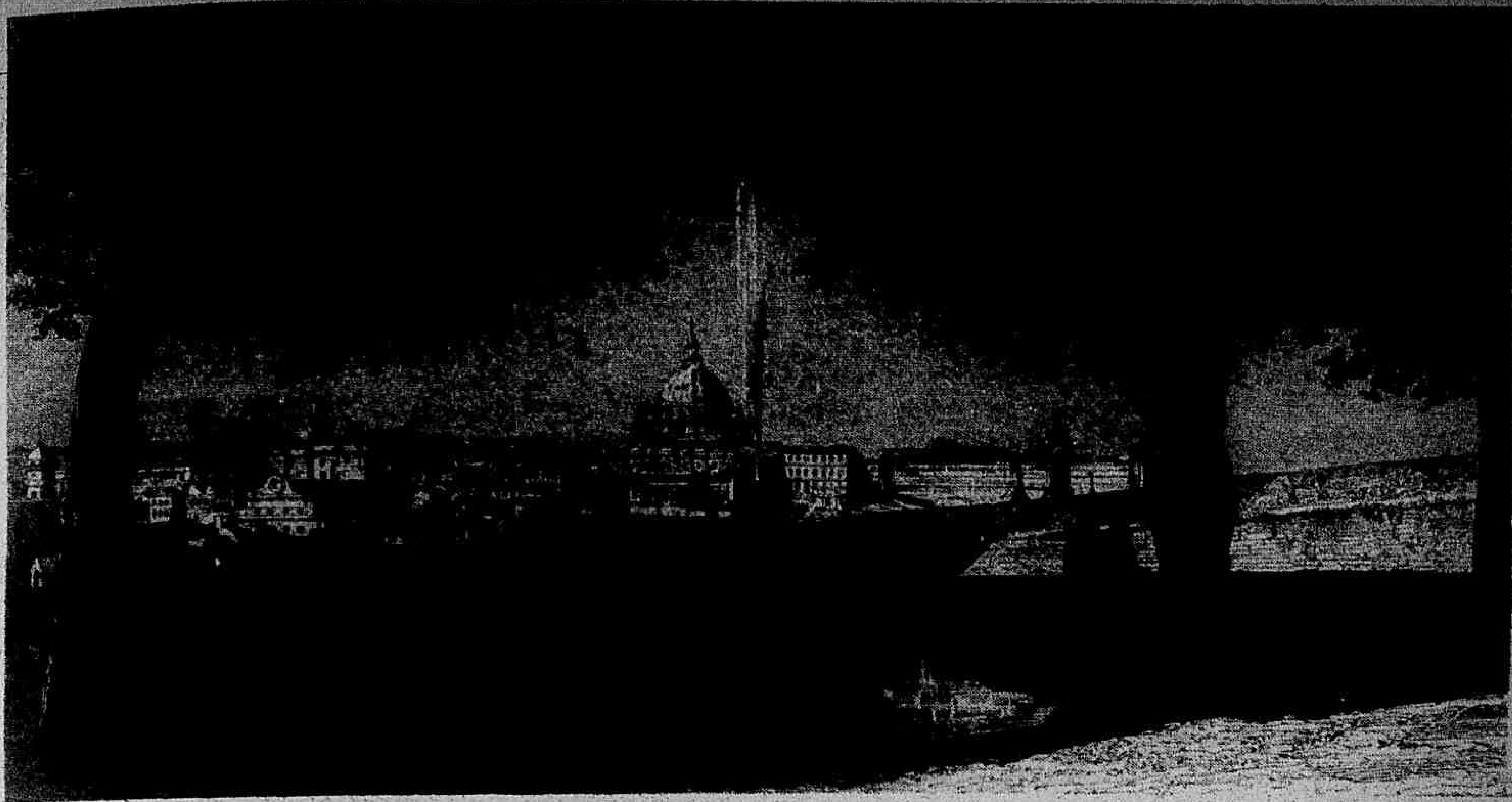
— Estarei em contato com o senhor e avisarei se ocorrer qualquer novidade. Eu e meus homens vamos percorrer tôdas as casas de penhor, e os compradores de jóias da cidade.

Agradeci e falei a Muriel Evans:

— Incomoda-se se eu pedir que venha à minha casa? Tenho que ditar um longo relatório sôbre o ocorrido.

A luz incidia, naquele momento, sôbre o seu sara a mínima impressão, mas agora mostrava-se mais belo, a cada olhar que eu lhe lançava.

(Cont. na pág. 116)



Os urbanistas do século XIX já aproveitavam os mananciais do subsolo para aformosear as praças públicas. Na gravura a fonte natural nos jardins da Academia Francesa, em Roma, numa suave paisagem campestre.

OS MANANCIAIS TÉRMICOS ESPANTAM OS VIAJANTES

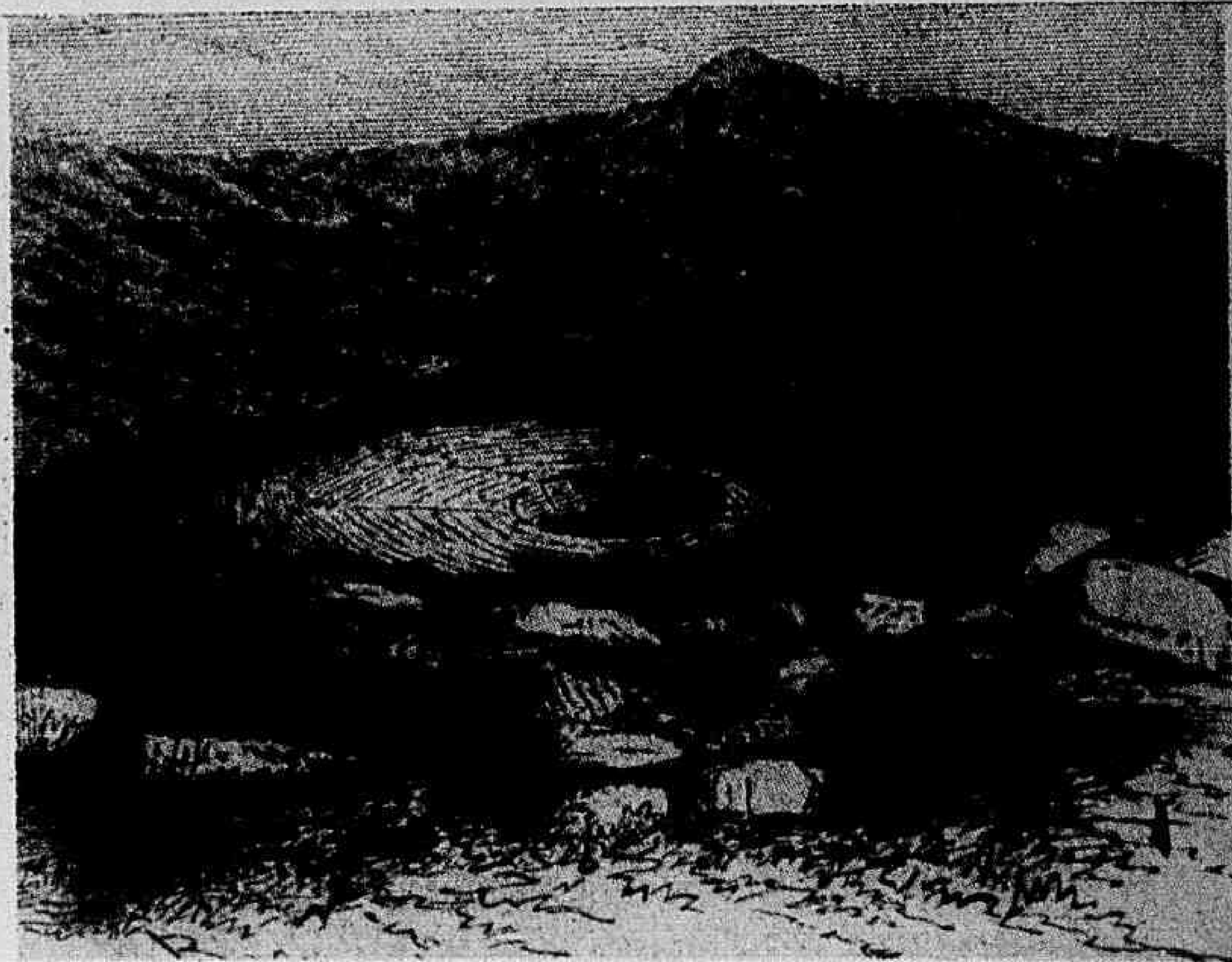
OS REPUXOS FERVENTES DA NATUREZA

POR

DE MATOS PINTO

A natureza aguça mais o espírito do naturalista, do que largas montanhas de erudição. Imenso laboratório vivo, cujas fôrças ensaiam quotidianamente tôdas as possibilidades naturais, o globo manifesta, nas suas múltiplas leis, as mais imponentes experiências de física e de química. As crateras que lançam basaltos ignescentes, os rios que viajam em leitos subterrâneos, as ilhas casuais que emergem e mergulham no Oceano, as geleiras que andam pelos vales silenciosos, tudo constitui motivos de surprêsa para o viajante e formula questões de extremo interêsse para o observador do Cosmos. Entre essas curiosidades da natureza, destacam-se os mananciais térmicos, cujo movimento secreto escapa à investigação visual. Desde os tempos imemoriais, o homem admirou o fenômeno das fontes e procurou uma teoria para explicá-las. A Fenícia conheceu e explorou as águas internas do solo. Em Tiro, executaram aquedutos e conduziram o jôgo das fontes de Ras-El-Ain, os chamados "Poços de Salomão". Os fenícios levantaram altas muralhas de oito metros, contiveram o líquido do subsolo e o canalizaram para a capital, a florescente Tiro. No Sahara, já nas épocas mais recuadas, os árabes colhiam a água no seio do Grande Deserto.

O LABORATÓRIO INVISÍVEL DA ISLÂNDIA — Nos primeiros séculos da era moderna, os islandeses se reuniam publicamente na região de Thingvelir, para decidir do seu destino político e moral. Em presença de crua e desoladora paisagem, flagelada pelos espasmos vulcânicos, falava o "Althing" à assembléia nacional. Aí, depois de comícios e votações ao ar livre, ocorrido no ano 1000, ao qual presidiu Olaf, rei da Noruega, cognominado de "Trygvasson", a Islândia adotou o Cristianismo. Mais além do local do "Althing", sítio legendário e impressionante para a alma islandesa, fica o anfiteatro dos fenômenos naturais que celebrizaram a Islândia, como a "Rainha das Ilhas Vulcânicas". Emanações ferventes de tôdas as espécies, de água e de fumo, rasgam



Bacia do Grande Geiser, na Islândia, em estado de repouso. Sob a atividade do calor vulcânico, salta uma coluna de água quente calculada em cento e sessenta metros cúbicos. Êsse repuxo natural pode alcançar até sessenta metros de altura.

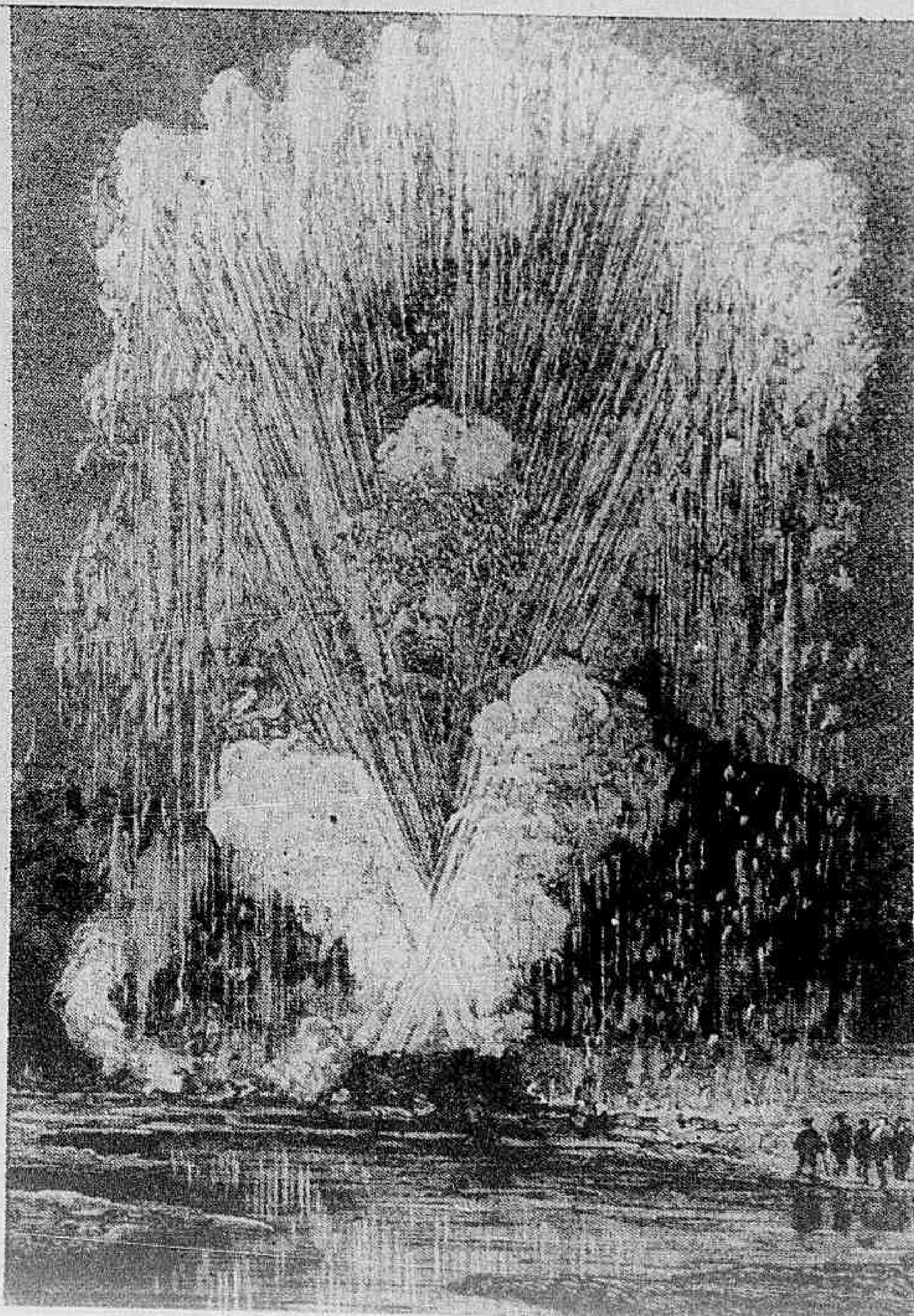


Em todos os recantos da Terra, os camponeses aprenderam a extrair a água que corre nas camadas internas do solo, por meio de poços e cisternas.

ensaios de física num laboratório. O paleontologista e naturalista Alcide Dessalines d'Orbigny comparou o estrépito sísmico a uma descarga de artilharia. Detonações exatas e periódicas reboam na planície quieta, nua e fria. Então se manifesta, sob o prestígio plutônico do Hekla, o fenômeno geiseriano, um dos mais característicos da Islândia.

UMA DAS MAIORES MARAVILHAS NATURAIS — Todos os viajantes falam com espanto do Grande Geiser, da sua trovoada periódica e dos seus jactos que se reproduzem com intervalos. Admirável e complexo fenômeno, revela, na sua manifestação milenar, a imensidade das formas físicas do globo, cujos mistérios crescem à proporção que o geólogo os explora. Há tanta poesia e tanta ciência no rio caudaloso que anda no seu amplo leito, como na andorinha que voa nos crepúsculos quotidianos. Dada a sua estrutura intelectual, que prefere o exemplo isolado a mil casos semelhantes, o homem considerou o Grande Geiser como uma das maiores maravilhas naturais, justamente porque não oferece continuidade

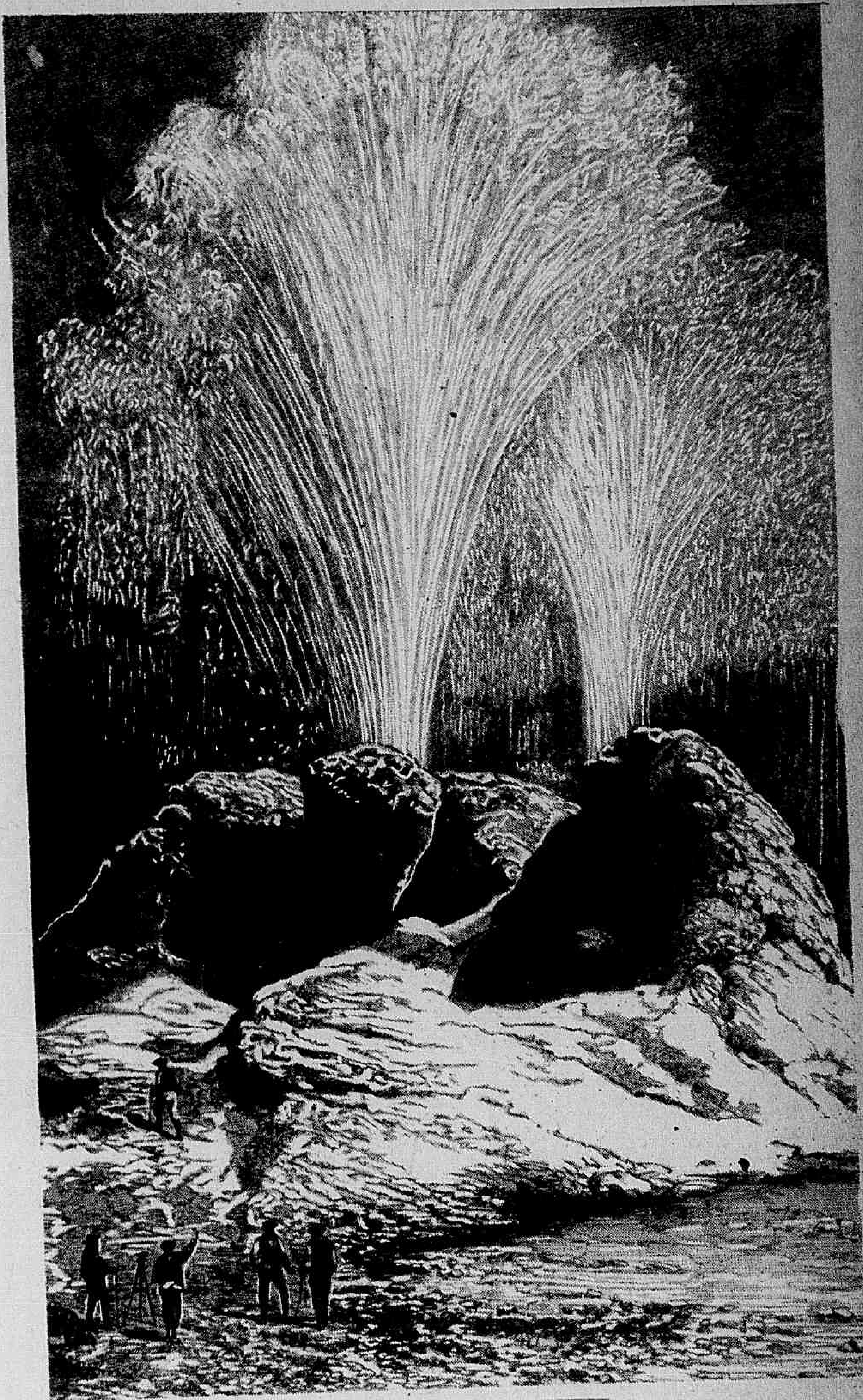
o solo, já por si próprio desnudo e atormentado. Quem se avizinha, percebe de longe o raro espetáculo de um monte que lança nuvens. Uma coluna branca e vaporosa se eleva no ar, que se tolda de um nevoeiro todo particular, com oscilações borbulhantes. As supostas nuvens que consistem da poeira úmida de enorme jacto de água, pertencem ao Geiser. O fenômeno geológico dista quarenta e seis quilômetros do Kekla, a temível craterá, cujas erupções derramaram sôbre a Islândia torrentes de lavas. No horizonte, as geleiras projetam as suas moles brancas, as suas eternas capas de neve e de gêlo. Reina impressão de receio, difícil de explicar, do panorama quase imóvel, só castigado pelos ventos, mas cujo solo convulsionado e efervescente, cheio de tépidos vapores, algares, anfratuosidades e rasgaduras, indica a invisível presença do fogo. Nas terras de Reykholt, os habitantes servem-se das águas termais nos mais singelos afazeres domésticos. Os rumores subterrâneos, que inspiraram tantas superstições aos primitivos islandeses, freqüentam a planície do Grande Geiser. O solo arqueja como se alguns mitológicos ciclopes batessem enraivecidos no seio da Terra. O geólogo, que sabe a origem dos abalos telúricos, registra metòdicamente o som cavernoso e examina as fontes térmicas, na expectativa dos efeitos todos naturais. Antes da principal erupção, jorros pequenos e indecisos saltam como



Belo aspecto de um repuxo térmico, no Vale de Yellowstone, nos Estados Unidos, região famosa pelos seus milhares de fontes vulcânicas, que arremessam aos ares uma espuma brilhante e quente de vapor

e surge em fases irregulares. A composição física e do local assinala interessantes circunstâncias. Uma bacia de dois metros e trinta centímetros de profundidade, constituída de matéria silicosa, recebe a água térmica do subsolo. Mede vinte metros de circunferência, não se devendo confundir as dimensões da bacia, pròpriamente dita, na qual se deposita o líquido, com o volume exterior do cone, muito mais considerável. A chaminé ostenta três metros de largura, com as paredes lisas, bem polidas pela fôrça mecânica das projeções. A profundidade determinada pela sonda marca vinte e três metros, cifra que pode avançar, supondo-se que há no fundo vertical um declive e outra parte curva, que conduzem ao reservatório subterrâneo. Sôbre êsse último fato, os métodos de sondagem nada podem dizer de real. O cone de silício, formado pelas substâncias amontoadas no curso do tempo, eleva-se em certas partes a oito metros. Em outros lugares, as medidas assinalam dez metros de altura. O diâmetro do cone vai muito além, deixa todos êsses algarismos atrás, pois acusa oitenta metros. Quase sempre existe água em ebulição na bacia. Há momentos porém, em que fica vasia e isto sucede quando sobrevêm as emanações violentas. Homem curioso e errante, Xavier Marmier percorreu a Algéria, Suécia, Holanda, Noruega e visitou a Islândia — a Rainha das Ilhas Vulcânicas. Na sua obra datada de 1831, História da Islândia, deixou Xavier Marmier bela descrição dos saltos intermitentes, que nascem das águas subterrâneas. O espetáculo merece as referências dos exploradores, porque essa coluna líquida que rebenta do seio da Terra, com três metros de diâmetro, exibe, além do efeito pitoresco, uma das mais originais modalidades do vulcanismo. Trata-se de um repuxo espontâneo, oriundo das fôrças geofísicas do planêta, tanto mais digno de consideração, quando segue um ritmo irregular, sob a pressão de causas exatas e positivas.

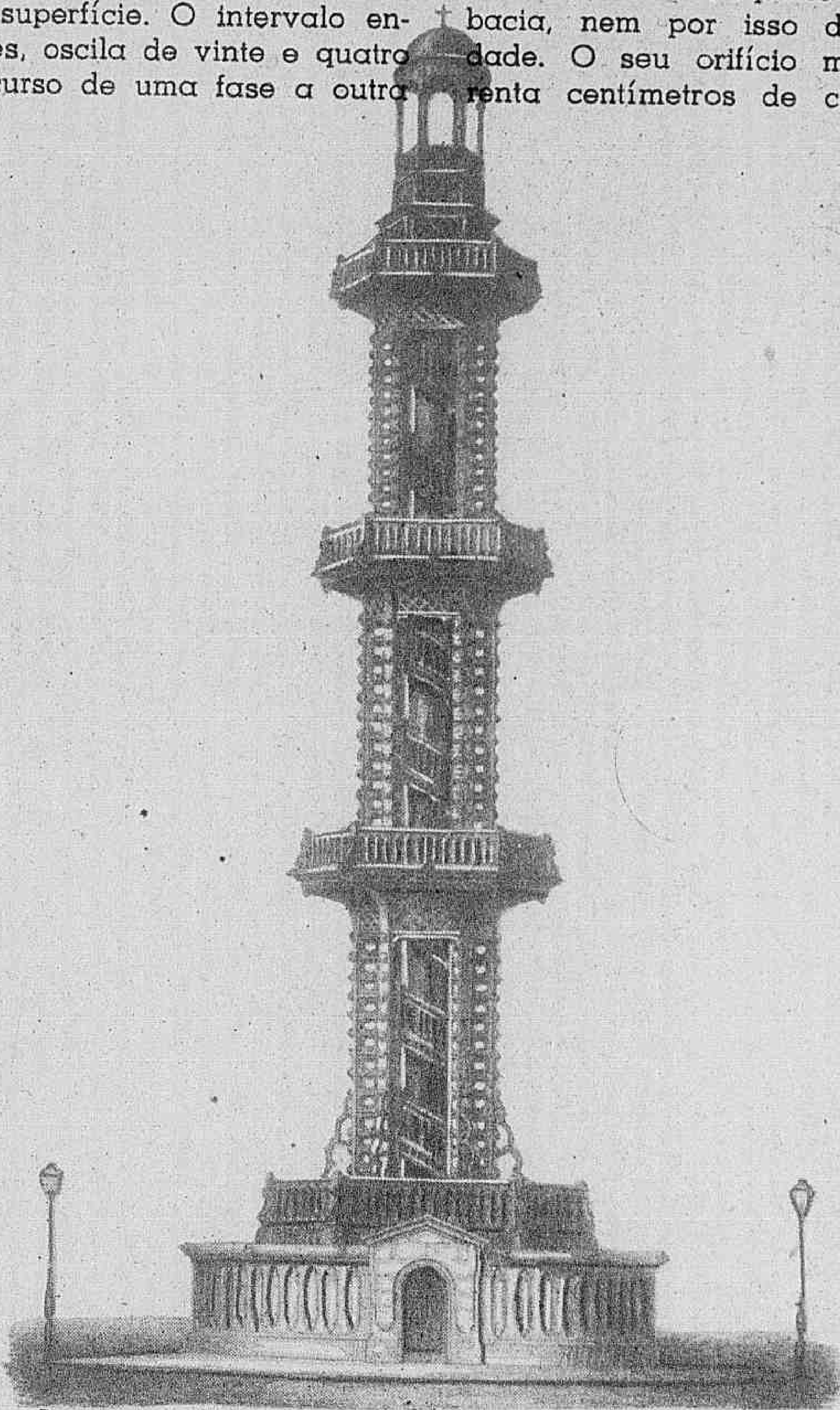
OS JACTOS EFERVESCENTES DO MUNDO SUBTERRÂNEO — As erupções geiserianas não irrompem de súbito, desordenadamente, sem motivo físico e fora de qualquer regra. Possuem os seus sintomas, hoje bastante descriminados. Em primeira fase, uma espécie de trovoada subterrânea se faz ouvir. Anuncia o fenômeno e convida o observador a se preparar ao estudo da natureza e dos seus efeitos. A superfície da terra trepida na vizinhança do cone silencioso. Pequenos, nervosos e efervescentes jactos indicam que



O Geiser em forma de leque, no Vale de Yellowstone, nos Estados Unidos, região onde fervilham mais de três mil fontes térmicas.

se operam, nas camadas internas, reações de vapores e de gases, movimentos vulcânicos. A água ferve na bacia, cobre-se de vapor, enquanto do fundo da chaminé saem ruídos sombrios. Os jactos secundários, que precedem e avisam a projeção final, variam de intensidade. Uns atingem cinco metros, outros sete, e há os que me-

dem dez metros. Quando salta a coluna d'água em todo seu poder eruptivo, à semelhança das manifestações vulcânicas, forte ribombo soa e o ar estremece. O espaço enche-se de vapores tépidos. A luz do sol tece, na cúpola flutuante, reflexos de prata e ouro. A coluna d'água sobe a trinta, a quarenta e a cinqüenta metros. Conforme as circunstâncias, a emanação térmica pode chegar a sessenta metros de altura. Nesse ponto, o fenômeno só perdura dez minutos no máximo. Em seguida, declina e flutua dois metros abaixo do nível da bacia. E só morosamente, depois de muitas horas, volta à superfície. O intervalo entre as grandes projeções, oscila de vinte e quatro a trinta horas. No percurso de uma fase a outra fase, o manancial térmico sofre rápidas ebulições. O cálculo de A. Des Cloizeaux avalia em cento e sessenta metros cúbicos a quantidade de água que jorra do Grande Geiser, na sua principal projeção. E por isso, o fenômeno parece ligado a extenso reservatório térmico. Na bacia, ao ar livre, o termômetro marca setenta e seis graus de temperatura e outras vêzes registra noventa graus. Robert Wilhelm Bunsen, que tratou da combustibilidade dos gases e que descobriu, com o físico alemão Gustav Robert Kirchoff, a análise espectral, escreveu a memória intitulada "Pesquisas sôbre as rochas da Islândia" e também se preocupou com o Geiser. Descobriu que a água acusa, no fundo da chaminé, cento e vinte e dois graus. A. Des Cloizeaux obteve maior algarismo, cento e vinte e sete graus. Conhece-se a fôrça ascensional do Geiser, atirando-se pedras no interior do tubo. Saltam fora com extrema violência, às vêzes até partidas. Em 1804, o ciclo geiseriano passou por intensa atividade, admirando mesmo os próprios islandeses. Nesse ano, os habitantes da área vulcânica viram até quatro projeções geológicas por dia. Os dados fornecidos por William Jackson Hooker, George Mackenzie e Thomas Henderson, de 1809 a 1815, indicam mudanças nos intervalos das erupções e noutros detalhes.



A monumental tôrre do poço artesiano de Grenelle, em Paris, onde desde o século passadó se extrai a água subterrânea para o público parisiense.

A PAISAGEM DAS ÁGUAS EXPLOSIVAS — Os fenômenos vulcânicos imprimiram, em todo o solo da Islândia, o cruel estigma do fogo. As terras cobertas de lavas demonstram a origem da ilha, prêsa aos assaltos ignívomos do Hekla. Inumeráveis fontes, de todos os aspectos, flagelam a crosta terrestre com seus líquidos queimantes e suas fumarolas brancas. Os mais singulares reservatórios termais aparecem de tôdas as partes, crivando a paisagem de saliências sísmicas. A sessenta metros do Grande Geiser, deparamos com outro repuxo natural, intermitente como o primeiro. Os islandeses designam-no pelo nome de Strokkur, ou o Pequeno Geiser. Sem cone e sem bacia, nem por isso deixa de inspirar curiosidade. O seu orifício mede dois metros e quarenta centímetros de circunferência. Mais largo no alto e mais estreito na parte inferior, a chaminé se prolonga até dezesseis metros de profundidade. No extremo do Strokkur, físicos depararam com a temperatura de cento e quatorze graus. As pedras que pulam no ar sob a pressão do vapor, elevam-se tão verticalmente que recaem na própria chaminé de onde saíram, alijadas pela energia ascensional dos gases explosivos. O Strokkur renova os seus jactos com intermitências de dois a três dias, durando as emanações quinze minutos. Thomas Henderson, cuja inteligência se distinguiu no Observatório do Cabo da Boa Esperança, com os estudos sôbre o Cometa de Biela e o Cometa de Encke, andou pelos terrenos fumegantes da Islândia. Notou Thomas Henderson que se poderia provocar erupções anormais no Strokkus, fora das suas intermitências periódicas, obstruindo o conduto com rochas. A água sai ainda com mais violência, do que nas circunstâncias ordinárias. Porém o intervalo que sucede ultrapassa o intervalo comum. Em volta do orifício geiseriano, acumulam-se concreções de silício, onde cresce uma vegetação especial. Êsses materiais estendem-se por oito quilômetros, com trinta metros de espessura. No espaço de trezentos metros, que envolve o Grande Geiser e o Strokkus, existem mais de cem fontes térmicas de todos os aspectos, com periodicidades explosivas variáveis. E não faltam antigos geisers, hoje extintos e com idade milenar.

Sucede que, no curso do tempo, as substâncias amontoadas crescem de volume e prolongam excessivamente o conduto, a pressão do vapor atua insuficientemente e não pode mais arrojar no exterior a água em ebulição. O tumultuoso geiser se transforma numa cisterna, pacífica e tranqüila, que os islandeses chamam de "Laugh". Alguns dêsses poços termais medem nove metros de profundidade. No fundo, através da água translúcida, o observador distingue a antiga chaminé. Alexander Mackenzie explorou o Oceano Glacial e também viajou pela Islândia. Um dos seus cavalos caiu numa dessas cisternas termais e, algum tempo depois, as fôrças vulcânicas expeliram o corpo do animal, sem osso algum, provàvelmente dissolvido por substâncias minerais.

cachoeira de Terata, talvez a única no gênero, sugestiona como o mais singular espetáculo da Nova-Zelândia, pela forma como trabalharam as fôrças naturais na sua ação física e química. Precipita-se da altura de vinte e cinco metros sôbre diversas calçadas brancas, de maravilhoso efeito estético, que se assemelham a uma escadaria. O silício das águas vulcânicas embranqueceu a rocha. A bacia termal vibra de calor e ferve nos seus setenta e cinco metros de circunferência. Instalado nas suas águas marginais, o termômetro revela oitenta e quatro graus de temperatura. Nas paragens da Nova Zelândia há tantos rios de águas sísmicas, que fervem e lançam vapores entre jactos impetuosos, que o fenômeno entra no domínio das coisas quotidianas.



Na superfície da Terra, os lagos espalham as suas águas tranqüilas e bucólicas, entre os bosques e florestas. Outros lagos subterrâneos ocupam grande espaço no interior do globo terrestre, provenientes de águas de infiltração, e que, sob a pressão do fogo vulcânico, rasgam a terra, jorrando em repuxos de alta temperatura.

AS ERUPÇÕES GEISERIANAS NA NOVA ZELÂNDIA E NOS ESTADOS UNIDOS — Os viajantes consideravam a Islândia como a terra clássica dos repuxos telúricos, e olhavam o Grande Geiser como para o tipo mais completo do fenômeno. Hoje, semelhante ilusão deixou de existir, porque sabemos de outras paisagens onde se processam os mesmos movimentos vulcânicos, em maiores proporções. Os geisers abundam no território da Nova-Zelândia, na zona compreendida entre o vulcão Tongariro e a Ilha Whakari. Sobretudo, o fenômeno se manifesta com intensidade e variedade no Vale de Waikato, em cuja área fervilham setenta e seis fontes térmicas, umas de água em jôrro, outras de fumarolas. A

No reservatório do Lago Rotomahana, entram muitos cursos d'água, provenientes do subsolo, arrastando consigo substâncias minerais diferentes. Tudo isso desaparece diante das maravilhas geológicas do Vale de Yellowstone, na América do Norte. A dois mil e duzentos metros de altitude, nas Montanhas Rochosas, acha-se o extraordinário "Parque Nacional", cujas raridades sísmicas atraem viajantes e naturalistas de todos os países. Região de surpreendentes efeitos paisagísticos, apresenta os vestígios das fôrças plutônicas sôbre os reservatórios subterrâneos de água. Graças à regularidade das suas projeções, um dos seus geisers designa-se o "Velho Fiel", assim qualificado porque irrompe de cinqüenta e cinco

em cinqüenta e cinco minutos. A coluna de água avança, verticalmente, a quarenta metros de altura. Outro que se espalha em jactos divergentes, recebeu o nome de "Leque" e realmente fornece essa impressão. No Vale de Firehole, o naturalista depara com o "Castelo Forte", epíteto devido ao cume em que fica colocado, uma espécie de tôrre rochosa, de quinze metros de altura. Se o geiser "Gigante" não explode, com a regularidade do "Velho Fiel" e do "Leque", merece ser destacado à frente de todos pelo volume de água. A sua projeção vai a setenta metros em sentido vertical, num soberbo espetáculo da energia térmica do interior da Terra. Todo êsse território das Montanhas Rochosas denuncia as tremendas reações químicas e físicas, provenientes do calor central do globo. Pela lei de 1872, o Congresso dos Estados Unidos instituiu a região dos fenômenos geiserianos em "Parque Nacional". A erupção do "Velho Fiel" dura cinco minutos, do "Castelo Forte" saem constantemente vapores, e a duração da coluna do "Gigante" se prolonga pelo espaço de três horas. Deve-se a descoberta dos geisers americanos a Ferdinand Vandeveer Hayden, e os mesmos desfizeram a ilusão dos viajantes, que consideravam a Islândia como a terra clássica das fontes eruptivas. Há mais de três mil mananciais vulcânicos no Vale de Yellowstone, hoje um dos recantos mais procurados pelos viajantes do mundo inteiro.

TORRENTES SUBTERRÂNEAS QUE ATRAVESSAM CAMADAS VULCÂNICAS — Para interpretar a formação do geiser, comparou-o, John Frederick Herschel, ao tubo de uma pipa, aquecida pelo fogo até o estado rubro. A água, passando pelo tubo não sai em jacto uniforme. Ao contato do extremo calor, o líquido se precipita em comoções, em saltos rugidores. Nesse caso, pode-se admitir os geisers como torrentes subterrâneas, que atravessam camadas vulcânicas e tocam em pontos de ignição. Supôs o geólogo inglês Charles Lyell, que a água se infiltrava pela superfície e formava depósitos interiores. Outras fendas, partindo de focos vulcânicos, canalizam o calor e massas de vapores super-aquecidos, que fervem o líquido dos reservatórios e provocam as explosões das colunas... Assim, explicam a palavra islandesa "geiser", como exprimindo furor. John Tyndall, um dos mais hábeis experimentadores de física, tomou uma bacia com água, instalou um tubo de ferro galvanizado, de dois metros de comprimento, aquecido por um foco, na base. De cinco em cinco minutos, a água se precipitava fora. John Tyndall comparou êsse processo ao mecanismo do geiser. A análise química, executada por A. Des Cloizeaux e Alexis Damour, comprovou que existem no líquido geiseriano, hidrogênio, ácido carbônico, clorureto de sódio, sulfato de magnésio, soda, potássio, silício, e enxofre. O silício provém do feldspato vulcânico. O químico alemão Robert Wilhelm von Bunsen demonstrou, que o principal ponto de temperatura do Grande Geiser da Islândia fica situado no meio da chaminé; fato êsse evidenciando que o calor se propaga através das fendas do subsolo. Como cada emanação equivale a enorme perda de líquido, indagaram como se renova o depósito. A geologia explica que as geleiras fornecem a água de infiltração necessária. Os físicos calcularam que só uma caldeira de setecentos cavalos vapor poderia levantar a coluna de água do Grande Geiser da Islândia. E todos sabem perfeitamente, que isso nada significa para as desmedidas energias do vulcanismo.





PARA CONSTRUIR BONS CANTEIROS — Um canteiro deve ser bem feito, para resistir às chuvas, e desenhado de modo a permitir uma plantação fácil, produzindo melhores frutos. Com o auxílio do aparelho acima, bem explicado pelo desenho, qualquer amador poderá ser um bom jardineiro ou um bom horticultor.

A PÉROLA DAS DONAS DE CASA!

Um empregado da Companhia de Gás, de Wilhelmshaven (Alemanha) pediu divórcio, há um mês, alegando que a espôsa "não cuidava dos afazeres próprios do lar".
Dias depois, sua espôsa ganhava o primeiro prêmio num concurso, visando escolher "A Dona de Casa Perfeita"!



UM "BOXEUR" DE FUTURO!

Archie Mac-Lairn, da cidade de Blackpool, na Inglaterra, com um metro e setenta e sete centímetros de altura e pesando oitenta e quatro quilos, trabalhou durante algum tempo, num ginásio de box, como sparring, até que a polícia descobriu que o resistente pugilista contava apenas doze anos de idade.



Antes da grande época de Buffalo Bill, os índios dominavam os prados e caçavam o bisonte à vontade.

ENFIM, A VERDADEIRA HISTÓRIA DE BUFFALO BILL

OS heróis, na nossa época, não duram muito. Mesmo vivos cedem ràpidamente o lugar a outros; mortos, é esquecida até mesmo a sua existência.

Há um, entretanto, que resiste vitoriosamente a tôdas as provações: do tempo, das guerras, da moda e do progresso. Ídolo de nossos pais, antes de ser o nosso ídolo, é também o de nossos filhos! E' por causa dêle que podemos ver atualmente, nas vitrinas, regimentos minúsculos de índios e de **cow-boys.** É por causa dêle que milhares de crianças esperam que Papai Noel lhes traga uma panóplia de Sioux com **tomahawk,** capacete de penas brancas e faca para escalpar.

Êsse herói, verdadeiramente garantido para muitos anos ainda, é Buffalo Bill. Personagem prodigioso, ingressou vivo na lenda. Não tinha ainda alcançado vinte e cinco anos, quando apareceu o primeiro livro retraçando as suas extraordinárias aventuras. Outros não tardaram a aparecer, às centenas (um só autor escreveu 203!), tôdas igualmente líricas e também formadas de episódios "heróicos e vividos".

Quando leu essa literatura, Buffalo Bill ficou, a princípio, surpreendido e mesmo achou graça.

— Como podem imaginar tudo isso? — perguntou. Mas, depois, habituou-se às proezas que lhe eram atribuídas.

— Parece — costumava dizer — que matei 4.280 buffalos em 18 meses. Tudo isso significa muita carne de bisonte! Mas, em todo caso, bem pode ser verdade...

Enfim, êle próprio começou a relatar a sua vida em numerosas autobiografias. E, ou porque não quisesse desgostar todos aquêles que o haviam tomado por herói, ou porque também possuísse uma imaginação fecunda, tomou por conta própria a autoria das proezas



Êle aplicava a Lei de Talião: ôlho por ôlho, escalpo por escalpo. Quando vencia um adversário índio, cortava-lhe o couro cabeludo. ←



Os primeiros encontros dos índios com os brancos. Batiam-se a cavalo, com revólver e flechas. Depois, expl

que lhe haviam generosamente atribuído e, mesmo, em certas ocasiões, acrescentou outras ainda mais prodigiosas...

Compreende-se que, nessas condições, seja particularmente difícil conhecer a verdadeira história de Buffalo Bill, isto é: fazer a diferença entre aventuras incríveis, mas inventadas, e outras igualmente incríveis, porém realmente autênticas.

Foi essa, entretanto, a tarefa a que se dedicaram vários historiadores anglo-saxões, principalmente Rupert-Croft-Crooke e W. S. Meadmore, e hoje, finalmente, é possível retraçar com exatidão a extraordinária carreira de um homem que, há mais de cinqüenta anos, enche de sonhos tôdas as crianças do mundo.

*

Passaremos ràpidamente sôbre a sua infância. William Frederick Cody veio ao mundo em 26 de fevereiro de 1846. Foi o quarto filho de uma família de oito filhos. Seus pais não tardaram muito a deixar o Estado de Iowa, onde Bill nasceu, para ir abrir uma espécie de "café-bazar" (o antepassado dos **drug-stores** atuais) em Fort Leavenworth, no Estado de Kansas. Ali, o jovem Bill brinca com os jovens índiozinhos, filhos dos clientes habituais de seu pai. Aprende seu dialeto e inicia sua aprendizagem no manejo do arco e das flechas.

Aos oito anos realiza a sua primeira grande cavalgada. O pai, que a esta altura já recebeu duas facadas, porque é partidário da abolição da escravatura para os negros, é forçado a esconder-se. Mas os escravagistas descobrem seu refúgio e preparam-se para surpreender o adversário.

Bill não hesita: salta para o seu cavalinho e vai, numa corrida desesperada, prevenir o pai do perigo que o ameaça. Os escravagistas que o vêem passar, logo suspeitam do que pretende fazer e ordenam-lhe que se detenha. Bill atiça mais ainda a sua montada. Vários homens saem em sua perseguição, enquanto as balas assobiam junto de sua cabeça; mas o garôto consegue ganhar distância, deixando os seus perseguidores muito para trás, assim salvando o pai.

— Foi pena — disse êle — que eu não tivesse um revólver! Teria mostrado a êles com quem lidavam.

*

Tinha onze anos quando o pai morreu, não como pretende a lenda, queimado no interior da própria cabana, incendiada pelos índios, mas simplesmente de pneumonia. Bill decide ganhar

a vida a fim de amparar a mãe e as irmãs. Engaja-se como agente de ligação de uma companhia de transportes. Seu trabalho consiste em galopar loucamente ao longo das trilhas, a fim de dar maior proteção aos comboios que atravessam os imensos prados, sempre infestados de índios, transmitindo ordens e avisos entre as pesadas carruagens arrastadas por cavalos ou bois e que muitas vêzes ficavam vários quilômetros, distantes umas das outras.

Logo em sua segunda viagem, o comboio do qual participa é atacado. Os índios surgem em numerosos grupos. Três dos condutores de "diligência" tombam mortos. O combate é prolongado e aceso, findando com o anoitecer, pois os índios tinham a crença de que os seus homens que morressem depois do deitar do sol, não poderiam ser encontrados pelos deuses e, assim, ficariam vagando, perdidos, sem poder juntar-se aos antepassados. Logo que o dia amanhece, os sobreviventes tratam de procurar os seus mortos, encontrando muitos dêles escalpados e talhados em pedaços!

Assim, a noite volta a cair sôbre um espetáculo de desolação: vários veículos estão derrubados, uma parte dos mantimentos foi levada pelos assaltantes. Tratam então de minorar o sofrimento dos feridos.

Repentinamente, o pequeno Bill, que está estirado sôbre a relva, percebe no cume de um rochedo a silhueta emplumada de um índio. Apanha o fuzil, aponta e atira. Um grito de dor é ouvido. Bill acaba de matar seu primeiro inimigo!

Ao regressar a Fort-Le venworth é cercado por i dos e dá a sua primeira e trevista; no dia imediato, sob o pomposo título: "O mais jovem matador de índios", êle próprio pode ler a narrativa de sua proeza, já então particularmente enfeitada.

oradores venderam armas de fogo aos índios...

Seu segundo combate contra os Peles-Vermelhas se desenrola um ano mais tarde. Quando cruzava uma imensa planície, sem qualquer abrigo, surgem, como furacão, uns trinta índios montados.

Sem hesitar, Bill ordena aos dois homens com os quais viajava, que apeassem, abatessem suas montadas com uma bala entre os olhos, para formar com os cadáveres dos animais uma espécie de fortim triangular. Primeiramente surpreendidos por essa tática, os índios hesitam. Depois começam a correr em círculo, em redor dos três homens, atirando flechas sôbre flechas. Os corpos dos animais transformam-se, em breve, num verdadeiro **paliteiro.** Os sitiados, ao contrário, só atiram com absoluta certeza. Cada um dos seus tiros atinge um adversário que tomba do cavalo, rolando na poeira. Vendo cêrca de dez dos seus fora de combate, os índios se afastam para um rápido conciliábulo e, aparentemente, decidem aguardar melhor oca-

Quando o índio passava sôbre o rosto a pintura de guerra, as caravanas de pioneiros se preparavam para o pior.





Depois, com o advento da estrada de ferro, chegou o fim dos bisontes e também das grandes aventuras do Oeste.

Passa a ser um dos cavaleiros do "Pony Express", isto é: passa a servir num sistema de correio-expresso, então em vigor, através dos vastos espaços do centro norte-americano.

Montado em cavalo semi-selvagem, transporta um saco de couro contendo cartas e dinheiro. Assim percorre três etapas por dia, trocando de montada em cada uma delas. Êsse é um serviço penoso e principalmente cheio de perigos, pois não só os índios, mas também os bandidos, atacam constantemente êsses emissários, para apoderar-se dos valores transportados.

Certo dia, Bill é surpreendido por um salteador, que lhe aponta para o peito uma pistola. Cravando as esporas no cavalo que montava, Bill atira o animal contra o assaltante, derrubando-o — e prosseguindo em sua viagem. Alguns meses mais tarde, bate todos os **records** da época. Tendo os demais cavaleiros do "Pony Express" morrido, às mãos dos índios, Bill realiza, completamente só, o longo percurso (mais de quatrocentos quilômetros), e "rebenta", literalmente, vinte e um cavalos sob as suas pernas!

são; porém não tarda muito a surgir uma grande caravana, com inúmeros vaqueiros, todos bem armados e os índios desistem de novo ataque, batendo em retirada, até sumir no horizonte.

*

Após êsse incidente, no correr do qual Bill aumentou muito a lista dos índios abatidos por seu revólver, o jovem aventureiro muda de emprêgo.

*

Vamos encontrá-lo, mais tarde, como caçador de lontras e de visões. Certa manhã, um seu companheiro é atacado por enorme urso. Bill abate o animal com um tiro na cabeça. Meses depois é cercado por dez bandidos, que o aprisionam. Consegue fugir matando dois dêles, a facão. Finalmente arrisca a própria vida indo espionar o exército confederado, pois estavam os norte-americanos no mais aceso da Guerra de Secessão.

Um belo dia, salva uma moça residente em Saint Louis e cujo cavalo tomara o freio nos dentes. Como era de esperar, apaixona-se pela criatura que salvara da morte. Ela é Louise Frederici. Casam-se em 6 de março de 1866.

Dessa união nasce uma filha, Arta. Todavia, a sua nova situação de pai de família não é suficiente para impedir Bill de prosseguir em busca de aventuras. Instala um "bazar-salão", numa zona recentemente conquistada aos índios. Infelizmente os negócios cor-



Feito herói nacional, Buffalo Bill recebia delegações do govêrno e grandes chefes índios.



Buffalo Bill era insuperável nesses combates. E' verdade que aos onze anos matara o seu primeiro índio

rem mal e Bill resolve aceitar o emprêgo de caçador de búfalos, por conta de uma companhia de estrada-de-ferro, que deseja obter carne fresca para os seus operários.

Percebe o salário — colossal para a época — de 500 dólares por mês, mas tem que fornecer doze búfalos por dia e, principalmente, lutar contra os índios, mantendo-os afastados dos trabalhadores.

E' dêsse período de sua vida que data o seu cognome famoso. Outro caçador o desafia. Bill aceita: trata-se de saber qual dos dois matará maior número de bisontes num só dia. Bill sai vencedor do estranho torneio, com sessenta e nove animais abatidos contra quarenta e seis para o seu adversário. Após essa proeza, os trabalhadores o batisam, muito naturalmente, de "Buffalo Bill".

★

E' com êsse nome que sua reputação se estenderá, primeiro por tôda a América do Norte, em seguida pelo mundo. Os episódios de sua longa luta com os Peles-Vermelhas são bastante conhecidos para que os recapitulemos aqui. Quase todos são perfeitamente autênticos. Todavia, há curiosas reações que passaram ignoradas pelos laudatores de nosso herói: assim, por exemplo, quando Buffalo Bill matou, numa espécie de combate singular, o chefe pele-vermelha "Touro Grande", a mulher dêste último consolou-se ao saber que o marido fôra morto pelo famoso Bill:

— Foi uma grande honra! — declarou ela.

Chegando, aos vinte e seis anos, ao pináculo da glória, Bill continua a lutar contra os índios, sempre servindo de guia às expedições do exército e às excursões de caça das quais participavam milionários (pois **já** os havia, realmente), e os grandes dêste mundo (pois **ainda** os havia!).

A seguir, decide-se por outro meio de vida. Resolve ser ator... para representar... seu próprio papel! Tendo com isso juntado bom dinheiro, monta uma companhia, composta de **cow-boys** e peles-vermelhas (pois claro!) e inicia vastas **tournées** que o levam a Londres, Paris, Marselha, Barcelona. A seu lado, figura a famosa Annie Oakley (**Annie do Far West**), atiradora excepcional, que, de 5 000 bolas de vidro, lançadas à sua frente, até quinze metros de altura, esti-

lhaça 4 772, a tiros de carabina.

Buffalo Bill, por ocasião de sua passagem pela Cidade Eterna, é recebido pelo papa Leão XIII, que lhe concede a sua bênção.

★

A parte final é menos brilhante. Bill envelhece, passa a beber em excesso, quer divorciar para poder casar com uma atriz pela qual se apaixonou, acusa a espôsa de ter tentado o seu envenenamento. A filha, Arta, morre num acidente. O público começa a zombar de suas proezas de picadeiro, pois acontece algumas vêzes o herói cair do cavalo ou perder a peruca que substituiu a sua longa cabeleira, roubada pela passagem dos anos...

Assim, em 10 de janeiro de 1917, é um velho alquebrado que, tendo perdido a memória, entrega a alma a Deus, deixando atrás de si apenas a lembrança de um herói imortal chamado Buffalo Bill...

Buffalo Bill se fêz grande amigo de seu velho adversário "Boi Sentado". Mais de seis milhões de espectadores o aclamaram no curso de suas tournées.

★ ★

ÊSTE MUNDO LOUCO...

CORRE-CORRE — Em Toronto, Canadá, a Junta de Contrôle do Trânsito revogou certos regulamentos estabelecidos em 1944, permitindo novamente que os pedestres "corram para alcançar um bonde em movimento e ultrapassem uns aos outros pela esquerda, nas calçadas".

★

"ROMEU" AGRÁRIO — Em Lincolnshire, Inglaterra, o jornal *Chronicle* publicou o seguinte anúncio: "Proprietário de um trator deseja encontrar viúva que possua máquina removedora Foster; objetivo: matrimônio; enviar fotografia da máquina".

★

"TREINO ESPECIAL" — Em Kingston, Estado de Rhode Island, Estados Unidos, a equipe de basquetebol estadual preparava-se para a partida que iria disputar no *Madison Square Garden*, em Manhattan, onde é permitido aos assistentes fumar. Durante o treino, foram colocados nas linhas laterais, potes contendo tabaco deteriorado, que exalava uma fumaça verdadeiramente sufocante.

★

EXPERIMENTEM UM DOS MEUS — Em Jersey City, Estados Unidos, quando os membros do júri, no julgamento de um crime de morte, polidamente fizeram ver ao juiz que não tinham mais o que fumar, a acusação apresentou-lhes imediatamente seis pacotes de cigarros, enquanto a defesa, por sua vez, apresentava um punhado de charutos.

★

SEGURANÇA — Durante a última Grande Guerra, em Mountain Home, Estados Unidos, as máquinas "caça-níqueis", instaladas na base aérea local, tinham estampado um aviso com os seguintes dizeres: "No caso de raide aéreo, fique próximo destas máquinas. Até agora, elas ainda não foram "descarregadas".

★

"CASAS CHEIAS" — Em Estocolmo, Suécia, uma senhora, que havia dado à luz o seu quinto filho, conversava com duas moradoras de seu bairro, as quais, dias antes, haviam tido gêmeos, cada uma. Ao fim da conversa, chegaram à conclusão de que as cinco crianças recém-nascidas eram oriundas do mesmo pai!

★

EM CHATTANOOGA, Estados Unidos, num escritório de declaração de impostos, uma senhora afirmava que tinha cinco filhos dependentes: "Dois do meu primeiro marido, dois do segundo, e um que depende de mim mesma".

A LIÇÃO DE UM GATO

Escreve DANA BURNET
(Novelista norte-americano)

"ONDE MISS MUFFIN PROVA QUE SABE MAIS A RESPEITO DO COMER DO QUE EU E MUITA GENTE-BOA..."



RECENTEMENTE perguntei ao meu médico por que sofremos tanto dos males do estômago. A resposta do doutor foi realmente esclarecedora:

— Neste país — explicou êle — comemos para satisfazer a própria fome; mas, devido à pressa e precipitação a que nos obriga a vida atual, perdemos completamente o **prazer** de comer.

Como povo, não somos até dos que comem tão mal assim, em comparação com a maioria da população dêste planêta, que o faz, em geral, da maneira mais extravagante.

Mas, também, isso é verdade, nenhuma outra nação se aproxima da mesa para as suas refeições diárias, sob tensão mais elevada e com espírito tão angustiado como o nosso: literalmente, atiramo-nos contra a mesa da refeição com um só propósito: encher o estômago... e dali correr para o armário de medicamentos, a fim de procurar **assentar** tudo.

Por assim dizer, baseamos o nosso sossêgo no poder do bicarbonato de soda. Depositamos tôda a nossa confiança nas vitaminas e o saco de água quente é o nosso supremo consôlo.

★

Em contraste, observamos as criaturas erradamente chamadas de **inferiores.** Um dêstes dias, fiquei observando minha espôsa preparar o almôço para a nossa gata, Miss Muffin. O animal reagiu esplêndidamente. Seus miados alegres se transformaram em rosnares que a gulodice fazia tremer, quando a vasilha foi colocada no chão. Miss Muffin estava em êxtase!

Nesse justo instante, a porta foi aberta e surgiu a jovem e robusta criatura que faz a limpeza da casa para nós.

Muffin associa a inofensiva criatura com o zumbido do aspirador de pó, que não pode tolerar. Por isso, deixando o almôço intacto, fugiu para a cozinha.

★

Nesse pequenino incidente há uma grande lição para cada comensal e para tôda dona de casa. A nossa gata continuava com fome — doida por comer! Mas, porque os seus nervos haviam sofrido um choque, tinha perdido o seu sólido apetite. O seu instinto animal lhe dissera que fôsse repousar sôbre o sofá do **living-room,** até que tivesse recuperado todo o seu equilíbrio.

Com visão elementar, Muffin sabia que era prejudicial à saúde comer enquanto estivesse emocionalmente perturbada.

★

Infelizmente, em iguais circunstâncias, não podemos procurar um sofá, para nêle estender o corpo. Mas, não seríamos um pouco mais sadios se, antes de comer, tirássemos ao menos alguns minutos para repousar corpo e espírito? Não teríamos mais apetite e melhor paladar, se nos aproximássemos da mesa com os nervos calmos e um bom sentido de antecipação?

★

E durante a refeição — fôsse esta familiar ou de cerimônia — não seríamos muito mais felizes se tratássemos de afastar de nossas palestras os debates dos negócios ou dos problemas pessoais, ficando inteiramente entregues aos prazeres da boa mesa e da companhia dos que se banqueteiam conosco?

Creio que o doutor responderia afirmativamente a estas perguntas. E estou certo de que Muffin também o faria — se pudesse.

Estranha Vitória

Conto de JEROME BROMFIELD



JOHN Miller, com as mãos confortàvelmente enterradas nos bolsos, olhou em redor, como parecendo estudar aquela cena comum, nas dependências do Partido, em noite de eleição. Era uma eleição como sóem ser tôdas as eleições. Telefones tocando incessantemente, mensageiros a caminhar apressadamente de um para outro grupo de pessoas ali reunidas. Homens em mangas de camisa, aparentando nervosismo, a efetuar anotações no enorme quadro negro que ocupava uma das paredes do salão. O som de vozes nervosas e apressadas era interrompido por risadas ou pelo tagarelar de algumas das mulheres que ali se encontravam. Fumaça de cigarros e charutos se elevava até o teto, enquanto os cinzeiros ficavam cobertos de cinzas e pontas de cigarros.

Os resultados começavam a aparecer, num padrão que cêdo daria uma idéia geral dos resultados das eleições. E John Miller estava certo de que os mesmos seriam favoráveis ao seu Partido. Por isso sorria, confiante e alegre, enquanto sondava com o olhar as pessoas que se reuniam ali, como a querer adivinhar uma opinião ou uma predição. Como sempre, todos o ouviam com interêsse, procurando assimilar, de modo diverso, o que dizia, pois êle era o grande chefe do Partido, e esta era **a sua noite**, e êste **êste o seu** "quartel-general".

POR QUE ESTARIA O CHEFE POLÍTICO TÃO ANSIOSO PELOS RESULTADOS DAS ELEIÇÕES NO PEQUENO BAIRRO CORRESPONDENTE À 12.ª SEÇÃO ELEITORAL? A RESPOSTA ESTAVA NA CARTA DO FILHO...

Apesar de tudo isso, e de já ser um político experimentado, afeito às emoções e variações tão comuns na política, não podia deixar de sentir uma emoção nova, como se qualquer coisa fôsse diferente, naquela noite; qualquer coisa que se introduzisse no quadro de sua vasta experiência política.

No entanto, não teve tempo de pensar muito naquele estranho sentimento que o assaltava e, lá pelas 22 horas, os resultados começaram a indicar os prováveis vencedores das eleições.

— Anderson com larga margem à frente de seus adversários, no nono distrito! — alguém gritou-lhe ao ouvido. — Parece mesmo que vai triunfar com o dôbro dos votos obtidos pelo segundo colocado!

Miller moveu lentamente a cabeça, demonstrando a satisfação de que estava possuído, e deu ainda maiores mostras de júbilo, quando foi anunciado que o Governador, tentando a reeleição, estava conseguindo resultados melhores do que os esperados, nas zonas rurais, e que o candidato a Prefeito havia assumido o comando dos candidatos ao pôsto, logo aos primeiros resultados conhecidos.

As coisas estavam correndo, portanto, magnìficamente. Mais algumas horas, e estariam sendo levantados vivas ao grande líder John Miller, por seu tino político de direção, e por sua astúcia. Uma boa parte dessas saudações partiria, como usualmente, dos membros que desejavam obter alguma vantagem futura, e que iriam já preparando o caminho com sua "admiração e solidariedade". Era mesmo desanimador, às vêzes, notar que poucos, entre os do seu grupo, eram capazes de reconhecer, **desinteressadamente**, os esforços por êle dispendidos, no sentido de manter o Partido entre os mais acreditados e honestos do país. Êle ficaria imensamente feliz se, pelo menos o seu filho, Jimmy, houvesse compreendido, antes de morrer, que tudo o que êle fazia era com propósitos os mais honestos possíveis...

A carta de seu filho começava a se fazer presente, agora, com grande intensidade, em seus pensamentos. Era impossível esquecer aquela missiva de quatro anos atrás. Fôra a última que recebera, e já a tinha lido e relido dezenas de vêzes. E esta era a noite na qual ela era particularmente fácil de ser relembrada. Naquelas linhas, que constantemente lhe vinham à mente, seu filho Jimmy mencionara que Tom Rowan era o novo comandante de seu esquadrão aéreo. Tom Rowan, do bairro Glenwood, era um indivíduo inteligente e dinâmico, e um pilôto audaz...

John Miller acendeu outro charuto com seu magnífico isqueiro de ouro, e pôs-se a olhar distraìdamente a chama do mesmo, antes de apa-



Um dos mais importantes líderes do Partido criticou-o por não ter uma garrafa de champagne à mão.

gá-la com um sôpro. Voltou-se então para um dos "controladores" e perguntou:

— Como vão as coisas na décima segunda seção eleitoral, Joe?

Por um instante, Joe ficou surpreendido com a pergunta do político, pois, com tantas tarefas a empreender naquela noite, o grande líder do Partido se preocupava com o andamento das eleições para o concelho da cidade, num bairro pequeno como aquêle.

"— Décima segunda seção... temos ali Al Bancroft!

O assistente assentiu, com um movimento de cabeça, e tratou de ir verificar os resultados naquela zona. Voltou, minutos depois, dizendo:

— Bancroft está vencendo confortàvelmente!

— Qual a diferença? — perguntou o líder político, com certa rispidez.

— Oh! Por algumas centenas — foi a resposta.

Algumas centenas de votos tornavam uma vitória realmente **confortável**, naquela espécie de certame eleitoral. Miller consultou o próprio relógio. Eram 22,25 horas. O homem que comandava os anotadores do quadro negro distribuía com a maior rapidez possível, os resultados que lhe vinham ter às mãos.

Alguém exclamou em tom de satisfação:

— O Governador já está pràticamente reeleito!

Ao ouvir isto, John Miller fixou o olhar no quadro negro, estudando as anotações ali feitas, verificando, com um sorriso, que, de fato, o Governador obtinha uma vitória folgada.

O candidato a Prefeito, no entanto, havia perdido quase tôda a margem que conservava sôbre os totais dos adversários. John Miller não mostrava, porém, estar preocupado com isso. A zona sul ainda não havia enviado os resultados dos votos, e John Miller podia contar com esta seção. Durante vinte e cinco anos, o Partido vencia naquela seção, e não seria desta vez que os eleitores o abandonariam.

De pé no umbral da porta de seu escritório, John Miller parecia embevecido com o ruído característico dos dias de eleições — para êle, isto era música, "a sinfonia favorita que êle gostava de ouvir", de dois em dois ou de quatro em quatro anos! E, naquele momento em que parecia estar feliz, com o andamento das eleições, vieram-lhe outra vez à mente as linhas daquela carta, como se estivesse lendo, pela primeira vez, as palavras nela contidas, tal a sua emoção:

"Algum dia, papai, o senhor provàvelmente encontrará Tom Rowan. Êle pensa em dedicar-se à política e, embora adversário do senhor, espero que êle saia vitorioso. Necessitamos de homens como êle nos serviços públicos! E' o tipo que pode levar o povo para a frente, sempre no sentido do progresso. Estou certo de que o senhor compreenderá o que quero dizer, pois já conversamos muitas vêzes a respeito. E anote minhas palavras — se Tom Rowan conseguir firmar-se na política, irá longe! Agora, vou encerrar esta nossa "palestra"; preciso deitar cedo, pois amanhã teremos um **servicinho...**"

Mentalmente, o político tentou alijar aquelas linhas de seus olhos, mas não conseguia. Resolveu, então, distrair-se, perguntando a um dos auxiliares:

— O que está atrasando a verificação na decima segunda seção?

O assistente foi verificar, e depois explicou:

— A Junta Eleitoral informa que houve um ligeiro contratempo nas apurações, mas que tudo já está correndo normalmente. Bancroft continua à frente, com 922 votos contra 781 de seu adversário mais próximo, que é Tom Rowan; êste está avançando muito, agora!

John Miller agradeceu a informação e tirou uma longa baforada de seu charuto. Alguém colocou um copo em sua mão e os brindes começaram a ser feitos. Seus auxiliares entoavam vivas, ao trazerem os telegramas até à escrivaninha diante da qual êle sentou, distraìdamente.

Um dos membros importantes da sua facção política deu-lhe uma palmada amigável nas costas, e falou, cheio de entusiasmo:

— John, parece que desta vez estamos brilhando em tôda linha!

Um telefone tilintou e, logo em seguida, o fone era estendido ao chefe do Partido. Do outro lado do fio, o Governador reeleito falou:

— Obrigado, John Miller. Você conseguiu mais uma vitória para nós. Aceite meus cumprimentos!

Logo depois, chegaram alguns jornalistas, que fizeram as perguntas de costume, sendo batidas algumas fotos. O político distribuiu os charutos Havana usuais, respondendo às perguntas com bom humor. Esta era a sua noite, e êste era o modo como êle gostava que as coisas ocorressem.

No entanto, persistia a idéia de que sua satisfação não era completa, apesar de estarem vencendo **em tôda a linha.** E, ao pensar na idéia que lhe ocorrera, desde o momento em que soubera que o jovem Tom Rowan se candidataria às eleições, temia que os companheiros que o rodeavam pudessem adivinhar seus pensamentos. Logo êle, o "cabeça" do Partido, preocupado com a situação de um adversário!

E, apesar de, ìntimamente, desejar que Rowan se elegesse, êle agira honestamente, como sempre procurava fazer. Tomara tôdas as precauções para que nenhum detalhe da campanha eleitoral, por menor que fôsse, ficasse olvidado. Até mesmo na décima segunda seção eleitoral, onde o candidato do Partido, Al Bancroft, teria como adversário o ex-companheiro de seu filho, além de outros políticos que êle julgava seriam derrotados com facilidade, John Miller providenciara uma propaganda eficiente, com os discursos e chamarizes habituais. Numa análise final, o povo tinha o seu modo de decidir por si mesmo, por maior que fôsse a campanha desenvolvida por um partido político. Os eleitores chegavam até a **sentir** quando era necessária uma transfusão de sangue fresco e jovem, para seu sistema político. E era com isto que êle contava, naquela noite, esperando a vitória do adversário de Bancroft...

Alguns dos mais importantes membros do Partido chegaram nesse instante e dirigiram-se para o escritório de Miller, a fim de levantar brindes pela vitória já quase consumada, em todos os setores em que o Partido havia indicado candidatos. Um dêsses elementos chegou mesmo a criticá-lo por não ter uma garrafa de champagne para uma ocasião como aquela. Êle murmurou

uma desculpa e, conseguindo livrar-se do grupo de amigos, encaminhou-se para a outra sala, perguntando ao homem que fazia as anotações:

— Quais os resultados completos na décima segunda seção?

— Ia registrá-los agora mesmo — respondeu o auxiliar, desdobrando a fôlha de papel que tinha numa das mãos. Sinto informar-lhe que os resultados finais nos foram desfavoráveis. O tal Rowan derrotou Bancroft pela diferença de trinta votos!

John Miller mal pôde conter a vontade de pular, de rir, de cantar! Ficou ali, a fixar os olhos nos algarismos que iam sendo escritos no quadro negro. Enquanto isto, o outro continuava:

"— Infelizmente! Mas foi êste o único de nossos candidatos a ser derrotado! Imagine só! **Trinta votos!**

Os resultados completos das eleições estavam afixados no quadro negro. No quadrado correspondente à décima segunda zona, os algarismos, como a querer expressar a alegria que ia no íntimo de John Miller, pareciam dançar diante de seus olhos. Lá estava:

Rowan, 1537 — Bancroft, 1507.

Nas demais zonas, todos os candidatos do Partido haviam vencido, além do candidato a Prefeito e do Governador, eleitos num cômputo geral.

O auxiliar do político tornou a falar, mas êste, sem ouvir o que êle dizia, respondeu apenas:

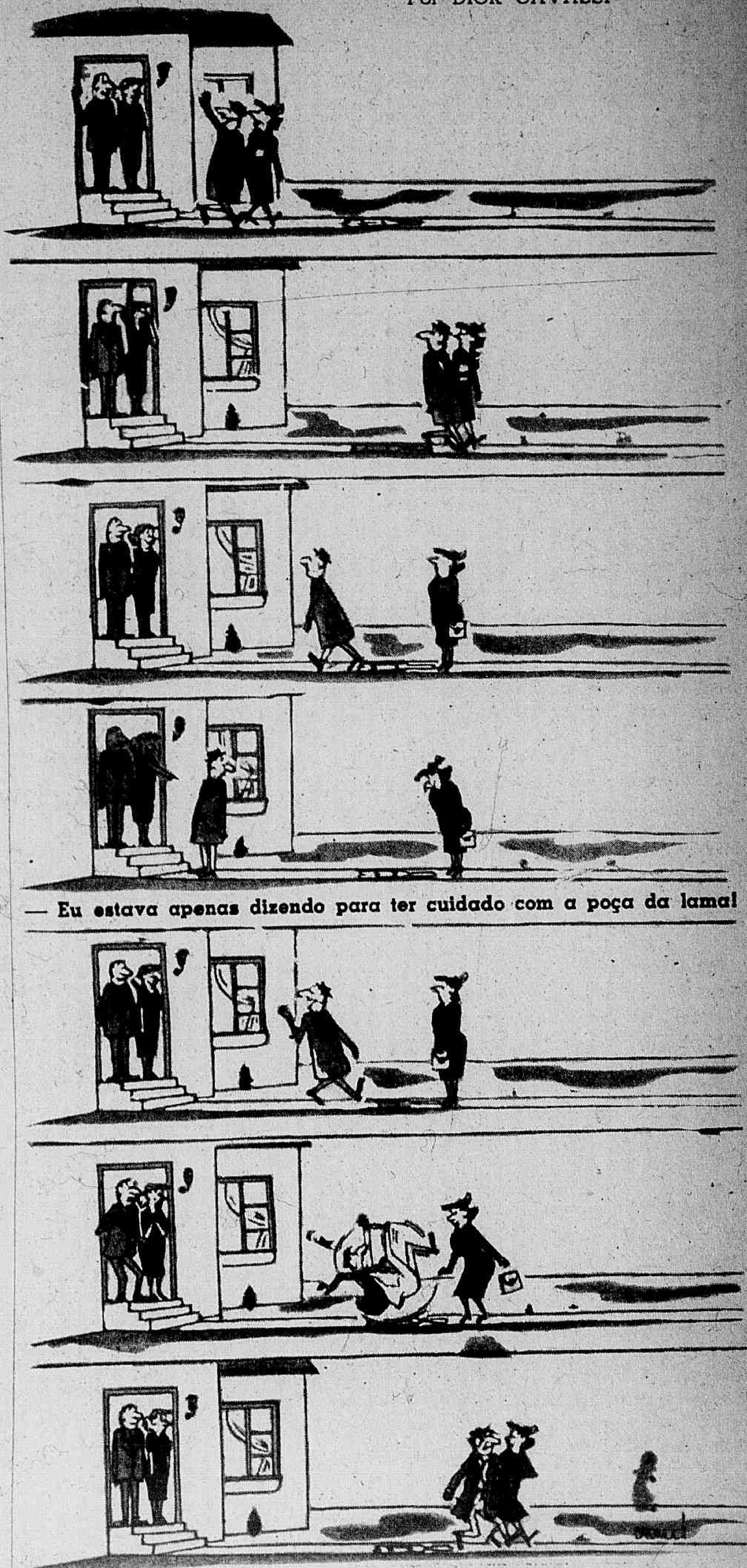
"— E'; tem razão...

Em seguida, voltou-lhe as costas e dirigiu-se para seu escritório, onde a algazarra e as cantorias eram maiores, agora. A cada passo que dava, sentia o sangue quente a correr-lhe nas veias, como se fôsse um sangue novo, que lhe tivessem injetado mediante uma transfusão...

Acendeu um novo charuto, enquanto se detinha à porta de sua sala. Em seguida, abrindo um amplo sorriso, aceitou o copo que um de seus companheiros lhe estendia. Esta era uma noite de alegria **para todos!** Por que não comemorar?

PRA QUE FALAR?

Por DICK CAVASSI



OS PIRATAS DE HOJE NÃO VALEM OS DE

A história literária do século XVII conta, desde há pouco, com um novo nome — que é, aliás, um "apelido".

O que o usava não era um dêsses homens de gabinete, pálidos compiladores, estudiosos de pergaminhos, mas um franco capitão de Flibusta, ardoroso no combate como nos momentos de amor, e orgulhoso, aos setenta anos, de poder contar a própria vida em linguagem saborosa.

Seu verdadeiro nome era Louis Ahémar Thimothée Le Golif, mas preferimos chamá-lo de "Borgnefesse", cognome rabelaisiano escolhido por seus camaradas, depois que uma bala de canhão lhe arrebatou parte da região glútea...

A aparição de Le Golif no mundo literário do século XX é um verdadeiro romance: em maio de 1945, quando tôda a cidade de Saint Malô cuidava de reerguer seus prédios do pó das ruínas, uma equipe de operários, revolvendo os entulhos de uma velha casa da rua da **Corne-de-Cerf**, onde a lenda quer que tenha morrido Duguay-Trouin, descobriu o que julgou ser uma passagem secreta.

Uma bomba havia destruído inteiramente o edifício, abrindo uma espécie de túnel em seus alicerces.

Repentinamente, um dos trabalhadores abandonou a picareta e declarou para os companheiros:

— Vamos chamar o proprietário; há móveis ainda em bom estado neste subterrâneo.

*

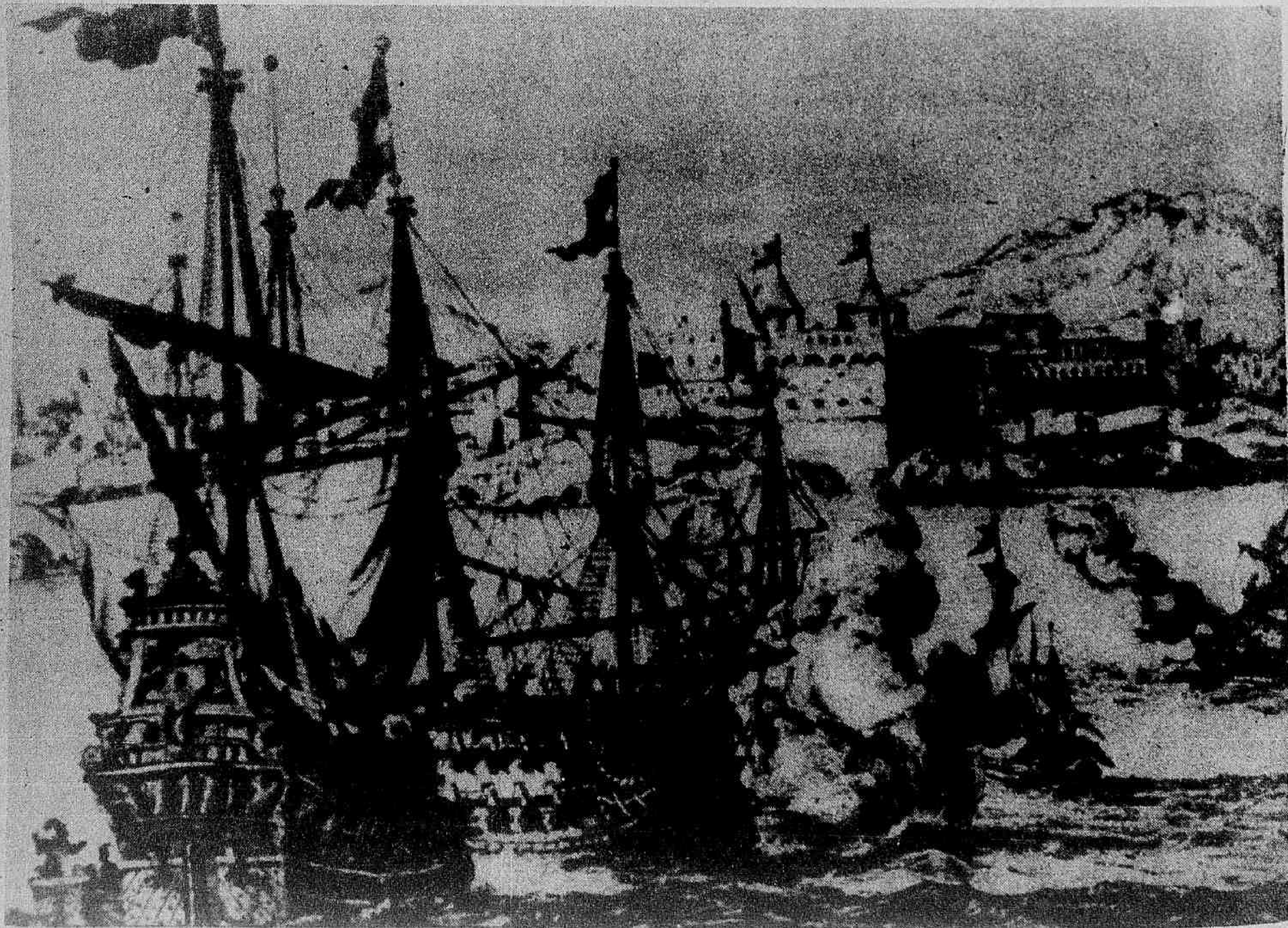
Foi assim que o Sr. Yves Hémar, arquiteto e historiador, chegou ao local, desceu ao túnel... e descobriu uma coisa extraordinária. O que os trabalhadores tinham visto não eram móveis, mas apenas uma velha mala, maltratada pelo incêndio. Em seu interior, sob uma boa camada de papéis queimados, alguns documentos do século XIX, escrituras de terrenos, livros comerciais e três espessos cadernos bastante atacados pelo fogo, pelos ratos e também pela umidade.

Os três cadernos, manuscritos, que uma bomba restituíra à luz, continham, em quatrocentas e doze fôlhas, a vida do "sieur" Le Golif, flibusteiro das Antilhas e contemporâneo de Luís XIV.

O Sr. Yves Hémar decidiu, então, apelar para o pintor de marinhas, Gustavo Alaux, que após haver cortado intermináveis narrativas de batalhas, acaba de entregar ao público êsse extraordinário documento, cheio de humorismo, zombarias, etc., sob o título de **"Cahiers de Louis Ahémar Thimothée Le Golif, dit Borgnefesse, Capitaine de Flibuste"**.

Homem culto, Borgnefesse escreve com desem-

Piratas e corsários inglêses e franceses atacavam de surprêsa os navios espanhóis, chegando, em certos



ANTIGAMENTE

baraço e não deve o leitor ficar surpreendido ao saber que **"antes de correr os mares, êle estudara para padre".**

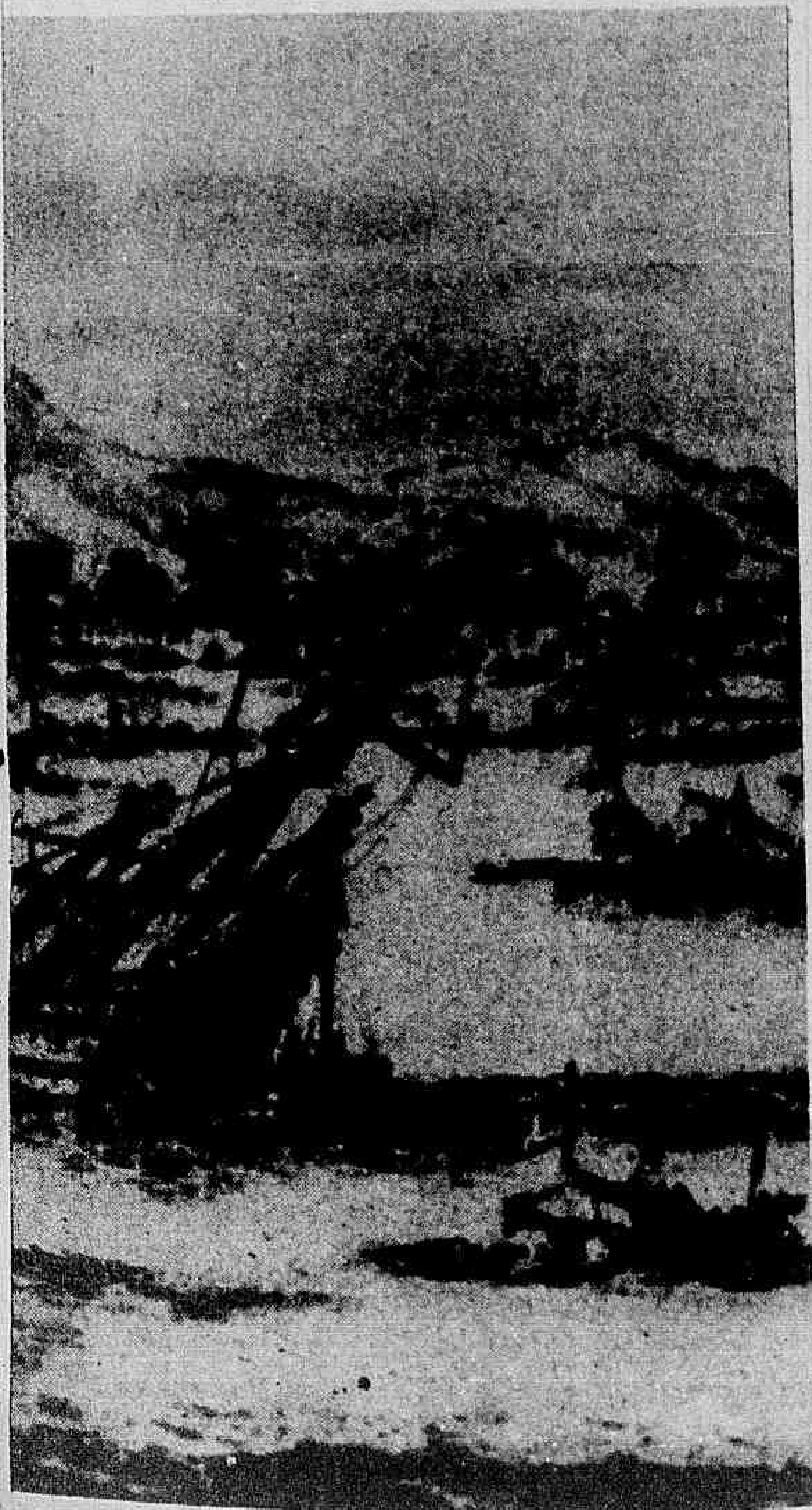
"Entretanto, chegada a idade juvenil, o seu grande interêsse pelas mulheres não tardou a levá-lo para outro campo, o que não deixou de causar escândalo, pois ao mesmo tempo raptou a filha de uma lavadeira e o Sr. Bispo reconheceu que a vocação eclesiástica do culpado não era das mais fortes."

T e n d o deixado o seminário, Louis Ahémar Thimothée exerceu vários ofícios, tendo aprendido a jogar a espada e o florete com um mestre d'armas de Dieppe, ao qual pagava com serviços os mais variados e pouco dignos, inclusive o de "moço de recados" entre o professor e suas conquistas amorosas. Mas não tardou a se desentender com o mestre d'armas por causa de uma linda criatura a quem ambos queriam. Pouco depois embarcava com destino às Antilhas, na qualidade de "engajado". Era êsse, então, o nome dado aos homens "recrutados" pela Companhia das Índias Ocidentais, para servir nas plantações. Escravo teria sido o têrmo mais justo. Borgnefesse, que ainda se chamava de Golif, foi vendido por vinte e cinco escudos a um habitante avaro e cruel, chamado Piédouille. Oito meses mais tarde, magro e com o dorso cortado pelo chicote do capataz, conseguiu fugir e, depois de roubar uma pequena embarcação, velejar para S. Domingos, onde se fêz **bucaneiro.**



Eis o famoso Pavilhão Negro, dos piratas. Sob esta bandeira macabra, êles aterrorizàvam os navegantes nos sete mares.

períodos a impossibilitar o comércio.



Essa era a época em que verdadeira nuvem de aventureiros afluía para a grande ilha, para caçar os touros selvagens, cujo couro vendiam aos capitães de navios mercantes franceses e holandeses. Alguns preferiam caçar o perigoso javali, cuja carne salgavam e defumavam, segundo um antigo processo atualmente quase esquecido. A carne, cortada em tiras longas e cobertas de sal, era posta para **bucanar** numa chaminé, construída com claies, que os caraibas, em sua língua, chamavam de "bucans".

*

Louis Ahémar caçou o boi e o javali em companhia de um aventureiro imundo e verdadeiramente medonho de aspecto, com êle passando vários meses nessa existência de "bucaneiro", com tôda a série de desagradáveis incidentes que tal vida poderia proporcionar. Mas soube adaptar-se maravilhosamente e tudo anotou em seu caderno, com uma soberba indiferença.

Mas não tardaram os espanhóis a caçar, por sua vez — e implacàvelmente — êsses "bucaneiros", e, para acabar com os mesmos, começaram por exterminar tôda a caça que tanto atraía os aventureiros à ilha. Êstes, privados de seu único meio de subsistência, tornaram-se **flibusteiros**, isto é: livres caçadores de botim. A partir de então, montados em navios miseráveis, fizeram uma guerra de morte a todo navio arvorando o pavilhão do rei da Espanha.

A Flibusta, que se tornaria ràpidamente tão poderosa e temível, teve assim o seu início.

Le Golif não tardou a embarcar com o célebre capitão Roc. Foi infeliz, pois logo na primeira expedição da qual participou, ganhou um ridículo apelido, por culpa de uma bala de canhão que lhe arrancou a parte mais gorda da região glútea esquerda.

Edward Teach, cognominado Blackbeard (Barba Negra), teve final igualmente trágico, embora menos infamante. Sua história merece ser contada.

Dizem que nasceu em Bristol, onde os pais tinham uma taberna e embebedava os incautos para, em seguida, transportá-los, inconscientes — pelo álcool ou porpancada a traição — para bordo dos navios prestes a zarpar. Os desgraçados despertavam já em alto mar e, em geral, no mar continuavam tôda a sua vida.

Edward Teach quis dedicar-se à vida de marinheiro durante o reinado da Rainha Ana, época em que muitos navios corsários receberam licença real, que lhes permitia atacar aos navios mercantes espanhóis.

Ao terminar a guerra, em 1713, alguns capitães, não podendo renunciar àquela vida de aventuras, prosseguiram por conta própria e sob o pavilhão negro na abordagem dos valiosos carregamentos, já não só dos espanhóis. Ficavam rondando nas rotas mercantes e caíam sôbre todo navio que passasse ao seu alcance.



Barba-Negra tinha um navio dêste tipo, fortemente armado.

Assim alcançavam os navios que cruzavam o Atlântico e também os que navegavam pelo mar Caribe, ilhas Bahamas e península da Flórida, que eram excelentes guaridas para êsses avenutreiros, pois contavam com centenas de ilhotas desertas e com baías que ofereciam esconderijos pouco conhecidos.

Os corsários tinham em Boston, Nova York, Filadélfia e Charleston, espiões que lhes informavam das saídas dos navios mercantes, carregamentos e rota que seguiriam. Subornavam os funcionários dos portos e tinham, em Manhattan, como os "bootleggers" tiveram em Chicago, nos anos de 1920 a 1930, comerciantes desonestos que revendiam as mercadorias. E assim foram feitas colossais fortunas.

Edward Teach serviu às ordens do Capitão Hornigold — um dos mais renomados capitães dessa classe de "comércio". Um dia, Hornigold confiou a Teach o comando de um navio francês que havia capturado. Barba Negra não tardou a desentender-se com o seu chefe, declarando à tripulação que daquele momento em diante era êle o dono absoluto do navio. Transformou-o então em formidável máquina de guerra, armando-o com quarenta e nove canhões, em sua maior parte curtos e de grosso calibre, que apenas alcançavam uns cem metros; mas, a esta distância, eram capazes de desmantelar fôsse o que fôsse.

A primeira façanha de Teach o fêz famoso. À vista da base britânica de San Vicente, nas ilhas do Vento, capturou o navio "Great Allen", que transportava valioso carregamento, aprisionou os que se salvaram com vida, da tripulação do barco vencido e incendiou êste último. Do pôrto de San Vicente saíu, em sua perseguição, o navio de guerra "Scarborough". Teach aceitou o combate com mais êste adversário e avariou tão gravemente o "Scarborough", que o navio de guerra se viu obrigado a tornar ao pôrto. A notícia causou a maior sensação em todos os portos dos dois lados do Atlântico.

A partir daquele momento, Teach se converteu, de certo modo, no "inimigo público número um", da costa leste dos Estados Unidos. Até 1718 dominou o mar, desde as Carolinas até a baía de Honduras; os navios que conseguiam escapar-lhe desembarcavam nos portos marinheiros macilentos e andrajosos, que se haviam livrado da morte nos áridos ilhotes onde se refugiaram e que contavam histórias de gelar o sangue nas veias. Falavam de um grande navio, armado como um barco de guerra, com pavilhão negro e cujo capitão era um gigante de barba negra, que lhe subia até aos olhos, e tão forte que podia cortar ao meio um homem com um só golpe de sabre e de atirar, com uma só mão, o seu cadáver ao mar! Está absolutamente provado que, em dois anos, Barba Negra capturou, pelo menos, vinte barcos. Êle, sòzinho, desorganizava o comércio do continente norte-americano!



Certos flibusteiros, ao contrário da maioria, medonhos de aspecto, tinham grande cuidado com a própria pessoa, fazendo questão de vestir-se com grande apuro, servidos por pagens e assumindo pose de grandes senhores.

O acidente, entretanto, não o impediu de atingir em curto prazo o pôsto de capitão. De fato, mal refeito do ferimento sofrido, Louis-Ahémar e seus companheiros conseguiram apresar, após terrível carnificina, um navio espanhol. Alguns inimigos, ao procurar salvar a pele, atirando-se ao mar, numa tentativa para alcançar a costa, foram literalmente cortados em fatias e tragados pelos tubarões, que já então começavam a ser chamados de "requiem", porque, se um homem tombava ao mar onde houvesse algum dêsses peixes voracíssimos, o desgraçado não tinha salvação. Mais tarde, o têrmo requiem passou a ser requin, adotado até hoje pelos franceses.

★

Fazendo-se capitão da Flibusta, no navio "Jovial Tiburon", Borgnefesse revelou, desde logo, a sua preferência pelas costas venezuelanas, que devastava e pilhava constantemente. Com método preferido, depois de dominada a resistência, mandava que os homens fôssem aprisionados na igreja, enquanto os flibusteiros se entregavam aos maiores extremos, maltratando as mulheres, incendiando as casas e roubando tudo o que representasse algum valor.

Em Cucuba, grande aldeia dos arredores de Caracas, ao tentar beijar uma nobre dama, dela recebeu inesperada punhalada, que o varou de um lado a outro o ombro direito. A êsse tempo seus homens eram atacados furiosamente por reforços chegados da capital, sendo os piratas forçados a bater em retirada para o "Jovial Tiburon", no qual, felizmente para os piratas, já estava arrumado o fruto do saque efetuado, pois trabalhavam com ordem. Primeiro roubavam e levavam tudo para o seu próprio navio e sòmente depois procuravam as distrações.

Mas, verdadeiramente, Borgnefesse é apenas um dos muitos piratas que percorreram os mares, deixando na esteira dos navios que comandavam, uma longa história de sangue, de maldades indescritíveis, mas também de heroísmo sem par.

A história da pirataria de fato, poderosa e temível, desafiando, por vêzes, as fôrças navais da Espanha como da Holanda, da França e até mesmo da Inglaterra; combatendo em todos os mares sob o pavilhão negro dominado pela caveira e as tíbias, só teve início no século XVIII.

Entre êles, os mais pitorescos foram o Capitão Loz, o Capitão Kid, Rackam, Kirby, assim como duas mulheres piratas: Ana Bonny e Mary Read. Sôbre todos êsses, destacava-se Barba Negra, por seu aspecto geral, verdadeiramente temível, e pelo aparato bélico, além das barbas e bigodes que deixava crescer e enfeitava com mechas de azeite, que acendia para queimar lentamente, durante os combates; isso surpreendia e amedrontava os adversários, que se deixavam talhar quase sem defesa, pelo pesado sabre do monstro.

O Capitão Kid, um pirata que por seis anos dominou o Atlântico e o "caminho das Índias Ocidentais" — chegando a tratar de igual para igual com governos e grandes almirantes — teve o seu **dia negro também** — como infalìvelmente o tiveram os seus colegas — tendo sido aprisionado e levado para Londres, onde foi enforcado "alto e curto" (como se fazia com os criminosos da pior espécie).

Kid, que conseguiu reunir e enterrar tesouros imensos, jamais revelou onde os mesmos se encontravam, resistindo a todos os apelos (e a tôdas as torturas também). No momento de ser executado, vestiu-se esplêndidamente de sêda vermelha com galões de ouro e luvas brancas.

Constituiu-se, acima de tudo, no terror de Charleston. Atravessado nos bancos de areia que bordejam a costa, capturou dois navios que saíam para Londres, um dos quais levava a bordo destacadas personalidades. Barba Negra reteve tôdas elas como reféns e, em seguida, entrando no pôrto, mandou à terra uma canoa, exigindo que lhe fornecessem medicamentos, suprimentos de bôca, roupas e dinheiro, se não queriam que matasse todos os prisioneiros. Os habitantes de Charleston, sem outro remédio, cederam a tôdas as exigências. Teach libertou os prisioneiros... depois de privá-los de todos os seus haveres, até mesmo as roupas que vestiam.

Assim, pôde amontoar grandes tesouros, que guardava da maneira mais simples. Metia tudo numa caixa de ferro e esta numa canoa. Em seguida, acompanhado apenas por um homem, transportava-se para um ilhote deserto. Ali fazia o marinheiro cavar um buraco e em seguida enterrava no mesmo o cofre... e o seu ajudante, a quem matava friamente. Em seguida, voltava para bordo e declarava:

"— Só o diabo e eu sabemos onde está o cofre: o que viver mais tempo ficará com tudo!"

Barba Negra estabeleceu, depois, um quartel general na costa da Carolina do Norte. Ali concluiu um acôrdo com o governador, Charles Eden, comprometendo-se a renunciar à pirataria, se lhe fôssem perdoados todos os crimes praticados. O governador permitiu que continuasse dono do navio e também que ancorasse em Ocracoke Inlet. Em terra, Barba Negra se instalou faustosamente e convidou os rancheiros vizinhos, que correram a fim de ver o famoso pirata, e atraídos por sua hospitalidade generosa. Não tardaram a arrepender-se. Teach pagou a visita saqueando suas casas e ofendendo suas mulheres. Os rancheiros pediram socorro ao Tte. Spotswood, governador da vizinha colônia de Virgínia, suplicando que lhes mandassem uma expedição para acabar com Teach.

UM TENENTE DESCONHECIDO E OLVIDADO — Spotswood hesitou algum tempo, pois não tinha o direito de enviar fôrças a outra colônia. Mas, finalmente, cedeu e enviou o Tte. Maynard, comandando um navio de guerra da "Royal Navy", com sessenta homens.

Ocracoke Inlet é uma abertura estreita, praticada num banco de areia, com cem milhas de longitude e que corre ao longo da costa da Carolina do Norte, a umas trinta milhas de distância. O canal é muito complicado e sinuoso, oferecendo certos perigos, pois as areias são movediças e invisíveis. Maynard não podia arriscar o seu navio. Escolheu, portanto, duas chalupas. Seus homens eram, pròvàvelmente, mais numerosos que os do pirata; mas não tinham artilharia. Assim, só podia contar com a vantagem da surprêsa.

Em 21 de novembro de 1718, antes do anoitecer, as chalupas ancoraram à saída do canal, de onde podiam ver, na manhã seguinte, o navio de Barba Negra. Ao raiar o sol notaram que o pirata devia ter sido prevenido, pois seus canhões estavam prontos para abrir fogo. Aproximando-se até encostar no flanco do navio inimigo, Maynard deu ordem de abordagem.

No mesmo momento caíu sôbre a chalupa de Maynard um garrafa cheia de pólvora, com uma pequena mecha. Quando a fumaça da explosão se dissipou, Maynard viu seu adversário, de pé, a dois passos de distância: um gigante de olhos pequenos, o rosto quase todo encoberto por uma barba negra e crespa. Passado ao pescoço, como um colar, uma correia e dela penduradas seis pistolas. Na mão esquerda mais uma pistola e, na direita, um enorme sabre.

Maynard e o pirata dispararam ao mesmo tempo. Barba Negra não atingiu o tenente, e êste teve a impressão de haver ferido o adversário. No entanto, o pirata se atirou sôbre o oficial, brandindo o sabre. Maynard se esquivou mas perdeu o próprio sabre, cortado pela arma de Barba Negra, rente ao copo. Barba Negra levantou outra vez a sua poderosa arma, para acabar com Maynard, porém um marinheiro dêste último varou o pescoço do pirata com um golpe de espada. Alguém, por trás de Maynard, disparou uma pistola contra o peito de Barba Negra. Porém êste, ainda de pé, lutava sempre. Ferido ao mesmo tempo por uma dúzia de novos golpes, Barba Negra caíu, finalmente, como uma árvore cortada pela base. Aquêle foi o sinal de cessação da luta. Os piratas se renderam. Quinze foram agrilhoados no porão. Treze foram balançar na ponta de cordas, entre os mastros do navio pirata. O corpo de Barba Negra continha cinco balas de pistola e apresentava vinte e oito perfurações a sabre e espada. Cortaram a cabeça do monstro, pendurando-a na proa de uma das chalupas, como macabro troféu.

Quando se conheceu, oficialmente, a notícia da morte do pirata, houve tão grande regosijo que o povo parecia ter enlouquecido. No entanto, a fama de Barba Negra aumentou sempre, inspirando canções, peças teatrais, histórias e contos. Tôdas as crianças dos Estados Unidos conhecem o nome de Barba Negra, mas não o do tenente Maynard.

Quantas centenas de pessoas terão buscado, em vão, desde a morte de Edward Teach até nossos dias, os cofres que deixou escondidos nas costas desertas? Os tesouros de Barba Negra estão, hoje, calculados em doze milhões de dólares-ouro!

★

Até fins de 1932, nos mares da China, a navegação era perigosa para os iates e os pequenos navios mercantes, que faziam contrabando de armas ou de ópio. Freqüentemente eram atacados por uma frota de corsários, comandados por uma mulher. O verdadeiro nome desta imitadora de Ana Bonny e de Mary Read nunca foi conhecido. Fazia-se chamar "Ôlho de Dragão". Morreu naquele ano, assassinada pelo "estado maior" dos seus piratas.

A FÔRÇA DE UM JURAMENTO

PAUL FÈVAL

Quando se levantava — sempre muito cedo — as damas principiavam a vesti-la em silêncio; em seguida, 'a leitora lia-lhe alguns capítulos de um livro piedoso. Às nove horas, o capelão ia dizer missa de defuntos.

O resto do dia passava-o sentada, imóvel, sòzinha e indiferente. Nunca saíra do palácio uma única vez, depois de casada. Podiam julgá-la louca!

Pouco faltou para a Côrte erguer um pedestal onde colocasse Gonzaga pela sua dedicação conjugal. Realmente, o príncipe nunca proferira uma queixa para se lamentar do abandono da espôsa.

Uma vez, a princesa respondeu ao confessor, que lhe notara os olhos vermelhos e inchados de chorar:

— Sonhei ter encontrado minha filha... Ela, porém, não era digna de usar o nome de Nevers!...

— E que fêz no seu sonho? — perguntou o padre.

A princesa, mais pálida do que uma morta, respondeu:

— Fiz em sonhos o que faria na realidade: expulsei-a!

E dêsse dia em diante tornou-se ainda mais triste e mais solitária do que antes. Aquela idéia perseguia-a sem cessar.

Aurora de Caylus nunca deixou, no entanto, de prosseguir nas suas pesquisas em França e no estrangeiro. Gonzaga tinha sempre o cofre aberto para satisfazer os menores caprichos de sua mulher, organizando, porém, as coisas de forma que tôda a gente conhecesse as suas generosidades...

Entretanto, o confessor da princesa recomendou-lhe uma mulher, viúva como ela, de bons sentimentos e muito dedicada. Chamava-se Madeleine Giraud.

Desde êsse momento foi a dama preferida de Aurora e a sua confidente fiel e carinhosa. Madalena estava encarregada de responder às delicadas mensagens que, duas vêzes por dia, o príncipe enviava à sua mulher.

Na manhã a que nos referimos, Madalena estava muito ocupada. Contra o costume, numerosos visitantes pretendiam cumprimentar a senhora princesa.

Todos êles eram personagens graves e de alta hierarquia. O senhor Lamoignon, o chanceler d'Argenson, o cardeal de Bissy, os duques de Foix e de Montmorency-Luxemburgo, o príncipe de Mônaco, o duque de Valentinois e muitos outros, que, aproveitando a oportunidade do conselho de família — que teria lugar nesse mesmo dia — e do qual eram membros — iam apresentar os seus respeitos à Princesa.

Esta negou-se a recebê-los.

Apenas consentiu em ver o velho cardeal de Bissy, que ia da parte do Regente Felipe de Orléans, para dizer à sua nobre prima que a recordação de Nevers vivia sempre no seu coração e tudo quanto pudesse fazer, a favor da sua viúva, o faria, sem vacilar.

RESUMO DA PARTE JA PUBLICADA

Estamos no vale do Luron, onde estão as muralhas do castelo de Caylus-Tarrides. Ali, em 1699, o marquês, viúvo, retirou-se com sua filha Aurora, a quem obrigou a viver uma vida de reclusão, conforme tinha sido a da sua própria espôsa, o que lhe valeu o sobrenome de Caylus-Ferrôlho. Pouco depois, Felipe de Lorena, duque de Nevers, um dos mais brilhantes jovens senhores da França, cansado da vida dissipada que levava em Paris, foi repousar em suas terras, no Jurançon e, recuperando as fôrças, foi caçar no vale do Luron, onde não tardou a se enamorar de Aurora, havendo quem murmurasse que aquêle amor «avançara muito» às escondidas do velho Caylus. Quatro anos depois, Nevers já não habitava mais no Jurançon, porém outro Felipe ali surgira: Felipe Polyvene de Mântua, príncipe de Gonzaga, com quem o marquês pretendia casar a filha. Gonzaga possuía dois grandes amigos. Um era Felipe de Bourbon, duque de Chartres, sobrinho de Luís XIV, mais tarde duque de Orleans e Regente de França. O outro era Felipe de Lorena, duque de Nevers. Na côrte eram chamados «os 3 Felipes», devido à grande amizade que os unia. Eis por que o marquês o desejava para genro, pois, além de boas relações, Gonzaga era herdeiro de Nevers, por ser êste solteiro. E, mais ainda, ninguém esperava que Nevers vivesse muitos anos, com a vida que levava. Numa tarde de outono de 1899, numa estalagem não distante do Castelo, reúnem-se duas dezenas de espadachins, homens de origem duvidosa, cheios de ambição, mas bôlsa sempre vazia e que, por isso mesmo, viviam alugando a espada para «serviços inconfessáveis». Todos sabem o que vão fazer: atacar e matar Nevers, para dar a Gonzaga a fortuna de que tanto necessitava. O intermediário é Peyrolles, factotum do príncipe, covarde, embora boa espada também. Entre os «bravos» que vão fazer o serviço estão Cocardasse e Passepoil, dois inseparáveis amigos, que têm um só ídolo na vida: o jovem Cavalheiro Henrique de Lagardère, a quem ensinaram a pegar numa espada, e que hoje era insuperável com uma na mão! Pouco depois, estando os espadachins cercando um pequeno pagem, descoberto junto dos fossos do castelo, são interrompidos por um novo personagem que os deita a todos no chão. E' Lagardère, que vinha defender o menino, seu servidor. Todos baixam a cabeça e Lagardère relata, então, estar viajando para o exílio, após ter matado um nobre em duelo, mas que, antes de deixar a França, precisa cruzar a espada com . . . Nevers!!! A notícia alvoroça a todos os espadachins que, a seguir, vislumbrando mais facilidade para o seu serviço, propõem ajudar Lagardère a liquidar Nevers. A revolta do cavalheiro é terrível e imediatamente enxota a todos êles do local, dizendo que os considerava indignos de usar uma espada e, depois, sabendo que ali estavam para massacrar Nevers, exproba-lhes o procedimento. Oito contra um! Depois que se retiram, Lagardère vê chegar dois homens. Um é Peyrolles e o outro o príncipe Gonzaga. Chamam pelos capangas e julgando que Lagardère era um dêles explica ao companheiro que «tudo estava preparado«, mas infelizmente não pudera obter as fôlhas do registro de

— Falai, senhora — pediu o cardeal — o Regente está disposto a servir-vos! ... Que desejais?

— Nada quero — respondeu Aurora de Caylus.

O cardeal pretendeu sondá-la e provocar confidências; tudo debalde. A princesa encerrou-se num obstinado silêncio e o prelado deixou-a, julgando-a, realmente, meio louca. A conduta de Gonzaga pareceu-lhe digna do maior elogio.

Quando o cardeal saíu, a princesa dirigiu-se para o seu oratório. Estava imóvel e silenciosa, conforme o costume. Os olhos fixos tinham um ar vago e sem expressão. Quem a visse julgaria tratar-se de uma estátua.

Madalena Giraud atravessou o aposento sem ela a notar. Aproximou-se do genuflexório que estava perto da princesa e ali deixou o livro de missa que levava escondido, colocando-se depois, por detrás de Aurora, de braços cruzados sôbre o peito, como se esperasse ordens. A princesa voltou a cabeça e olhando-a, perguntou:

— De onde vem, Madalena?

— Do meu quarto — respondeu a interpelada.

Aurora de Caylus baixou os olhos. Quando se levantara para se despedir do cardeal vira Madalena no jardim. Isto era o bastante para lhe provocar a desconfiança.

Madalena, no entanto, tinha uma coisa para dizer, mas receava falar. Era uma santa alma que sentia uma respeitosa e sincera piedade por aquela grande dor.

— A senhora princesa permite-me que lhe diga uma coisa? — murmurou.

Aurora de Caylus sorriu amargamente, pensando:

— Mais outra a quem pagaram para mentir! Fôra enganada tantas vêzes! ...

No entanto, estava equivocada. A desconfiança tornava-a injusta para com a sua fiel criada.

— Fale! — acrescentou em voz alta.

— Tenho um filho que é tôda a minha vida. Daria tudo quanto possuo — exceto aquela criança — para a senhora princesa ser uma mãe tão feliz como eu!

A viúva de Nevers conservou-se calada.

— Sou pobre — prosseguiu Madalena — antes de entrar para aqui, o meu querido Carlitos tinha, por vêzes, necessidade de muitas coisas. Ah! se eu pudesse pagar à senhora Princesa tudo quanto tem feito por mim! ...

— Madalena: necessita de alguma coisa?

— Não... nada! Trata-se da senhora princesa apenas. Êsse conselho de família...

— Proíbo que me falem nisso, Madalena!

— Senhora, minha respeitada senhora! Mesmo que me mande embora...

— Despeço-a, Madalena!

— Mesmo que assim seja, cumprirei com o meu dever, senhora! Não quer encontrar sua filha?

A Princesa, trêmula e pálida, apoiou as mãos sôbre os braços da cadeira, erguendo-se um pouco, mas, ao fazer êste movimento, deixou cair o lenço. Madalena abaixou-se ràpidamente para o apanhar e no bôlso do avental ouviu-se o som de dinheiro. A princesa fitou-a com um olhar frio.

— Tem aí ouro?! — murmurou.

E num movimento impróprio da sua educação e do seu caráter, num gesto de mulher desconfiada que quer saber tôda a verdade, meteu a mão no bôlso de Madalena. A criada pôs a mão e caíu-lhe aos pés, ajoelhada, banhada em pranto. A Princesa tirou do bôlso de Madalena dez ou doze onças espanholas.

— O príncipe de Gonzaga acaba de regressar de Espanha! — disse.

— Senhora — respondeu Madalena — o meu Carlitos estudará com êste dinheiro. Aquêle que m'o deu também veio de Espanha. Mas, em nome de Deus, senhora, não condene antes de me ouvir!

— Saia! — ordenou a Princesa.

---

casamento, pois as mesmas tinham sido arrancadas do registro da igreja. Depois de morto Nevers, e de desposar Aurora de Caylus, teria tôda a fortuna da sua vítima com a apresentação do registro de nascimento da menina, embora a esta desse um fim prematuro. Pouco depois retiram-se, a janela é aberta e Lagardère, fingindo ser Nevers, recebe de Aurora a filha e uma caixa contendo a fôlha do registro, arrancada ao registro da paróquia, para evitar que fôsse roubado por seus inimigos. Pouco depois surge Nevers e logo deseja duelar com Lagardère, sem notar que êste tem a criança nos braços. Porém o seu adversário tudo revela do que ocorreu e do que ainda está para ser consumado. E afirma que estará ao seu lado contra os assassinos. De fato, trava-se a batalha e, apesar de se defenderem como leões, Nevers é morto, pelas costas, por Gonzaga que, vendo as coisas mal paradas, assim agiu, como covarde que era. Mas nada podem contra Lagardère que, com a criança nos braços, abre caminho e consegue fugir, tendo ainda ferido Gonzaga numa das mãos. Passam os anos, morre Luís XIV e, sendo o futuro Luís XV muito criança, coube a regência a Felipe de Orleans. Obrigada pelo pai, Aurora desposara Gonzaga, que agora desfrutava da imensa fortuna de Nevers. Ambicioso, Gonzaga resolvera abrir um banco nos jardins do seu palácio, vendendo, a pêso de ouro, bancas menores aos que quisessem especular. Entre os que chegam estão dois velhos conhecidos, Cocardasse e Passepoil, que viveram sempre fugindo do seu ídolo, temendo a sua vingança, pois dêle tinham ouvido dizer que matara alguns dos que haviam tomado parte no assassinato de Nevers. No leilão das bancas surge um corcunda recheado de dinheiro que compra o que restava para vender: a casa de um cão. O seu nome é Ésopo, que tem oportunidade de ver Gonzaga contratar os serviços de Cocardasse e Passepoil, como seus espadachins, enquanto aguarda a chegada de Faenza e Saldanha, outros dois que tinham ajudado a matar Nevers e que agora tinham títulos de nobreza, graças à proteção de Gonzaga. O príncipe de Gonzaga tinha planos ainda mais vastos. Conseguira uma substituta para Aurora de Nevers, conseguira arranjar uma jovem espanhola, que pretendia apresentar à viúva de Nevers como sua filha, Aurora. Peyrolles tudo arranjara e agora ia buscar a mocinha para a levar a Gonzaga. Em caminho, porém descobre Faenza e Saldanha, mortos, caídos numa ruela, com um feio ferimento no meio da fronte. O golpe de Nevers! Levada, afinal, à presença de Gonzaga êste convence a pobre moça de que ela é Aurora de Nevers, herdeira de um grande título e de uma das maiores fortunas da França. A espanhola, cujo verdadeiro nome era D. Flor, declara que êsse era o nome de uma mocinha da sua idade e que conhecera tempos antes, na Espanha. Vira-a, até, mais recentemente, em Paris! Sim, à rua de Cantre! Pouco depois Peyrolles vem trazer a notícia da morte de Faenza e Saldanha... e como morreram. Trêmulo de mêdo, Gonzaga se prepara para a reunião de família, que trataria da sucessão de sua grande vítima, do duque de Nevers! Ah! Se até lá pudesse deitar mão à verdadeira Aurora!

Madalena quis ainda suplicar, mas a Princesa, mostrando-lhe a porta num gesto imperioso, repeliu:

— Saia!

Quando a criada desapareceu, Aurora deixou-se cair de novo na cadeira. As suas mãos brancas e magras cobriram o rosto.

— E eu que gostava tanto desta mulher! ... — murmurou estremecendo, indignada.

— Oh! — continuou com a profunda angústia que a solidão produz — Ninguém!... Ninguém!... Não posso confiar em ninguém!

Um soluço agitou-lhe convulsivamente o peito.

— Minha filha! ... Minha filha! — exclamou com verdadeiro desespêro — Virgem Santíssima! Oxalá ela tenha morrido! ... Ao menos, assim, encontrá-la-ei ao vosso lado!

Passaram alguns minutos antes de conseguir dominar a sua emoção. Logo que pôde falar, disse, olhando para um crucifíxo:

— Deus meu, matai-me! Tenho já sofrido muito! ... Quanto tempo durará ainda êste martírio?

Os braços penderam e a cabeça ficou imóvel, encostada ao espaldar da cadeira.

Houve um instante em que Deus parecia ter escutado a sua prece: dir-se-ia morta! Dali a segundos, porém, pequenas convulsões agitaram-lhe todo o corpo.

Passada a crise, abriu os olhos e dirigiu a vista para o retrato do duque de Nevers.

O olhar retomou a sua fixidez habitual, que tinha qualquer coisa de extraordinário.

No livro que Madalena Giraud colocara no genuflexório havia uma página que se abria por si: era onde estava a tradução do salmo **Miserere mei, Domine.** A Princesa costumava lê-lo todos os dias. Ao cabo de um quarto de hora, estendeu a mão para pegar no livro de orações.

Êste abriu-se na página do salmo. Durante um minuto a sua vista cansada olhou sem ver mas, de súbito, soltou um grito, esfregou os olhos e passeou o olhar em redor, como para se certificar de que estava realmente acordada.

— O livro não saíu daqui! — murmurou.

Se o tivesse visto nas mãos de Madalena, não se surpreenderia com aquilo que julgava ser milagre ... Endireitou-se, de olhos brilhantes, estava linda, bela, fascinadora, e forte como nos seus dias de juventude ...

Animada por súbita esperança, ajoelhou no genuflexório. O livro aberto continuava a fasciná-la ...

Pela décima vez leu, na margem do salmo, estas linhas traçadas por mão estranha e que pareciam uma resposta ao primeiro versículo, que dizia: "Senhor! Tende piedade de mim!" A letra desconhecida respondia: "Deus terá piedade, se tiverdes fé! Sêde corajosa para defender vossa filha; comparecei ao conselho de família, mesmo doente ou moribunda. Recordai a contra-senha de Nevers!"

— A sua divisa! — balbuciou Aurora de Caylus — **Aqui estou! ...** Minha filha! — continuou, chorando — Minha querida filha!

Depois, com verdadeiro entusiasmo, exclamou:

— Coragem para a defender?! ... Mas evidentemente! Tenho coragem e defendê-la-ei

XVII

O CONSELHO DE FAMÍLIA

O salão nobre do palácio de Lorena, que nessa manhã fôra desonrado pelo ignóbil leilão, e, no dia seguinte, devia ser poluído por um enxame de comerciantes, parecia naquele momento ostentar todo o seu antigo esplendor. Seguramente, nem mesmo no tempo dos duques de Guise se reunira mais ilustre assembléia sob o seu teto artìsticamente trabalhado.

Gonzaga tinha razões especiais para querer que nada faltasse à imponente solenidade daquela cerimônia.

Os convites, feitos em nome do Rei, datavam da véspera, à noite. Dir-se-ia, na verdade, tratar-se de um grave assunto de Estado ou então de uma daquelas reuniões secretas onde se resolviam, quase em família, os destinos de uma grande Nação.

Além do presidente de Lamoingnon, do marechal de Villeroy e do vice-chanceler d'Argenson, que representavam o Regente, via-se ainda no estrado de honra o cardeal de Bissy entre o príncipe de Conti e o embaixador de Espanha; o velho duque de Beaumont-Montmorency junto do seu primo Montmorency de Luxemburgo; o príncipe de Mônaco, etc., isto quanto a príncipes e duques, pois marqueses e condes podiam contar-se às dezenas.

Também havia grande quantidade de cavalheiros e fidalgos, os quais ocupavam lugares fora do estrado.

Tão respeitável assembléia estava dividida em duas partes: os partidários de Gonzaga — que êle havia conquistado — e os independentes.

Dentre os primeiros contava-se um duque e



— Acerte o passo! Acerte o passo, meu bem!

um príncipe, vários marqueses e grande número de condes. Gonzaga estava certo da adesão dos primeiros e, quanto aos segundos, confiava na sua brilhante palavra para os conquistar.

Antes da abertura da sessão conversava-se familiarmente. Ninguém sabia ao certo o objetivo da reunião... Muitos pensavam que se tratava de uma arbitragem entre o príncipe e a princesa, relativamente aos bens de Nevers.

O príncipe possuía ali valiosas adesões; quanto à princesa, era defendida por alguns honestos cavalheiros e uns tantos jovens românticos.

A versão, porém, modificou-se depois da chegada do cardeal. O relatório do bondoso prelado, quanto à situação espiritual da princesa, fêz crer tratar-se de uma interdição.

O cardeal, que não tinha grande cuidado com as suas expressões, dissera:

— A pobre senhora deve estar meio louca!

E a crença geral foi de que a Princesa não compareceria ante o conselho. No entanto, esperou-se por ela, conforme mandava a cortesia, e foi o próprio Gonzaga quem pediu êste favor aos assistentes. Mas, em vista de ter chegado a hora marcada e ela não comparecer, o presidente Lamoignon foi ocupar o seu lugar.

Eram seus conselheiros o cardeal, o vice-chanceller Villeroy e Clermont-Tonnerre. O escrivão em chefe do Parlamento de Paris atuou como secretário, lendo prèviamente a ata convocatória.

Aquêle documento dizia, em resumo, o seguinte: que Felipe de Orléans, Regente do Reino, contava presidir pessoalmente à reunião, já pela amizade que o ligava ao príncipe de Gonzaga, já pela estima fraternal que outrora o ligara ao duque de Nevers, mas os cuidados e as preocupações da administração, cujas rédeas não podia largar por um só dia que fôsse, o haviam retido no Palácio Real; que para representar Sua Alteza, com plenos poderes, tinham sido nomeados comissários e juízes reais os senhores Lamoignon, Villeroy e d'Argenson; que o cardeal atuaria como curador da princesa; que o conselho seria um supremo tribunal, sem apêlo, para decidir todos os assuntos que lhe submetessem e em especial o de sucessão do falecido duque Felipe de Nevers, podendo, finalmente, adjudicar os seus bens ao herdeiro a quem o tribunal considerasse com maiores direitos.

Se Gonzaga tivesse redigido a ata, não o poderia ter feito de forma que mais conviesse aos seus interêsses.

A leitura terminou no meio do mais solene silêncio.

Neste momento, o cardeal perguntou ao Presidente de Lamoignon:

— A senhora Princesa tem procurador?

O Presidente repetiu a pergunta em voz alta, e quando Gonzaga ia pedir que se nomeasse alguém, abriu-se de par em par a porta principal, e os porteiros de serviço apareceram sob o umbral, sem anunciar.

Todos se ergueram: só Gonzaga ou sua mulher podiam entrar ali daquela forma solene.

Apareceu, com efeito, a Princesa, vestida de luto, como de costume; porém, tão altiva e formosa, que a sua chegada foi acolhida com um grande murmúrio de admiração. Ninguém a esperava e ainda menos supunham poder vê-la tão majestosa.

— Que diz a isto, primo? — perguntou Mortemarte ao ouvido do cardeal Bissy.

— Que me enganei!... Isto é um milagre!

Ainda à porta, a Princesa, em voz forte e calma, disse:

— Não necessito de defensor. Aqui me têm!

Gonzaga ergueu-se precipitadamente e, com um gesto de rara galantaria e supremo respeito, ofereceu-lhe a mão. A Princesa não a recusou, mas aquêle contato fê-la estremecer e as suas faces pálidas mudaram de côr.

O príncipe conduziu-a ao seu lugar.

— Lindo par! — murmurou Nocé, enquanto ambos subiam ao estrado.

— Silêncio! — disse Oriol — E' muito provável que a presença da Princesa desgoste o "patrão"!

Neste caso, o "patrão" era Gonzaga que, se lhe tivessem perguntado qual o seu parecer quanto ao comparecimento da mulher, talvez não soubesse exprimi-lo.

Havia uma cadeira preparada para a princesa, à extrema direita do estrado, perto do sítio onde se encontrava o cardeal. À direita, ficava a porta particular — porta que se encontrava fechada — com o reposteiro corrido.

A agitação produzida pela chegada da Princesa acalmou-se. Gonzaga que, sem dúvida, era forçado a modificar um pouco o seu plano, ficou pensativo.

O presidente ordenou que se lesse de novo a ata convocatória da assembléia. Quando terminou a sua leitura, pela segunda vez, o presidente disse:

— Tem a palavra o senhor Príncipe de Gonzaga, para nos dar a conhecer o que deseja!

Gonzaga ergueu-se. Saudou profundamente a espôsa, depois os representantes do Rei e por último a restante assistência. Entretanto, a Princesa, depois de olhar atentamente todos os presentes, baixou o olhar, recuperando a sua imobilidade de estátua.

O príncipe, que era um orador brilhante, principiou a falar em voz baixa e comovida:

— Ninguém poderá supor, com certeza, dentre os que aqui se encontram reunidos, que convoquei tão respeitável assembléia para fazer uma vulgar comunicação... No entanto, antes de abordar êsse assunto tão grave, sinto a necessidade de exprimir um receio... receio quase pueril: ao pensar que vou falar diante de tão grandes talentos e de pessoas tão ilustres, a minha fraqueza vê obstáculos não só na forma de expressão, como também na própria pronúncia, onde sempre transparece a minha origem italiana.

"Recuaria, pois, nesta tarefa, se não refletisse pensando que a fôrça é indulgente e a vossa própria superioridade é a minha salvaguarda!

Ao ouvir êste preâmbulo hiper-acadêmico, alguns velhacos da elite sorriram. Mas Gonzaga não deixava nada ao acaso e prosseguiu:

— Antes de mais nada, cumpre-me também agradecer a todos os que, neste momento, deram nova prova de consideração e afeto pela minha família. Primeiro, a monsenhor, o Regente, êsse

nobre e digno príncipe, sempre disposto a coadjuvar as emprêsas honradas e boas . . .

Expressivas demonstrações de apreço coroaram estas palavras.

— Que esplêndido advogado dava o nosso querido primo! — disse Chaverny a Choisy, que se encontrava perto dêle.

— Em seguida — prosseguiu Gonzaga — à senhora Princesa que, apesar da sua delicada saúde, não vacilou em abandonar o seu retiro, para descer até ao nível dos nossos pobres interêsses humanos e, por último, aos altos dignitários, brilhante representação da maior Coroa do Mundo. A todos, enfim, seja qual fôr a sua posição social, peço aceitem o meu reconhecimento e os meus agradecimentos que, embora talvez mal expressos em palavras, partem, no entanto, do fundo do meu coração! . . .

Tudo isto fôra pronunciado naquela voz forte e sonora, privilégio dos italianos do norte. Era o exórdio. Gonzaga pareceu recolher-se. Em seguida, inclinou a fronte, baixou os olhos . . . Depois, em voz mais surda, continuou:

— Felipe de Lorena, duque de Nevers, era meu primo pelo sangue, meu irmão pela amizade. Passamos juntos os dias da juventude e posso dizer que as nossas almas formavam apenas uma, de tal forma as nossas dores, os nossos interêsses e as nossas alegrias eram comuns. Foi um grande príncipe e só Deus sabe quanta glória o aguardava nos dias do seu futuro! Aquêle que tem na sua mão onipotente o destino dos grandes da Terra quis deter a jovem águia em meio do seu vôo . . . Nevers morreu antes de completar os vinte e cinco anos!

"Durante tôda a minha vida tenho sentido várias vêzes a garra do infortúnio e da dor, mas nunca recebi golpe mais cruel do que o da sua morte!

Dezoito anos decorreram já sôbre essa fatalidade e nem mesmo o tempo — que tudo apaga — conseguiu mitigar a angústia do meu coração. A sua memória está aqui . . . — e interrompeu-se, pondo a mão sôbre o peito — a sua memória será eterna entre nós, tal como o luto da nobre mulher, que não desdenhou usar o meu nome depois de ter usado o dêle!

Todos olharam para a Princesa, cuja fronte se enrubesceu, enquanto uma profunda emoção lhe alterou as feições.

— E' melhor não falar nisso! — disse com os dentes cerrados — Há dezoito anos que vivo isolada, chorando-o!

À parte independente dos indivíduos que compunham a assembléia, ao ouvir estas palavras, redobrou de atenção. Quanto aos amigos de Gonzaga, prorromperam num prolongado murmúrio. E' que isso a que, em linguagem corrente, se chama claque, não foi inventado pelos teatros. Nocé, Gironne, Montaubert, Taranne, etc., desempenhavam o seu papel conscientemente.

O cardeal de Bissy ergueu-se.

— Senhor presidente — disse êle — peço silêncio! As palavras da senhora Princesa devem ser escutadas aqui ao mesmo título que as do senhor Príncipe de Gonzaga.

E, tornando a sentar-se, disse ao ouvido do seu vizinho Mortemart, com a satisfação de uma senhora comadre que pressente um escândalo formidável:

— Senhor duque, tenho a impressão de que vamos saber aqui muita coisa! . . .

—Silêncio! — ordenou o senhor de Lamoignon, cujo olhar severo fêz baixar os olhos a todos os imprudentes amigos de Gonzaga.

Êste prosseguiu então, respondendo à observação do cardeal:

— Ao mesmo título, não! Se Vossa Eminência me permite contradizê-lo, direi que é um título superior, visto a senhora Princesa ser mulher e viúva do duque. Surpreende-me ter havido alguém, de entre nós, que esquecesse, por um instante que fôsse, o profundo respeito que é devido à senhora Princesa de Gonzaga!

Chaverny sorriu.

Reinou de novo o silêncio. Gonzaga aproveitara aquela oportunidade, pois não só sua mulher o não acusara duma maneira precisa, como também êle conseguira revestir-se duma generosidade cavalheiresca. Marcara um ponto!

Ergueu a cabeça com altivez e continuou:

— Felipe de Nevers morreu, vítima de uma vingança ou de uma traição. Passarei muito levemente sôbre os mistérios daquela noite trágica. O senhor de Caylus, pai da princesa, há muitos anos que faleceu e o respeito faz-me emudecer.

Mas como notasse que a espôsa se agitava na cadeira, compreendendo que um novo murmúrio acolheria as suas palavras, interrompeu-se para dizer com a entonação da mais perfeita galanteria:

— Se a senhora Princesa tem alguma coisa a dizer-nos, cedo-lhe a palavra!

Aurora de Caylus fêz esforços para falar, mas nenhum som lhe saíu da garganta.

Gonzaga esperou alguns segundos e, como a Princesa nada dissesse, prosseguiu:

— A morte do senhor Marquês de Caylus, que,



— Desejo falar com o gerente. E' para uma reclamação.

sem dúvida alguma, podia oferecer um testemunho precioso; a situação afastada do local onde o crime foi cometido; a fuga dos assassinos e outras razões que a maioria dos presentes conhece, não permitiram a instrução do processo. Houve dúvidas, suposições, mas não se pôde fazer justiça. No entanto, meus senhores, Felipe de Nevers tinha... como todos sabem... um poderoso amigo... Necessito nomeá-lo?... Todos o conhecem: é Felipe de Orléans, Regente de França. Quem se atrevia, pois, a dizer que Nevers, assassinado, não tinha vingadores?

Houve um curto silêncio. Depois, de entre os amigos de Gonzaga, ouviram-se estas palavras:

— Isso é evidente!

Aurora de Caylus mordeu os lábios até fazer sangue. A indignação sufocava-a.

— Senhores — continuou o príncipe — chego por fim aos fatos que motivaram a reunião dêste conselho: a senhora Princesa, ao aceitar o meu nome, declarou a existência de um matrimônio secreto, mas legítimo, que a unia ao defunto duque de Nevers. De igual modo, fêz constar a existência de uma menina nascida daquele matrimônio. Faltavam as provas escritas: o registro paroquial de Caylus, mutilado em dois pontos, não permitia comprovação e vejo-me forçado a dizer, mais uma vez, que só o senhor marquês de Caylus teria podido esclarecer êste caso. O senhor de Caylus, porém, enquanto vivo, permaneceu mudo. Agora, ninguém o pode interrogar no seu túmulo. A comprovação fêz-se com o único testemunho de D. Bernardo, capelão de Caylus, que, à margem da ata que dava um novo nome à viúva de Nevers, deu fé, com a sua assinatura, do primeiro matrimônio e do nascimento da filha do duque... Gostava que a senhora Princesa comprovasse a absoluta verdade de tudo quanto tive a honra de lhes comunicar...

O que Gonzaga acabava de contar era rigorosamente exato. A Princesa nada disse. O cardeal inclinou-se para ela e depois, levantando-se, disse, em voz alta:

— A senhora Princesa nada tem a objetar.

Gonzaga, inclinando-se, prosseguiu:

— A criança desapareceu na própria noite do assassinato. Bem sabem, meus senhores, que tesouros de constância e de ternura encerra um coração de mãe!... Desde há dezoito anos, o único cuidado da senhora Princesa, o trabalho exclusivo de todos os seus dias e de tôdas as horas, é procurar a filha!

"Devo, porém, esclarecer: tôdas as diligências da senhora Princesa têm sido completamente infrutíferas até êste momento... nem o mais leve indício... A herdeira de Nevers não deixou o mais leve traço! Nada! A senhora Princesa está hoje tão adiantada como no primeiro dia...

Ao chegar a êste ponto, Gonzaga desviou a vista para a espôsa.

Aurora de Caylus olhava para o céu. Nas suas pupilas úmidas, em vão, o príncipe procurou a desolada expressão que esperava produzir com as suas últimas palavras. O golpe não produziu efeito.

Por quê?...

Pela primeira vez na vida, Gonzaga teve mêdo.

Mas, apelando para todo o seu sangue-frio, e para a sua enérgica vontade, prosseguiu:

— Agora é necessário, senhores, que, apesar de tôda a minha repugnância, lhes fale de mim.

"Depois do meu matrimônio, no tempo do defunto rei Luís XIV, o Parlamento de Paris, a instâncias do também já falecido duque d'Elboeuf, tio paterno do nosso desgraçado parente e amigo, publicou um decreto pelo qual se suspendiam indefinidamente, salvo nos limites marcados por lei, os meus direitos à herança de Nevers. Dessa maneira salvaguardavam-se os interêsses da jovem Aurora de Nevers, se por acaso ainda vivesse. Não me queixo... porém, êste decreto, senhores, foi a causa da minha profunda e incurável desventura.

Todos redobraram de atenção.

— Ouçam!... Ouçam!... — disseram os amigos do príncipe.

Com um olhar, Gonzaga acabava de os advertir de que se aproximava o momento crítico.

— Ainda era muito novo, mas estava bem relacionado na Côrte e bastante rico. A minha nobreza não tinha contestação. Era minha espôsa uma mulher, tesouro de beleza e virtude... O decreto do Parlamento criava-me uma situação falsa. Algumas almas ruins, corações miseráveis, a quem apenas o interêsse guiava, chegaram a pensar que eu desejava a morte da filha do meu amigo, para ser o seu herdeiro!...

Murmúrios de simpatia acolheram estas palavras do príncipe.

— Senhores! — prosseguiu Gonzaga, antes de o presidente ter podido impor silêncio — O mundo é assim! Não podemos reformá-lo!... A calúnia fêz-me sua vítima! Um só obstáculo me separava de uma fortuna imensa... êsse obstáculo que desaparecesse! Que importa o testemunho de tôda a minha vida impecável?! Julgaram-me capaz das mais perversas e mais infames intenções! Conseguiram — é necessário que o conselho fique sabendo tôda a verdade! — entrepor a frieza, a desconfiança, até quase o ódio, entre mim e a senhora Princesa! Tomaram como testemunha a imagem enlutada que constitui todo o ornamento do retiro de uma santa mulher; contra o marido vivo, invocou-se a imagem do marido morto; e, finalmente, empregando uma palavra banal, uma pobre palavra que é a expressão da felicidade dos humildes e que, infelizmente, não parece ser feita para nós, para aquêles a quem chamam grandes: perturbaram a tranqüilidade do meu **lar**!

Gonzaga sublinhou fortemente a última palavra.

— Do meu lar, sim... o interior sagrado da minha casa, a minha tranqüilidade, a minha família, o meu coração!... Oh! Se soubessem quanta tortura os maus pudem infligir aos bons! Se soubessem as lágrimas de sangue que se choram ao invocar a Providência surda! Afianço pela minha felicidade e salvação, juro que daria o meu nome e a minha fortuna, para ser feliz à maneira dos humildes que têm um lar — quer dizer, uma mulher dedicada, um coração amigo, filhos que os amam e a quem adoram — para possuir, enfim, uma família, aquela pequena parcela de ventura celestial que Deus, bondosamente, deixa cair sôbre os mortais!

Dir-se-ia que o príncipe pusera tôda a sua alma nestas palavras, pronunciadas com tal convicção que comoveu tôda a assembléia intensamente.

No entanto, duas pessoas tinham permanecido serenas no meio do enternecimento geral: a Princesa e Chaverny.

Aurora de Caylus tinha os olhos baixos... parecia sonhar. O marquês remexeu-se na cadeira e murmurou, entre dentes:

— O meu ilustre primo é um grande comediante! ...

Quanto aos restantes, Gironne limpava os olhos... enxutos; Oriol, mais sensível ou mais hábil, chorava, deixando correr as lágrimas; o barão soluçava...

— Que alma! — disse Taranne.

— Ah! — exclamou Oriol, com sentimento — Ninguém soube compreender aquêle coração!

Entretanto, Gonzaga, pálido de emoção, prosseguia:

— Não tenho rancor a ninguém! Deus me livre de exprobar essa pobre mãe angustiada! Dizem-lhe: êsse homem envia emissários a todos os lados, procurando a vossa filha. E' portanto, evidente, que a odeia! ... Êsse homem preocupa-se mais com ela do que convosco! ...

E voltando-se para a princesa, perguntou:

— Não é isto, senhora, o que lhe dizem? ...

Aurora de Caylus, sem se mover, respondeu:

— E' o que me dizem...

— Vêem? ... — continuou o príncipe, dirigindo-se à assembléia.

E logo a seguir, voltando-se novamente para a espôsa:

— Também vos disseram: pobre mãe, é inútil procurar sua filha! Todos os esforços resultariam estéreis, porque a mão de certo homem, operando na sombra, afasta-a de vós. Não é verdade, senhora?

— É — retorquiu a princesa.

— Senhores juízes: estão ouvindo? ... E não disseram mais nada? ... Não disseram também que essa mão misteriosa era a de seu marido e que talvez já tivesse eliminado do mundo vossa filha?!

Aurora de Caylus, pálida como uma morta, respondeu pela terceira vez:

— Também me disseram...

— E acreditou em tudo quanto lhe contaram, senhora? — perguntou o príncipe, com a maior indignação.

— Acreditei — replicou a princesa, sem se alterar.

Estas palavras levantaram surdos protestos na assembléia.

— Cuidado, princesa — disse-lhe o cardeal em voz baixa — Seja qual. fôr a dedução a que chegue seu marido, condenam-na!

Entretanto, a princesa retomou a sua silenciosa imobilidade. O presidente Lamoignon abriu a bôca com o propósito de a admoestar, mas o Príncipe conteve-o com um gesto respeitoso, acrescentando:

— Peço-lhe, senhor presidente! Perdoem meus senhores! ... Na Terra, impus a mim próprio êste doloroso dever, cumpro-o de boa vontade e Deus recompensará todos os meus esforços! ...

"E agora vou dizer a verdade, a verdade absoluta: esta solene convocação tinha por finalidade principal forçar a senhora princesa a escutar-me, ao menos uma vez na vida! ... Há dezoito anos que somos casados e nunca pude obter êsse favor. Queria chegar até ela, eu, o exilado do primeiro dia de núpcias; queria mostrar-me tal como sou, a ela, que não me conhecia! Consegui-o! ... Graças vos sejam dadas e nada se interporá entre nós, porque possuo o talismã que lhe vai, enfim, abrir os olhos!

Depois, falando apenas para a princesa, no meio do profundo silêncio de tôda a sala:

— Disseram a verdade, minha senhora; tenho mais agentes do que vós, em França, Espanha e Itália, porque, enquanto a senhora princesa ouvia as acusações infames que faziam contra mim, eu trabalhava para a vossa tranqüilidade. Respondia a tôdas as calúnias com uma busca mais ardente, mais obstinada do que a vossa. Eu também procurava sem descansar, não poupando dinheiro, usando de todo o meu poder! E hoje... agora já se digna escutar-me! ... hoje, recompensado de tantos anos de penas e de sofrimento, venho dizer a quem me despreza e odeia... enquanto eu só sinto respeito e amor... abra os braços, mãe feliz, porque nêles vou colocar vossa filha!

E ao mesmo tempo voltou-se para Peyrolles, que esperava ordens:

— Mande entrar **mademoiselle** Aurora de Nevers!



— Eu bem lhe avisei, quando partimos, que não molhasse tanto aquela plantinha!

XVIII

"AQUI ESTOU!"

Conseguimos dar cópia exata das palavras de Gonzaga, mas é impossível descrever o ardor com que as pronunciava, e o brilho que lhe iluminava o olhar. O príncipe era comediante consumado. De tal forma se compenetrara do seu papel que a emoção passara o dominá-lo, acabando por serem verdadeiros os ímpetos da alma. Era o cúmulo da arte!

Dentre os que o ouviam, havia gente sem coração, habituada aos rasgos de eloqüência; magistrados já fartos dos efeitos da palavra; financistas difíceis de enganar, porque antecipadamente eram conhecedores e cúmplices da mentira... Gonzaga, porém, brincando com o impossível, operara um verdadeiro milagre: todos o acreditaram; todos jurariam que falava verdade!

Oriol, Gironne, Albret, Taranne e outros, diziam:

— Mais tarde, sim... mentirá! Agora, porém, fala verdade!

E acrescentavam:

— E' lá possível haver no mesmo homem tanta grandeza e tanta perversidade?!...

Todos, sem exceção, até os que estavam prevenidos contra êle, sentiram profundos remorsos de ter duvidado da sua fidalguia.

O êxito do príncipe foi completo: até o cético Chaverny se comoveu e a princesa experimentou uma comoção vivíssima. Fixou os olhos na porta por onde Peyrolles desaparecera e esperou com natural angústia o que ia seguir-se.

O cardeal de Bissy foi obrigado a ampará-la.

O receio e a esperança revelaram-se nas suas feições. Iria ver a filha? O aviso do livro de orações anunciaria aquêle milagre?... Tinham-lhe dito para comparecer; assim fizera. Iria defender a filha?... A princesa esperava e os restantes esperavam também...

Peyrolles entrou dali a momentos, levando dona Cruz pela mão. Gonzaga avançou ao seu encontro.

Ouviu-se uma exclamação unânime:

— Como é linda!...

Depois, os amigos do príncipe, desempenhando o seu papel, acrescentaram:

— Tem o mesmo ar da família!

E os que estavam de boa-fé, olhando por sua vez para a princesa e depois para dona Cruz, declararam espontâneamente:

— E' parecida com a mãe!

Entre os que tinham a missão de julgar, já estava convencionado que a princesa era mãe de dona Cruz. No entanto, Aurora de Caylus, mudando mais uma vez de expressão, retomara o seu ar perturbado e ansioso. Olhava para a jovem, e uma espécie de temor desenhou-se-lhe no rosto.

Não!... Não era assim que sonhara a filha! A filha não podia ser mais bonita, no entanto, devia ser diferente... E aquela súbita frieza que sentia no coração, no momento em que êle a devia impelir para a filha que julgara perdida, que significava?! Não era então uma boa mãe?...

Àquele receio juntou-se outro: qual seria o passado da encantadora rapariga, cujos olhos cintilavam ousadamente, cujo corpo elegante tinha tão estranhas ondulações, cuja personalidade,(enfim, possuía aquela marca graciosa, demasiado graciosa, mas que a austera educação de família não concedia, em geral, aos herdeiros de duques?

Chaverny, já completamente refeito da sua emoção, e lastimando ter acreditado em Gonzaga, exprimiu o pensamento da princesa de outra forma e muito melhor do que ela o faria:

— E' adorável! — disse para Choisy, ao reconhecer dona Cruz.

— Decididamente, estás apaixonado? — perguntou o outro.

— Estava — respondeu o marquês. — Mas o nome de Nevers não lhe fica bem... esmaga-a...

"Os lindos capacetes dos couraceiros ficariam mal a um garôto de Paris, malicioso, e muito desenvolto nos seus movimentos. Há disfarces impossíveis!...

Gonzaga não vira isto, mas Chaverny notava-o. Por quê?!

Chaverny era francês e Gonzaga italiano.

Dentre os habitantes do nosso globo, o francês é o que está mais perto da mulher, quanto a delicadeza e a observação. Além disso, Gonzaga tinha perto de cinqüenta anos e Chaverny era novo. Mais ainda: a argúcia do príncipe provinha da diplomacia e não do espírito. Para notar êstes pormenores, era necessário possuir uma sensibilidade muito apurada como a de Aurora de Caylus, mulher e mãe, ou então ser um pouco míope e olhar de perto, como o marquês.

Entretanto, dona Cruz, corada, de olhos baixos, sorriso nos lábios, encontrava-se junto ao estrado. Só Chaverny e a princesa adivinhavam o esfôrço que ela fazia para se conservar assim, de pálpebras descidas... Tinha tão grande desejo de ver!...

— **Mademoiselle** de Nevers — disse-lhe Gonzaga — vá beijar sua mãe!

Dona Cruz fêz um movimento de sincera alegria; o seu entusiasmo não era fingido.

Gonzaga mostrou-se extremamente hábil: não quisera uma comediante para desempenhar o papel. Dona Cruz estava de boa-fé. O seu olhar acariciador voltou-se imediatamente para aquela que supunha ser sua mãe. Deu um passo e os braços abriram-se logo... porém, os braços descaíram e as pálpebras baixaram-se. Um gesto frio da princesa obrigou-a a ficar imóvel.

Desconfianças, filhas do isolamento e da meditação, obrigaram Aurora de Caylus a pensar:

"Que fizeram da filha de Nevers?

Depois, em voz alta, acrescentou:

— Deus bem sabe que possuo um verdadeiro coração de mãe, mas se minha filha voltasse para mim com uma só mancha que fôsse, se tivesse esquecido, por um momento, o que deve à nobreza da sua raça, cobriria o meu rosto e diria: o nome de Nevers morreu totalmente para mim!

— E eu apostava em como ela esqueceu tudo isso durante muitos momentos!... — pensou para consigo Chaverny.

Naquele instante, o marquês era a única pessoa dessa opinião. A severidade da princesa pareceu a tôda a gente, intempestiva e pouco natural.

(Continua no próximo número)



BRÄNDEL (Fritz)

(Nascido em Leipzig, em 1869, onde passou a maior parte de sua vida)

OUTONO DOURADO

(No Parque de Weimar)

O parque do Castelo de Weimar é local histórico, visitado por todos os que a Weimar são atraídos pela gloriosa recordação da poesia alemã. Na casa em que residiu Schiller e — mais ainda — na que serviu de moradia a Goethe, a alma se enternece e fica em reverência, diant e de tudo o que pertenceu a êsses dois grandes que, sòzinhos, tornaram famosa a modesta cidade. Passeando no parque do Castelo, ninguém pode deixar de parar, subjugado ante a beleza. Essa incomparável criação do duque Carlos Augusto e de Goethe, nada perdeu de sua imortal beleza e, mesmo as árvores, em seu redor, renovando-se e envelhecendo, conservaram tôda a estonteante solenidade do lugar.

O autor da presente paisagem outonal, Fritz Brändel, nasceu em Leipzig, em 1869. Recebeu na mesma cidade, numa litografia, a primeira educação artística, ingressando depois na Academia de Leipzig. De 1891 a 1897 estêve em Weimar, como discípulo do paisagista Teodoro Hagen. Passou ainda um ano em Mônaco e, em 1889 fixou residência em sua pátria. E' um dos mestres da paisagem poética, e dedicado à natureza da Alemanha setentrional.

— Julio Vogel — Leipzig

O DR. GUILHOTIN E SUA TERRÍVEL INVENÇÃO

Por A. A. BRANDT



O Dr. Guilhotin, um dos maiores humanitários do mundo, pode ser também considerado um dos mais maléficos da história, por sua invenção.

UM dos homens que podem ser considerados **muito malignos**, em tôda a história, é o Dr. Josef Ignace Guillotin — médico francês, que inventou a máquina de decapitar, que leva o seu nome. Apesar de ser homem gentil e afável, o **Dr. Guilhotin** foi odiado desde que lançou sua invenção, pois, o temor de ser guilhotinado tem sido muito maior, em qualquer época, por parte dos criminosos, que o de ser enforcado, fuzilado ou torrado na cadeira elétrica. Psicològicamente, qualquer pessoa é dominada por um sentimento de terror, só ao pensar em ter a cabeça decepada; já o mesmo não ocorre, em relação às demais penas capitais acima citadas. A maior ironia, em tôda a estranha história do Dr. Guilhotin, é que êle inventou a sua odiada máquina, com motivos humanitários. Sua idéia era tornar as execuções mais rápidas e com menor dose de sofrimento para os condenados à morte. Não resta dúvida de que, quanto a isto, foi êle bem sucedido em seu propósito, conforme atestam os fatos e, também, as opiniões de muitas autoridades médicas — a decapitação, por uma lâmina pesada e afiada, resulta em morte instantânea; e a guilhotina, baseada nesse princípio, apresenta ainda maior velocidade e eficiência que o machado impulsionado pelo braço forte de um carrasco. Logo, temos que reconhecer: — a guilhotina é o processo mais rápido na execução de uma pessoa condenada à morte.

Durante o período de terror, que campeou com a Revolução Francesa, quando milhares de "criminosos" políticos foram executados na guilhotina — inclusive o Rei Luís XVI e sua bela espôsa austríaca, Maria Antonieta — a nova máquina de execuções, em certa ocasião, estabeleceu um recorde de eficiência e rapidez, arrancando a cabeça de vinte e um nobres franceses em trinta e quatro minutos! Nenhum outro simples instrumento de execução, acomodando uma pessoa de cada vez, é tão rápido, hoje ainda. Entretanto, segundo conjecturam alguns historiadores, se não fôsse pela existência da guilhotina, menos vítimas teriam sido executadas, durante a Revolução Francesa. Tem-se, mesmo, a impressão de que a guilhotina, com a certeza de infalibilidade que apresentava, causou verdadeira histeria entre os franceses, e muitas pessoas consideravam como diversão aquêles tristes e sangrentos espetáculos. Portanto, a despeito de seus propósitos humanitários, o Dr. Guilhotin foi odiado por todo o resto de sua vida e, talvez, muitos ainda o odeiem, em virtude da utilização que os revolucionários fizeram de sua terrível invenção. Tanto é assim, que seu nome chegou até nós, em conexão com a odiosa máquina de decapitar. Comentando êsse assunto, o grande escritor francês Vitor Hugo observou: — "Há homens desafortunados. Colombo não pôde dar o seu nome à terra que descobriu, e Guilhotin não pôde evitar que o seu ficasse eternamente ligado àquele instrumento de execução!" E a maior das ironias, segundo atestam alguns biógrafos, foi que o Dr. Guilhotin perdeu a própria cabeça na máquina que inventou! **Josef Ignace Guillotin** nasceu em maio de 1738, próximo a Bordeaux, na França. Provinha de boa família; seu pai era advogado de boa fama. Após concluir o curso de medicina, em Paris, tornou-se ràpidamente um dos maiores médicos da capital francesa.

Enquanto Guilhotin assim progredia em sua carreira, a França se encaminhava, a olhos vistos, para o colapso, culminando com a Revolução e a queda do govêrno monarquista. O luxo, na Côrte de França, alcançou um grau jamais ultrapassado em qualquer época da história, embora a

COMO MÉDICO, ESTAVA CONVENCIDO DE QUE, COM A SUA ENGENHOSA INVENÇÃO, MINORARIA OS SOFRIMENTOS DOS CONDENADOS À MORTE!



A guilhotina estêve em exposição, sendo posteriormente vendida, em 1910, em Paris, atraindo a atenção e a fortuna de colecionadores de relíquias sangrentas.

maior parte da população, literalmente, morresse de fome. As execuções políticas eram freqüentes, e o Dr. Gilhotin não escondia a sua revolta contra os métodos bárbaros que imperavam.

A tal ponto chegou a piedade que sentia pelos que eram executados tão rudimentarmente, que ficou obcecado pela idéia de introduzir uma forma mais humana de punição capital para todo o território da França. Deveria ser um processo de decapitação, porém de modo diferente de qualquer outro tipo conhecido.

Naturalmente, o processo do machado era já então muito antiquado, e remontava à Idade Média. Tanto é assim que, recentemente, foi achado no Sul da França, por um grupo de arqueólogos, um enorme machado enferrujado, que deve ter sido utilizado nas antiquadas execuções daquela época pois, em virtude de suas dimensões, não parece apresentar qualquer uso prático, senão o de decapitação.

O Dr. Guilhotin achava antiquados — e cruéis — todos os métodos que até então eram utilizados. Queria construir um instrumento que não apresentasse possibilidade de falhar durante alguma execução, e desejava que o govêrno declarasse fora da lei tôdas as demais formas cruéis de punição capital, que eram ainda empregadas na execução de certos criminosos, como a tortura antes da execução, o esquartejamento, e outros processos sanguinolentos e bárbaros.

"— Se houver pena de morte, que seja ela executada da mesma forma para todos os condenados."

Era essa uma de suas idéias humanitárias!

No dia 10 de outubro de 1789, o Dr. Guilhotin, falando perante a Assembléia Nacional, apresentou o projeto da máquina de sua invenção, destinada a decapitar os condenados à morte, expondo ainda um programa de dez pontos, sugerindo a modificação da legislação que tratava da aplicação da pena capital.

"— A pena capital deve ser tão curta, certa e destituída de sofrimento, quanto possível! — insistiu êle — Com a máquina que inventei, posso decapitar qualquer pessoa num abrir e fechar de olhos, sem que a mesma sofra durante a execução."

A ênfase com que o inventor pronunciou esta observação foi recebida com risos, e o Dr. Guilhotin foi designado para estudar o assunto com maiores detalhes.

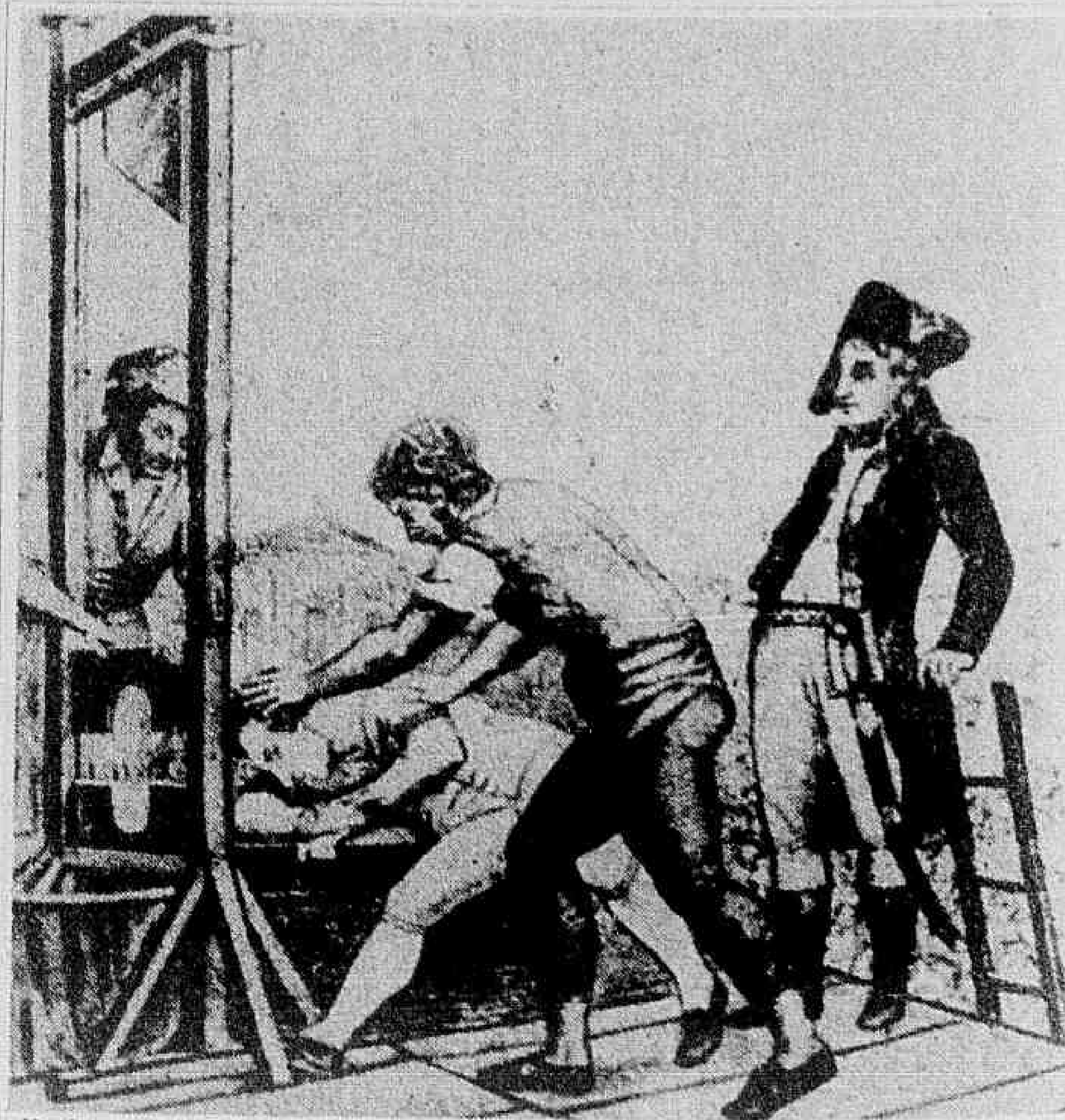
Com êsse propósito, consultou a maior autoridade da França — o carrasco oficial, Henri Samson. As execuções capitais constituíam a ocupação da família Sanson, durante várias gerações, e Henri Sanson — um homem bem educado — sabia tudo a respeito dos processos de execuções. Também êle ficou fascinado pela idéia de um tipo de máquina de decapitar. Afirmou peremptòriamente, ao Dr. Guilhotin, que, com o processo de execução a machado, utilizado naquela época, no país, os acidentes que comumente ocorriam transformavam a execução num verdadeiro esquartejamento.

"— E' necessário — escreveu por sua vez — mesmo sem qualquer oposição por parte do condenado, que o carrasco seja muito seguro, e o prisioneiro muito firme e corajoso..."

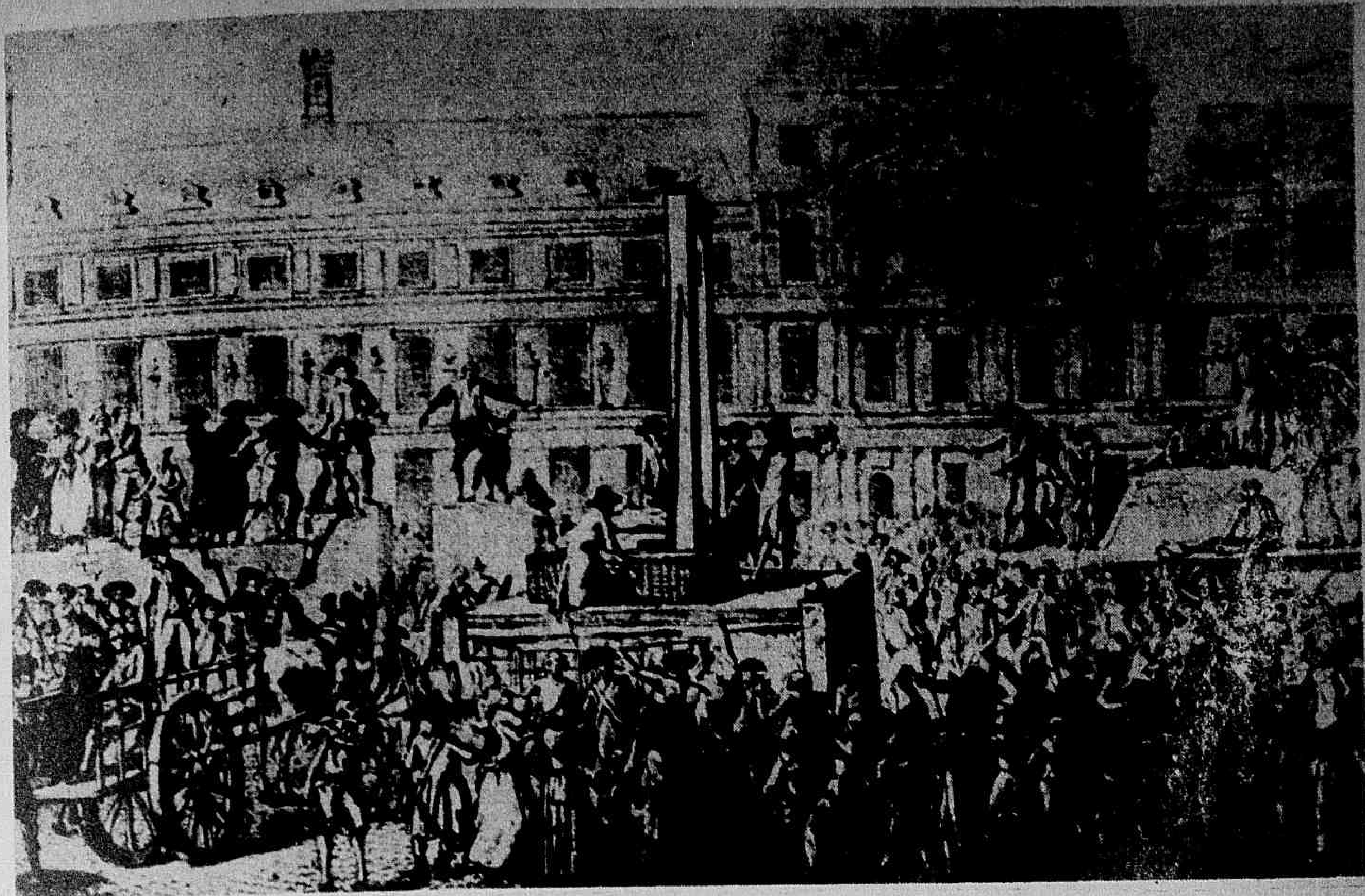
Acrescentou ainda outras objeções que fazia à sua profissão e, entre elas, as que abaixo transcrevemos.

"Após cada execução, o machado não está mais em condições de efetuar nova decapitação, podendo partir-se em dois; é absolutamente necessário que seja fincado na acha e, em seguida, afiado, se houver vários prisioneiros a serem executados. Isto é difícil de fazer, e, geralmente, ocorre algum acidente nessas execuções em série."

"E' necessário, ainda, levar em consideração que, quando são várias as pessoas a executar na mesma hora, o terror provocado por êsse mé-



Robespierre, que condenou milhares de franceses à morte, pela guilhotina, teve também a cabeça decepada pelo terrível engenho.



O maior evento social da Revolução Francesa foi a decapitação, em massa, dos condenados à morte. Os espectadores deliravam a cada nova execução e, em seu histerismo, pediam mais derramamento de sangue.

todo de execução, devido à imensa quantidade de sangue que se espalha por todos os lados, cria o mêdo e a fraqueza naqueles que estão em vias de ser mortos, por mais intrépidos que sejam.

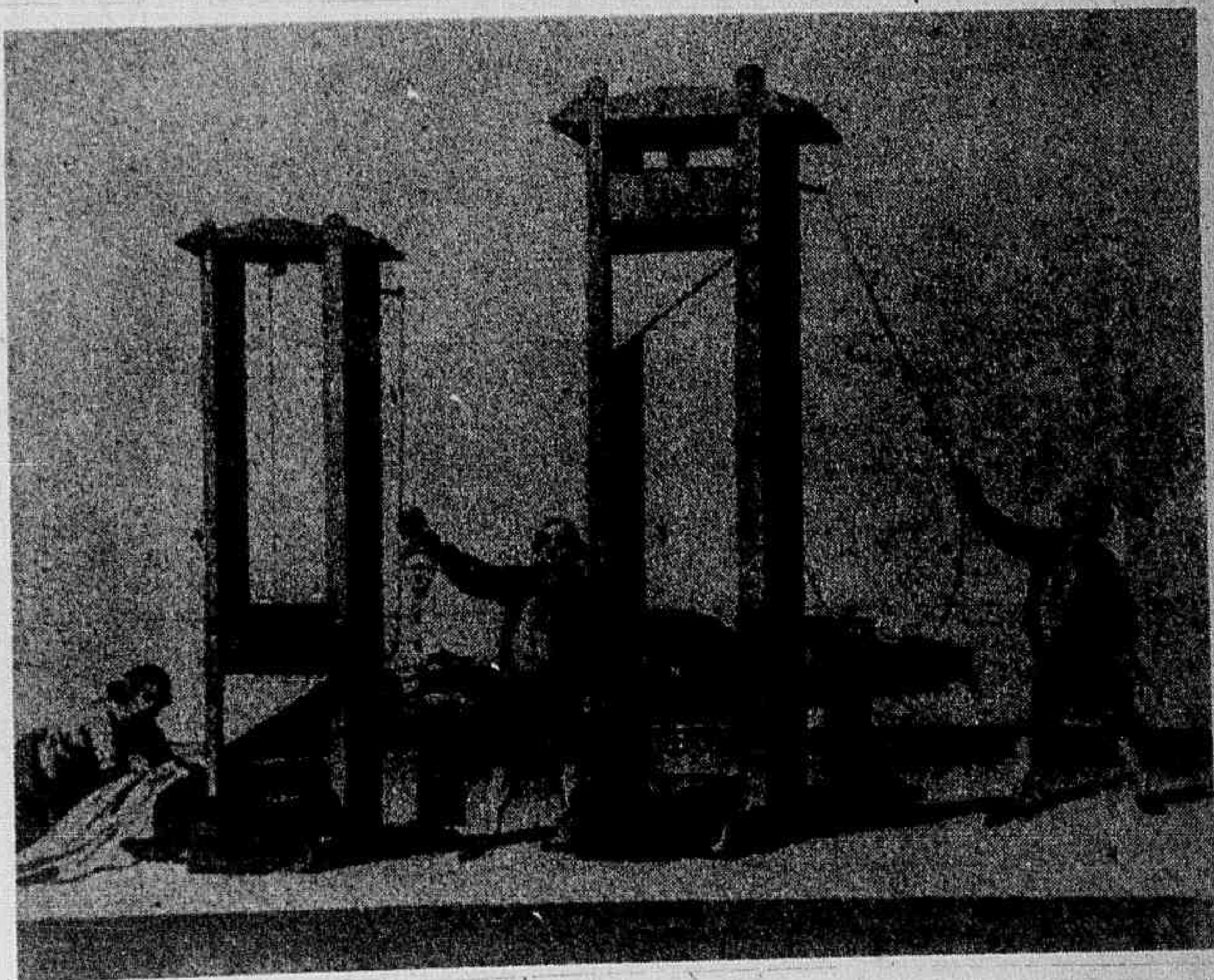
"Decorre daí, que um repentino ataque de fraqueza constitui obstáculo **invencível** para uma execução. Se os prisioneiros não podem manter-se apoiados ao cepo e, assim mesmo, o carrasco procede à execução, esta se transforma num massacre e num esquartejamento..."

A recomendação principal de Santon ao Dr. Guilhotin foi que a máquina teria que ser construída de tal forma, que "o prisioneiro ficasse colocado numa posição horizontal, de modo a não ter que suportar o pêso de todo seu corpo." Assim, a máquina de decapitar trabalharia "com maior precisão do que seria possível executar a mão do homem."

E' desnecessário dizer que tôdas essas recomendações foram levadas em conta pelo inventor da guilhotina.

O Dr. Antoine Louis, secretário da Academia de Cirurgia, sentia-se igualmente revoltado pelos métodos utilizados na execução da pena capital, muito tendo escrito a respeito, citando vários exemplos de verdadeiros massacres á que foram submetidos os infelizes condenados à morte. Entre os exemplos por êle apresentados, o que estampamos abaixo constitui a mostra típica das decapitações da época:

"— Devemos recordar os fatos observados quando **Monsieur** de Lally foi decapitado. Êle estava de joelhos e seus olhos vendados; o carrasco golpeou-o no pescoço. O golpe não foi suficiente para decepar a cabeça, de modo que o corpo do condenado, sem nada que impedisse sua queda, tombou para a frente e ali ficou



O Dr. Guilhotin acreditava que sua invenção não faria sofrer o condenado à morte. Os métodos até então empregados eram bárbaros em extremo.

estendido. Novamente o carrasco golpeou-o, sem resultado positivo e, só após o quarto golpe, a cabeça ficou separada do tronco. Êste esquartejamento foi testemunhado por mim, com horor e revolta."

Dêste modo, o Dr. Louis, juntamente com o carrasco, Sanson, concorreu para a recomendação de que a máquina de decapitar fôsse de tal modo construída, que, tanto a fôrça que movimentasse a lâmina, quanto o seu efeito, pudessem ser determinados. Assim, o pêso dessa lâmina foi idealizado no sentido de evitar a possibilidade de qualquer falha na decapitação, e a sua resistência era acentuada. A guilhotina, dêsse modo, foi concebida, baseada na lei da Física, que diz que a velocidade (no caso, **a fôrça da queda**) aumenta em proporção à altura de que cai o objeto.

Após tecer comentários em tôrno do que acabamos de expor, terminava o Dr. Louis por afirmar:

"— E' fácil construir um tipo de máquina com essas características, e seu efeito será infalível; a decapitação será questão de um segundo e poderão ser realizadas experiências com cadáveres, ou com ovelhas vivas..."

Em 3 de maio de 1791, a Assembléia promulga uma nova lei pela qual **"tôda pessoa condenada à morte será decapitada na guilhotina."** Tudo o que restava fazer, agora, era selecionar o melhor tipo de máquina.

Nesse meio tempo, o carrasco Sanson havia mostrado a um carpinteiro e mecânico alemão, de nome Schmidt, um esquema do que êle e o Dr. Guilhotin haviam planejado, e o técnico concordou em construir a primeira máquina de decapitação. Promulgou-se outra lei, em 25 de março de 1792, adotando a guilhotina.

Dado que um condenado, de nome Nicholas Pelletier, estava aguardando o dia de ser executado por um crime que, hoje, seria considerado de pequena importância, Schmidt teve que trabalhar depressa. Seu contrato com o Govêrno era o de construir um instrumento eficiente, pela quantia de 305 francos. O preço pedido pelo carpinteiro foi assim tão baixo, por haver previsto que, brevemente, seria chamado a construir guilhotinas para todos os condados da França, bem como para os territórios do além-mar.

A nova máquina foi construída, experimentada e julgada satisfatória em, exatamente, um mês. Assim, em 25 de abril de 1792, fêz a sua primeira vítima, na pessoa do criminoso Pelletier. Em virtude do enorme interêsse demonstrado pelo povo, grande número de gendarmes foram dispostos no local, formando um cordão de isolamento, a fim de proteger a guilhotina da curiosidade pública.

A elevada máquina foi erguida na "Place de Greve". Seu princípio, naturalmente, é agora bem conhecido. Dois postes de madeira, cada um com um trilho escavado, por onde correriam as margens da pesada e inclinada lâmina, a qual era mantida suspensa por um mecanismo de roldana. O prisioneiro era colocado de bruços sôbre uma plataforma, e sua cabeça era inserida entre dois arcos de madeira; com a queda da lâmina, a cabeça decepada caía no interior de uma cesta. Era, pois, quase impossível uma falha da guilhotina.

Os jornais de Paris estamparam comentários, a respeito da execução de Pelletier, merecendo destaque dois dêsses artigos, publicados na data do evento, e no dia posterior, conforme aqui transcrevemos:

(Abril, 25) — "A máquina inventada para decapitar os criminosos condenados à morte será utilizada hoje, pela primeira vez. O facínora que experimentará o efeito da mesma é Nicholas Pelletier, julgado e condenado por haver atacado, com o auxílio de um cúmplice desconhecido, um certo comerciante na Rue Bourbon, golpeando-o por diversas vêzes com um pedaço de madeira, roubando-lhe uma carteira contendo 800 libras. O tribunal sentenciou o criminoso a ser levado à Place de Greve, vestindo uma camisola vermelha e, ali, decapitado."

(Abril, 26) — "Ontem, às 15,30 horas, a máquina, construída para decapitar os criminosos condenados à morte, foi utilizada pela primeira vez. A novidade dêsse tipo de execução atraiu considerável multidão, que, impelida por um estranho sentimento de piedade, costuma presenciar êsses macabros espetáculos.

"Foi com boa razão que as autoridades deram preferência a essa máquina. Ela, de fato, não requer o auxílio humano, senão para o seu funcionamento, e permite que a Justiça seja cumprida de forma perfeita, ou seja: de modo severo, **mas não cruel."** .

Esta ausência de crueldade, de par com a eficiência que demonstrava o novo processo de execução, muito desapontou os mais sádicos parisienses, apreciadores de cenas sangrentas e do sofrimento alheio, que chegaram a fazer uma cançoneta, ridicularizando o novo sistema de decapitação.

O Dr. Guilhotin, por pouco, escapou de ter seu nome pùblicamente associado com essa invenção. Êle era quase tão famoso quanto o Dr. Louis, que havia apoiado fortemente a adoção da nova máquina e, inicialmente, o novo instrumento foi denominado **Louisette.** Mais tarde, foi chamado **Mirabelle,** derivativo de Mirabeau, popular orador revolucionário. Porém, aos poucos, à medida que se tornava conhecido o nome do inventor do instrumento, seu nome foi ligado ao aparelho e, desde então, êste é conhecido pelo nome de **Guillotine** (Guilhotina).

Quando a Revolução se tornou mais violenta e o Reinado de Terror teve início, o Dr. Guilhotin ficou horrorizado com a popularidade que envolveu o seu invento, já então conhecido apenas pelo nome do inventor. Estampas representando a guilhotina eram expostas em tôdas as vitrinas; os homens usavam miniaturas da mesma, como **chatelaines** para os relógios; modelos de guilhotinas eram utilizados como ornamentos das salas de visitas; e as criaças se divertiam com brinquedos representando o mortal instrumento.

Com as prisões entulhadas de nobres, aguar-

dando o dia da execução, o carpinteiro Schmidt viu-se a braços com o rendoso trabalho de construir novas guilhotinas, com os pedidos provenientes de tôdas as províncias do país. Schmidt tinha que trabalhar tão depressa que alguns dos seus primeiros modelos se apresentaram defeituosos, tendo como resultado que algumas execuções tiveram que ser adiadas, enquanto eram feitos reparos nas máquinas, prorrogação que concedia mais alguns dias de vida aos condenados.

Foram igualmente levantadas algumas objeções à nova máquina de execuções. No jornal **Revolution de Paris**, datado de 27 de abril de 1793, foi dito que, embora a guilhotina fôsse de caráter humanitário, "não evitava que os espectadores vissem o sangue que jorrava do tronco e da cabeça dos executados. Além disso, a lâmina ficava tinta de sangue, que pingava sôbre o patíbulo."

Foi também dito por alguns médicos que, embora não fôsse dolorosa para os condenados, a guilhotina, no momento em que secionava a medula espinal, permitia que o rosto das pessoas assim executadas exibisse contrações de dor. Alguns chegaram mesmo a afirmar que, após a decapitação, a cabeça, durante um ou dois segundos, ainda podia ver e, até mesmo, abrir os lábios, num esfôrço para falar, sem, contudo, emitir qualquer som, desde que não era produzida uma corrente de ar para tornar possível a emissão do som.

Numa experiência que resolveram fazer com um condenado, um nobre concordou em levantar a mão, se isto fôsse possível, após haver sido decapitado. No entanto, uma vez separada a cabeça do corpo, a mão do mesmo ficou inerte, caído para o lado. Em outra ocasião, o condenado se prontificou a piscar os olhos, caso isto fôsse também possível, após a execução; no entanto, êstes permaneceram desmesuradamente abertos e sem brilho.

E' agora bem conhecido que tôdas as mudanças e contrações de expressão, instantâneas, observadas numa pessoa decapitada, são puramente reflexos emocionais, resultantes de choque do sistema nervoso. Êste choque é, na verdade, tão severo, que o conhecimento é instantâneamente destruído. Antes de atingir o fundo do cesto, a cabeça já não está em condições de pensar, **se não estiver, já, completamente morta.**

O próprio Dr. Guilhotin tentou salvar as vidas de muitos prisioneiros políticos, cuja condenação advinha apenas do fato de serem nobres. Êle, destemidamente, atacou os líderes mais sanguinários, e o fêz em público, em discursos esforçados e cheios de emoção. Tanto criticou as atividades dos chefes do Reinado do Terror, especialmente Robespierre, que acabou sendo prêso.
A prisão do inventor do novo instrumento de execução foi devida a uma carta do Conde Mere, que tendo sido condenado à morte, pedia que o Dr. Guilhotin fizesse o possível para salvar a vida da sua espôsa e também à dos seus filhos. As autoridades da prisão em que o nobre se encontrava interceptaram esta missiva, levando-a a Robespierre, o qual ordenou imediatamente ao médico que revelasse o paradeiro da família do Conde Mere.

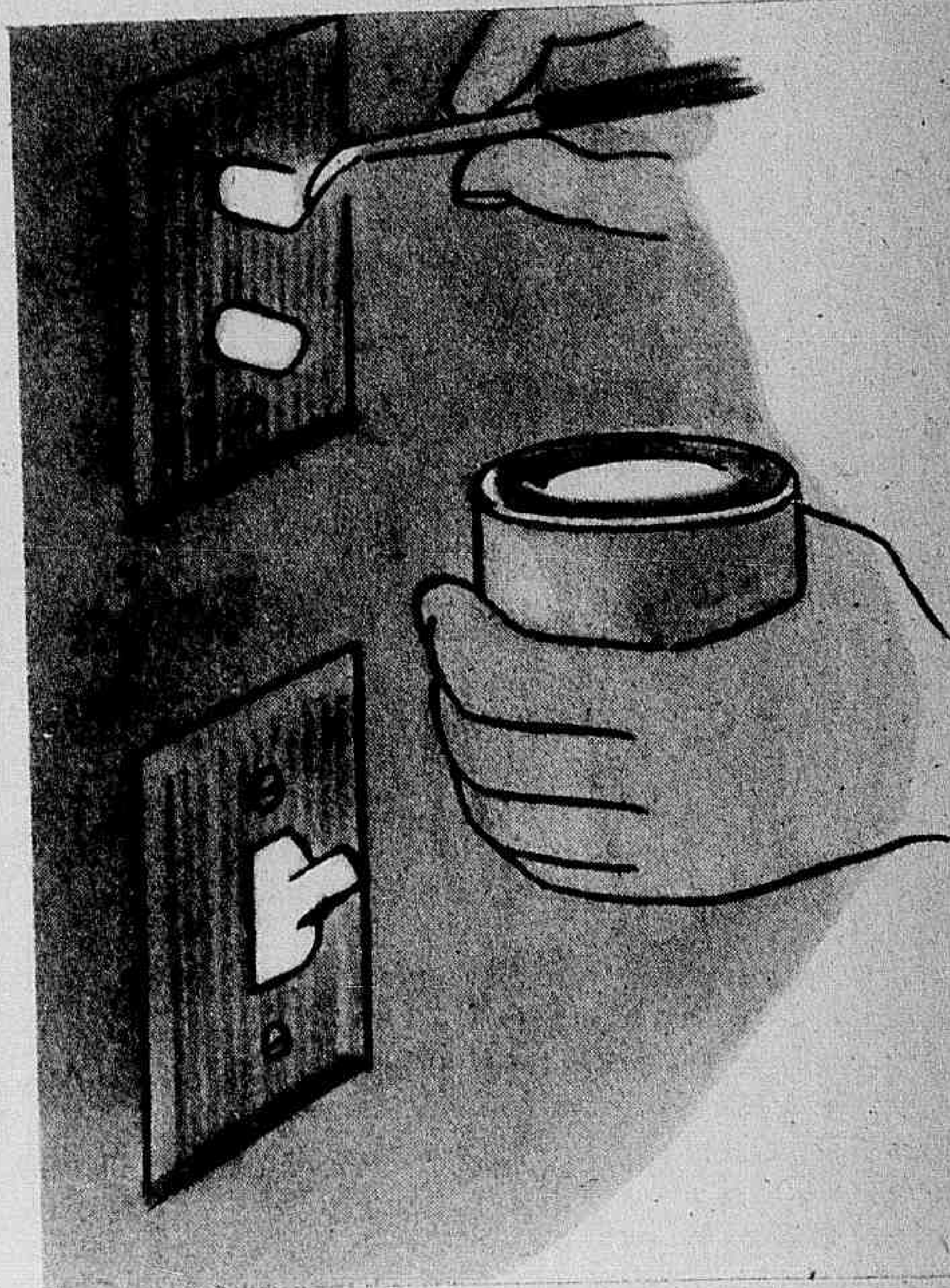
Tendo o Dr. Guilhotin se recusado a fornecer essa indicação, Robespierre, interpretando essa atitude do médico como um desafio, ordenou a sua prisão e, provàvelmente em 1794, como querem alguns historiadores, foi êle executado na própria máquina que inventara. Robespierre, em virtude de suas brutalidades excessivas, foi também guilhotinado por seus antigos camaradas, pouco depois, em abril do mesmo ano.

Devido à violência e confusão que imperavam na época, os arquivos dessa fase são um tanto obscuros. Há uma outra versão a respeito da morte do Dr. Guilhotin, afirmando-se que êle foi sôlto após a execução de Robespierre, retirando-se da vida pública, para morrer na obscuridade, sempre horrorizado com a notoriedade infamante que adveio para êle, em virtude de seu invento.

São, merecidamente, considerados infames, alguns dos nomes mais odiados de tôda a história, tais como Nero, Calígula, Quisling, Benedict Arnold, Hitler, etc. No entanto, não deixa de ser injusto que o bondoso Dr. Guilhontin tenha o nome associado ao daqueles criminosos, pois foi com propósito humanitário que idealizou o terrível aparelho de decapitar, que agora tem o seu nome.

★ ★

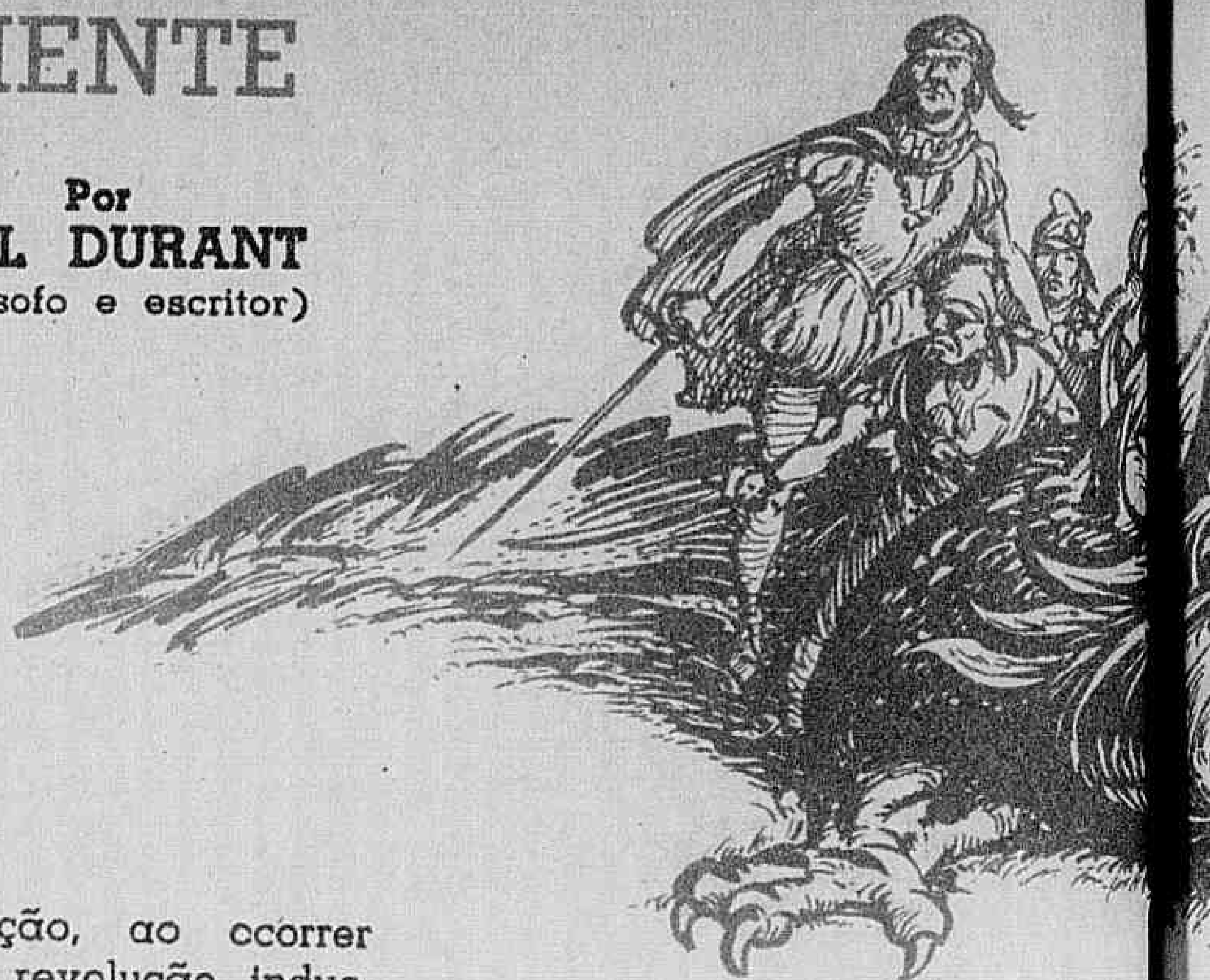
PINTURA FOSFORESCENTE

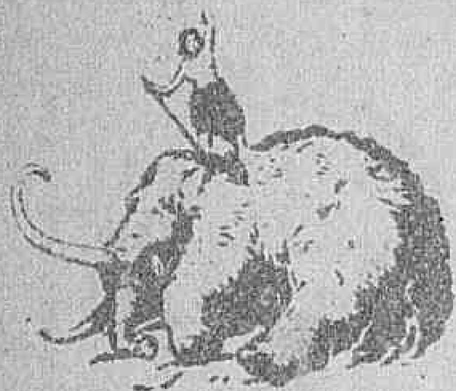


E' muito indicada para comutadores de eletricidade, chaves de armários, beirais de escadas internas, etc. Sem dúvida, êsse processo cria dentro do lar um número incalculável de pequenas vantagens e confortos com pequena despesa.

NEM TUDO ANTIGAMENTE ERA MELHOR!

Por
WILL DURANT
(Filósofo e escritor)





A HISTÓRIA PODE COMPROVAR — DIZ O AUTOR — QUE NÃO ESTAMOS TÃO MAL ASSIM, NA PARTE REFERENTE À MORAL...

ESTÃO na ordem do dia, em todo o mundo, o pessimismo e uma certa sensação de insegurança. Tem-se a impressão de que a imoralidade campeia dominadora, em tôdas as regiões da terra e até mesmo a guerra parece ter alcançado um grau maior de barbaridade do que em qualquer outra época.

No entanto, se voltarmos os olhos para o passado, revendo as diversas fases por que passou a história da civilização, não tardaremos em comprovar que não estamos tão mal assim na parte referente à moral, e que a aparentemente enfraquecida moral de nossa época não constitui um fato muito singular. Com efeito, em vários outros períodos de agitação profunda, e de alta tensão internacional, como as épocas de Péricles, Augusto ou Lorenzo de Médicis, a moral se apresentou em nível muito baixo. A causa básica, da qual derivam essas **situações amorais**, é que, ao emigrarem as famílias, do campo para a cidade, vêem-se submetidas a novas e diferentes influências nos princípios morais, que eram de outro caráter, ao regerem a vida do campo.



Até mesmo do ponto de vista econômico, o homem do campo diferia do homem da cidade. Lá, êle **amadurecia** mais cedo. Aos 16 anos, já sabia bastar-se a si mesmo, tão bem como qualquer outro camponês de idade mais elevada. Em conseqüência, não existia motivo econômico que aconselhasse retardar o casamento do camponês. Numa civilização agrícola, eram requisitos razoáveis a castidade e a continência pre-maritais, e podia o indivíduo, com bastante êxito, ater-se a tais requisitos.

O infanticídio do tipo que caracterizou a era de Augusto, e os abortos, tão comuns nos dias de Péricles, resultavam pràticamente desconhecidos, porque, no campo, a família numerosa constituía uma vantagem, já que as crianças começavam a realizar trabalho econômicamente produtivo a partir dos cinco anos. O divórcio era visto, naturalmente, com maus olhos, pôsto que, para assegurar a existência de famílias numerosas e atender a seu sustento, era necessária uma forma permanente de vínculo matrimonial.

Todo êsse sistema familiar sofreu grande mutação, ao ocorrer a revolução industrial. À medida que a gente do campo invadia a cidade, em grandes massas, as bases econômicas em que repousava o seu código de ética agrícola iam perdendo a antiga firmeza. Também a antiga estabilidade cedeu lugar a uma situação instável, provocada por grande número de fatôres estimulantes e de contatos, próprios da vida urbana.

No campo, aquêle que percorria a pé um quilômetro, **para ir visitar Maria,** sabia que todos os vizinhos e amigos teriam conhecimento do fato. Na cidade, o mesmo não acontecia. Nesta, a vida tinha por base econômica o dinheiro, e não os comestíveis e outros artigos que um camponês podia oferecer. O dinheiro e a riqueza tornaram possível o ócio e proporcionaram ao ex-homem do campo, a oportunidade de libertar-se de seu antigo código. (E' sempre mais fácil resistir à tentação, quando se tem os bolsos vazios!)

Para impor disciplina e ordem, no campo, numa família numerosa, era indispensável a autoridade paterna. No entanto, na cidade, mal se afasta um pouquinho de casa, a criança encontra, na primeira esquina, no cinema, fôrças da índole mais diversa, e que anulam **pràticamente** tôda a autoridade paterna. A antiga disciplina fraternal, baseada na qual cada irmão punia os demais, para lhes impôr uma boa educação moral, desaparece no ambiente da cidade. Ou, mais provàvelmente, na família da cidade não se tem irmãos nem irmãs.

O matrimônio perdura na vida urbana, mas o mesmo não se dá com a aparição dos velhos instintos próprios do organismo humano. Êstes se fazem presentes, na cidade, tão precocemente como no campo, com a circunstância de que a cidade está organizada para estimular o espraiamento de tais instintos. Ante todos os possíveis obstáculos para a realização do casamento, e para que se tenham filhos — ao mesmo tempo que se faz sentir todo o imaginável estímulo dos instintos



sexuais — os velhos preceitos morais têm que defrontar-se com fôrças pràticamente insuperáveis. Assim se reduz o número de filhos, e também o de famílias, e os divórcios aumentam, à medida que parecem diminuir as velhas razões que davam base à monogamia.

No campo, a religião prosperava. E por quê? Antes de tudo, porque é rude tarefa conseguir que a terra produza. Para fazer frente a esta dificuldade, é indispensável uma boa dose de valor e esperança, além de uma fé muito enraizada em algum tipo de divindade. Sujeito aos caprichos de nuvens, ventos e sêcas, o homem do campo rezava todos os dias, para implorar a ajuda do seu Deus. No entanto, ao se transportar para a cidade, o ambiente muda completamente. Fica êle circundado por paredes de cal, pedra e cimento. Seu contato com as máquinas e com a matemática é tão freqüente, que acaba por julgar tôdas as coisas com um critério puramente mecânico ou numérico. Resulta daí que, na cidade, a religião não encontra terreno tão propício como no campo. E, com a riqueza, que cria novas tentações, o homem da cidade se considera entravado pela religião, que o condena, por ceder a essas tentações. E rebela-se!

A isto se deve a transformação, observada no século passado, quando desapareceram, em grande parte, as fôrças econômicas em que repousava o velho conjunto de preceitos morais dos puritanos. Eis por que o problema, representado pela preservação da moralidade, consiste atualmente em manter uma vida moral, apesar de se haver perdido o velho apoio econômico e religioso com que a mesma contava.

A história da Idade Média dá margem a uma comparação interessante. Invadida a antiga Roma pelos povos germânicos, no ano 476, o povo emigrou para o campo, porque na cidade faltavam os meios de subsistência. Graças a esta **ruralização**, terminaram quase por completo os infanticídios e abortos, ao mesmo tempo que melhorava o grau de moralidade reinante. Constantino havia adotado o cristianismo, porque lhe pareceu, entre outras razões, que as novas crenças lhe propiciavam o único meio disponível de salvar a civilização, já que o aspecto moral desta última havia perdido tôda a base religiosa, com a morte das antigas deidades.

Porém, em meados do século XIII, as cidades passaram a crescer novamente. Havia **santos**, naqueles dias, mas não faltavam **pecadores**. Escrevia Roger Bacon, em 1280, lamentando-se de que o pecado campeava mais em seu tempo. que em qualquer outra época. "Há corrupção, luxúria e gula".

Não há temor em afirmar-se que, nos séculos XIII e XIV havia, na Europa, maior número de filhos bastardos por milhar de habitantes, do que possa haver hoje, em qualquer dos países de civilização ocidental. Pirenne, o maior dos historiadores europeus da atualidade, ao referir-se aos inúmeros filhos ilegítimos de Felipe, o Bom, Duque de Borgonha, comenta que "isto escandalizava apenas moderadamente a uma sociedade acostumada à extrema liberdade no campo moral."

O delito florescia, incontrolável. As estradas estavam infestadas de bandoleiros, e as cidades, de ladrões. Em Londres, não havia, quase, quem se atrevesse a sair à rua, durante a noite.

"A Inglaterra feliz do século XIII — dizia Coulton — sofria as conseqüências de uma criminalidade que se consideraria escandalosa em nossos tempos."



O subôrno estava também muito generalizado. Com pequenos presentes, os estudantes de então "compravam" seus examinadores, ardil muito difícil de ser pôsto em prática em nossa época. Podiam ser com-

pradas, também, as testemunhas, que então juravam, por todos os céus, haver presenciado êste ou aquêle fato. Eduardo I, da Inglaterra, teve que destituir a maioria de seus juízes e ministros, pela falta de honradez política que evidenciavam. Havia chegado a ser tão freqüente o perjúrio, nos tribunais inglêses, que se lançava mão, em algumas ocasiões, do "juízo de Deus", com a esperança de que Deus decidisse qual dos depoentes dizia a verdade.

Contra tanta imoralidade, teve que surgir, naturalmente, a reação correspondente; protegidos por Cromwell, foram colocados, na representação do poder da Inglaterra, elementos reconhecidamente puritanos, e sua influência se prolongou por uma centena de anos. Como não podia deixar de ser, esta influência se fêz sentir poderosamente no povo britânico que, até hoje, conserva os resquícios da moral implantada por Cromwell, a ponto de ser considerado o povo de maior moral, em todo o mundo.



No entanto, até mesmo na Inglaterra, como em muitos outros países, há, hoje, a mesma vergonha e a mesma repulsa pela baixa qualidade da moral de nossos tempos, dando lugar ao mesmo pessimismo que caracterizaram as épocas anteriores. O êxodo da gente do campo para a cidade, instigado pelo industrialismo, tem dado nova vida, em forma exacerbada, ao velho problema. Não obstante, em vista do que nos diz a história, ainda existem santos em nossa época.

E' enorme o número de famílias felizes em nossos dias, apesar de que a leitura dos jornais nos induza a crer que a maioria dos maridos luta por obter divórcio ou pensa em assassinar as respectivas espôsas. O certo é que conheço muita gente apreciável, que quase perdeu completamente a fé na maldade humana.

Novamente se generaliza o hábito do casamento e de ter filhos. Os moços podem, perfeitamente, encontrar uma jovem honesta e recatada. Milhares de mães abnegadas se sacrificam, sem ostentação, pelo bem-estar de suas famílias e pela felicidade do seu lar. Se esta informação conclusiva transcendêsse até às páginas dos jornais, rivalizaria antagônicamente, com a série de crimes e delitos que êstes publicam diàriamente. Se, em qualquer região do mundo, ocorre alguma catástrofe, algum desastre de grandes proporções, logo aparecem os que estão dispostos, de uma forma ou de outra, a acorrer em socôrro de seus semelhantes. Com atos desta natureza, completa-se o quadro moral de nossa época, sem que se queira ter, em virtude disto, a impressão errônea de que **não existe problema moral.** Sem dúvida que existe tal problema, pois êle é inerente ao homem, sujeito êste, em sua natureza, aos vícios e atrações de tôda sorte. Carece o homem de instintos para submeter-se à monogamia; isto, para êle, é muito penoso. Constitui, mesmo, algo que tem ainda que aprender, que não lhe é peculiar. E o homem é o que é, porque, durante séculos, e de certo modo, foram **virtudes**, na luta pela vida, as características que hoje consideramos **vícios**. Só à medida que se forem consolidando a ordem e a segurança sociais, os velhos instintos se converterão em problemas, sem perderem, embora, seu caráter de **fôrças criadoras.**

Se não existisse a ambição, não haveria possibilidade de prosperidade para nenhum sistema econômico. Se desaparecessem, por completo, nossos instintos belicosos, não haveria sociedade capaz de se defender contra ataques estranhos. Se não fôsse a existência dos instintos sexuais, a espécie humana se extinguiria. Por tudo isto, podemos deduzir que o grande problema, no campo da moral, não se relaciona com a eliminação dos citados instintos, mas, sim, com a sua moderação; não com a sua abolição, mas com o seu domínio a um grau que permita continuarem livres as aludidas fôrças criadoras.

Quando pensamos nos meios a que podemos recorrer para exercer êste domínio, cogitamos imediatamente de possíveis medidas legais. As leis podem ajudar a concretização do fim que se almeja. Muito me agradaria, como a milhões de pessoas — que se aliviasse a carga tributária às famílias numerosas; que se ajudasse os moços, mediante as leis, a contraírem matrimônio na idade em que normalmente devem fazê-lo e, principalmente, aos estudantes de profissões liberais, em lugar de esperar chegar aos 30 anos de idade, para casar.

No entanto, mesmo no caso de ausência de qualquer estímulo de ordem legal, poderia ser restaurado o antigo sistema de dote, com o fim de facilitar o casamento precoce de nossos filhos. E' minha opinião que o casamento é capaz de remediar, em cêrca de 50 por cento, o grau de imoralidade reinante no mundo. O homem casado adquire o dever de se conduzir com decência; e o que tem filhos **está obrigado** a tal procedimento.

As medidas legais podem contribuir para resolver o problema, mas os resultados seriam muito mais efetivos, se conseguíssemos modificar o modo pelo qual interpretamos o que nos rodeia. Sugiro, por exemplo, que, no lar, deve imperar uma judiciosa combinação de disciplina e carinho, na educação dos filhos. Nos Estados Unidos, nos primeiros 30 anos dêste século, muito já foi conseguido, quanto à idéia da liberdade e da conduta, na educação. Assim, cordialmente partidário de que se restaure a autoridade paterna no estado primitivo, quando o pai tinha direito de vida e morte sôbre os filhos. Não quer isto dizer,

que se aplique êste antiquado sistema em tôda a sua amplitude; mas, pelo menos, com a autoridade do progenitor elevada ao máximo!

No entanto, seja qual fôr o caminho que se adote, não há motivo para pessimismo, embora não seja lícito pensar, tampouco, que **tudo o que hoje sucede** (dado que a história nos aponta períodos semelhantes, com pequenas variações) é o melhor. Devemos fazer todos os esforços para melhorar as condições gerais de vida, que, não obstante ser o que é, não deixa de ser amável. Jamais faltaram problemas nem dificuldades; porém, em uns e outros, encontramos os elementos que nos permitem ganhar em estatura moral, e em aptidões. Por pior que seja, a vida é boa, e também o homem, apesar dos pesares, é bom.



ESTEJA EM DIA COM O MUNDO

Por

FRELING FOSTER



UMA das maiores demonstrações do poder da sugestão, que se conhece, teve lugar diante de um grupo de físicos europeus, na cidade de Paris, em 1932. Após ser dito a um homem que se encontrava com os olhos vendados, que seu braço direito tinha sido queimado, uma grande mancha vermelha, dominada por uma bôlha, começou a se formar acima de seu cotovelo, embora o homem não tivesse sido tocado.

UM DOS MAIORES ninhos de aves que se conhece, foi descoberto numa enorme árvore próxima da cidade de Vermilion, Estado de Ohio, em 1891. Pertencia o ninho a uma família de águias. Quando a árvore veio abaixo, durante uma tremenda tempestade, no ano de 1926, êsse ninho, ainda ocupado pela mesma família alada, foi medido pelos habitantes da região, apresentando as seguintes dimensões e pêso: 2,70m de diâmetro; 3,60m de altura e duas toneladas de pêso.

A TENDÊNCIA para ser canhoto ocorre com freqüência duplicada entre os gêmeos, relativamente às de nascimento simples; e, quase sempre, muito mais entre gêmeos-fraternos que entre gêmeos idênticos. Nenhuma dessas tendências foi ainda completamente esclarecida pelos cientistas.

ENTRE OS ANOS DE 1915 e 1940, mais de 67 por cento da tonelagem total da carga, que passou pelo Canal do Panamá, trafegou no sentido do Oceano Pacífico para o Atlântico.

A AMÉRICA já tem, pelo menos, 110 organizações devotadas exclusivamente ao estudo das possíveis situações, condições e potencialidades, que possam advir no mundo após uma terceira guerra mundial.

OS SENTIDOS humanos variam grandemente em sua habilidade para distinguir entre diferentes graus de sensação. Enquanto o ôlho pode notar uma diferença de um por cento em luminosidade, o braço, três por cento em pêso levantado e a pele, cinco por cento em pressão; o ouvido requer a mudança de dez por cento na freqüência do som, e o nariz, a mutação de trinta por cento em intensidade de odor, para ser notado.

A LEPRA, que aflige 260 homens para cada 100 mulheres, tem o maior período de incubação que se conhece, entre tôdas as demais moléstias. Enquanto o mínimo de tempo entre a infecção e a manifestação é de cêrca de seis anos, há o caso, comprovado, de um homem que se tornou leproso quarenta anos após sua última exposição à infecção.

O CUSTO de transporte de animais selvagens, da África para a Europa, mesmo em tempo de paz, é tremendo. Aumenta, por exemplo, o valor da girafa, de 50 dólares para 700 dólares; de um elefante, de 100 para 1 500 dólares; de um rinoceronte, de 100 para 3 000 dólares; e de um leão, pequeno, de 5 para 600 dólares.

PROVAVELMENTE, maior número de personagens reais foi oriundo da Casa de Bourbon, do que de qualquer outra família da história. Desde a sua origem, na França, em 861, mais de um milhar de seus descendentes foram monarcas, numa época ou noutra, em oito países: Áustria, Bélgica, Inglaterra, França, Itália, Portugal, Espanha e Turquia.

FÁBULAS PARA TÔDAS AS IDADES

(ESPECIALMENTE A ATÔMICA)

MENOS UM PARA "ENCHER"

Por ROBERT M. YODER



DE vez em quando, aparecia o tal de Lester Laches, para interromper o que alguém dizia, cincluindo: "Sei exatamente o que quer dizer!"

O leitor podia tentar explicar a Lester que deixara de fumar na noite anterior, mas não conseguia ir muito longe em sua frase, pois êle interrompia: "Sei muito bem o que quer contar. Você está quase louco, tamanha é a vontade de fumar! Não fazia idéia da importância que o fumar representa, não é isso mesmo?"

E, se alguém mencionasse qualquer coisa a respeito de estacionamento do automóvel, lá vinha com o aparte: "Já sei! Você andou procurando um lugar para estacionar, durante uma hora. E todo dia tem êsse trabalho!"

Se um casal encontrasse Lester na rua, e a espôsa dissesse que é agradável comer em restaurantes, de vez em quando, Lester imediatamente atalharia: "Sei justamente o que pensa! Não há nada melhor do que acabar de comer, e ver que outra pessoa leva os pratos para a cozinha, a fim de lavá-los."

Pois bem; o leitor já deve estar curioso, a esta altura, por saber como Lester desapareceu da face da terra, livrando o mundo de um sujeito deveras cacete. Eis a sua "triste" história:

Um indivíduo de nome Hamptrangle, dado a aventuras amorosas, e **passageiras**, costumava visitar a cidade na qual Lester residia. Com a sua lábia habitual, havia dito a uma vizinha, Threnody Thrunk, ser um rico solteirão, e que pretendia desposá-la, levando-a para a rica plantação de **rayon** que possuía, próxima a cidade de Duluth. No entanto, a moça descobriu, certo dia, que seu "futuro espôso" não era mais que um vendedor de móveis na cidade de Syracuse, onde tinha espôsa e três filhos. Isto deixou a pobrezinha muito triste e indignada, resolvendo ajustar contas com o tratante. Saíu de casa e foi procurar Hamptrangle, num dos bares em que êste costumava passar a tarde, quando estava na cidade.

Cada vez mais enfurecida com o modo como fôra enganada, a moça, em caminho, colocou um pente de balas na pistola de seu pai, com a qual se munira ao iniciar a "caçada". Para treinar a pontaria, deu um tiro num gato que passava próximo a um terreno baldio, fazendo com que outros bichanos, que por ali se encontravam, iniciassem uma lúgubre sinfonia de miados.

Após percorrer dois ou três cafés, com o ânimo já meio arrefecido, divisou Hamptrangle que, calmamente, se encaminhava para um bar próximo. Êste, ao ver a sua ex-namorada, adivinhando as suas intenções, entrou ràpidamente num armazém, que era o local mais próximo em que se poderia esconder. Ali, Lester estava, justamente, dizendo ao dono do armazém que sabia muito bem o que êle lhe queria contar, ao se referir aos sapatos apertados que usava. Vendo Hamptrangle parado em frente a um balcão de comida especial para cães, encaminhou-se para o atormentado fugitivo.

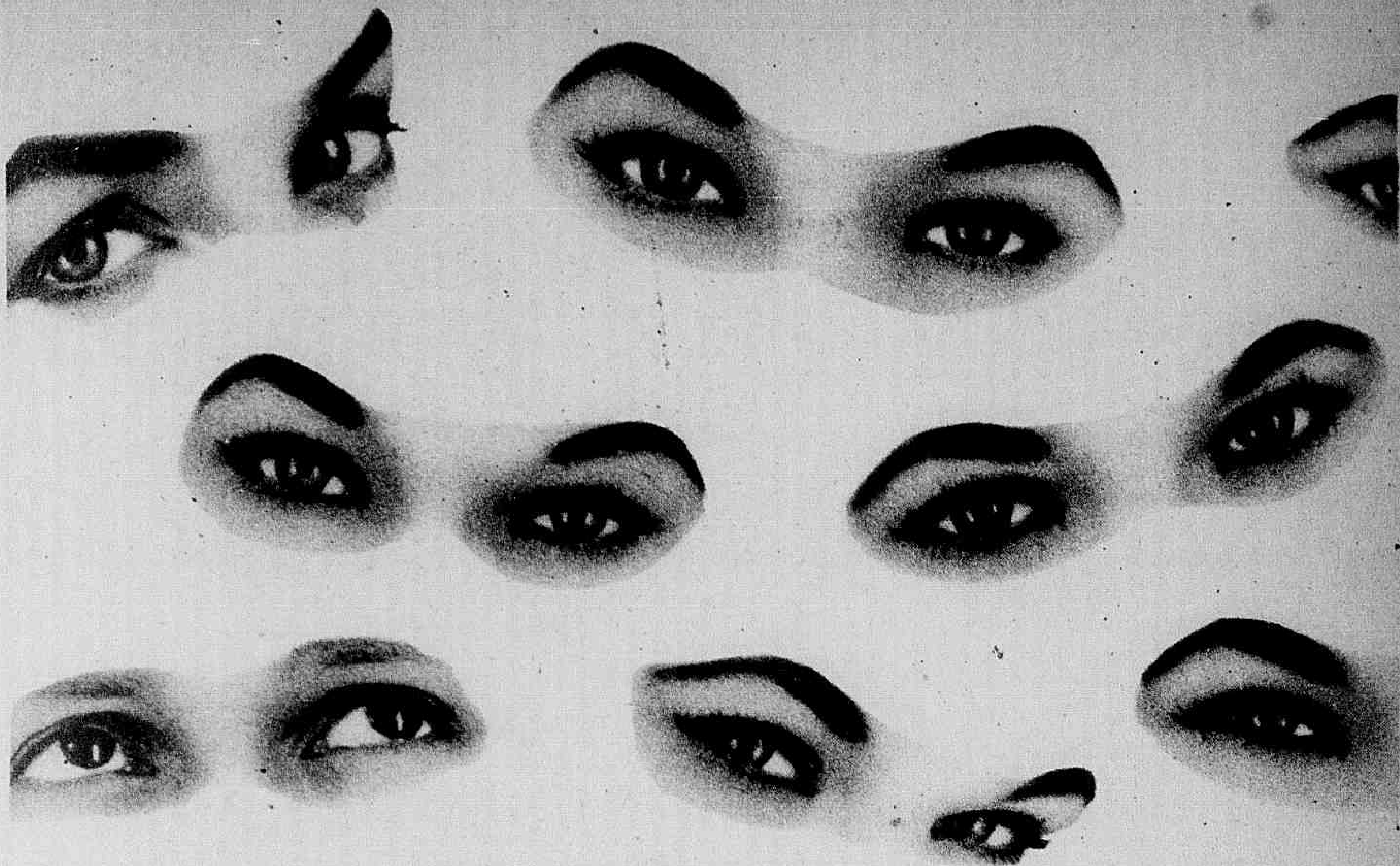
— Está se escondendo de alguém? — perguntou, com o seu modo calmo de falar.

— Dê o fora! Estou tentando evitar que uma "dona" me encontre; se ela me descobrir, estou perdido! Ela é dinamite e pode...

— Já sei o que quer dizer — afirmou Lester, interrompendo. — Quer que eu me afaste, de modo que a "dona" não o veja conversando comigo, não é?

Pois, esta foi a última vez em que Lester Laches **interpretou** os pensamentos de alguém. Threnody, que havia visto Hamptrangle entrar no armazém, irrompeu pelo mesmo, com a pistola engatilhada, e disparou tôdas as balas sôbre seu ex-namorado e quase "noivo". Êste, entretanto, vendo-a entrar, pulara imediatamente para trás da geladeira, de modo que as balas, portadoras do ódio e da vingança da jovem, foram atingir **duas latas de conserva, uma caixa de sabão em pó e... Lester Laches!**





O QUE DEVEMOS SABER DE NOSSOS OLHOS

Por CARLE HODGE

NOSSOS olhos podem inspirar poetas e compositores, mas, em geral, prestamos pouca atenção a êsses órgãos preciosos. Enquanto podemos ver, os olhos constituem as partes mais ignoradas de nosso corpo. Quando os perdemos, sim, conhecemos o seu valor.

Cada semana, algumas centenas de pessoas cegam, em conseqüência dessa negligência com os órgãos visuais e, desnecessário é dizer que, pelo menos, metade dêsses casos de cegueira poderiam ser evitados. Vejamos o exemplo de um certo senhor Cardoso. Há alguns anos, êle estava apto a ler, sem dificuldade, o seu jornal da manhã. Mas, dia após dia, os tipos impressos pareciam tornar-se mais apagados. Notou então que, cada vez que olhava para uma luz, esta parecia estar circundada por nuvens coloridas. Consultou um oculista, que diagnosticou **glaucoma.**

No entanto, a sabedoria do Sr. Cardoso terminou aí. Talvez, por não saber o perigo que representa o glaucoma, para a visão. Ou, mais explìcitamente, **não levou sua afecção visual muito a sério.** O médico havia receitado algumas gotas, que deveriam ser pingadas diàriamente; porém o paciente não fêz caso do conselho. Afinal de contas, **podia ver e não sentia dor alguma!**

Assim, quando reparou que a doença havia progredido, **era muito tarde!** O Sr. Cardoso jamais voltará a ver. Descuidar-se de um dos órgãos mais importantes do corpo, como fêz o citado indivíduo — e como muitos de nós fazemos — é tremendamente sério. E, para tornar um assunto tão importante pior para nós, o problema da visão é explorado por pessoas e entidades pseudo-científicas. A "especialidade" destas é inventar doenças e afecções visuais. Para iniciarmos o esclarecimento dos leitores, diremos que não enxergamos, literalmente, com os olhos, mas, **com o cérebro.** Os olhos são como a abertura de uma câmara. Os raios de luz passam através dêles, para alcançar a parte do cérebro que age como um filme fotográfico. Para a visão, é necessária uma tremenda energia nervosa, e a parte do cérebro que atua em relação com o aparelho visual pode tronar-se enfraquecida.

A leitura com luz fraca (especialmente se o que se lê é empanado), o assistir a filmes — ou a televisão — pode acarretar enfraquecimento e deficiência da visão, mas não a extingue completamente, nem tampouco a afeta de forma tão grave, como geralmente se pensa.

A LEITURA, O CINEMA E A TELEVISÃO NÃO AFETAM OS OLHOS — **Não existe qualquer** evidência de que os livros, a televisão, o cinema ou outros produtos da civilização, em qualquer

TODOS CONCORDAM EM QUE OS OLHOS SÃO IMPORTANTES. NO ENTANTO, SÃO OS ÓRGÃOS MENOS CONHECIDOS, EM NOSSA CONSTITUIÇÃO FÍSICA, E AOS QUAIS LIGAMOS MENOR IMPORTÂNCIA. DEVEMOS COMEÇAR A TRATÁ-LOS COMO MERECEM, ANTES DE QUE SEJA TARDE

de suas formas, contribuam para arruinar os nossos olhos. Os antropologistas afirmam que os indígenas australianos, que vivem isolados em bosques, longe do contato com os livros, o cinema ou a televisão, não possuem melhor visão do que qualquer um de nós.

Segundo os cientistas, nossos olhos têm sido sempre sujeitos a falhas. O extenso campo e a progressão firme e rápida da vida atual requerem uma visão mais aguçada.

Um outro engano, relativo à visão, em que incorrem muitos indivíduos, é o de pensar que os nossos olhos podem ser ofendidos permanentemente pelo uso de óculos impróprios. No entanto, os óculos que se vendem em grande quantidade nas lojas, sejam de lentes coloridas ou brancas, não afetam, em realidade, a nossa visão, embora causem um grande desconfôrto. Também, ao contrário do que geralmente se acredita, as lentes ajustadas à visão **não curam** as afecções visuais (a não ser certos casos de estrabismo). Os óculos servem **apenas** como corretores da visão, para as pessoas que sofrem de miopia (deficiência visual para longe), hiperopia (deficiência visual para perto) ou astigmatismo (deficiência causada pelo estreitamento da córnea) — nenhuma das quais é curável.

Talvez a errônea concepção a respeito dos olhos tenha sido agravada pela esperança (infundada) de que um ôlho que se tornou inútil **pode ser prontamente substituído no banco de olhos mais próximo.**

Isto não passa, no entanto, de uma esperança ilusória. Embora a medicina tenha progredido, não está ainda em condições de colocar um novo ôlho numa órbita e pô-lo em conexão com o complicado sistema de nervos, veias e músculos. O que os cirurgiões da atualidade estão em condições de fazer é, sim, transplantar uma pequena partícula da córnea de uma pessoa morta, para o ôlho afetado de uma pessôa viva.

Quando essas transplantações de córnea surtem efeito, o resultado é verdadeiramente espetacular. Há pouco tempo, Hendrik Botha, um sul-africano de trinta anos de idade, que estivera cego durante dez anos, voou até Nova York, para ser submetido a uma operação dêsse gênero. Três meses depois, estava de volta à Pátria, com duas córneas novas e com a visão restabelecida.

Casos como êsse são dramáticos; mas são, também, enganosos, pois levam um indivíduo a crer que a transplantação oferece uma cura simples e permanente **para tôdas as córneas afetadas.** Infelizmente, as operações dêsse tipo apresentam pequena percentagem de êxito. Geralmente, após a operação, a córnea transplantada se anuvia; os cientistas não atinaram ainda com o motivo justo para isso, embora já tenham algumas teorias a respeito. Estamos certos, no entanto, de que êste problema será resolvido dentro de alguns anos. Os pesquisadores da matéria estão experimentando adaptar córneas plásticas a coelhos. Mas, embora os resultados venham sendo animadores, teremos ainda que aguardar algum tempo, antes de que córneas fabricadas pela mão do homem possam ser usadas.

A média dos homens pode sofrer de concepção errônea e indiferença a respeito dos olhos, mas tal não ocorre com os médicos. Devemos ressaltar que os oftalmologistas, atualmente, devotam maior parcela de tempo e dinheiro no estudo da visão, do que em qualquer outra época. Nos Estados Unidos, por exemplo, pouco mais de um milhão de dólares foram invertidos, no ano de 1952, em pesquisas de laboratório, com relação à visão. Isto serve de índice para uma comparação do progresso ali verificado, pois representa cinco vêzes mais a quantia dispendida cinco anos atrás. E êste esfôrço, por parte dos especialistas, tem sido materialmente coroado de êxito. Os antibióticos estão fazendo verdadeiros **milagres,** e as novas drogas de hormônios estão salvando a visão de certos olhos que, sem o seu auxílio, tornar-se-iam completamente inúteis e cegos. Um rapaz, de dezoito anos de idade, foi atacado, há anos atrás, por uma doença visual denominada "oftalmia simpatética", que consiste no inexplicável enfraquecimento de um ôlho, após ter sido o outro afetado. Esta doença, que era geralmente fatal para a visão, está sendo combatida, graças ao "cortisone".

Na atualidade, as pesquisas mais intensas, que se realizam no combate às afecções visuais, são as que se ocupam do **glaucoma,** considerado o inimigo n.º 1 da saúde de nossos olhos. A doença conhecida por êsse nome consiste no enrijecimento do globo ocular. Tão misteriosa quanto infiel, ataca usualmente as pessoas que se aproximam da mediana idade.

Normalmente, as lentes do ôlho e a córnea, que não contêm veias sanguíneas, são alimentadas por um líquido incolor, denominado **humor aquoso.** Êsse líquido forma, por trás da íris colorida, fluxos no sentido da parte anterior do ôlho, escorrendo em seguida para o sistema sanguíneo.

No glaucoma, contudo, o sistema de drenagem do ôlho se estagna. Sem lugar para onde escorrer, o humor aquoso se introduz na retina (membrana situada na parte posterior do globo ocular), cuja função é a de absorver os raios luminosos, transportando-os, através do nervo ótico, até o cérebro. Como a pressão — provocada pela estagnação da drenagem ocular — comprime a retina e o nervo ocular, a visão vai gradativamente desaparecendo, até tornar-se nula.

Em virtude de afetar inicialmente a visão lateral, sem ocorrência de dor, o glaucoma é geralmente notado muito depois de seu aparecimento, quando o ôlho já está grandemente afetado; daí, as possibilidades quase nulas de cura.

A Sociedade Nacional de Prevenção da Cegueira, nos Estados Unidos, informa que, em cada milhão de americanos, vinte mil pessoas — contando mais de quarenta anos de idade — sofrem de glaucoma, muitas delas sem o saber. A mesma sociedade aconselha um acurado exame dos olhos, para tôdas as pessoas que atingiram a meia-idade.

Uma vez afetada pelo glaucoma, a visão não pode mais ser restabelecida; no entanto, os médicos podem evitar que a doença progrida, com a aplicação de **gotas mióticas,** que conservam abertos os canais oculares, ou, em último recurso, por meio da **cirurgia.**

Uma das mais recentes drogas mióticas descobertas nos Estados Unidos é o DFP (diisopropil fluorofosfato), um composto que o exército daquele país desenvolveu como gás venenoso.

Os pesquisadores de todo o mundo desenvolvem experiências, no sentido de descobrir as causas do glaucoma e sua possível cura. Estudam a consistência e composição do humor aquoso, comparando-o com o líquido estagnado que se forma com a ocorrência do glaucoma; medem a resistência do ôlho à drenagem; investigam o modo como o líquido é produzido, e estudam qual o tipo de nutrição necessário para manter claras e perfeitas as lentes óticas.

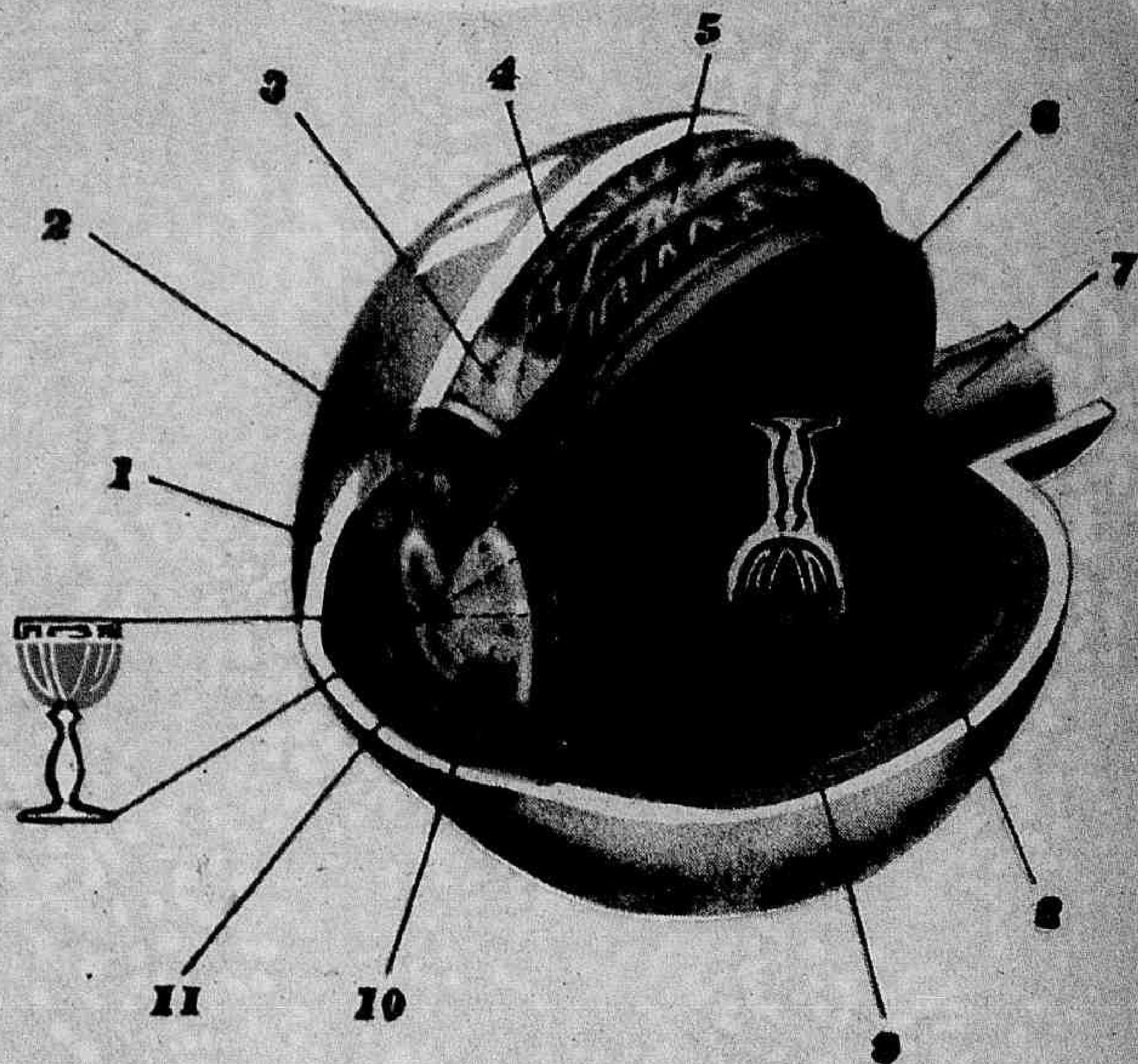
O Dr. V. Everett Kinsey, um dos maiores investigadores oftálmicos dos Estados Unidos, conseguiu fabricar tubos especiais de ensaio, nos quais pode estimular as condições em que vivem as lentes do ôlho, normalmente. Tem êle conseguido conservar vivas as lentes de olhos de animais, **durante semanas**, nesses tubos.

EXPERIÊNCIAS COM O HUMOR AQUOSO — Esta pesquisa levou o Dr. Kinsey a invadir o campo da **catarata**, moléstia visual mais duradoura, porém menos perigosa que o glaucoma. Subtraindo ou acrescentando, uma de cada vez, as 70 substâncias singulares de que se compõe o humor aquoso, o referido cientista espera poder determinar as mudanças químicas que podem ser a causa dessa afecção visual.

A catarata constitui um tipo de moléstia que turva as lentes oculares de uma pessoa, em qualquer época de sua vida, **até mesmo antes do nascimento!** Contudo, a forma mais comum da catarata é a que aflige as pessoas idosas. A catarata pode desenvolver-se em virtude de uma lesão do ôlho, ou em virtude de radiação atômica. E' muito freqüente nas pessoas que lidam com raios-X e nos cientistas atômicos. Os médicos americanos descobriram que, dos inúmeros japonêses que se encontravam a cêrca de um quilômetro do local de explosão da bomba atômica de Hiroshima, sòmente cêrca de 10 por cento foram atacados de catarata. Mas, seja qual fôr a causa da catarata, a pessoa por ela afetada pode tornar a ver, após uma operação que apresenta, atualmente, grande índice de eficiência. As lentes oculares nubladas são removidas e prescrevem-se óculos de lentes fortes em substituição às mesmas.

A deficiência visual, no entanto, continua, embora em menor escala que antes da operação. As lentes de catarata são pesadas e rústicas. Um ôlho, do qual tenha sido extraída uma catarata, não formará conjunto homogêneo normal, com o ôlho no qual a lente visual ainda permaneça inalterada, e aquêle não poderá divisar objetos em ângulos muito fechados, a menos que estejam bem afastados do mesmo.

Um tipo de lente plástica foi recentemente fabricado por um cirurgião oftalmologista inglês, a qual é inserida no ôlho, por ocasião da remoção



1 — Córnea; 2 — Íris; 3 — Corpo ciliar; 4 — Nervos ciliares; 5 — Vasos sanguíneos; 6 — Retina; 7 — Nervo ótico; 8 — Câmara posterior; 9 — Sclera; 10 — Lente ocular; 11 — Câmara anterior. O ôlho age como uma câmara fotográfica, deixando entrar os raios de luz e enviando-os ao cérebro, para que sejam ali "desmembrados". O cálice, que a figura mostra, é reproduzido no fundo do ôlho, em posição invertida, mas o cérebro, recebendo a imagem, torna a colocá-la em posição normal e, assim, é ela percebida pelo sistema visual.

da lente visual afetada, assim evitando que o paciente tenha que se valer de óculos. Essa lente plástica parece constituir a solução para o problema; deverão, no entanto, decorrer alguns anos, antes que a mesma seja aperfeiçoada e tornada cem por cento eficiente.

Embora os estudiosos da visão humana dediquem a maior parte de seu tempo às pesquisas, em tôrno da catarata e do glaucoma, têm-se dedicado também ao estudo de outras afecções visuais. Uma delas é a "fibroplasia retrolental", cujos sintomas foram notados a aproximadamente cinco anos, apenas. Suas vítimas são os recém-nascidos, dos quais algumas centenas são ataca-

dos pela moléstia, anualmente. Quando do nascimento, êsses bebês apresentam visão aparentemente normal. Algum tempo depois, porém, a estrutura das veias sanguíneas dos olhos se

UM TESTE PARA OS SEUS OLHOS

N.º 1

Evidentemente não há a preocupação de forçar "performances", por parte dos barcos brasileiros que estão a caminho de Buenos Aires, mas o fato é que, dadas as notícias conhecidas, e aproveitando as excelentes condições do tempo.

N.º 2

Há dias, falava-se, com insistência, que o Sr. Bohan, presidente da seção norte-americana da Comissão Mista Brasil-Estados Unidos, deixaria o Brasil em data próxima.

N.º 3

Parece impossível, mas o fato é verdadeiro e aconteceu na Espanha, em Córdoba, segundo de lá chega notícia, que diz: "Na aldeia de Dos Torres nasceram duas gêmeas em anos diferentes.

N.º 4

Certa crítica, de caráter conservador, combate o aspecto algo novo que se tem imprido aos espetáculos do teatro que é fruto dos sonhos de Richard Wagner.

N.º 5

E as transformações continuaram. As ruas eram agora de Londres. Alguns arcos entre uma casa e outra repetiam o estilo das ruas antigas da capital inglêsa. Só faltava o nevoeiro, o "fog".

N.º 6

Depois, no carro que me levava a Los Angeles, fui olhando as casas, as janelas, as formas externas das ruas das cidades por que passei e tive a estranha impressão.

N.º 7

O material humano e as condições físicas da região merecem cuidado especial dos técnicos que apareçam para executar o programa.

Se o leitor não fôr capaz de ler as linhas da parte superior do quadro a uma distância de 32 a 40 centímetros, seus olhos necessitam de correção.

rompe, as retinas inflamam e fogem de sua posição no fundo dos olhos, indo colocar-se exatamente atrás das lentes visuais. Após quatro meses, muitas dessas crianças estão com a visão reduzida ou completamente cegas!

Não se conhecem, ainda, medidas preventivas contra essa anomalia, e parece não existir cura para a mesma. Mas, os pesquisadores estão certos de que existe uma íntima ligação entre a **fibroplasia**, a duração do período de gravidez e o pêso do recém-nascido. Quanto menor o tamanho do bebê, maior o perigo do aparecimento da **fibroplasia.**

Uma das mais recentes teorias, de acôrdo com os estudiosos, refere-se à quantidade de oxigênio que é preciso ser aplicado aos recém-nascidos. Êstes podem aspirar quantidade demasiada, ou muito pequena, ou a causa pode ser a mudança **muito rápida** no suprimento de oxigênio. As maternidades anotam cuidadosamente as variações na aplicação de oxigênio, enquanto os laboratórios executam experiências com animais, em incubadoras de oxigênio.

Antes do aparecimento da fibroplasia, a cegueira entre as crianças apresentava um decréscimo gradativo, graças principalmente ao poder das novas drogas sôbre as doenças infecciosas. O nitrato de prata, prescrito para os olhos dos recém-nascidos, constituía a maior arma no combate à cegueira, causada por **transmissão** de germes venéreos por parte da mãe.

UMA ADVERTÊNCIA A RESPEITO DE GOTAS — Infelizmente, pode o nitrato de prata, em alguns casos, ser também um inimigo da visão. Até mesmo soluções muito fracas irritam os olhos dos bebês. Deixando-se permanecer nos olhos do recém-nascido, mesmo durante curto espaço de tempo, as gotas dêsse preparado podem acarretar a cegueira do mesmo. Em geral, os oftalmologistas concordam em que a penicilina **é mais segura** que o nitrato de prata. No entanto, nos Estados Unidos, alguns dos componentes da União, com suas leis próprias, variando de um para outro Estado, prescrevem insistentemente em que o nitrato de prata deve ser utilizado.

Outro dos problemas peculiares às crianças, plenamente resolvido na atualidade, é o do **estrabismo.** Exercícios ortóticos, óculos corretivos, ou cirurgia simples podem eliminar o estrabismo, **se o tratamento se faz logo nos primeiros anos de vida.** (Uma criança não é capaz de combater o estrabismo, sem auxílio.)

Contudo, é com pezar que anotamos as centenas de casos de cegueira que ocorrem anualmente, em virtude de acidentes nos folguedos das crianças, e as organizações contra a cegueira são pessimistas quanto ao desenvolvimento das pequenas afecções visuais, observado nas crianças de hoje, apesar do progresso da ciência. Pelo menos, vinte e cinco por cento dos escolares necessitam de usar óculos, ou de tratamento visual.

Já está mais que debatido o conselho de todos os oftalmologistas: **desde a idade de três anos, a criança deve ser submetida, uma vez por ano, a um completo e acurado exame visual. Completo e acurado,** pela existência de inúmeras espécies de provas e testes para os males visuais, al

guns já antiquados e destituídos de valor, segundo os últimos tipos de testes, que proporcionam ao médico uma observação extremamente acurada das reações dos órgãos visuais.

Para os exames simples, o tipo de cartão para testas, mais utilizados, é o de "Snellen", que apresenta um "E" de grandes dimensões na linha superior. De acôrdo com essa prova, a visão normal corresponde a 2,5/600, o que significa que uma pessoa, dotada de olhos normais, pode ler uma série de letras de 2,5 centímetros de dimensão, a uma distância de 6 metros.

No entanto, afirmam os oftalmologistas, êsse tipo de teste não demonstra a perfeita eficiência da visão humana, pois não permite estabelecer quão aguçadamente a pessoa, submetida ao mesmo, pode ver, no sentido lateral, ou quanto pode a mesma enxergar, com os olhos em movimento. Além disso, o cartão "Snellen" não tem qualquer utilidade na comprovação de afecções visuais mais graves.

Para provar a ineficiência dos cartões utilizados nos exames de vista, transcrevemos a comunicação do Dr. Elek Ludvigh, do Instituto de Olhos do Dr. Kresge, segundo a qual, muitas pessoas dotadas de visão excelente, de acôrdo com os padrões "Snellen", não podem ver objetos em movimento tão fàcilmente quanto outras, declaradas portadoras de visão imperfeita, pelo teste do mesmo cartão.

No entanto, apesar de todos os defeitos que apresenta, o cartão "Snellen" ainda é o melhor teste para exame da vista, que os especialistas já foram capazes de descobrir.

Na recente convenção realizada nos Estados Unidos pelos técnicos optometristas — que podem aviar receitas de óculos, mas não podem tratar de afecções visuais — êstes aprovaram um novo tipo de cartão para provas, consistindo em números negros num fundo branco, cercados por um tom cinzento. Êsse padrão, de acôrdo com o Dr. J. Ottis White, presidente da Associação Americana de Optometristas, leva em consideração a percepção da luz, percepção em contraste, poder de decomposição, percepção linear e dimensional.

Contudo, entre os médicos especialistas de olhos, não houve o entusiasmo esperado pelo aparecimento de um processo tão completo de examinar a visão.

Um outro processo de exame de olhos, que apresenta grandes falhas, é o de verificação da acuidade visual para as côres. Uma das inconveniências dêsse sistema, que consiste em números embutidos em uma grande quantidade de bolinhas coloridas, é o de poder o paciente decorar os números que se seguem, página por página. Os estudiosos do assunto têm trabalhado muito, nos últimos anos, na organização de um tipo de teste que, segundo êles, será "simples", fácil de conduzir, e dificílimo de decorar".

Como muitos outros têrmos utilizados na ciência visual, a "cegueira para as côres" não significa exatamente o que quer dizer. A cegueira total para as côres é quase inexistente (na Inglaterra, existem apenas duas pessoas com o não discernimento completo para as côres: para êsses indivíduos, o mundo apresenta constantemente um tom cinzento); no entanto, existem milhões de pessoas (cêrca de um em cada quinze homens e uma em cada cem mulheres) cuja visão para as côres é deficiente. O tipo mais comum de "daltonismo" é a confusão de certos tons de verde, vermelho e amarelo. Essa condição, geralmente hereditária, não pode ser tratada ou curada.

Ninguém conseguiu ainda descobrir como o cérebro consegue selecionar uma côr de outra, a não ser quánto ao início dêsse processo de distinção. A retina tem dois tipos de receptores microscópicos, de raios luminosos, muito sensíveis, que são denominados **bastões** e **cones.** Os bastões se destinam à apreensão dos raios de luz difusa e para a visão noturna; os cones, para a visão diurna e para a percepção das côres. No escuro, quando os bastões entram em ação, não conseguimos divisar côres. Êste é o motivo pelo qual os pássaros, **cujas retinas não possuem bastões,** mantêm-se em seus ninhos durante a noite.



Uma vista perdida . . . Na maioria dos casos graves, a culpa coube ao acidente ou ao descuido. Então, o tratamento é muito mais difícil . . .

COMO ESTAMOS HABILITADOS A ENXERGAR NA LUZ DIFUSA — Nos bastões há uma substância denominada "rodopsin". No escuro, o **rodopsin** torna-se vermelho como fogo. Mas a penetração de luz no ôlho produz uma reação intrincada e pouco perceptível, que modifica o **rodopsin,** tornando possível a percepção visual a uma luz difusa. Essa modificação se processa continuamente. Em 1951, o biologista da Universidade de

Harvard, George Wald, provocou, pela primeira vez, na história, tôdas essas reações em um tubo de ensaio. Fôra Wald quem, em 1933, descobrira a existência de vitamina A na retina. Com a ausência de vitamina A, o rodopsin não pode formar-se, daí a **cegueira noturna**, peculiar às pessoas que apresentam carência de vitamina A.

No passado, a carência de vitamina A (encontrada em maiores quantidades no fígado e nos derivados do leite) levou populações inteiras à **cegueira noturna**. No entanto, no presente, com as dietas adotadas, seguindo recomendações médicas, é relativamente pequeno o número de indivíduos afetados por essa anomalia. Aliás, é de notar que o corpo armazena tão grande quantidade de vitamina A, que o Dr. Wald encontrou dificuldade em provocar a **cegueira noturna** em cobaias.

Apesar disso, são poucas as pessoas que utilizam eficientemente a "visão noturna". Em geral, os homens não sabem como utilizar os olhos no escuro. Não há, porém, dificuldade em aprender. Nos Estados Unidos e Inglaterra, por exemplo, as fôrças armadas instituíram um curso, no sentido de ensinar aos pilotos de aviões e outros componentes das mesmas a utilizar ao máximo a visão noturna. E' desnecessário dizer que uma tropa que enxergue melhor do que o inimigo, no escuro, mesmo que essa vantagem seja pequena, tem maiores possibilidades de triunfar. Daí o motivo das muitas experiências com a visão, realizadas pelas autoridades militares de diversos países, não terem ainda vindo a lume. **Não convém que os outros conheçam êsse recurso.**

Vejamos agora um novo aspecto da era em que vivemos. Os vôos supersônicos, por exemplo. Os cientistas da Escola de Medicina Aviatória, da Fôrça Aérea dos Estados Unidos, situada no Campo Randolph, chegaram à conclusão de que dois aviões a jacto, separados por uma distância de cêrca de 2 400 metros, voando em direção um do outro, a velocidade superior à do som, colidiriam antes de que qualquer um dos pilotos pudesse evitar o choque. Isto porque, cada avião percorreria cêrca de 1 440 metros antes que seu pilôto pudesse divisar o outro aeroplano; assim, antes de mudar o curso, êles colidiriam.

O Dr. Heinrich Rose, cirurgião de vôo da antiga "Luftwaffe", atualmente prestando seu concurso ao Campo Randolph, verificou que um avião a jacto, voando a 414 metros de altitude, sôbre um objetivo, à velocidade de 800 quilômetros por hora, permitirá a seu pilôto ver apenas a metade do que observaria, se estivesse parado àquela mesma altitude. O Dr. Rose verificou, ainda, que aviadores que possuem sòmente um ôlho, podem efetuar aterrissagens perfeitas.

Que diremos nós, então, de nossos olhos, se queremos apenas ver normalmente, a velocidades que até há pouco tempo eram consideradas **comuns**? Tôdas essas pesquisas intensivas prometem que nossos olhos estarão aptos, dentro de curto prazo, a ver melhor — e durante maior tempo. Mas, enquanto não são reveladas as novas descobertas que nos beneficiarão, cabe a nós preservar a saúde de órgãos tão importantes.

REGRAS INDISPENSÁVEIS NO CUIDADO DOS OLHOS — Tôdas as regras e conselhos aqui transcritos foram recomendados por oftalmologistas, no sentido de melhor educar os habitantes dêste vasto mundo.

1) — Proteja os olhos, se o seu gênero de trabalho não apresenta segurança, usando óculos especiais.

2) — Não deixe seu filho brincar com objetos perigosos.

3) — Jamais esfregue os olhos com as mãos, nem os enxugue com uma toalha que não esteja limpa. Qualquer cisco ou partícula de pó que lhe cair num dos olhos, requer a presença de um oftalmologista para retirá-lo.

4) — Se a luz solar incomoda, pode e deve usar qualquer tipo de óculos escuros. Mas não use óculos escuros à noite, pois os mesmos impedem a penetração da luz que os olhos necessitam para ver.

5) — O leitor pode ler na cama, desde que conserve uma posição adequada e a iluminação seja abundante. Não leia ou escreva **sob um facho de luz; todo o aposento deve estar iluminado.**

Acima de tudo, devemos manter **todo** o nosso corpo sadio e bem disposto. Os cientistas se dedicaram atualmente ao estudo da visão psicosomática, mas sabem, de antemão, que o excitamento e a ansiedade podem afetar a nossa visão. Existem, mesmo, pessoas escapistas, que estão cegas **porque não querem ver.**

Merece citação o caso da escolar que, por algum tempo, intrigou os oftalmologistas. Durante certas épocas, tinha necessidade de usar óculos e, em outros períodos, sua visão era normal. Finalmente, seu médico descobriu que a menina necessitava dos óculos **sempre que os pais ralhavam com ela.** Isto afetava o seu estado geral, ofendendo, em conseqüência, a sua visão.



***Pesquisadores da Califórnia** anunciam que, em três dezenas de espécies de algas marinhas, foram encontradas qualidades para o extermínio de micróbios. Provàvelmente serão utilizadas para futuros medicamentos.*



Quanto mais inteligente é uma pessoa, tanto menos probabilidade tem de perder a lucidez com a idade. A mentalidade de uma pessoa inteligente é mais ativa e, portanto, tem capacidade para continuar assimilando novos conhecimentos por muito tempo, o que não acontece com as pessoas de inteligência rudimentar.

O REI QUE TROCOU O TRONO POR UM AMOR

O QUE NÃO DISSE O DUQUE DE WINDSOR

— I —

A VIDA DE UM PRÍNCIPE HERDEIRO

OS artigos que hoje iniciamos têm por fim apresentar, ao grende público, um príncipe cuja vida real foi uma sucessão de fatos em que o romance e a aventura entraram em doses fortes, criando, em tôrno do seu nome, lendas como as dos livros das velhas histórias de reinos e fadas e que, inesperadamente, culminou com a sua renúncia ao trono mais ambicionado em todo o mundo, para casar com a eleita do seu coração.

O Duque de Windsor é o homem mais simples dêste mundo e que, pela fôrça do nascimento, foi colocado na situação mais elevada e mais difícil. Educado dentro da tradição Vitoriana, por um pai severo, que ia ao extremo de proibir que usasse calças com a bainha virada, se não chovesse, era obrigado a fazer pose sob a coroa mais pesada do mundo, quando os seus gostos pessoais o impeliam a viajar, a tomar parte em caçadas e a viver uma vida simples, com amigos familiares...

Eduardo VIII, abdicando, saiu de uma prisão dourada, verdadeiramente esmagadora para êle. Tinha, enfim, encontrado o amor. E só o amor podia torná-lo feliz.

★

NA noite de 20 de fevereiro de 1936, às 21 horas e 38 minutos, exatamente, tôdas as estações emissoras da Grã Bretanha e do Império Britânico interromperam bruscamente seus programas. Uma voz grave anuncia:

— A vida do rei chega tranqüilamente ao fim.

Diante dos portões de Sandringham, onde George V termina sua existência, milhares de pessoas, chegadas a pé, de bicicleta ou em ônibus, especialmente fretados, têm o olhar voltado para as janelas brilhantemente iluminadas.

Vinte e duas horas. Todos os postos britânicos interrompem mais uma vez os seus

A COROA: 3 095 PEDRAS
Pesada demais...

O Príncipe viveu o mais belo romance de amor de nossa época! Que homem, vivo ainda, poderia promover a publicação de tantas revelações sensacionais? →



A ATMOSFERA SUFOCANTE DE BUCKINGHAM PALACE
A família real britânica na época do nascimento do duque.

programas regulares. De tempos em tempos, breves notícias sôbre o estado de saúde do rei. A BBC emite cânticos religiosos, cantados pelos coros, assim como preces.

Diante do castelo, a afluência se torna sempre maior. Muitos dos que ali esperam são da aldeia de Dersingham, onde o rei se achava, por assim dizer, em sua casa. Todo mundo o conhecia. As mulheres, em lágrimas, levantavam seus bebês acima da cabeça, como se êles pudessem ver, ainda uma vez, o bem amado monarca.

Diante do palácio de Buckingham, em Londres, igualmente, milhares de pessoas silenciosas aguardam. Todos procuram ler o último boletim, afixado ao gradil.

Vinte e três horas. Os teatros e cinemas estão fechados, devido às circunstâncias; os espectadores se apressam a voltar para casa, a fim de ouvir as últimas notícias pelo rádio.

Meia-noite e quinze. O **speaker** da rádio britânica anuncia:

— E' com profundo pesar que informamos a todos os súditos do Império Britânico que Sua Majestade o Rei acaba de falecer. Aproveitamos a ocasião para renovar a nossa fidelidade à coroa... **God save the Kin!**

★

NO dia 21 de janeiro, às nove horas da manhã, os navios da frota britânica, encontrados em águas territoriais, dão uma salva de 71 tiros, cada um representando um ano do rei...

O grande sino da catedral de São Paulo ressoa incessantemente, desde as oito horas; assim faz sempre, por ocasião da morte de um soberano. Todos os edifícios da **City** têm as bandeiras a meio-pau. As escolas estão fechadas.

No começo da tarde, o Conselho Secreto se reuniu no Palácio de Saint James. Os membros do Conselho prestam juramento ao novo rei. Às 18 horas, há uma sessão conjunta das duas Câmaras do Parlamento. Os deputados usavam gravata preta.

À noite, o rei defunto é transportado da câmara mortuária para a capela de pedras cinzentas de Santa-Maria Madalena, em Sandringham. O caixão em que repousa foi feito com madeira de carvalho da propriedade. Os servidores e os camponeses montam guarda.

★

NO dia seguinte, às 10 horas, Eduardo VIII é proclamado rei da Grã-Bretanha e da Irlanda. O cortejo se dirige ao páteo do convento do Palácio de Saint-James. O mestre de cerimônias da Ordem da Jarreteira anuncia a boa nova; após o que os arautos fazem soar uma fanfarra e só então o mestre de cerimônias lê a velha proclamação, entre várias figuras, tôdas vestindo soberbos uniformes, onde brilha o ouro sob o frio sol de inverno.

"Foi vontade de Deus todo-poderoso, chamar a Si nosso rei George V. Em razão da sua morte, a coroa cabe legalmente a seu filho, Eduardo Alberto Cristiano George André David Patrick..."



O GRANDIOSO CORTEJO DOS FUNERAIS DE EDUARDO VII, ATRAVESSANDO LONDRES
Entre todos os reis da Europa, em grande uniforme, um principesinho intimidado.

O cortejo, formado pelas carruagens da côrte, cercado pela cavalaria da Guarda, exibindo couraças de ouro brilhante, segue então para a **City.**

O novo rei não assistiu à sessão da proclamação. Estava em viagem para Sandringham. Seu automóvel não tarda a deter-se diante da pequenina capela.

Antes mesmo da proclamação, Eduardo começava o seu reinado cometendo dois atos, que pareceram particularmente **inconvencionais** aos seus próximos. Na véspera, avançara, com suas próprias mãos, todos os relógios do castelo de Sandringham, que, desde os tempos da rainha Vitória, atrasavam de meia hora sôbre a hora do meridiano de Greenwich. A seguir, tomou seu avião particular e dirigiu-se a Londres.
Imaginem! Um rei viajando em avião!

*

AGORA, penetra na capela obscura, sentando-se numa cadeira colocada junto da eça funerária de seu pai. Ali passará a noite, silencioso, quase sem um movimento, junto do monarca falecido.

Alguém saberá, algum dia, em que pensava êsse jovem rei, no correr dessa noite que parecia infindável? Só o tempo dirá.

Uma coisa, porém, é certa: deve ter imaginado que chegava ao fim, não apenas de um capítulo da sua vida, mas de **tôda uma vida!**
Um príncipe real é ainda um homem privado. Um rei pertence ao mundo, à opinião pública, à nação; talvez à História! Só a êle próprio não pode pertencer.

Eduardo VIII não sabia, ainda, no correr dessa noite em que disse adeus ao pai morto. Mas não tardaria a saber!

Talvez o jovem rei dissesse então um outro adeus: ao príncipe de Galles, que tinha sido e não seria mais nunca! Êle o teve, sem dúvida, ali, diante dos olhos, bem junto; não muito alto aspecto de adolescente, fisionomia finamente recortada, olhos sonhadores...

*

MUITO antes da primeira guerra mundial, sua fotografia apareceu constantemente nos jornais ilustrados de todos os países do mundo. O príncipe de Galles de uniforme como tenente da marinha, almirante, coronel do regimento da guarda real, de **smoking**, de casaca, em roupa de montaria, de golf... E sempre, sempre, o príncipe de Galles a paisa, com jaquetão de flanela — que ninguém soube vestir melhor do que êle — e que o tornou o árbitro da elegância masculina. O príncipe que sabe como é preciso vestir para ter o ar de um homem do mundo e que tem sempre o aspecto de um **gentleman**, porque provavelmente o seja mais que qualquer outro.

Sua vida? A educação tal como é devida a um príncipe de sangue real, e que está, desde o nascimento, destinado a ser rei, um dia. Talvez tenha recebido uma educação um tanto mais se-



A BISAVÓ ORGULHOSA COM O BISNETO
"Nunca tive o espírito vitoriano" — disse o Duque.

pesaria sôbre o seu olhar durante longos anos. Como se êle, o herdeiro do maior império do mundo, não tivesse esperança de jamais voltar a ser feliz.

Além disso, torna-se profundamente democrata, talvez demais, na opinião da boa sociedade, que teria preferido ver o seu príncipe um pouco mais "antigo regime".

No correr dos anos que seguiram a Grande Guerra, faz sòmente coisas que nenhum outro Príncipe de Galles pensara — ou ousara — fazer. Percorre o mundo inteiro, vai ao Canadá, aos Estados Unidos, à América do Sul, à África, pronuncia discursos excelentes, dança com mulheres moças e encantadoras, vai caçar leões e elefantes. E', acima de tudo, um **sportsman**, de corpo e alma. Monta a cavalo. Pilota seu próprio avião...

Na Côrte, os murmúrios aumentam. Todos se mostram preocupados. E' então necessário que um príncipe de Galles dispute corridas como um jóquei? Porque as quedas de cavalo que o príncipe sofre são numerosas. Surgem, mesmo, anedotas sôbre essas quedas. No entanto, não devem elas ser atribuídas a uma equiciência insuficiente, mas — ao contrário — ao fato de o príncipe escolher para montar os cavalos mais selvagens e mais fogosos, o que vem a ser mais uma prova da sua temeridade e arrôjo.

vera que o seu avô Eduardo VII, que adorava o neto e não a julgou necessária para si mesmo.

Mas o pai, George V, é tão severo e consciencioso como seu pai era pródigo. Fêz questão de que seu filho crescesse como qualquer outro inglês de boa casa. Nem sempre era fácil. Entretanto, o príncipe de Galles vai para Oxford, onde é um estudante entre os outros. Depois é a Grande Guerra.

Imediatamente, o príncipe vai servir no regimento dos Granadeiros da Guarda. Ninguém — salvo o próprio príncipe de Gales — acredita que êle irá para o **front.** Há verdadeira luta entre o então Ministro da Guerra, lord Kitchener, e o príncipe. E' êste quem leva a melhor e, em novembro de 1914, chega à Flandres, na França.

A partir de então, mau grado as súplicas de seu pai, emocionado e inquieto ("— Tenham todo o cuidado com o príncipe de Galles!" — repetia êle aos seus generais) passa por sérios perigos, partilhando a vida terrível dos soldados no **front.** E é daí que data o aparecimento dêsse seu ar sério e mesmo de profunda tristeza, que



Já rapaz — um simpático rapaz — o Príncipe de Gales não hesitava em misturar-se com a tropa, no "front" da Segunda Grande Guerra.

E', também, mais uma razão para o nervosismo reinante na Côrte. Muitos cavaleiros já haviam partido o pescoço ou a coluna vertebral em quedas assim.

Eduardo, sorrindo, declara que, afinal, o pescoço lhe pertence. Mas os meios oficiais encaram tudo isso de forma diferente, mostrando-se contrários aos excessos esportivos do príncipe. **O pescoço do Príncipe de Galles não lhe pertence, absolutamente!** De qualquer maneira, não deveria correr riscos inúteis.

*

Finalmente, êle cede. Vende seus cavalos. Mas, em breve, a Côrte tem novos motivos de preocupações. O Príncipe de Gales voa! E' lá possível imaginar uma coisa assim? Pilota o avião como qualquer cidadão. O Príncipe se zanga. Por que não voaria? Ou

bem os aviões são relativamente seguros — e são bons para êle, ou não o são e, nesse caso, ninguém deveria estar autorizado a voar, como pilôto ou simples passageiro. Além do mais, gosta de pilotar, pois é êsse o único esporte que pode ser praticado sem ter uma multidão a espreitar todos os seus movimentos.

Quando joga tênis ou "golf", é sempre um acontecimento mundano. Não pode haver prazer em tais práticas. Não há nada que possa fazer, sem que seja observado e publicado nos jornais.

E o mesmo ocorre com as suas viagens. Provocam uma série de recepções oficiais, nas quais tem que pronunciar discursos intermináveis e ouvir o dos outros — o que é fatigante — de sorte que jamais pôde encontrar repouso. Às vêzes, tenta viajar incógnito, com o nome de lord Renfrew.

Isto significa que os agentes de polícia e os guardas da alfândega, os condutores de trem, os porteiros de hotel e as lindas mulheres nos seus bares favoritos, em Montparnasse ou no Lido de Veneza, fingem não saber quem é êle, e que os seus guarda-costas ficam três passos mais afastados e têm o ar infeliz, como se desejassem que a terra os tragasse.

Mas Eduardo sabe, já agora, que guardar um estrito incógnito é quase tão fatigante como as recepções públicas.

★

E, principalmente, uma pergunta segue o jovem príncipe através de tôda a sua vida:

— **Por que não se casa?**

★

(No próximo número:

"UMA VIDA DE ÊXITOS E AMARGURAS . . .")



O futuro George V, o grande Eduardo VII e Eduardo VIII — então simples Duque de York.



O futuro rei Eduardo VIII, nascido em 1894, nos braços de sua mãe, a Duquesa de York, depois rainha Mary. Hoje é êle o Duque de Windsor.

A POLÍCIA NÃO PODIA ENCONTRAR A ESPÔSA DESAPARECIDA; O MARIDO FOI OBRIGADO A TOMAR A SI O CASO. E FÊ-LO COM SUCESSO...

A "VOLTA"

MALLIN moveu lentamente a cabeça, com ar pensativo, ao ler o último anúncio que pusera no jornal: **"Alice. Por que me deixou? Volte por favor."**

Levantou-se, respirando profundamente, e sorveu o resto da bebida que tinha no copo.



Nesse instante, alguém bateu à porta. Era a senhoria.

— O policial que chamou está lá embaixo! — disse ela — Quer falar com o senhor.

Fêz uma pausa e depois prosseguiu, em tom piedoso:

"— Desculpe-me por vir incomodá-lo. Sei muito bem como o senhor deve estar triste...

O detective tentou consolar Mallin.

— Quando viu sua espôsa pela última vez? — perguntou, após um momento de silêncio. A pergunta foi feita em voz baixa e respeitosa.

— Completaram-se três semanas, na última quinta-feira.

— Ela levou algum objeto... ou deixou um bilhete? Enfim, qualquer coisa que nos sirva de indício ou de ponto de partida?

— Nada! — respondeu o desconsolado marido. — Simplesmente **desapareceu**!

O policial deu uma palmada amistosa no magro ombro de Mallin, enquanto dizia:

— Procure não se preocupar! Faremos o que fôr possível. — Segurou o homem pelo braço e fitando-o atentamente, continuou — Por que não faz uma pequena viagem, a fim de esquecer tudo isso e recuperar as fôrças? Está emagrecendo! Olhe para o espêlho! Está magro e nervoso!

O marido da desaparecida fêz um meneio, como se concordasse com a sugestão do policial. Depois foi abrir a porta, e esperou até que o au-

*

A "garçonette" livrou o próprio braço, que Mallin segurara, dizendo com voz zangada: — Escute! Não gosto dessas liberdades! →

tomóvel da polícia desaparecesse de vista. Então, subiu para o seu quarto, e começou a arrumar a mala. Ante o olhar curioso da senhoria, informou que ia fazer uma longa e recuperadora viagem, com o fito de esquecer a espôsa. E, se, por acaso, Alice retornasse, ela que fizesse o

DA ESPÔSA

Novela de R. MAMULA

favor de anotar qualquer recado. De tempos em tempos, êle mandaria um telegrama, informando o local em que se encontrava.

Naquela mesma noite, James Mallin saltava de um trem, numa das cidades do Estado de Indiana. Era uma cidade pequena, asseada, completamente diferente da ruidosa metrópole em que sempre

Ora era um telegrama, ora um chamado telefônico... E sempre a mesma coisa: — "Sua espôsa quer falar com o senhor!..."



tinha vivido. O trem não partiria senão dentro de meia hora, e, assim, Mallin poderia dar uma **voltinha** e tomar alguns drinques.

Pouco adiante, na única rua da cidade, encontrou uma taberna e entrou no estabelecimento. Era um bar limpo e decente. Pediu uma bebida e, olhando para o bem torneado corpo da "garçonette", resolveu pedir mais outra. Por que se preocupar a respeito de Alice, se, afinal de contas, ela pouco significara para êle? Com êste pensamento, levantou-se, sentindo-se mais leve; colocou um níquel na "caixinha" e sorriu para a moça. Esta correspondeu amàvelmente e pouco depois se encaminhou para o local em que êle se encontrava, perguntando:

— Seu nome é Mallin?

Êle assentiu, e a "garçonette" tornou a falar:

— Há um chamado interurbano para o senhor. — Apontou para a cabine telefônica — E' sua espôsa — concluiu.

Uma chamada telefônica! Mas... se êle não conhecia ninguém em Indiana, e nem tampouco dissera a alguém para onde ia! Então, como...?

A "garçonette" retirou com gesto violento o próprio braço, que Mallin segurara, e disse em voz alta e zangada:

— Escute! Não gosto dessas liberdades! — virou-se para a cozinha — Ei, Frank! Êste sujeito...

Antes que ela terminasse de falar, Mallin já saíra da taberna, a tôda pressa.

★

Tão intrigado ficou com o ocorrido, que, mais tarde, no trem, não conseguiu conciliar o sono. Finalmente, quando a composição se deteve em Chicago, êle se apressou a deixar o trem. Pretendia guardar as malas na estação e dar umas voltas, a fim de procurar distração. Tomaria alguma coisa bem forte, e tudo voltaria ao normal, em sua vida.

Achou a cidade muito interessante e agradável. Após algumas horas de "exploração", resolveu entrar em um "night-club". Uma ruiva, de corpo algo volumoso, veio sentar-se à sua mesa, assistindo ao "show" que era realizado. Uma agradável sensação de rejuvenescimento invadiu todo o seu corpo. O que êle pudera **ver** na tal Alice...

De um pulo, Mallin se levantou, tremendo. O chefe da orquestra interrompeu o "show", e anunciava pelo microfone:

— Mensagem urgente para o Sr. James Mallin! Sr. James Mallin! Queira dirigir-se à gerência!

Mallin retirou a mão que pusera sôbre o braço da ruiva, dizendo:

— Voltarei logo!

Saiu dali, às pressas, deixando o "night club". Um quarto de hotel, um banho frio, a cama macia, eliminariam o pesadelo, era, pelo menos o que esperava. Chamou o empregado de serviço, pediu uma garrafa de **whisky**, gêlo e soda.

— Nada disso faz sentido! — murmurou para si mesmo, com uma careta, enquanto aguardava a bebida.

Minutos depois, o rapazinho batia à porta. Mallin foi abri-la. O empregado assobiava uma melodia, enquanto colocava a bandeja contendo a garrafa, o gêlo e o sifão, sôbre a mesinha de cabeceira. Quando já ia se retirar, deteve-se e falou:

— Oh, sim! Ia esquecendo de dizer: o telefonista de plantão pede que o senhor se comunique com êle.

Mallin esperou até que o empregado saísse; então levantou o fone do gancho. Ouviu, aturdido, o que o encarregado lhe dizia: **"A sua espôsa lhe telefonara, em chamada interurbana.** Queria que tentasse estabelecer a ligação, agora?

— Não! Chamarei mais tarde — respondeu, com voz sumida, tentando aparentar calma.

Cinco minutos depois, não conseguindo controlar os próprios nervos, Mallin tinha deixado o hotel e estava na rua. Voltou à estação ferroviária, retirou as malas e embarcou no primeiro trem que apareceu.

Três horas depois, um condutor percorria o vagão em que Mallin estava alojado, dizendo, em voz alta: **"Telegrama para o Sr. James Mallin!"**

Completamente desnorteado, escondeu a cabeça num jornal, quando o condutor se aproximou, passando por ali sem notá-lo.

★

Uma semana depois, fatigado, com os nervos abalados, e sentindo que enlouquecia com êsses estranhos chamados que recebia, nos lugares mais distantes, Mallin resolveu voltar para casa. Não podia mais suportar aquilo! Tinha que esclarecer o assunto, de uma vez por tôdas. Ora era um telegrama, ora um chamado telefônico... E, sempre, a mesma coisa:

"— Sua espôsa quer falar com o senhor!"

Chegou ao anoitecer e, horas depois, estava cavando no local em que fizera uma cova, um mês antes. Como em delírio, tremendo, jogou a pá para um lado e apanhou a lanterna, iluminando a cova. Sob o pequenino foco de luz, a cova apresentava um aspecto aterrador. Ficou um instante com a respiração prêsa. Repentinamente, sacou uma pistola e descarregou tôda a carga da mesma sôbre o corpo que jazia no fundo.

★

Dizia coisas incoerentes, quando os policiais, saindo de trás das árvores que circundavam o local, tomaram-lhe a arma, subjugando-o. Levaram-no para a estrada que marginava aquêle ermo lugar, e fizeram que entrasse no automóvel da polícia, ali estacionado. Nesse instante, o detective, voltando-se para êle, disse, em tom entre satisfeito e enojado:

— Por **êsse trabalho**, você merece uma condecoração!

★ ★

ELETRICIDADE FEMININA

A eletricidade estática, que se forma quando a mulher penteia o cabelo, pode ser aproveitada.

O cientista que se deu o trabalho de estudar o fenômeno avaliou em oito a dez volts o potencial elétrico produzido.

Usando aquela energia obtida do cabelo, pôde acender uma lâmpada de magnésio para iluminar a cena de uma fotografia! Para tanto, adicionou ao pente um coletor metálico de onde saíam os fios ligados à lâmpada. Cada movimento do pente nos cabelos fornecia a voltagem necessária para acender a lâmpada.

Verificando-se êsse simples registro científico é possível imaginar qual o potencial elétrico que as mulheres poderiam fornecer à cidade em que residem, só com o simples gesto de pentear os cabelos!

FRASES ETERNAS

Jairo, o chefe dos Regentes da Sinagoga, esperava vários rabinos que se reuniriam em sua casa para arguir e quase que para julgar a Jesus. Jairo ordena a Raquel que prepare comida para êles.

— Sim, senhor — disse a velha Raquel, torcendo o nariz e ordenando às suas subordinadas, que começassem a servir a mesa. Em seguida, com a sem-cerimônia que a antiga situação na casa permitia, observou:

— E êles comem que não é brinquedo!

— Ora esta... por que falas assim? — indagou o amo, intrigado com o gracejo da velha.

— Já tivemos aqui gente desta marca, senhor: homens que dizem grandes palavras, comem sempre grandes jantares...

CRISE

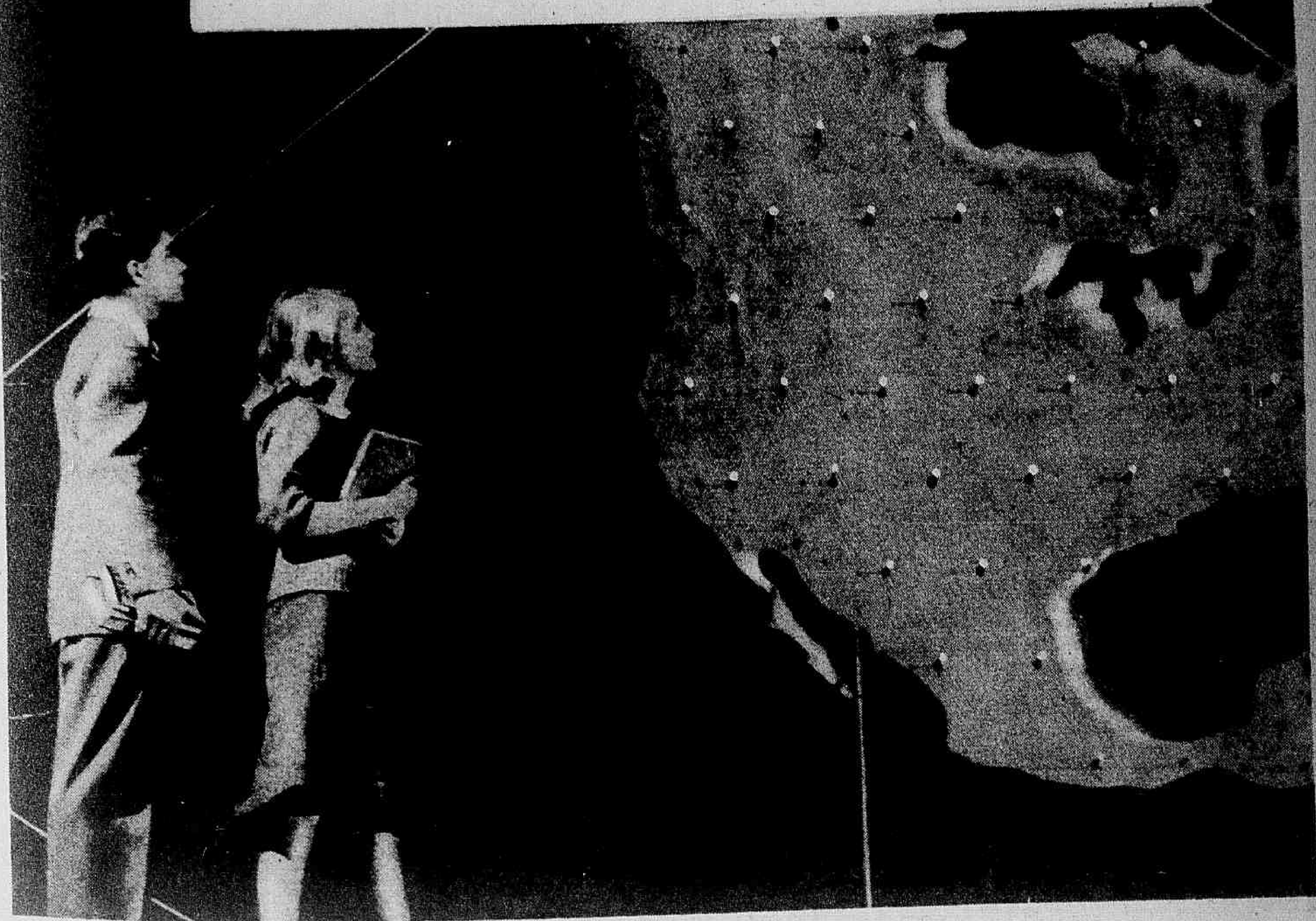
"Se há alguma mensagem que meu país tem prazer de transmitir, é que estamos preparados para ceder, se necessário, uma parte de nossa soberania em favor da nova organização internacional — no interêsse da segurança coletiva." — T. V. SOONG.

COMENTANDO estas palavras do delegado da China na Conferência das Nações Unidas, em San Francisco, assim se manifestou o Dr. Butler, presidente-*emeritus* da Universidade de Columbia: "Se dermos tôda atenção ao seu significado, bem poderemos marcar um progresso na história da Humanidade. Porque, em suma, é o exagerado conceito de soberania nacional o responsável por muitas das guerras internacionais e mundiais, além de preparar um negro futuro para todos nós.

Nos dias que correm, não há crise chinesa, nem crise indiana, nem crise alemã ou americana; o que estamos enfrentando é uma crise mundial que se apresenta em diferentes formas em cada terra, segundo as condições nacionais, os costumes de cada país e as circunstâncias locais. No entanto, o mal é um só, uma e mesma a condição. Por isso mesmo o mal só poderá ser curado por um mesmo processo. O problema do povo é mundial. A cura terá que ser igualmente mundial. A compreensão internacional, a cooperação internacional, como a política administrativa também internacional — sòmente elas — poderão restaurar a saúde de todo o mundo enfêrmo. O que possa fazer uma só nação há de ser temporário e limitado, porque nem mesmo a maior, a mais poderosa e rica de tôdas poderá enfrentar e resolver definitiva e satisfatòriamente todos êsses problemas.

De fato, chegamos ao tempo em que, se a liberdade tem que ser preservada e bem distribuída, os seus defensores e propagadores têm que estar preparados para abrir caminho para uma fase inteiramente nova no que diz respeito à organização política.

O mundo aguarda uma nova aplicação do princípio federativo!

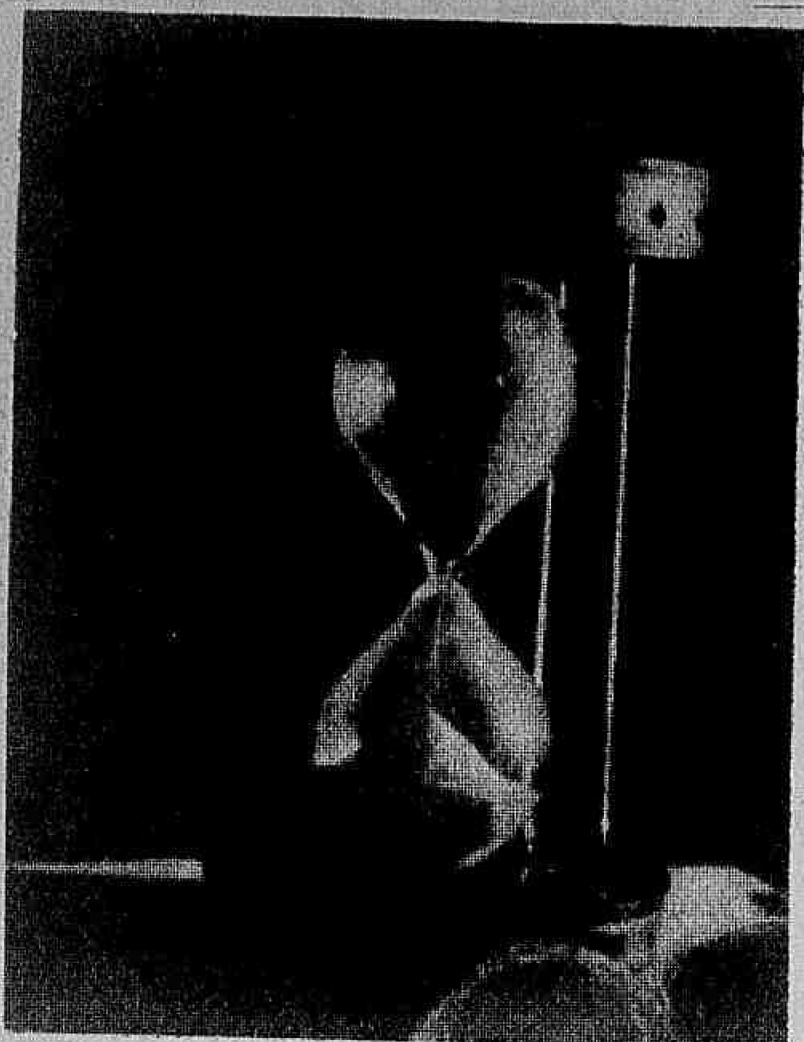


PODEMOS CHEGAR AOS 100 ANOS

SEIS CONSULTAS QUE PROLONGAM A VIDA

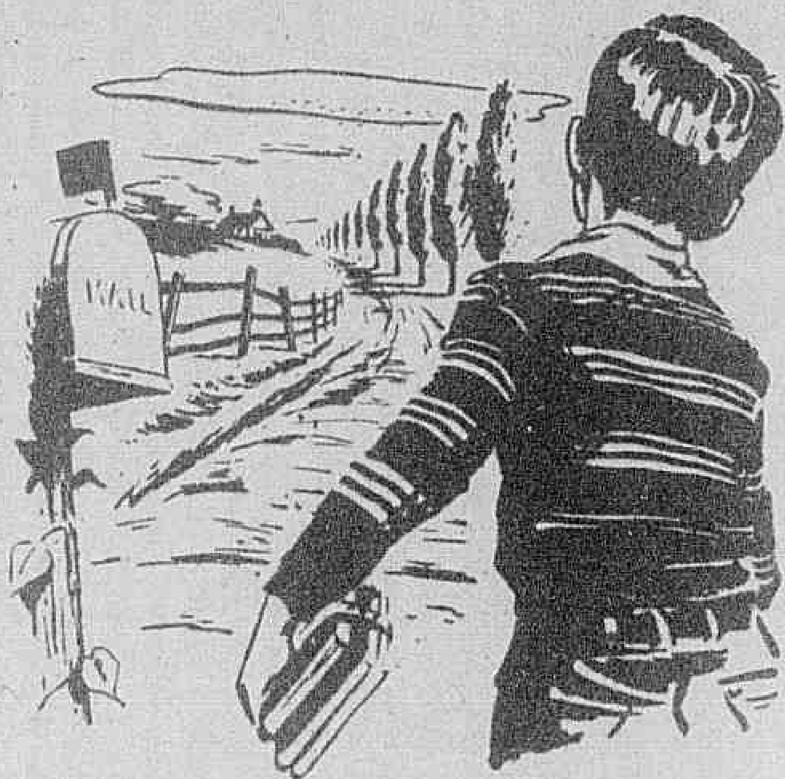
Por C. WARD CRAMPTON

O novo plano da medicina, para uma vida mais prolongada, não se baseia em nenhuma "fonte da juventude" nem na descoberta de alguma nova "droga milagrosa". Simplesmente apresenta um método desenvolvido por uma autoridade no assunto, e capaz de proporcionar vida saudável



O tempo passará mais ameno, sem os achaques e os sofrimentos tão comuns...

C. Ward Crampton, autor do presente artigo, é especializado em doenças peculiares às diversas idades. Êsse médico é o presidente do Subcomitê de Geriatria e Gerontologia da Sociedade Médica de N. York. E', também, autor de "Viva mais tempo, e aproveite".



2.ª ÉPOCA: ESCOLA — Os exames médicos periódicos, nessa idade, são importantes, para verificar as reações emocionais, a dentição e os problemas da audição. Os acidentes constituem ameaças constantes.

A Ciência, em sua constante evolução, está agora de posse de um novo plano, que se refere à duração e aproveitamento da vida. Denomina-se êsse plano, "Os seis pontos básicos para a vida longa". Não pensem os leitores que êsse novo método representa algo fantástico; não é mais que um esquema do procedimento do homem, indicando quando e como deve êle se submeter a exames médicos.

Graças aos inquéritos a que procederam os cientistas que se preocupam com o bem-estar da Humanidade e procuram dotar o homem de uma vida mais longa e mais sadia, foi possível, mediante inúmeras pesquisas, alcançar um certo discernimento, que permite aos médicos a enunciação de uma nova teoria, tôda ela baseada nas próprias condições da vida atual.

Mediante o estudo de casos como o que apresentamos abaixo, chegaram os cientistas às conclusões que vão transcritas pouco mais adiante.

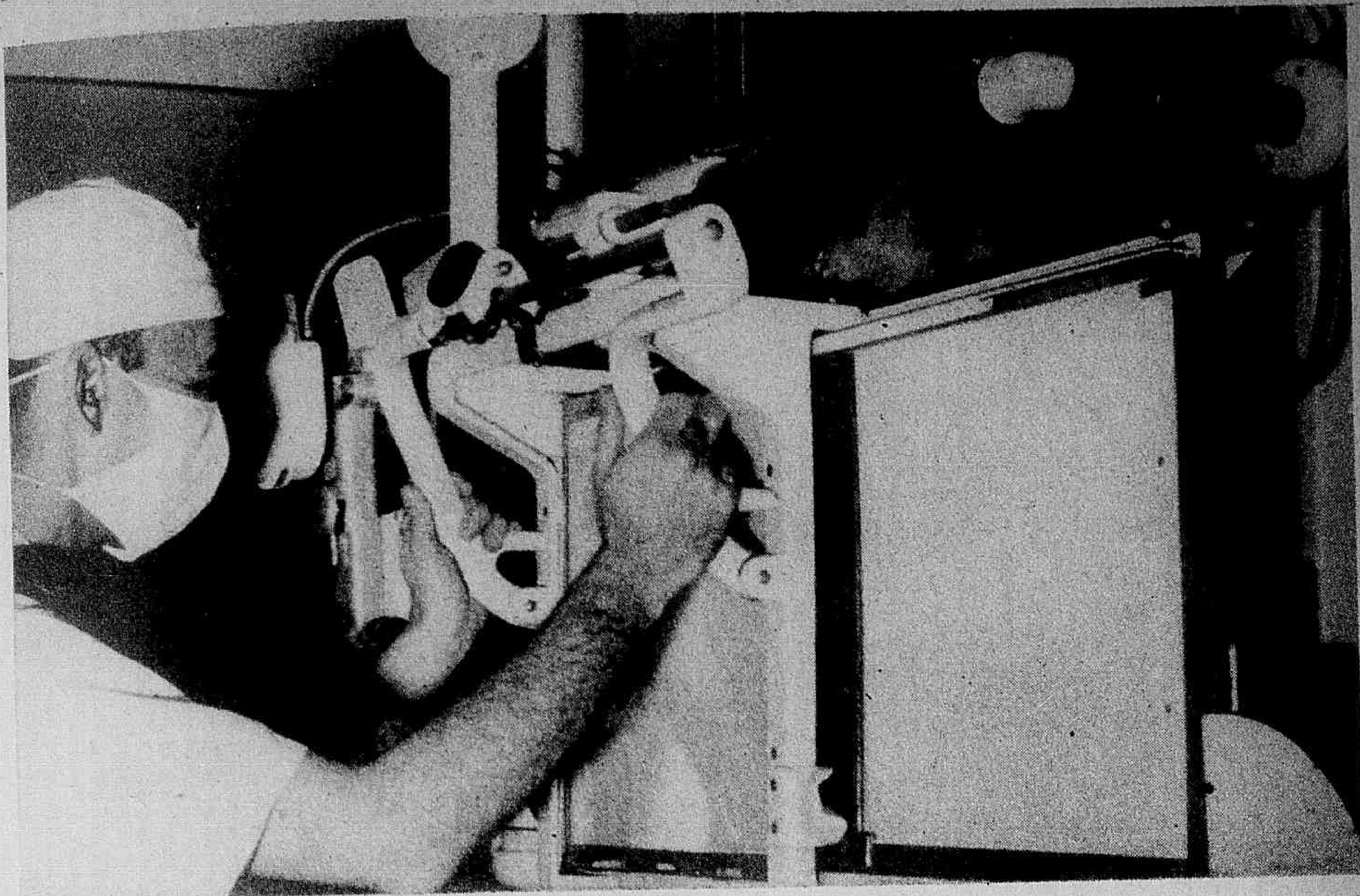
Recentemente, um homem de 58 anos, nos Estados Unidos, visitou o consultório de um médico, para submeter-se a um exame completo, após o qual o paciente, com ar triunfante, abotoou a camisa e falou:

— Não se recorda de mim, doutor? Há trinta anos o senhor efetuou em mim êste mesmo exame, tendo depois afirmado que eu estava em ótimas condições; pois bem, desde então, **só hoje** tive oportunidade de consultar um médico!

O médico ficou por alguns instantes pensativo observando o seu risonho interlocutor com um ar grave. Depois, pousando os óculos sôbre a mesa e recostando-se na poltrona:



1.ª ÉPOCA: NASCIMENTO — Influenza, pneumonia e diarréia são os principais inimigos da criança na primeira idade. E' necessário um pronto e eficiente tratamento.



Exames freqüentes, especialmente nas seis épocas mais importantes da vida, proporcionar-lhe-ão uma existência mais segura e saudável.

— Não duvido, absolutamente, do que me diz — respondeu o esculápio, com um ar de tristeza. — E tinha motivos para isto, porque o seu diagnóstico de agora era bastante sombrio, pois nêle se incluíam diabetes, alta pressão, artrite, nefrite, um tumor interno e um sôpro no coração do paciente!

Êste, após ter conhecimento dos males de que era portador, ficou muito impressionado e assustado. E não era para menos, pois, à sua frente, estavam tratamentos prolongados, hospitalização, operação, e numerosas despesas!

Durante o período de 30 anos, no qual evitou o contato com os médicos, **uma pequena quantia, dispendida em exames médicos regulares,** tê-lo-ia livrado de tudo o que agora teria que enfrentar — e ainda lhe teria proporcionado aproveitar melhor êsse dinheiro, agora destinado a um tratamento de emergência.

Por uma estranha ironia do destino, o "saudável" cidadão era um dos mais bem sucedidos agentes de uma companhia de seguros de vida.

Durante mais de meio século, os médicos têm procurado estabelecer **um programa de medicina preventiva,** que, levado a efeito intensivamente, possa livrar tôdas as pessoas das tremendas complicações acarretadas pela imensa quantidade de doenças e moléstias, que, constantemente, ameaçam a saúde de todos nós. A conclusão mais importante a que chegaram os cientistas foi a de que é mais fácil — e menos dispendioso — conservar os pacientes sadios, do que curá-los depois que adquirem algum tipo de moléstia. E, para que possam executar êsse programa, existe sòmente um obstáculo a vencer: **a relutância dos pacientes!**



3.ª ÉPOCA: PUBERDADE — Deficiência de vitaminas, anemia, devem ser combatidas, como inimigos perigosos. Arranhões e pequenos tumores, irritações faciais, exigem pronto tratamento.

O MÊDO CAUSA MUITOS TRANSTORNOS — Um exame anual é considerado o meio mais eficiente de combater as doenças. Merece ser citada a advertência constante que faz um médico do Texas, Estados Unidos, aos seus clientes:

— Se o senhor não vier aqui lá para o fim do ano, mandarei minha enfermeira laçá-lo na rua e trazê-lo ao meu consultório!

Desde que a ética não permite tão violentos meios

de obrigar um indivíduo a permanecer com saúde, continua insolúvel o problema da visita regular, por parte dos diversos tipos de cidadãos, aos consultórios médicos. E são inúmeros os motivos que impedem o pobre chefe de família de visitar seus amigos, os médicos. E' o automóvel, que precisa de um consêrto caro; é a família, que precisa fazer uma estação de águas; é a casa, que necessita de pintura, e assim por diante.

Em suma, existe um só motivo que leva os cidadãos aos consultórios médicos: **o mêdo!**



4.ª ÉPOCA: CASAMENTO - Observação principal: funções fisiológicas e estado geral. Câncer, males do coração e tuberculose, exigem tratamento, pois, em geral, estão presentes embora em forma ligeira.

Os médicos, particularmente aquêles que atendem a certas famílias durante algumas dezenas de anos, estão aptos a encontrar duas espécies comuns de mêdo, nos pacientes. Uma é a ansiedade causada pelas tonteiras, vertigens, indisposições constantes, opressão no coração e outros sintomas de afecção física. A outra espécie ocorre quando o paciente enfrenta certa mudança em sua vida, e então êle acorre ao consultório, de um modo ostensivo, exigindo um "tudo bem" por parte do médico, **para conseguir novo ânimo, no sentido de suportar a mutação com que se defronta.**

Existem 6 **épocas**, na vida de cada um de nós, nas quais experimentamos grandes modificações ou sofremos apreensões emocionais. São elas:

1 — Nascimento
2 — Transição (a idade de 5 anos) dos folguedos do lar para o colégio
3 — O advento da puberdade
4 — Casamento (ou — no caso da pessoa se conservar solteira — a idade de 26 anos)
5 — Período climatérico
6 — Início da idade avançada.

A ocorrência de cada uma dessas épocas, na vida de todos, opera modificações cruciais, tanto físicas, quanto sociais e mentais. Novos problemas aparecem; a capacidade de discernir se amplia; novas ameaças se fazem presentes **e novas precauções podem ser tomadas.** Êste é o momento **natural** para um acurado exame.

Em geral, um exame médico ocorre da seguinte forma: o esculápio coloca um estetoscópio sôbre o coração do paciente, mandando que êste respire profundamente e tussa algumas vêzes; em seguida, a garganta é iluminada por uma lâmpada, enquanto o facultativo a examina minuciosamente. Êsse exame, que tanto atemoriza a maioria das pessoas, custa, geralmente, cêrca de 100 cruzeiros.

Um sistema que vai sendo gradativamente adotado pelos médicos é o de reservar uma ficha para cada cliente, ainda que êste o consulte sòmente uma vez. Na mesma são anotadas as datas em que foi o paciente examinado, os resultados dos exames, e tudo mais que possa interessar à ciência médica. Assim, quando o paciente aparece novamente, para fazer-se examinar, o médico pode notar as modificações benéficas ou maléficas sofridas pelo cliente. Há também a vantagem, no uso dessas fichas, de proporcionar ao paciente, que muda de cidade, levar consigo a ficha médica e, uma vez consultando outro facultativo, êste poderá orientar-se pelas anotações do colega, em tôrno de metabolismo basal, cardiogramas, raios-X, etc. Êste sistema poupa o dispêndio de tempo, dinheiro, e a possibilidade de enganos iniciais.

O plano, desenvolvido pelos cientistas, progride assim, de modo simples e seguro, conforme passaremos a demonstrar em seguida.

ÉPOCA DO NASCIMENTO — **O que acontece:** — O primeiro exame, na vida do bebê, deve ser levado a efeito nas primeiras 12 horas de vida. O médico observa a aparência do corpo, sua contestura, e estuda particularmente o sistema funcional e circulatório, assim como o tubo digestivo. O crescimento é o fator principal, governando o começo da vida. O feto, ainda não nascido, com três meses de concepção, pesa cêrca de 28 gramas, e mede uns 7 centímetros. Já a criança, com 1 ano de idade, pesa 9,5 quilogramas, aproximadamente, medindo cêrca de 75 centímetros. Durante êsse período, entre os três meses de concepção e um ano de nascido, a criança sofre aumentos de **10 vêzes** na altura e **336 vêzes** no pêso.

Males comuns — Maior número de pessoas morrem antes de atingida a idade de um ano, do que em qualquer outra época da vida, compreendida entre 1 e 30 anos, inclusive. A influenza, pneumonia e diarréia constituem os piores inimigos da saúde infantil. A única proteção contra os mesmos é a adoção de medidas sanitárias extremamente cuidadosas, acrescidas de diagnóstico precoce e pronto tratamento.



5.ª ÉPOCA: CLIMATÉRICA — A mais importante de tôdas. Época dos acurados exames médicos. Êsse período é o dos grandes temores, das desconfianças e dos choques emocionais. ←

Outras afecções — Uma inspeção pulmonar é aconselhável para todos aquêles que estão em contato diário constante com bebês. O raquitismo é evitado de forma mais eficiente por um programa vitamínico diário, que deve ser iniciado no período intercorrente entre 4 e 6 semanas após o nascimento. O **estudo alérgico** da família vem a demonstrar, sempre, a necessidade de cuidados nutricionais especiais. A paralisia cerebral, que afeta centenas de milhares de pessoas, é mais provável de ocorrer antes, durante, ou pouco depois do nascimento.

Comentário — Em virtude da alta mortalidade na infância, e do rápido crescimento durante o primeiro ano de vida, os médicos preferem iniciar um cuidado médico preventivo do bebê, examinando e supervisionando as condições de saúde e de nutrição da mãe, nos meses do período de gestação, e, após o nascimento da criança, efetuando exames mensais da mesma, até que complete um ano de idade. Para completar o primeiro ano de tratamento preventivo, devem ainda ser aplicadas vacinas contra varíola, tétano, difteria, etc.

ÉPOCA PRE-ESCOLAR (Idade de 5 ou 6 anos) — **O que acontece** — Os pais — 75 por cento daqueles que vivem nas grandes cidades ou próximos às mesmas — procuram dotar a criança, em seu primeiro ano de idade, de um tratamento médico especial, sem se importarem com gastos ou outros problemas que possam impedir um tratamento conveniente. O início da segunda época crítica, na vida da criatura humana, apresenta, no entanto, um decréscimo espetacular nesses cuidados. Apenas 12 por cento das mesmas crianças são amparadas por um tratamento médico eficiente, submetidas a exames completos, antes de ingressar numa escola.

Males comuns — Os acidentes caseiros e escolares são os maiores inimigos da vida das crianças de 1 a 14 anos de idade. As moléstias ativas mais comumente encontradas são as do coração, a tuberculose e a febre reumática.

Outras ameaças — O câncer (especialmente no sangue) é um tanto comum, nessa época.

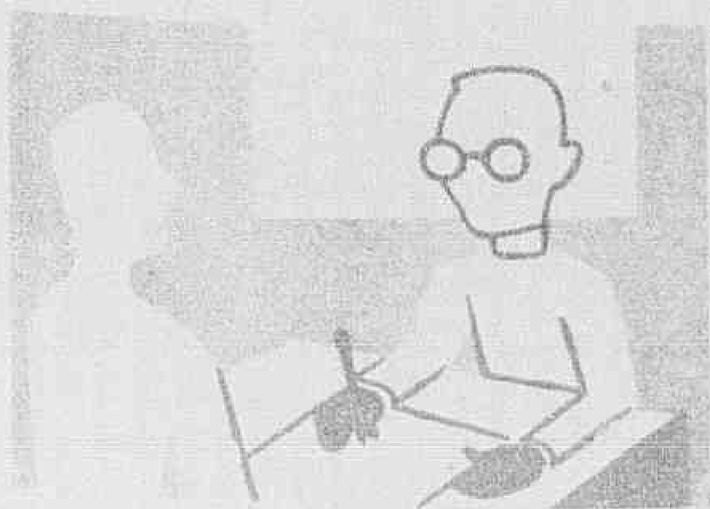
Quadro emocional — Esta época é excelente para um novo exame completo, pois marca a interrupção da vida caseira usual, com o ingresso da criança na vida escolar, simbolizando o início da independência. A personalidade paterna está agora bem formada e é possível ao especialista estabelecer um quadro da capacidade mental do indivíduo. Nesta idade, os pais não devem esperar que a criança, por si mesma, resolva os problemas, tão comuns, que se fazem presentes, como a inapetência, o mau humor, etc., embora êsses motivos de preocupação possam mais tarde ser substituídos por outros. E' aconselhável um pronto tratamento, dado que esta idade é aquela em que mais fácil se torna o combate às afecções físicas, com menores gastos, e com maiores probabilidades de êxito.

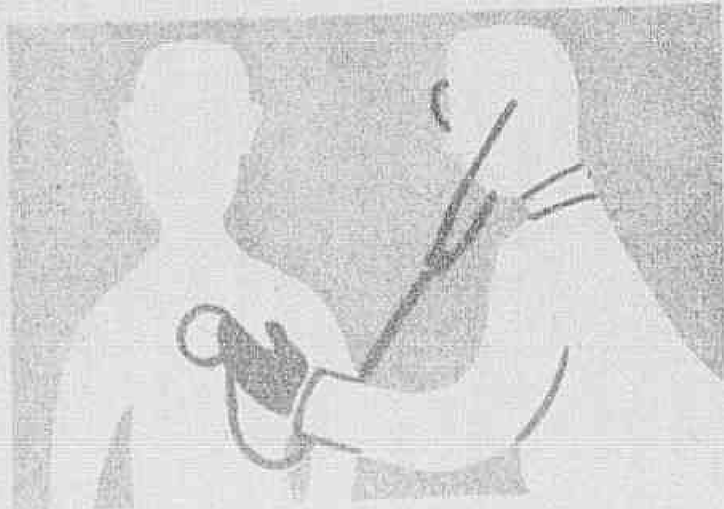
O exame físico **é uma necessidade,** antes de qualquer tratamento emocional, **pois,** muitas vêzes, **os problemas temperamentais são sintomas de moléstias.**

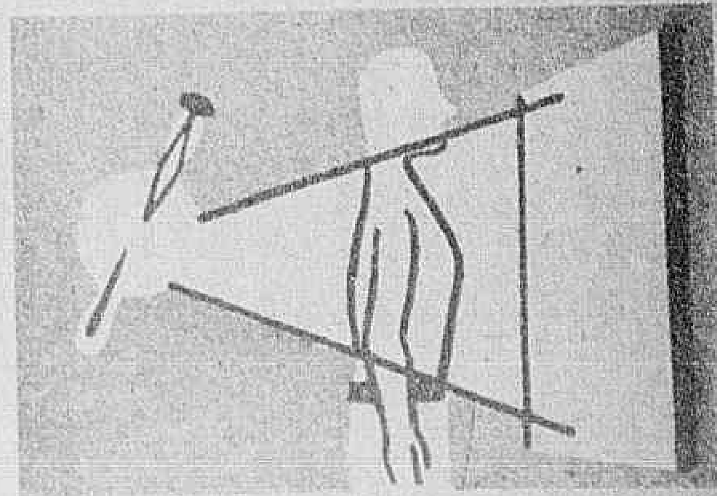
Comentário — Muitos defeitos de audição, nos adultos, podem ser evitados, cuidando-se, entre 1 e 12 anos, das pequenas afecções que aparecem comumente no ouvido médio. Nesta época, é necessário um cuidado constante dos dentes, com tratamentos especiais. Não se deve confiar apenas nos exames de saúde, procedidos nas escolas, pois, geralmente, as autoridades escolares estão com a preocupação fixa de descobrir se a criança é portadora de moléstia contagiosa, deixando de lado o acuro com que o médico particular examina o paciente.

Época da Puberdade (geralmente observada aos 12 anos, mas podendo ocorrer, no máximo, aos 15 ou 16 anos de idade) — **O que acontece** — O advento da puberdade, com o conseqüente desenvolvimento das características secundárias sexuais, marca o fim da infantilidade e o começo da juvenilidade. Verifica-se um novo padrão de crescimento, com o aumento espetacular das dimensões dos ossos das pernas e braços. Operam-se violentas mudanças de metabolismo e do sistema nervoso, acarretando um estranho comportamento do indivíduo, comportamento êste errôneamente interpretado como **um problema de personalidade.**

Males comuns — A idade de 10 anos, estatìsticamente provada como sendo a mais segura, ficou para trás, juntamente com o período dos 6 aos 12 anos, que apresentava como afecção mais







O exame médico é essencial, em tôdas as épocas, mesmo que o indivíduo se sinta bem disposto. Há males que se escondem no princípio e só aparecem abertamente quando o tratamento é difícil e inútil.

comum, a febre reumática. No entanto, os primeiros sintomas de moléstias do coração, notados na adolescência, são geralmente classificados como ataques de febre reumática, **remanescentes do período infantil; é necessário, porém, muito cuidado** para prevenir tal ocorrência, que é comum até à idade de 25 anos. A tuberculose é outra moléstia que apresenta grande coeficiente, nessa época.

Outras Ameaças — Anemia, deficiências vitamínicas, e necessidade de proteínas, etc., geralmente conjugada com o voraz apetite dos adolescentes e a insaciável vontade de comer chocolates e doces. O câncer constitui outra moléstia, muito perigosa na puberdade. Os especialistas em câncer recomendam que se removam todos os caroços e quistos da pigmentação, **antes de atingidos os 12 anos de idade.**

Quadro Emocional — Se houver um procedimento anti-social (pendor para a destruição, o roubo. etc.), devem ser consultados os especialistas, a fim de ser verificado se tal procedimento é fruto apenas da mutação do espírito do adolescente, ou se constitui um sério problema emocional. Os "tiques" nervosos aparecem geralmente nas idades de 2 a 9 anos; mas, devem ser tratados eficientemente, nesta época de adolescência, se ainda se fazem presentes.

Comentário — Os aspectos sociais dos problemas físicos são importantes. As menores desfigurações, tais como sinais de nascimento, excesso de cabelo no corpo das meninas, dentes salientes, devem ser tratadas precocemente. A infecção do rosto, conhecida pelo nome de **Acne**, deve ser tratada, para evitar a permanência, no rosto da criança, dos botões vermelhos, peculiares a esta doença, pois os mesmos poderão transformar-se em cicatrizes.

ÉPOCA DO CASAMENTO (O dôbro da idade da puberdade) — **O que acontece** — O período que se inicia, na idade de 20 anos, representa o ápice do desenvolvimento fisiológico funcional. Moléstias infecciosas e distúrbios psicosomáticos causam sérias dificuldades futuras para o indivíduo, devendo ser combatidos com a máxima presteza e eficiência.

Males Comuns — Moléstias do coração, câncer e tuberculose, constituem as maiores ameaças, embora raramente fatais. A resistência e o poder de cura são altamente eficientes.

Outras Ameaças — Algumas vêzes, as artrites reumáticas e as diabetes aparecem aos 20 anos de idade. Um em cada seis casos de moléstias crônicas envolvem pessoas com menos de 25 anos.

Quadro Emocional — Todos os esforços devem ser feitos para salvaguardar o casamento e a estabilidade da futura família, tomando-se conhecimento dos vários aspectos da vida conjugal, **anteriormente ao matrimônio.** Devem ser colhidas informações tanto a respeito do aspecto psicológico, como fisiológico.

Comentário — E' recomendável que a espôsa se submeta a um exame ginecológico, a fim de verificar se o nascimento de descendência apresentará alguma característica ou problema especial.

ÉPOCA CLIMATÉRICA (Cêrca de três vêzes a idade da puberdade, mas jamais superior aos 45 anos) — **O que acontece** — Os problemas da saúde estão agora divididos igualmente entre as moléstias e a deterioração física. **Êste é o mais importante dos seis períodos da vida.** Se o indivíduo alcança os 60 anos sem sucumbir a uma das inúmeras moléstias e afecções que se fazem presentes nas diversas épocas da vida, pode estar confiado em que, nos próximos 20 anos que talvez venha a viver, quase não será importunado por tais males.

Males Comuns: afecções circulatórias (coração, artérias, alta pressão sanguínea, artério-esclerose, hemorragia cerebral), câncer, em tôdas as suas formas, **nefrite** (moléstia dos rins).

Outras Afecções — As diabetes são muito freqüentes, nesse período, e, muitos milhares de pessoas sucumbem a êsse mal, que é mais comum entre os 45 e 60 anos; a **gota,** outra moléstia muito comum, costuma afetar aspecialmente os homens de 40 a 50 anos. Também as úlceras provocam resultados danosos para aquêles que atingem esta fase da vida. A visão necessita ser examinada, pois geralmente nela se operam modificações, **muito comumente para melhor** (para felicidade daqueles que usam óculos); os dentes devem ser inspecionados, o mesmo ocorrendo com as condições de nutrição. E' muito grande o número de pessoas com essa idade, que apresentam uma nutrição mal orientada e defeituosa. As dietas devem ser alteradas, se necessário, para evitar a obesidade e as freqüentes afecções do coração.

Quadro Emocional — Êste é o período de maior temor (abertamente, pelas mulheres e **mais secretamente,** pelos homens). Os constantes atritos, em que se envolvem as pessoas nessa idade, são conseqüência da perda gradativa dos poderes sexuais, declínio físico, excitação emocional. Certos aspectos e problemas emocionais, provenientes de outros períodos da vida, e não convenientemente tratados ou mesmo **não tratados,** aparecem agora, com freqüência espantosa, dando lugar a discussões, brigas, queixumes, especialmente por parte das mulheres, no lar, dando lugar a acusações de infidelidade conjugal, procedimento irresponsável, pedidos de desquite, etc. As pessoas assim afetadas (que, **geralmente não reconhecem** a anormalidade de seus atos, julgando que os outros é que estão errados) **devem ser ajudadas** a enfrentar êsses sérios problemas, não sendo, na maioria dos casos, capazes de, por si sós, suplantarem as tremendas dificuldades físicas e mentais dessa época. E se a fase climatérica pode apresentar novas reações a problemas já deixados para trás, acarreta também modificações emocionais de tôda sorte, as mais imprevisíveis, e

que são levadas em conta, errôneamente, de "mudanças de vida".

Comentário — Nessa fase, à qual tôdas as pessoas devem chegar bem esclarecidas, é criado um problema que se apresenta de solução muito mais difícil do que os criados pelas afecções físicas ou mentais. E' êle ocasionado por dois fatôres em conflito. Um exame precoce muito auxilia na prevenção de tais distúrbios, evitando assim, com medicamentos apropriados (geralmente calmantes), a "inflamação" progressiva do gênio. No entanto, a demora na busca de um exame físico acurado é geralmente causada pela relutância dos pacientes em admitirem estar atravessando a fase climatérica.

ÉPOCA DA IDADE AVANÇADA — **O que acontece** — Os distúrbios deteriorativos se tornam mais fortes e freqüentes neste período; porém, a resistência do indivíduo para as moléstias infecciosas é marcante. Muitos dos distúrbios desta fase são devidos mais à estagnação, do que à idade.

Males Comuns — **afecções circulatórias, câncer** e **nefrites** são os responsáveis diretos pela grande quantidade de óbitos que ocorrem neste período. A **arterio-esclerose** (enrijecimento das artérias) constitui a principal moléstia do coração, nessa fase da vida. E' interessante notar que, entre os 65 e 75 anos, 50% das pessoas apresentam afecções circulatórias; após os 75 anos, essa média é de 90 por cento.

Outras Ameaças — Afecções das juntas (artritismo, reumatismo) e variações metabólicas (enfraquecimento do indivíduo, que apresenta dificuldade celular de renovação do tecido, e utilização apropriada dos alimentos) causam distúrbios e desconfôrto, sem que possam ser considerados enfermidades mortais.

Quadro Emocional — Distúrbios mentais (senilidade, "segunda infância", perda de memória) entram geralmente no conjunto das complicações que surgem nessa fase da vida. A boa condição física, no entanto, segundo se acredita, tem assento direto na resistência, por parte do paciente, à deterioração mental. E' muito comum, após os 70 anos, um ressurgimento de poderes intelectuais. Isto pode significar **o segundo despontar da vida**, ainda não esclarecido pela Ciência.

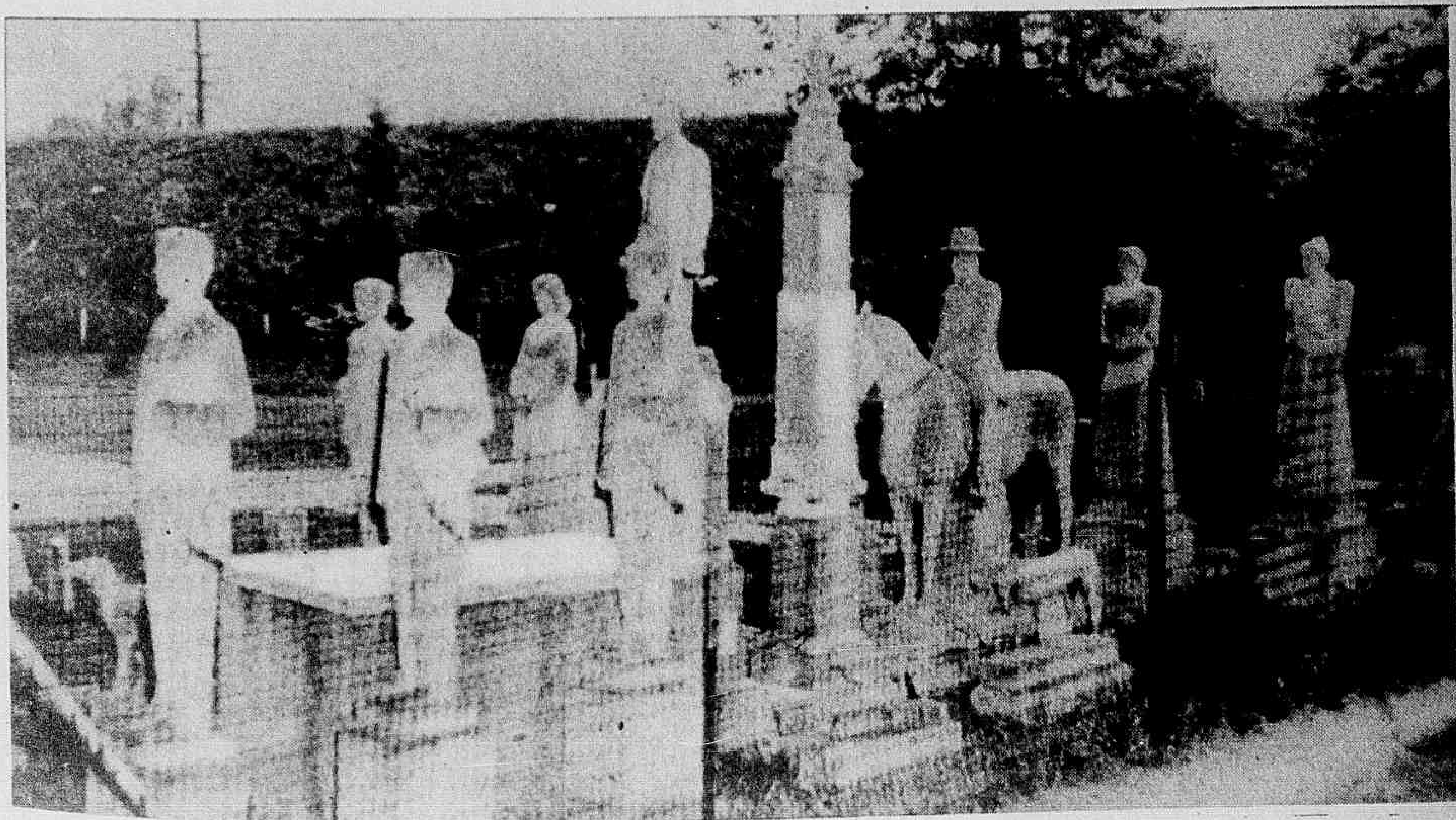
*

Comentário — Todo o tratamento aplicável nesta fase da vida tem o êxito condicionado ao diagnóstico precoce. Se o paciente aguarda o aparecimento de sintomas óbvios, a fim de saber que está realmente afetado por alguma doença, antes de recorrer a um médico, sua ação neste sentido é geralmente tardia. Assim como na infância, na idade avançada também é aconselhável um exame físico periódico, em intervalos ideais de 1 ano.

E' necessário que se diga, no entanto, que nenhum tratamento médico preventivo pode afastar completamente a ocorrência de novas afecções,

* *

OS AMIGOS DO MORTO GUARDAM O SEU TÚMULO...



O cemitério de Mayfield é uma das curiosidades do Kentucky (Estados Unidos). Nêle se vê uma família de granito, que o coronel Wooldridge mandou esculpir e colocar em redor do seu túmulo; a cada morte de um parente, de animal de estimação ou de alguém que êle estimava, o coronel mandava fazer uma estátua do desaparecido. Por último, foi êle mesmo, onde figura cavalgando o seu cavalo predileto, também morto.

O CHAPÉU RIDÍCULO



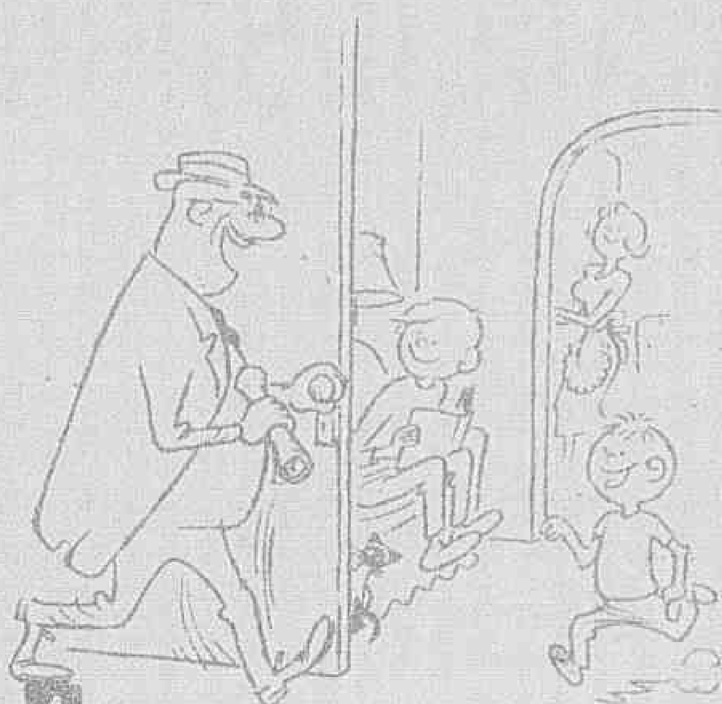
1



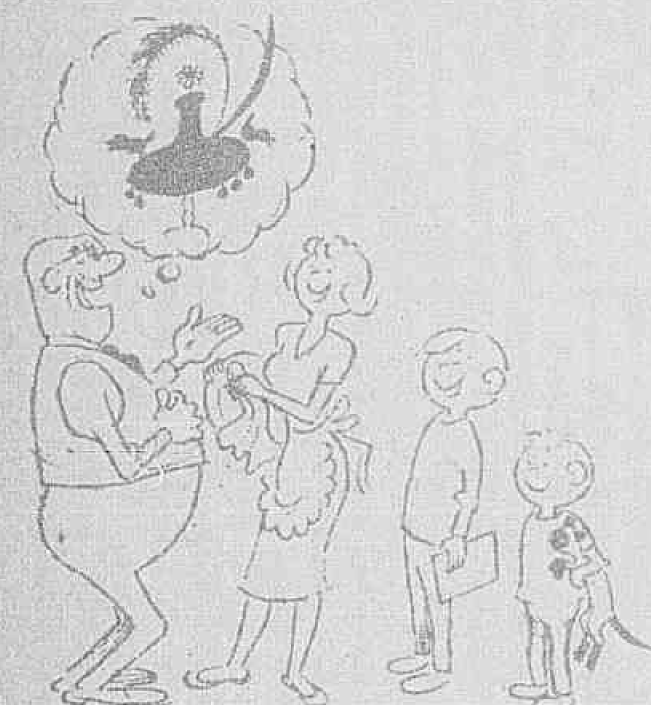
2



3



4



5



6



7

tôdas com amplas possibilidades de aparecimento, em virtude do enfraquecimento progressivo do indivíduo. Em conclusão, mesmo que o médico tenha efetuado um exame consciencioso e apurado, recentemente, deve o paciente procurar o auxílio do mesmo, aos primeiros sintomas de dores ou mal estar.

Os médicos da atualidade possuem, em geral, equipamento apropriado para oferecer os cuidados de que necessitamos, nas **seis fases** da vida. Tudo o que devemos fazer é consultá-los — **e cooperar com os mesmos!**

Deve ficar bem claro que a maior arma do médico, no combate às inúmeras e variadas espécies de moléstias, é o exame físico constante, que proporciona a fonte mais preciosa para o debelamento das afecções: **o tempo.**

Qualquer médico ou qualquer outra pessoa, que desejar obter melhores informações sôbre tão interessante e importante assunto, deve dirigir-se à "Sociedade Médica do Estado de Nova York".

Tudo o que os médicos pedem aos pacientes é cooperação, o comparecimento anual aos consultórios, pois, como diz o refrão popular, **"a união faz a fôrça"**, e não existe, talvez, no mundo, uma união mais necessária, homogênea e invulnerável, do que a formada pelo médico, o paciente e a Ciência.



ECONOMIA

Em Lind, Estados Unidos, o Prefeito Joe Roller deixou o automóvel em casa, a fim de economizar gasolina, indo a pé até o seu gabinete de trabalho. Lá chegando, foi notificado de que, durante sua caminhada, um caminhão-pipa, transportando gasolina, havia ido de encontro à garage de sua casa, derramando 6 000 galões do combustível, o qual se incendiou e destruiu a garage e o automóvel.

APOSENTADORIA

Em Londres, Inglaterra, James Percy Knight, de 67 anos, foi aposentado de seu cargo de ascensorista na Câmara dos Comuns. Em conseqüência, recebeu uma gratificação, mas ficou destituído de pensão, porque, durante 45 anos, estivera no cargo apenas como "empregado temporário".

POR TRÁS DA PORTA AMARELA

Romance de VALENTIM WILLIAMS

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Miss Innesmore, Aline Innesmore, norteamericana, em visita a amigos em Londres, Sir Charles Rossway e Lady Julia Rossway, vive com êles na magestosa e aristocrática mansão de Mayfair, conhecida por Frant House onde também vivem os filhos do casal, Sholto, atualmente numa propriedade do Kenia, na África Oriental, Geraldine (Gerry), espôsa de Sholto e que não quis ficar ao lado do marido nas terras estranhas, e Rodney, o filho mais moço, solteiro. Num anexo de Frant House vive Barrasford Swete, solteirão, que alugou êsse apartamento a seus velhos amigos Rossway. Entre Sholto e Gerry a situação estava esfriando bastante, com grande desgôsto de lady Julia, que via também com desagrado as relações exageradamente cordiais entre Swete e sua nora, Gerry. À tarde, preparando-se para a grande recepção desta noite, no palácio real, onde seria apresentada à côrte por lady Julia, Aline recebe um recado de Swete e, visitando-o, verifica que êle sofreu um acidente, ferindo-se num pé, o que o impediria de ir à noite apreciar a sua toilette de côrte, na casa dos Rossway. Aline promete-lhe, então, que ao regressar de Buckingham Palace iria visitá-lo, em companhia de Gerry, para que êle pudesse ver como era lindo o seu vestido. Tudo corre conforme o combinado, tendo apenas Gerry faltado ao encontro, por se haver aborrecido com Rodney, que em nome de lady Julia pedira-lhe e quase exigira que deixasse de visitar Swete. Mesmo assim Aline despede-se de lady Julia, que se prepara para dormir e sai para tirar fotografias e, em seguida, visitar Swete, embora ligeiramente, para cumprir a sua promessa.

Um homem grande, de faces vermelhas e cabelos ruivos, lord Blaise, irmão de lady Júlia — "Tio Eustáquio", como o chamavam Gerry e Rodney — foi o primeiro a perceber a aparição deslumbrante.

— Uma verdadeira princesa! — exclamou êle, erguendo-se.

O velho almirante Freeman fêz meia volta para ver a recém-chegada.

— Santo Deus! — exclamou êle — E' Cendrillon, pronta para o baile!

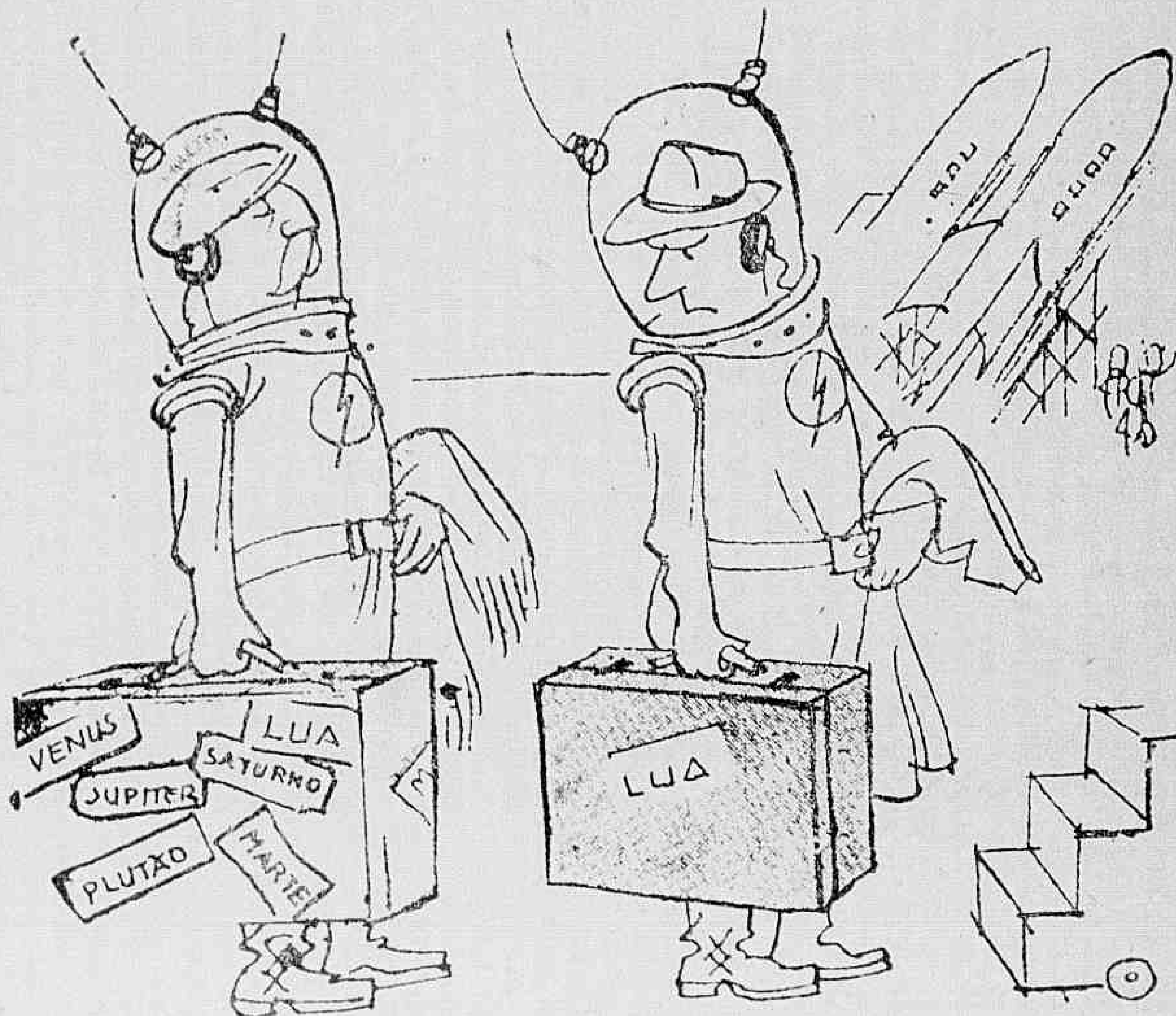
Sir Charles, infinitamente distinto, com os cabelos de um branco de neve e seu **smoking** de veludo prêto, começou a cantar a meia voz a marcha nupcial do "Sonho de uma noite de verão". Tio Eustáquio e Murchie o acompanharam e, assim, todos em côro, passaram para o **hall.**

Sua alegria tinha qualquer coisa de tão simples, que Aline ficou emocionada. Fizeram-na, sob o olhar indulgente de Larking, repetir a reverência. Após isso, não tendo mais tempo senão de dar às suas plumas, diante do espelho, a posição que deveriam ter diante do fotógrafo, apanhou sua cauda, envolveu os ombros em seu manto de erminia, e desceu. Na calçada, Frank, o jovem mordomo, mantinha aberta a portinhola da Rolls-Royce. No instante em que o automóvel arrancou, o relógio do páteo anunciava onze horas.

★

Verdadeira multidão de moças elegantíssimas — e que, como ela própria, tinha tido a sua primeira noite na côrte, atrasaram Aline no "atelier" do fotógrafo. Era meia noite e vinte minutos, quando recuperou sua liberdade. Já ia retirar suas plumas e a cauda, que muito a atrapalhariam no baile da embaixada, quando se lembrou, bruscamente, da promessa feita a Barry Swete.

As agitações da noite tinham tonteado um pouco o seu espírito. Barry a esperava; ela não podia faltar à promessa. Gerry agira mal, esquecendo o encontro que combinara com ela. Mesmo assim iria à residência de Barry, pois tinha horror a faltar com a sua palavra. Mas era preciso não perder tempo, pois do contrário ficaria muito tarde e impróprio.



A noite morna e polvilhada de estrêlas repousava acima de Mayfair Row. O local estava deserto, adormecido. Barry, entretanto, devia estar de pé. As duas grandes janelas do seu **living-room** marcavam, com um traço luminoso, o intervalo entre as cortinas. A porta amarela, no térreo, estava aberta.

Giles deteve o motor. Aline deixou o **manteau** escorregar sôbre o veludo que forrava o banco do automóvel. Depois, àgilmente, tendo a cauda dobrada sôbre um braço, subiu a escada. Nesse instante, o relógio do páteo anunciava meia hora.

— "Meia hora — pensou Aline. — Ficarei apenas alguns segundos".

Os sapatinhos ágeis batiam contra a pedra lisa e nua dos degraus. Estava escuro, na escada, até onde chegava apenas a claridade exterior de um poste de iluminação. No alto, a porta do **living-room** deixava ver, pela "bandeira" que a dominava, uma luz difusa, como a de um **abat-jour.**

Aline tocou a campainha. Um trilo amortecido cortou o som discordante do relógio. Nenhum ruído respondeu do interior.

Que aborrecimento, se Barry já estivesse deitado! Mas não... Ainda havia luz no interior. Aline tornou a calcar a campainha. Juntamente com o seu trilar ouviu um ligeiro estalido, que logo cessou, como se tivesse sido abafado. Recuou ligeiramente a fim de olhar, mais uma vez, para a "bandeira" da porta. No mesmo instante o retângulo luminoso se extinguiu, ficando tudo escuro.

Aline se sentiu vexada e até mesmo amedrontada com essas trevas e o silêncio que se seguira ao ligeiro estalido furtivo, no interior. Censurou-se por ter vindo tão tarde. Barry já se deitava e por certo não queria ser aborrecido.

Voltou-se, procurando a rampa, tateando. O **patamar estava escorregadio,** pois Aline quase tombava de joelhos, se a sua mão não tivesse, por felicidade, encontrado a rampa da escada. Tendo assim recuperado o equilíbrio, tratou de descer o mais depressa que pôde.

Mal chegada à calçada, levantou a cabeça para ter a certeza de que não se havia enganado. Realmente, a banda de luz entre as cortinas desaparecera. O **living-room** estava completamente escuro. A silhueta do **chauffeur** se recortava sôbre o fundo escuro da casa.

— Vamos à embaixada norte-americana, Giles — disse ela, enquanto o **chauffeur** se curvava para abrir a portinhola.

Nesse instante, com movimento brusco, Giles apontou para o chão:

— Perdoe-me senhorita... — começou êle a dizer.

No mesmo momento, um homem surgiu entre êles. Era Rodney, vestindo roupa de passeio, cachimbo no canto da bôca.

— Que faz você aqui, assim vestida? — perguntou êle a Aline.

Mas a sua pergunta terminou num grito:

— Pelo amor de Deus, Aline! Que é isso aí no seu vestido?

Por sua vez, ela se curvou, colheu a cauda que pendia do seu braço, erguendo-a até à altura dos olhos, enquanto se aproximava, apressadamente, do farol do automóvel: qualquer coisa vermelha e úmida lambusara tôda a orla bordada a pérolas.

Aline tinha na mão um lencinho rendado. Os dois homens viram quando ela passou o lenço, lentamente, com cuidado, sôbre o tecido, tudo examinando atentamente. Depois tornou a aproximar o lenço do farol e imediatamente o exibiu a Rodney. O mêdo e o horror dilatavam as suas pupilas.

— E'... sangue! — disse ela.

— Sim... E' sangue mesmo! — replicou êle — Você se feriu?

Ela abriu os braços, sem saber o que responder, enquanto voltava a examinar o vestido em todos os sentidos.

— Não... Não sofri qualquer acidente... Mas tropecei na escada. Talvez... alguém...

Não terminou. O **chauffeur,** com um dedo apontado para o chão, gritava, com voz enrouquecida pelo susto:

— Oh, meu Deus! Também os sapatos estão cheios de sangue!

Olhando para os **próprios** pés, Aline sentiu faltar-lhe a respiração.

Realmente. Os sapatinhos estavam empapados de um líquido vermelho e viscoso!

CAPÍTULO IV

A CASA DA PORTA AMARELA

Sob a luz do lampadário, o rosto de Aline estava branco como o seu vestido. Aline se deixava ficar, estonteada, os braços abertos, num gesto de espanto e de horror, os olhos muito abertos, olhando para o nada.

— Onde você pôde sujar assim o vestido? — perguntou Rodney.

— Não sei... Na escada, talvez.

Êle apontou com o cachimbo para a porta amarela.

— Ali? Em casa de Barry?

— Sim. Eu pretendia...

— Você estêve em casa de Barry?

— Sem entrar... Sem **poder** entrar... Eu prometera a Barry que lhe mostraria o meu vestido. Gerry devia me acompanhar... mas falhou, à última hora.

Um pequeno soluço cortou a voz de Aline.

"Oh! Rod, que terá acontecido? — gemeu, torcendo as mãos.

— Espere aqui mesmo! — disse Rodney, ao mesmo tempo que se encaminhava para a porta amarela, logo começando a subir a escada.

Segundos depois, chamou o **chauffeur:**

— Giles! Traga a lanterna!

O **chauffeur** introduziu a mão na bôlsa da portinhola e, apanhando a lanterna, se encaminhou para a escada, sem nada dizer.

Aline o seguiu, trêmula de mêdo, mas curiosa. Do patamar inferior, levantando o olhar para o andar de cima, viu o **chauffeur** subir. Depois a luz

da lanterna elétrica brilhou bem junto da porta do apartamento que, imediatamente, se revelou de um amarelo brilhante, exatamente como a porta da rua.

O corpo do **chauffeur** escondia Rodney aos olhares de Aline. Mas pôde ouvir um grito, soltado pelo seu jovem amigo, e, depois, a sua voz, arquejante e apressada, que dizia:

— Todo o patamar está inundado!

E a pronta resposta do **chauffeur:**

— O sangue corre por baixo da porta.

Em seguida, a voz de Rodney se elevou, calma mas imperativa:

— Barry ... Barry ... Acorda, homem! Sou eu, Rodney! Abra a porta!

trilava, amortecida, no interior do apartamento.

Ao mesmo tempo calcava a campainha, que

Em seguida, primeiro ligeiramente, depois com mais fôrça, bateu com a mão fechada contra a porta, enquanto sua voz se elevava, à medida que o alarma crescia em seu espírito.

— Barry! Sei que você está em casa! Por que não abre? Que aconteceu?

Finalmente, o **chauffeur** resolveu opinar:

— Mais vale desistir, senhor. Assim vai alarmar todo o bairro. Vou chamar a polícia.

— A polícia que vá para o inferno! — gritou Rodney, mal humorado — O Sr. Swete deve ter sofrido um acidente e está sangrando perigosamente. Forçarei esta porta.

Em baixo, sob a claridade da rua, Aline fechou os olhos e, para sustentar-se, procurou apoiar-se à porta. Oh! Que desgraça! Jamais, em tôda sua vida, deixaria de ver a medonha mancha de sangue sôbre o tecido vaporoso e bordado com pérolas. Mas já a voz do **chauffeur** se fazia ouvir, novamente, agora num tom apreensivo:

— Sem a presença da polícia o senhor **não** pode fazer tal coisa. Lei é lei! **Certamente encontrarei** um policial **na primeira esquina.**

Tudo pareceu rodar em redor de Aline. Seria possível que fôsse perder os sentidos?

"— Como se tivéssemos tempo para isso! Vamos ... Ajude-me a forçar a porta.

Era Rodney quem falava, e as palavras flutuaram dentro da cabeça de Aline, causando-lhe náuseas.

"— "Agora!"

Ele fêz um supremo esfôrço, reuniu seus pensamentos, tornou a abrir os olhos e novamente olhou para o alto da escada. Tudo voltara às trevas. Ao murmúrio das duas vozes masculinas sucedera um silêncio, cortado por ruídos imprecisos, respirações difíceis, gemidos de madeira resistente e um diálogo pronunciado entre dentes cerrados, num esfôrço desesperado.

"— Ainda está prêsa pela fechadura, senhor."

"— Fôrça!"

"— Vou empurrar com o ombro."

"— Isso! Muito bem!"

Depois um rangido mais forte, como se qualquer coisa sêca se rasgasse; estalidos mais fortes de madeira e finalmente uma pausa.

Depois, a voz do **chauffeur,** novamente, por'm agora mais aguda.

"— Há alguma coisa bloqueando a porta, Sr. Rodney. Ah! Um instante! Já cede, agora."

Novo silêncio, espêsso, sinistro, palpável. Repentinamente a luz tornou a brilhar, passando farta pela "bandeira" da porta. Instantes depois, uma forma robusta surgiu no patamar. Era Giles. Desceu a escada, precipitadamente. Aline foi obrigada a recuar para lhe dar passagem. Êle passou, rápido, e saltou para o automóvel. No instante em que o motor pegava, Rodney também apareceu, quase correndo. Curvou-se para Giles, já na direção do veículo.

"— Se Pargetter não estiver em casa, procure descobrir o Dr. Marcombe, você sabe onde é ... em Brook-Street ..."

"— Muito bem, senhor."

E o enorme veículo fêz a volta e desapareceu, veloz.

Só então Rodney se voltou para Aline. Tinha o ar grave e triste.

— Barry acaba de sofrer um acidente — disse êle — Giles foi buscar um médico. Tentei telefonar para Pargetter, mas a campainha tocou inùtilmente.

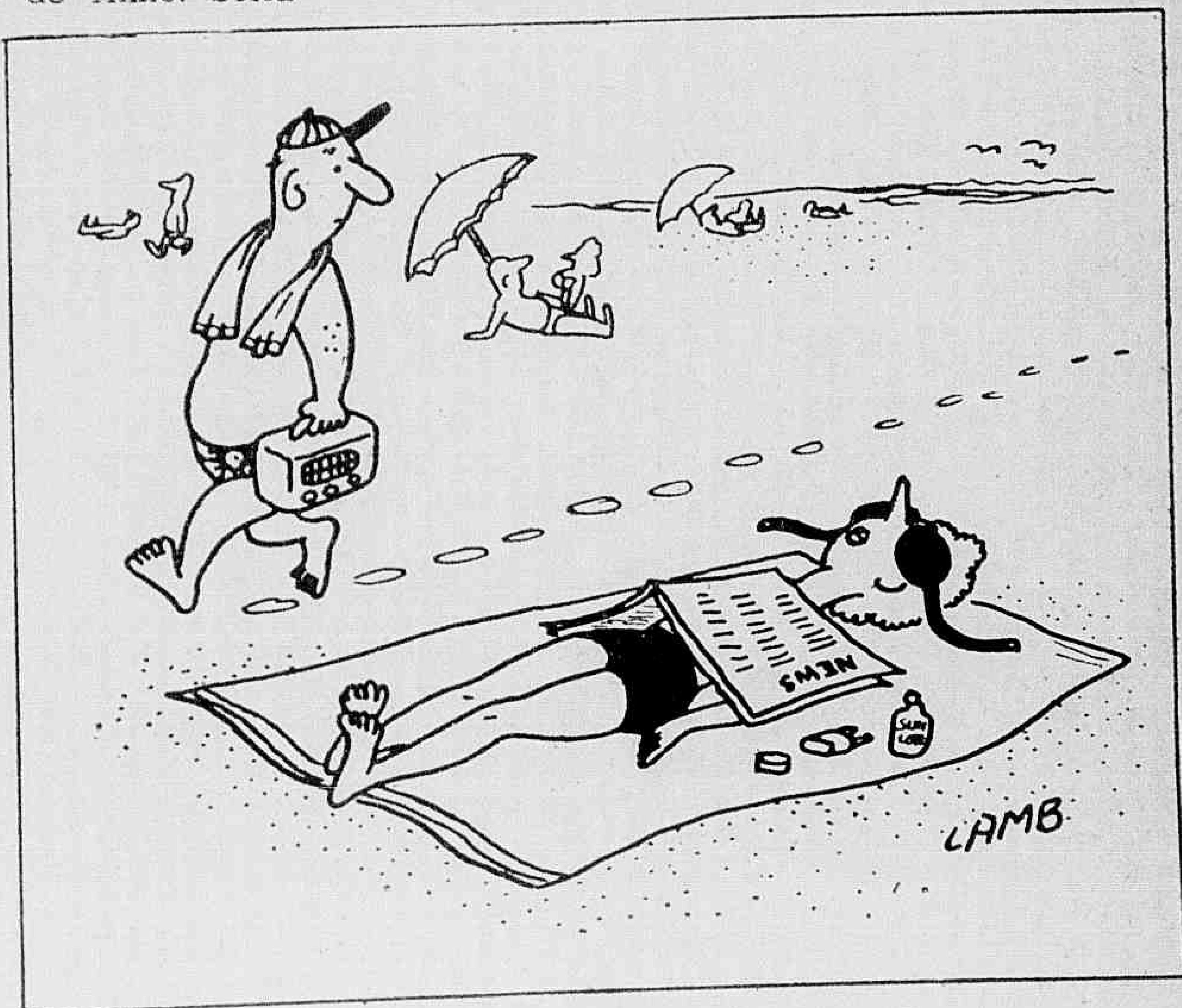
— Oh, Rod! Então é ... é muito sério?

Porém êle prosseguiu, ràpidamente.

— Ouça, Aline. E' coisa importante! Vai haver inquérito policial. Não convém que outros saibam que você pretendia visitar Barry.

— Ela o fitou com olhos dilatados. Um pouco de côr reanimou as suas faces pálidas.

— Mas ... Rod! Você não imagina que ...



— Não se trata do que eu possa imaginar. Trata-se, sim, do que os outros venham a pensar, Aline! Direi que encontrei você aqui, quando passava no automóvel, e que propus irmos fazer uma visita de surprêsa a Barry, a fim de que visse o seu vestido de côrte. Explicarei a lição a Giles. E, se a polícia se lembrar de a interrogar...

— A polícia? — repetiu ela, amedrontada — Rod! Que aconteceu lá em cima? — insistiu ela, trêmula.

Rodney procurou esconder sua ansiedade. Houve um pesado silêncio. Repentinamente Aline cambaleou. Rodney mal teve tempo de a segurar entre os braços. Uma voz de mulher, esganiçada e belicosa, vinda de uma das janelas do outro lado da rua, atravessou o espaço para gritar:

— **Isso é maneira de despertar os que estão dormindo em paz?"**

Cem jardas além, havia uma torneira de jardim. Rodney carregou-a até junto da torneira e, com o pé, abriu ligeiramente a alavanca, a fim de que caíssem apenas algumas gotas. Então, pondo Aline no chão, e sustentando-a com um dos braços, molhou o lenço, aplicando-o, a seguir, sôbre a fronte da sua companheira.

Esta não tardou a reabrir os olhos e, olhando para êle com ar de quem nada entendia, lutou algum tempo para se libertar do seu abraço; finalmente, já de pé, foi apoiar-se à porta da garage.

— Não sei o que tive — disse ela — De repente, senti uma coisa estranha...

— O automóvel estará aqui num instante — disse êle — Giles a levará para casa.

Ela o agarrou por um braço.

— Rod. Já me sinto melhor, agora. Poderei enfim saber o que aconteceu a Barry?

Os ombros de Rodney pareceram, erguendo-se, exprimir a inutilidade de todos os recursos humanos.

— Matou-se.

— Como?

— Bem... Não posso ter a certeza, ainda. Tem um ferimento no pescoço. Coisa medonha!

— Você acha que êle cortou o próprio pescoço?

— Não. Deu um tiro... A mão direita ainda segura a arma.

— Um tiro?

Nos olhos de Aline havia estupefação e horror.

— Mas... Não ouvi nenhum tiro.

— Êle já deve ter morrido há algum tempo. Com certeza já estava morto antes da nossa chegada.

— Então, quem apagou a luz no **living-room**, quando bati à porta?

Rodney não pareceu compreender.

— Alguém apagou a luz?

— Sim. E mais, ainda: alguém andou no apartamento!

Êle a fitava com ar incrédulo. Ela, porém, olhava para outro lado, justamente para o trecho em que o lampadário iluminava mais fortemente a porta amarela, destacando-a da neblina que agora era mais espêssa.

Bruscamente, Aline deixou escapar um grito assustado.

— Você viu, Rod? Alguém acaba de sair da casa de Barry!

— Você está sonhando! — respondeu êle — Não havia ninguém na casa dêle... e êle próprio já estava morto. E, como você sabe, a casa não tem outra saída senão esta mesma, para a rua.

— Mas acabo de ver alguém! Afirmo que vi! Era um homem, que correu como... um coelho, em busca de toca, aos saltinhos. Vi muito bem, quando passou pelo foco de luz e desapareceu na neblina.

Rodney, mal convencido, caminhou alguns passos, sem uma direção definida e aguçando o olhar procurou varar as sombras.

— Não vejo! Quem poderia ser? Um dos **chauffeurs** que têm garage aqui por perto, talvez... Mas nós o teríamos visto entrar. Pode descrever como era êsse homem?

— Não distingui o rosto, nem mesmo afirmaria que era homem, se não tivesse um boné e um sobretudo escuro.

— Mas onde pode ter ido parar?

— Ignoro. Ficou um segundo, hesitante, junto da porta, depois desapareceu...

Um brilho amarelado surgiu na direção das casas baixas. Era o automóvel que voltava.

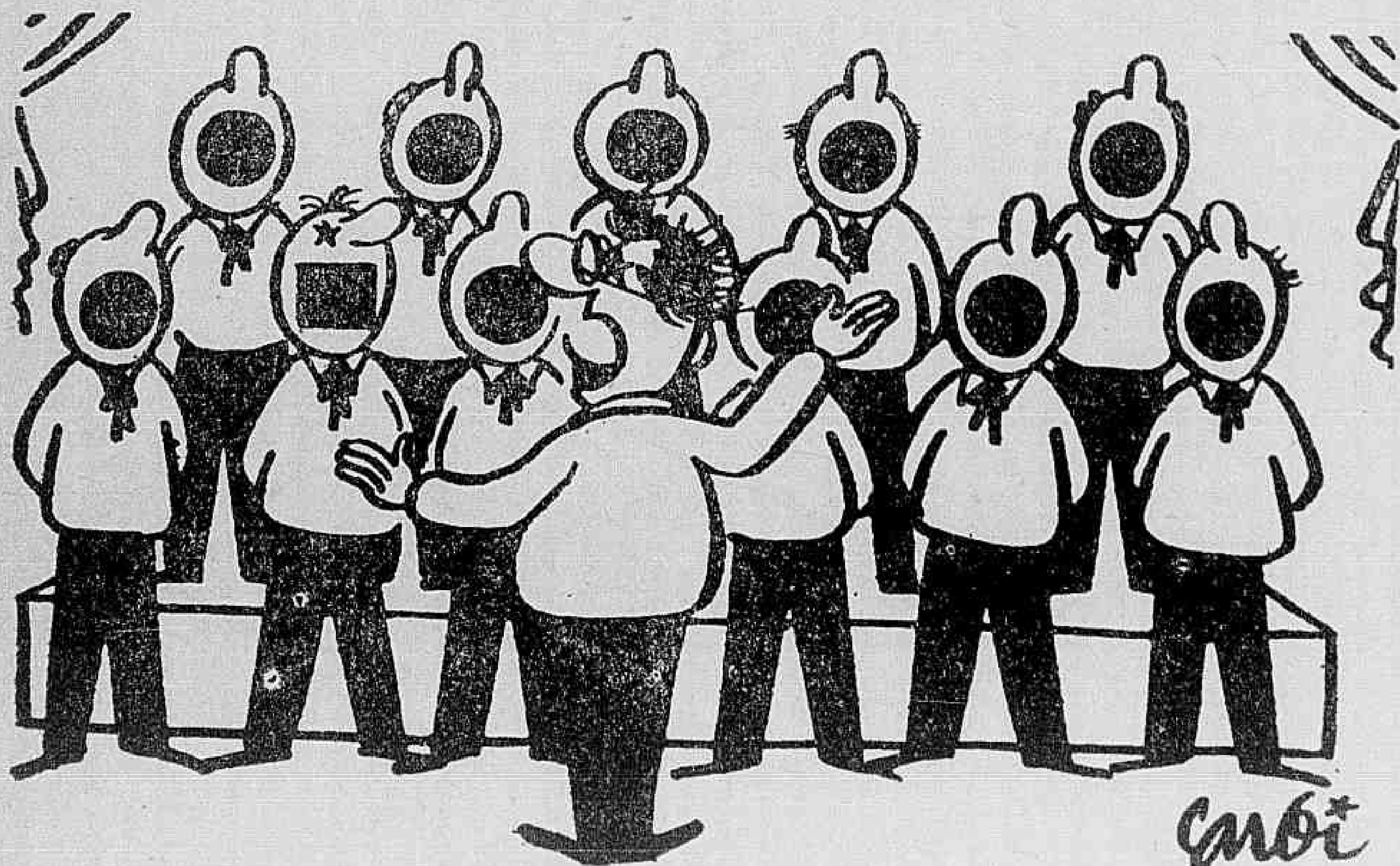
— Deve ser o médico — explicou Rodney — Você como está passando, agora, Aline?

— Muito bem — disse ela — Mas sinto-me ridícula com esta **toilette.** Deixei meu **manteau** no automóvel.

Êle a tomou por um braço e, juntos, caminharam para o automóvel, que já estava parado diante da porta amarela. Dêle havia saltado um homenzinho, vestindo casaca irrepreensível.

— Caso muito triste, Rodney! — disse êle em tom sentencioso.

A presença de Aline, brilhantemente vestida, pareceu



— **O senhor, aí... Não pode cantar como os outros?**

causar-lhe uma surprêsa, refletida pelo arregalar dos olhos por trás dos óculos de aro de tartaruga.

— O **chauffeur** — continuou êle — pretende que o seu amigo está morto?

— Também penso que esteja... — respondeu Rodney, lacônicamente.

— E vocês foram os primeiros a chegar ao local do drama?

— Sim. Eu conduzia miss Innesmore à residência de Barry, para que lhe mostrasse o seu belo vestido de côrte. Isto porque, estando com um pé ferido, êle só deitaria muito tarde.

Voltando-se, a seguir, para Aline, fêz as apresentações:

— Dr. Pargetter, médico da família. Miss Innesmore, atualmente residindo em nossa casa.

O médico saudou com um movimento de cabeça e logo tomou a sua valise das mãos de Giles.

— Talvez seja melhor subirmos...?

— Aline — disse Rodney — Giles podia agora levar você para casa.

— Se você não se incomoda, prefiro esperar — respondeu ela. — Suponhamos que ainda estejam acordados, lá em casa; que direi a êles? Gerry também não tardará a aparecer...

— Tem razão. A emoção será grande, entre todos os de casa. Terei que começar por me avistar com Chass. Nessas condições, aguarde-nos aqui mesmo, no automóvel. Espero que a demora não será grande.

Deixou-a com estas palavras e dirigiu-se para a escada, seguido pelo médico.

Janelas e portas se abriam em tôda a extensão da rua, como se, por uma telepatia estranha, a noção do acontecimento trágico tivesse penetrado até os mais obscuros recantos dêsse arrabalde de Mayfair. Em redor de Giles se formava um círculo de pessoas, vestidas um tanto sumàriamente. Uma mulher robusta, cujo velho casaco mal escondia a camisola de noite, dançava ora num pé ora noutro, para poder admirar a **toilette** e as jóias de Aline.

— Que aconteceu na casa do Sr. Swete? — perguntou ela em voz baixa.

— O Dr. Pargetter acaba de entrar com um policial — respondeu-lhe, com voz enferrujada, um homem de cabelos ruivos e eriçados, que tinha os pés nus metidos em sapatos desatados.

Como o mesmo indivíduo se aproximasse de Aline, ela se apressou a entrar no automóvel, vestindo o **manteau**, ao mesmo tempo que retirava as plumas dos cabelos, pousando-as sôbre o banco. Pouco a pouco, pequeno grupo de pessoas, bizarramente vestidas, formara-se a curta distância. Sua curiosidade foi para Aline coisa difícil de suportar, pois além de tudo sentia, nessa multidão, ávida de sensação, uma certa hostilidade. Cedendo a um impulso súbito, abandonou o automóvel e, depois de bater a portinhola, caminhou na direção da porta amarela, penetrando na residência de Barry.

Haviam, aparentemente, acendido tôdas as luzes do apartamento. Tôda a escada estava iluminada. No entanto, a porta, semi-desmantelada e com a fechadura pendente de um só parafuso, estava apenas ligeiramente aberta, como se alguma coisa a bloqueasse do outro lado. Grande mancha escura encobria o piso da entrada. Aline teve que se esgueirar para penetrar no **living-room.**

A primeira pessoa que avistou foi o médico. Estava ajoelhado logo atrás da porta. Rodney, com ar impassível, mantinha-se de pé, ao lado dêle. Tôda a sala estava fortemente iluminada; a chegada de Aline passou, no primeiro momento, despercebida. As costas encurvadas do médico impediram que ela visse, de imediato, sôbre que estava êle curvado. Mas para ver, tinha só que caminhar mais dois passos no **living-room.**

O tapête béige terminava a um metro da porta. Ali, nesse espaço, vestindo ainda o chambre azul com que a recebera pela manhã, Barry estava deitado, com a cabeça e os ombros no centro da mancha rubra, para o lado da porta, o resto do corpo sôbre o tapête e dirigido para o interior. O rosto apoiado sôbre o braço direito completamente estendido, a mão apertando um cano de pistola e o outro braço alongado contra a perna. Cabeça e braço sôbre uma espêssa camada gelatinosa.

Aline não pôde conter um grande soluço. O médico levantou a cabeça e fêz uma careta. Mas, antes de que pudesse articular qualquer palavra, Rodney estava junto de Aline.

— Você não devia ter subido — disse êle com voz angustiada, e colocando-se de maneira a lhe esconder a vista do cadáver.

— Já começou a juntar muita gente, na rua. Não podia continuar lá em baixo!



— Sol forte, hein? Você não pode comer a sua sombra e continuar a tê-la!

Êle não insistiu. Conduziu-a a um sofá, junto da lareira, onde a obrigou a sentar, de costas para a sala. A seguir, voltou para o seu pôsto junto do médico.

Juntando as mãos, Aline olhou em redor. Como acreditar que Barry estivesse morto; que aquela sala tão acolhedora e tranqüila tivesse servido de palco para um tal drama? O menor objeto falava de Barry. Ali mesmo, bem diante dos seus olhos, nas prateleiras de ambos os lados da lareira, estavam os seus livros muito queridos; um pouco acima, à esquerda, o seu precioso Goya, o retrato de um general espanhol, de rosto orgulhoso, enquadrado por "favoritos", e vestindo uniforme azul e vermelho. Os olhos de Aline se enchiam de lágrimas e não cessavam de apreciar todos aquêles arranjos bonitos e, principalmente, um grande paravento de laca, que ocupava um ângulo da sala, e que Barry adquirira em Changai. Servia para esconder o alto da escada que conduzia ao térreo e, além dessa escada, a porta da sala de refeições.

Apenas tinham decorrido doze horas, desde que ela se sentara junto de Barry, naquela mesma sala. E êle estivera tão natural, tão encantador. Parecia-lhe que sempre o conhecera. E agora êle estava morto. Morto por suas próprias mãos, segundo parecia. Por que, Santo Deus, êle fizera coisa tão horrível?

Sentia-se, pouco a pouco, atraída para a porta. Voltou-se a meio. Aquela grande mesa, peça antiga, colonial espanhol, que lhe servia de escrivaninha; o tinteiro de prata, no estilo George III; o mármore prêto, do cinzeiro, tudo estava em seu justo lugar; Barry tinha o fanatismo da ordem.

Junto da escrivaninha, sôbre uma coluna, diante da janela, o busto de Barry a fitava. Viu, luzente e negra, a cabeça de bronze e estremeceu violentamente. Aquela cabeça estava fria, sem vida, com os olhos cegos, como...

Sôbre o ombro do médico ousou olhar e pôde ver a forma estranhamente abandonada. Entre as dobras do **chambre**, as pernas surgiam, vestidas com calças de sarja azul- raminho, os pés metidos em pantufas pretas. E uma terrível, uma curiosa inércia! E que palidez; que imobilidade!

O médico se levantara e esfregava as mãos lentamente, uma contra a outra. Depois, limpou os joelhos, tossiu, retirou os óculos, ficou algum tempo fitando Rodney, com ar pensativo e, finalmente, em tom solene:

— Isto — disse êle — não foi suicídio. Foi assassinato!

CAPÍTULO V

ALINE DIANTE DE SCOTLAND YARD

A declaração de Pargetter foi para Rodney como uma chicotada.

— Assassinato? — repetiu, empalidecendo e com voz enrouquecida.

Aline e êle perceberam, então, que Pargetter tinha qualquer coisa dentro do lenço, entre as mãos fechadas. O médico abriu as mãos, desfez o saco que formara com o lenço e exibiu a pistola. Nem Rodney nem Aline tinham visto o Dr. Pargetter retirar a arma dos dedos do morto.

— Esta pistola não foi descarregada — disse êle. — O pente está intato e o cano ainda contêm um cartucho perfeito. Além disso, a bala usada para matá-lo é de calibre grande de mais para esta arma.

Depositou a pistola sôbre uma cadeira. Não era maior que a mão de um homem. Por que teriam assassinado o pobre Barry?

Pargetter se curvou, tornou a colocar os óculos e fêz sinal a Rodney para que se aproximasse.

— Veja.

Levantou lentamente a cabeça do morto e, com a extremidade da sonda, designou uma placa de sangue coagulado sôbre a face esquerda do pescoço, quase junto da orelha.

— Foi aqui que a bala penetrou. Não a encontro. Sem dúvida se alojou em alguma parte, sob os músculos.

— Doutor... — disse Rodney — Não é possível! Há alguma coisa que nos escapa!

Voltou-se para observar Aline, de pé, imóvel, semelhante a uma estátua.

— Então — disse êle lentamente — êsse homem que você afirmou ter visto...

Não pôde terminar. Um passo pesado fazia gemer a escada. A silhueta forte de um guarda fechava o quadro da porta. Vendo o médico, o agente de polícia pareceu reconhecê-lo. Levou a mão direita ao quépi, num gesto de saudação.

— Falo com o Dr. Pargetter, de Hay Street, não é mesmo, senhor? Um **chauffeur**, lá em baixo, está falando em suicídio... Oh!

Seu olhar descobriu o cadáver e imediatamente sua voz morreu na garganta.

— Infelizmente é mais grave... Não houve suicídio... — replicou Pargetter — Êste homem foi assassinado!

— Assassinado?

Mais uma vez o médico se ajoelhou e o agente de polícia o imitou, sem comentário. Pargetter apontou para o ferimento e o policial esboçou um assobio, ao mesmo tempo que observava o rosto do cadáver, aureolado por uma grande poça de sangue.

— Deve ter perdido muito sangue, suponho?

— Mais do que podia perder, certamente! A carótida interna foi cortada...

O guarda se endireitou antes de perguntar:

— Desejo telefonar para a delegacia. Onde posso encontrar um telefone?

— Atrás do senhor... Sôbre essa mesa.

Aline não se mexera do lugar. Por acaso o médico a avistou e, atravessando o quarto, foi modificar a posição do paravento, a fim de dissimular melhor o cadáver. Êste gesto pareceu chamar Rodney à vida. Aproximou-se, por sua vez, da norte-americana.

— Êsse homem que você viu, Aline... Pensei que você tivesse sido vítima dos próprios nervos... Vejo que me enganei. Você pensa que, enquanto Giles e eu forçávamos a porta, êsse

homem se escondia em qualquer lugar, aqui mesmo?

Ela fêz um sinal afirmativo.

— Rod — disse ela, a seguir, com voz sumida

— Quem **podia ser?**

— O assassino, é claro!

— Sim... Mas **quem?**

— Não posso imaginar... O que aconteceu chega a ser absurdo!

Não pôde continuar. O policial, deixando o telefone, anunciava ao médico que já iam enviar um inspetor de Malborough Street. A seguir, laboriosamente, tirou um caderninho do bôlso da túnica e disse:

— Agora, por obséquio, senhores, queiram relatar o que sabem do fato.

Voltou-se primeiro para Rodney:

— Creio que falo com o Sr. Rossway... O **chauffeur** contou-me como o senhor e êle encontraram o cadáver.

Rodney declinou seu nome e idade; depois prestou depoimento, que foi longo, pois o agente anotava palavra por palavra do que dizia. Aline voltou ao divã, onde sentou, de costas para o grupo formado pelos três homens. Sentia-se atordoada, com os músculos enrigecidos. Mais uma vez, seu olhar passou pelas paredes. À esquerda de quem entrava, ficava o quarto de dormir, cuja porta entreaberta deixava ver os pés do leito. Em face, na parede da direita, a porta da sala de jantar, totalmente aberta. A mudança de posição do paravento deixara à vista o balaústre da escada interior. Além dela havia uma pequena mesa de serviço, sustentando pratos e, mais longe ainda, a porta da sala de jantar. Tudo parecia normal, normal... E, no entanto, pouco antes, o assassino ali estivera, escondido, em alguma parte: talvez na sala de jantar... ou no quarto; talvez no alto da escada, por onde subira sorrateiramente. Que aspecto podia ter um assassino? Aline tentou formar em seu espírito a imagem do homem que tinha visto... Porém tudo continuava muito confuso. Um boné, um sobretudo, a fuga rápida, na sombra...

★

Era evidente que Barry não se mexera, o dia todo. Sua poltrona favorita continuava no mesmo lugar em que estivera, na parte da manhã, junto da mesinha, entre a porta do quarto e o corpo, agora velado ao seu olhar. Junto da poltrona estava a cadeira sôbre a qual êle repousava um pé, uma das quatro cadeiras forradas com pano e que, ordinàriamente, ficavam encostadas à parede da esquerda. Duas sòmente ocupavam agora o lugar habitual, estando uma quarta, avançada para junto da chaminé, de frente para as duas, que tinham sido utilizadas pelo morto.

O assassinato de Barry era, para Aline, uma coisa que ela não conseguia aceitar como fato consumado, mesmo agora que se encontrava diante do seu cadáver. Pouco faltava para que o visse sentado diante da mesinha. Lá estava o seu livro aberto e, sôbre as páginas, os óculos de tartaruga. Ao lado, o copo contendo ainda o seu **whisky.** E também o cinzeiro, o charuto semi-consumido.

Aline, olhando para a cadeira vazia, teve a sensação de que Barry apenas descera a fim de ver se encontrava alguma coisa de comer para Gerry e para ela mesma, como já havia feito uma tarde, quando ambas o tinham encontrado na rua, ao sair de um cinema, e aceitado o seu convite para um lanche em sua residência. A qualquer instante ouviria a sua voz... A qualquer instante êle surgiria, de pé, com o sorriso irresistível...

★

Um alegre "boa noite!" interrompeu o seu sonho. Com um sobressalto ficou de pé. Seu olhar procurou a entrada. Um homem ainda moço, robusto e de aspecto indefinível, penetrara na sala. Imediatamente seu olhar ficou prêso ao paravento. Depois de morder ligeiramente os lábios, avançou olhando para todos os lados. A seguir, fêz um sinal para o guarda se aproximar. Juntos conversaram em voz baixa.

— Espero que você não tenha tocado em nada, Frank?

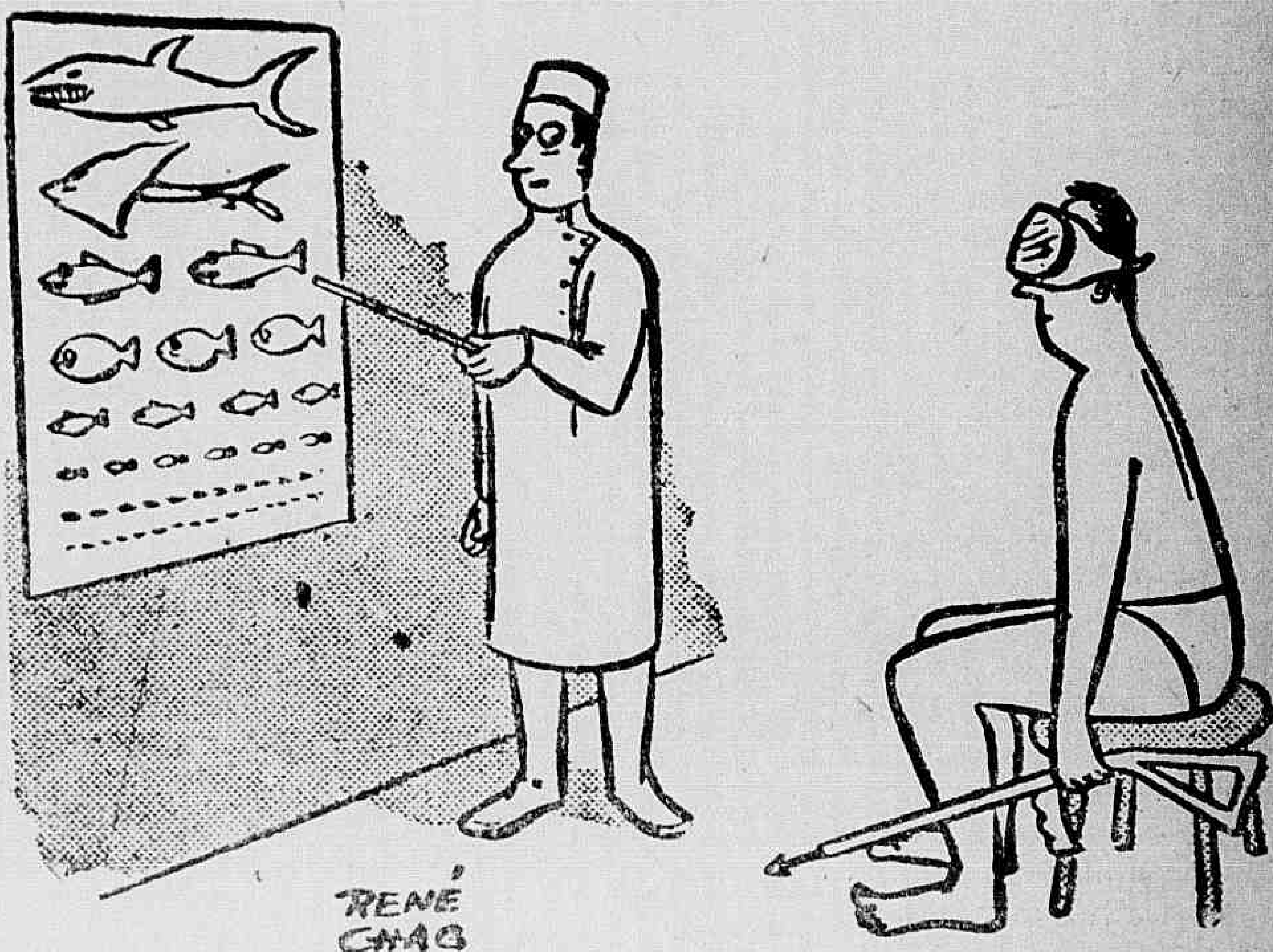
— Não, senhor. Cheguei pouco depois do encontro do cadáver. Apenas...

O agente, com o polegar voltado, apontou para o médico.

"— O doutor chegou antes de mim.

— Muito bem — replicou o outro. — Você conhece o "tio George"?

— O tio George tomará conta disto?



— Telefonou para Scotland Yard, pouco depois do seu aviso. O tempo de apanhar de passagem o jovem Trévor, das Impressões Digitais, e chegará aqui.

Com um olhar interrogativo, o recém-chegado examinou, uma após outra, as testemunhas mudas dessa cena. Retirando, então, o chapéu de feltro morron, apresentou-se:

— Sargento detective Wainwirght, da Divisão C. O inspetor chefe, Manderton, do serviço central, não deve tardar a chegar.

Tendo falado, Wainwright seguiu o médico, desaparecendo atrás do paravento.

Rodney falou, então:

— Há alguma utilidade em reter aqui esta senhorita? — perguntou.

— Ela estava aqui, quando o senhor e o **chauffeur** encontraram o corpo? Neste caso, mais vale que ela espere. O chefe não vai demorar!

E o paravento escamoteou o detective.

Rodney voltou para junto da lareira, obrigando Aline a sentar novamente no divã e, sentando-se ao seu lado, sôbre o braço do móvel. Então, sem nada dizer, apoderou-se da mão da norte-americana.

Êsse contato a reconfortou; mais ainda, emocionou-a, a ponto de ter os olhos cheios de lágrimas, que não tinham surgido nem mesmo diante do trágico destino de Barry Swete. Màquinalmente, com a mão livre, procurou o lenço; neste instante, viu a seus pés o pequeno quadrado de rendas. Apanhou-o, com êle estancando as lágrimas. Os dois amigos assim permaneceram, calados, enquanto aos seus ouvidos chegava o murmúrio das duas vozes, entrecortado por ruídos estranhos.

O ruído do motor de um automóvel dominou bruscamente, na rua, o rumor da multidão. Pouco depois vozes encheram a escada. Giles apareceu pouco depois. Caminhou dois ou três passos na sala e logo parou, para deixar passar um homem grande, tendo à cabeça um chapéu de abas largas. Atrás dêle vinham dois indivíduos, um dos quais tinha cabelos ruivos, rosto fresco e jovem, óculos de aros grossos e carregava uma valise.

O **chauffeur** impava de importância:

— O inspetor Manderton! — anunciou êle no melhor estilo de Larking.

Depois, voltando-se para o personagem:

— Aqui está o Sr. Rodney, que encontrou o corpo, juntamente comigo. Aquêle é o Dr. Pargetter.

À entrada de Manderton, Rodney se erguera, sem se afastar, porém, do divã. O doutor, por sua vez, saíu do seu esconderijo por trás do paravento. Wainwright reapareceu depois do médico, mantendo-se em posição de sentido. Da mesma forma ficou o guarda. O inspetor gratificou a companhia com uma saudação discreta, para não dizer morosa, e avançou, retirando as luvas, que, juntamente com o chapéu, depositou sôbre uma cadeira. Logo percebeu a presença de Aline e, por alguns instantes, seus olhos inquisidores ficaram parados, observando a silhueta envolta num manto de arminho imaculado. A seguir, seu olhar se dirigiu para a porta pela qual acabara de entrar e para o paravento de laca.

★

Aline não pôde conter um ligeiro arrepio. Era então aquêle, o homem de Scotland Yard, herói lendário de romances melodramáticos como havia muitos nas estantes de seu pai, no apartamento de Park Avenue! O esfôrço que desenvolvera até então tivera o dom de aguçar os seus sentidos; reconheceu imediatamente o ar de autoridade, de competência, de energia extrema — mesmo implacável — que se desprendia daquele homem. Julgou a sua importância pela deferência verdadeiramente militar que inspirava aos seus subordinados.

Na verdade, Manderton não oferecia, em seu exterior, qualquer das particularidades que assinalam o imortal Sherlok. Vestia um terno de sarja azul rozoàvelmente usado, sapatos fortes e ornava os lábios com um fino bigode. Um nariz plebeu marcava o centro do seu rosto vulgar. Pesadão, com o rosto congestionado, tinha maxilares salientes e enormes mãos vermelhas. Mas os olhos tinham essa expressão de firmesa, de segurança, que não podiam enganar sôbre a fôrça do seu caráter e que denotavam uma coragem tranqüila.

Aquêle homem era um lutador, e dos que não largam a prêsa!

O rápido exame a que submeteu Aline determinou, na norte-americana, um estranho acanhamento. Sem dúvida, havia entre êles — segundo ela pensou — a pequenina mentira combinada com Rodney. Seus olhos prescrutavam e desafiavam. Eram os de um homem a quem satisfaz raramente a aparência das coisas. Eram temíveis, e nêles havia também ameaça.

Um movimento irrefletido a fêz voltar a cabeça para o Goya. Pareceu-lhe que o general espanhol, em sua moldura, dardejava sôbre ela o mesmo olhar duro e cortante do inspetor Manderton.

CAPÍTULO VI

O LENÇO

A presença daquele homem dominava tôda a sala. O sargento detective fixava no espaço, indecisamente, um olhar sem expressão. O guarda conservava uma imobilidade de rocha. O rapaz, chegado com o inspetor, pousara a valise sôbre a escrivaninha e lestamente, discretamente, com uma indiferença mais ou menos natural, tratava de retirar da mesma uma série de frascos e de escôvas.

Repentinamente, a um sinal do inspetor, o agente de polícia afastou o paravento, dobrou-o, apoiando-o, depois, contra a parede. O Dr. Pargetter avançou.

(Continua no próximoo número)



UHDE (Fritz von)

(Nascido em Wolkenstein, na Saxônia, em 1848 — Viveu a maior parte de sua vida em Mônaco)

O RETÔRNO

Fritz von Uhde é conhecido principalmente por suas pinturas do Novo Testamento, realizadas com sentimento novo e profundo, que pode ser chamado de **social.** Nos assuntos evangélicos de que se ocupou foi sempre simples e comovente, seja com "A Última Ceia", "Jesus no Horto", "Caminho de Belém", etc. Desta última obra foi dito, por certo crítico, que se tratava de um quadro **bíblico.** Nêle Uhde apresenta uma pobre mulher, em avançado estado de gravidez, que caminha penosamente e extenuada ao lado do espôso. "Homem e mulher têm todos os sinais externos da miséria, não se diferenciando em nada dos pobres que viajam a pé nos úmidos e nevosos países setentrionais. Vão cobertos de andrajos e a cabeça descoberta" — segundo a descrição de Ostini. Uhde repete êsse tema em outros quadros, dos quais o mais notável é "Noite Sagrada", pintado talvez com menos aspereza que "Caminho de Belém". Todavia, embora a figura de Maria seja a central e não lhe falte a auréola, nota-se em tôda a obra uma nota familiar e comovente. Essa mesma figura de mulher é encontrada em outros quadros de Uhde, de temas variados; de fato, pode ser ela reconhecida na "Noite de Inverno" e no "Retôrno", que reproduzimos na página anterior. A mesma pessoa, a mesma atitude, não faltando nem mesmo o chale sôbre o ombro nem o cêsto. Quadro belo e severo, realizado com maravilhosa simplicidade. A mulher, com a filha, torna a casa, através de esquálida campina outonal. A neve surge aqui e ali, o céu é turvo, embora, por entre os rasgões das nuvens brancas, surjam tons rosados. A mãe, um pouco curvada, parece indiferente ao cenário que a cerca. A filhinha esconde a mão esquerda e com a direita aperta o largo lenço sob o mento; seu olhar parece procurar qualquer coisa ao longo do caminho. Mas o melhor da obra é o seu conteúdo espiritual, a expressão grave e austera das duas figuras. Pictòricamente, é trabalho de mestre. A figura da menina, em tom claro, se destaca admiràvelmente do tom escuro do fundo. A da mulher, em tom escuro, se destaca do fundo claro do céu. Se considerarmos as duas figuras em grupo, o contraste é forte, mas ao mesmo tempo delicado e harmônico. Em resumo, é grande obra de arte — e sumamente expressiva!

— Paulo Schumann (Dresdem)

Cuidado VENENO

Por WILLIAM A. LYDGATE



E' perigoso deixar venenos ao alcance das crianças. No entanto, isto é muito comum e tem provocado dramas de variadas conseqüências.

PROVÀVELMENTE, os leitores ainda não ouviram falar de um dos mais eficientes remédios caseiros, para o envenenamento acidental. Aliás, isto não constitui motivo para admiração, pois é bem grande o número de médicos que ainda não travaram conhecimento com essa nova maravilha, que pode salvar muitas vidas.

Êste notável produto farmacêutico é chamado "antídoto universal". Pode ser aplicado em inúmeros casos de envenenamento, sendo de fácil manipulação; sua composição é a seguinte:

2 partes de pão torrado e pulverizado
1 parte de leite de magnésia
1 parte de chá, forte.

Qualquer dona de casa pode preparar êsse antídoto, deixando-o guardado num vidro, para qualquer emergência. Com isto, a vida de uma criança pode ser salva, se acidentalmente ingerir veneno para formigas, ou algum líquido empregado na limpeza de objetos. O pão torrado que entra na formação do antídoto pode ser, também, substituído por carvão pulverizado. Por que êste produto constitui remédio tão efetivo para os envenenamentos? Se um veneno alcalóide ou metálico é ingerido, o ácido tânico contido no chá neutralizará a ação do mesmo. E, se o veneno é constituído por um ácido, o leite de magnésia auxiliará o organismo na reação contra o mesmo, e também na sua eliminação.

Só nos Estados Unidos, cêrca de 600 crianças perecem, anualmente, envenenadas acidentalmente. No entanto, existe um preparado fácil de ser manipulado em casa, e que pode ser aplicado a quase todos os casos de envenenamento acidental. O "antídoto universal" constitui uma das mais novas armas no combate aos venenos.

Também pequenas quantidades de torradas bem queimadas (ou carvão) absorverão e eliminarão grandes quantidades de veneno. Os mais recentes livros a respeito do tratamento preventivo dêsses acidentes, ocorridos com as crianças, recomendam o **antídoto universal.**

Alguns venenos são capazes de matar em cinco minutos; portanto, é extremamente necessário um rápido tratamento para tais tipos de corrosivos. Uma vez ingerido o veneno, talvez não seja possível esperar pelo médico. Recomendam os cientistas que, uma vez aplicado o **antídoto universal**, duas coisas devem ser feitas, o mais ràpidamente possível.

O QUE FAZER — Em primeiro lugar, verificar o que a criança engoliu. Em seguida, guardar o frasco no qual estêve contido o veneno, a fim de que possa ser examinado pelo médico. Isto, sòmente, é capaz de evitar a morte da criança, pois o médico, chamado imediatamente, não perderá minutos preciosos, tentando descobrir a natureza da solução ingerida.

Deve, em seguida, fazer a criança vomitar o que engoliu, a fim de lavar o estômago. E, um dos melhores métodos para fazer alguém vomitar com rapidez é encher um copo de leite, quebrar um ôvo no mesmo e obrigar a pessoa a ingerir a "poção". Isto feito, é bastante colocar o dedo na garganta da criança, obrigando-a a expelir o que tem no estômago. As proteínas contidas no leite e no ôvo formam uma camada que absorve e elimina a maioria dos venenos. Depois de vomitado o veneno, convém dar outra dose do **antídoto universal** à criança.

NOTA: — Se o veneno ingerido foi algum alcalino, êste talvez acarrete algumas queimaduras em tôrno da bôca. Se isto ocorrer, não convém obrigar a criança a vomitar, pois isto também afetará o estômago e o esôfago.

Embora todos saibam que não devem deixar qualquer tipo de veneno, por mais inofensivo que seja, ao alcance das crianças, é estarrecedora a média de acidentes de tal natureza, que ocorrem anualmente. Nos Estados Unidos, por

exemplo, 600 crianças morrem, cada ano, por envenenamento acidental, e milhares de outras ficam sèriamente queimadas por essas substâncias.

O QUEROSENE é causa muito comum de envenenamento. Assemelha-se tanto à água, que as crianças, estando com sêde, ingerem-no, julgando tratar-se de água. O envenenamento com derivados do chumbo é também muito perigoso para as crianças. E disto sabem muito bem os fabricantes, que costumam rotular seus produtos com prudentes avisos. No entanto, quando um pai de família resolve pintar a garage, por exemplo, permite que a lata que contém a tinta fique ao alcance das crianças e estas, inadvertidamente, se envenenam, molhando os dedos na mesma e provando o líquido.

Algumas autoridades no assunto acreditam que os analgésicos constituem a causa mais freqüente dêsses acidentes com as crianças. Felizmente, os analgésicos, que constituem drogas inofensivas, quando tomadas com moderação, são raramente fatais, mesmo quando ingeridas em grande quantidade. De qualquer maneira, não devem estar ao alcance das crianças.

O vermelhão é um dos favoritos das crianças. E o mesmo se dá com a graxa para sapatos, especialmente a de côr preta, contendo nitrobenzeno, que é um terrível veneno. A iodina, o álcool, os linimentos, os flúidos cáusticos utilizados na limpeza, os inseticidas e o esmalte de unhas, além da acetona, são outras causas freqüentes de envenenamentos acidentais.

É RECOMENDÁVEL A INTERNAÇÃO NUM HOSPITAL — No caso de ocorrer um envenenamento, devem ser fornecidas informações, as mais detalhadas possíveis, ao médico. Deve ser verificado se a bôca da vítima apresenta sinais de queimaduras, corrosão ou ulceração, se sofre de câibras estomacais. E, ainda, se se comporta de modo estranho. Se é possível, convém guardar parte da matéria vomitada, num frasco, a fim de levá-la a ser examinada no laboratório do hospital.

Ordinàriamente, um médico não traz, em sua maleta, o equipamento necessário para o tratamento, tal como oxigênio, anestésicos, e antídotos especiais, para combater um caso muito sério de envenenamento caseiro. Desta forma, é sempre aconselhável, se se tratar de um caso melindroso, a internação da vítima num hospital, e uma conferência por parte do médico que a atendeu, com os internos do estabelecimento.

Resumindo, eis os quatro passos a serem dados, quando ocorrer um caso de envenenamento acidental:

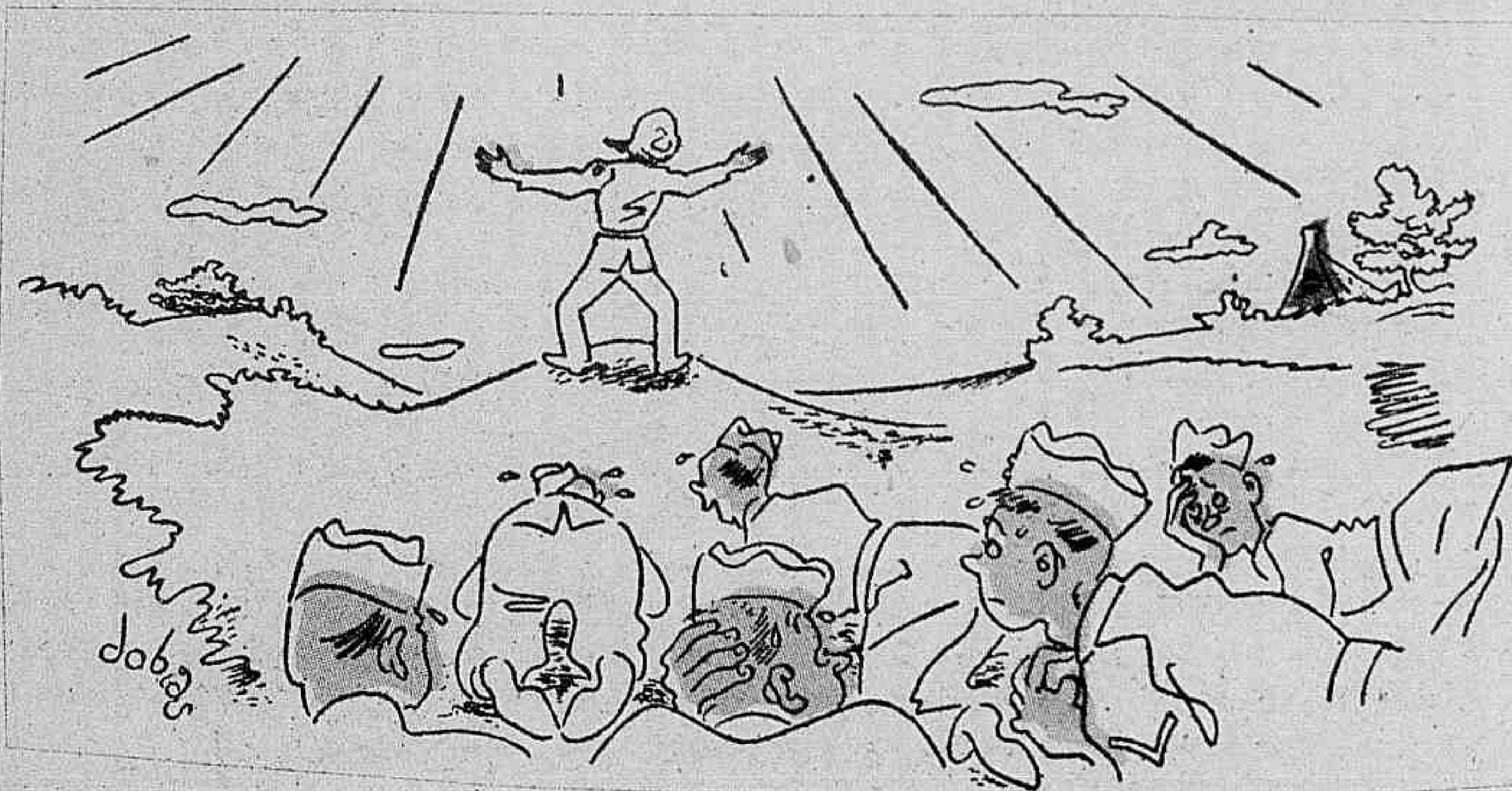
1.º) Aplicar o **antídoto universal.**
2.º) Fazer a vítima vomitar (a menos que a bôca da mesma apresente sinais de queimaduras), e procurar a fonte do veneno.
3.º) Aplicar uma nova dose do antídoto.
4.º) Internar a vítima num hospital, promovendo uma conferência do médico que a atendeu com os colegas do hospital.



UMA ANEDOTA DA ÚLTIMA GUERRA

"MAOMETANOS"

Por A. M. ANTLIFF



ENQUANTO o meu regimento canadense estêve estacionado num certo ponto da Inglaterra, submetido a intenso treinamento, éramos todos, sem exceção, obrigados a assistir ao serviço religioso dominical. Podia o soldado ser católico ou protestante, porque não tinha desculpa, pois para êles havia o correspondente sacerdote, que os mimoseava com um longo serviço religioso, acompanhado de sermão ainda mais comprido. Alguns atendiam ao chamado da religião com a maior boa vontade. A maioria, entretanto — devo confessar — só ia mesmo obrigada, porque, positivamente, preferia ficar de papo pro ar, lendo novelas, flanando pelos arredores ou aproveitando a manhã de domingo para pescar, praticar o esporte de sua preferência, etc. Um dia, porém, entre novos grupo de voluntários, surgiu um que declarou ser maometano e, é claro, foi imediatamente dispensado dos serviços religiosos dominicais. Não passou uma semana antes de que muitos de nós se declarassem igualmente maometanos — sendo, por isso, dispensados também. Essa situação vantajosa, infelizmente, durou apenas umas cinco semanas, pois que num certo domingo, gloriosamente ensolarado, todos os soldados "maometanos" foram chamados e postos em formação de marcha. Tinha sido arranjado um serviço religioso *especial* para êles! Pouco depois tinham que marchar dez milhas por estradas empoeiradas e difíceis, para — enfim — estacionar na mais difícil posição, enquanto um indivíduo estranho e barbado, tendo a cabeça ornada com um turbante, gesticulava e falava para êles . . . e para Allah, numa língua estranha e indecifrável. Tiveram que ficar voltados para o oriente, gemendo, cantando e batendo com a fronte nas pedras do chão . . . mais de duas horas!

Perderam com isso a bela manhã de domingo, o lanche que antecedia o almôço, e ainda tiveram que marchar, novamente, outras dez milhas de volta.

Alguns, entre nós, juraram que o homem barbado não era outro senão o nosso sargente, *disfarçado!*

Comprehende Vos Interlingua?

Por WALTER D. HEAD
(Ex-presidente do Rotary Internacional)

EM diversas partes do mundo, muitos homens de ciência estão recebendo um novo boletim internacional de notícias, a cuja leitura se entregam com interêsse.

Êsses cientistas, como muitos outros de seus colegas, neste século em que se vive tão aceleradamente, estão dedicados a experiências transcendentais. Servem-se de um novo elemento, ideado para facilitar as relações humanas: **um idioma internacional** "artificial", denominado **interlíngua.**

Não tardarão a ser publicadas nesse novo idioma — podemos estar certos disso — obras científicas, dicionários, etc., pois a **interlíngua** conta, desde agora, com a aprovação de autoridades de prestígio mundial em fonética e linguística. Foi mesmo declarado **o mais eficiente entre os idiomas cientìficamente formados** e, com tal base, vários linguistas internacionais vêm somando os seus esforços no sentido de fomentar a adoção **interlíngua,** como sucessor de outros idiomas de formação artificial.

Mais adiante, neste artigo, serão ampliadas as informações a respeito do **interlíngua;** antes porém, queremos fazer algumas referências históricas, para uma perspectiva mais clara em tôrno do assunto.

Um dos caracteres diferenciais entre o homem e as demais espécies animais é a aptidão que êle tem de comunicar seus pensamentos por meio de símbolos escritos ou falados. A origem dos idiomas se perde nas sombras dos séculos, mas, é certo que, tão logo fêz seu aparecimento sôbre a face da terra, o homem principiou — de modo rudimentar, é natural — a associar os sons — e, mais tarde, os sinais — com as coisas que o rodeavam. Em outras palavras, teve início a formação de um vocabulário!

O ter havido uma época em que — como diz a Bíblia — todos os homens falaram a mesma língua, e que, como castigo por seus pecados, o Senhor haja, em Babel, **"confundido a linguagem de tôda a terra e desde então os tenha espalhado por tôdas as regiões",** constitui assunto que se presta a múltiplas interpretações. Seja como fôr, desde muito antes de iniciada a era cristã, já pesava sôbre a humanidade a "maldição" da multiplicidade de línguas.

Calcula-se em cêrca de 2 500, os idiomas hoje falados, sem contarmos os inúmeros dialetos.

E, neste nosso mundo, em que, com base nas modernas comunicações, vão sendo menores as distâncias a ponto de nosso globo se transformar ràpidamente num **bairro de cidade,** os sêres humanos, mais que em qualquer outra época da história, sentem a necessidade de um estreitamento mais amplo e mais direto, entre uns e outros, por meio de um idioma que lhes seja comum.

Eis aí por que, hoje mais do que nunca, há grande interêsse na formação de um idioma que se preste a auxiliar as relações internacionais. Há que ressaltar não ser esta idéia, ao contrário do que pensarão muitos dos leitores, coisa nova. Há três séculos que os homens vêm tratando de conseguir êsse elemento de aproximação internacional. Só do fim do século XIX para cá, surgiram mais de 300 prosejo de encontrar solujetos inspirados no deção para o problema.

Não se deve deduzir de tudo quanto acima dissemos, que se trata de criar um idioma que venha ocupar o lugar dos idiomas nativos. Não! O que se aspira é contar com uma **língua auxiliar,** de que se possam valer os povos de idiomas distintos, para um entendimento fácil. Essa nova língua promete constituir ajuda importantíssima para o progresso social, agora que pensamos e trabalhamos em projetos de alcance internacional.

Entre as centenas de línguas que se supõem **ideais** para a realização dos nossos propósitos, o espécie de **sinônimo** de **idioma internacional. esperanto** veio a ser, no conceito popular, uma

Sem dúvida, existem muitas outras línguas às quais se recorreu, com êxito. Tôdas têm em comum, um aspecto importante: formaram seu vocabulário com base em idiomas europeus. Alguns dêstes idiomas auxiliares, como o **esperanto** e o **ido,** estão dotados de estrutura mais lógica, do ponto de vista gramatical, do que qualquer dos idiomas de formação natural. Em outro idioma — o **ocidental** — foi seguida uma pauta semelhante à dos idiomas "naturais".

No entanto, nenhuma dessas línguas artificiais apresentou uma solução completamente satisfatória para o problema. Tampouco se considerou aceitável a sugestão de recorrer ao inglês ou ao "inglês básico", pôsto que a medida dava a impressão de conter um "imperialismo linguístico". Porém a "Associação para um Idioma Auxiliar Internacional" persistiu em seu paciente esfôrço. Com base nos recursos levados à IALA (International Auxiliary Language Association) pela Sra. Alicia Vanderbilt Morris, a Associação pôde valer-se dos serviços das autoridades mais distintas em fonética e semântica, em todo o mundo. Durante os 25 anos anteriores à sua morte, a citada senhora contribuiu com quantias importantes, para a realização da obra. As despesas da Associação subiram a centenas de milhares de dólares.

O trabalho que se realiza foi inspirado nas idéias do Dr. Frederico Gardner Cotrell, o eminente químico fundador da **Research Corporation.**

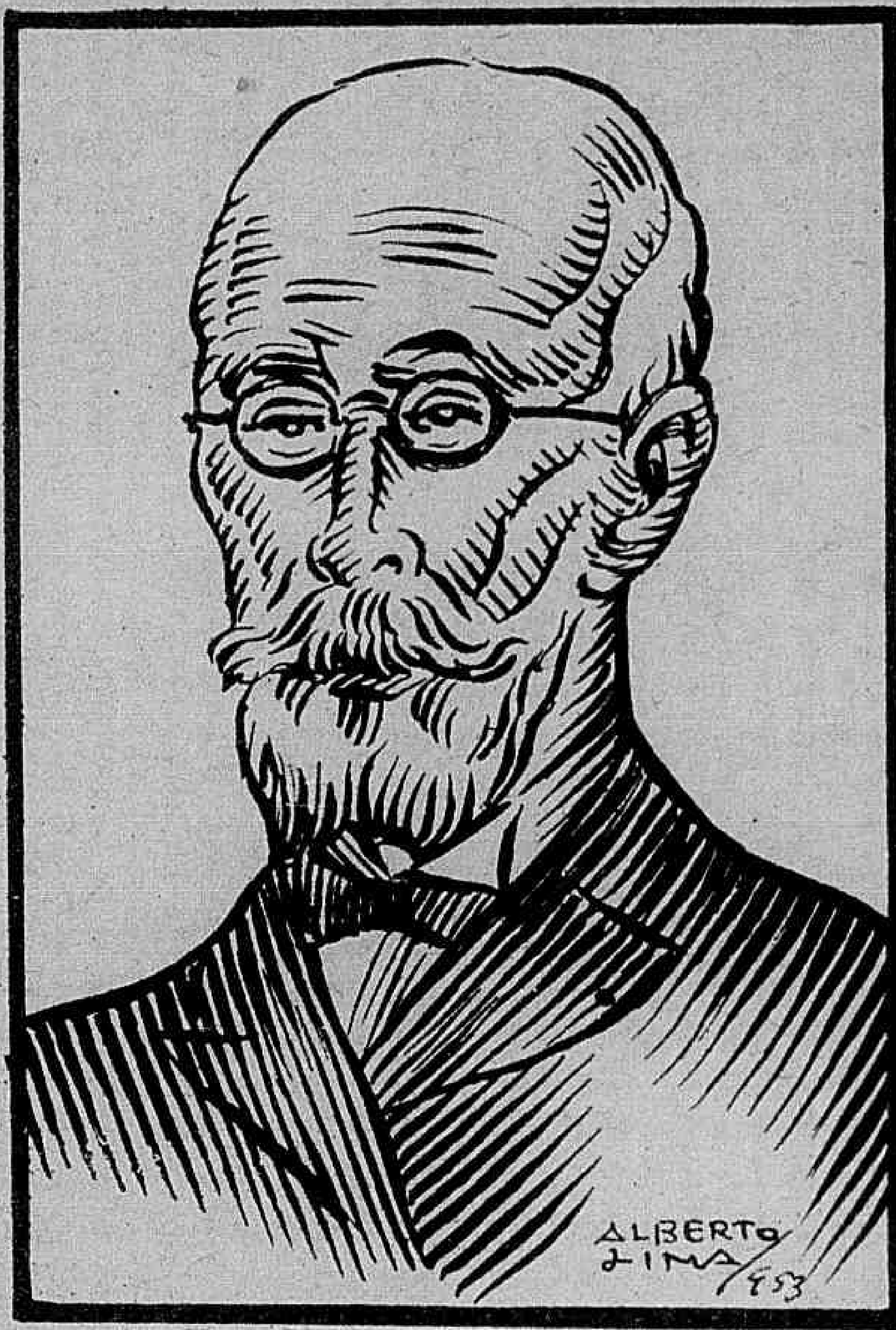
De tôda esta obra, o "Rotary Internacional" foi

interessado observador. Muitos rotarianos participaram de conferências que a IALA realizou. O "Rotary" chegou a contar com um comité oficial do idioma auxiliar internacional.

A IALA dedicou dez anos ao estudo total do movimento tendente à criação de um idioma auxiliar. Analisou os diversos idiomas que a Associação já havia p r o d u z i d o, para chegar à conclusão de que nenhum dos sistemas propostos, inclusive o esperanto, havia logrado conquistar características de índole internacional que requer um idioma auxiliar. Assim, pois, seus investigadores — homens que dominavam amplamente diversos idiomas — empreenderam n o v a s pesquisas. Procurou-se determinar que elementos são comuns aos idiomas nacionais, como resultado de constante intercâmbio de palavras a que dão lugar as correntes culturais e comerciais e — embora nos pese reconhecê-lo — também as guerras.

O interlíngua é o produto dessa procura de palavras **autênticamente internacionais**, fàcilmente reconhecíveis por parte de indivíduos do mundo inteiro.

As fontes principais dêsse idioma internacional vieram a ser o inglês e as línguas latinas (espanhol, italiano, francês e português). Quando se encontraram nos idiomas teutônicos, eslavos ou orientais, vocábulos reconhecíveis além das suas fronteiras, foram êles também utilizados no **interlíngua.**



Dr. Zamenhoff, criador do Esperanto.

Vejamos, por exemplo, como se expressa no citado idioma auxiliar, o fim a que o "Rotary Internacional" se dedica:

LE PROGRAMMA DE ROTARY

Le programma de Rotary es incoragiar e promover le "Ideal Servicio" como base de interprisa honorabile e, in particular, incoragiar e promover: le disveloppamento de cognoscientias personal como un opportunitate de servicio; alte standards ethic in commercio e le professiones; le recognoscentia del dignitate de tote occupationes utile, e le dignificar per tote rotariano de su occupation como un opportunitate de servir le societate; le application del "Ideal de Servicio" per tote rotariano a su vita personal, in su affaceres e in le communitate; le avantiamento de comprehension international, bon voluntate, e pace per un confraternitate mundial de homines del affaceres e del professionaes unite in le "Ideal del Servicio."

Como se vê, o **interlíngua** não é difícil de ler, nem de entender, o que no mesmo se diz. Sua semelhança com as línguas latinas é evidente. A gramática com que se dotou o novo idioma tem por base a estrutura das mesmas línguas. São acordes os linguistas em que as citadas línguas românicas e o inglês (que é utilizado, em parte, pela rica coleção de vozes latinas com que conta) contêm o caudal mais abundante de elementos comuns a todos os idiomas, e consideram que o resultado de qualquer esfôrço, tendente a conceder igual representação a tôdas as demais línguas, não seria senão uma verdadeira confusão.

Na época atual das relações culturais entre os povos de civilizações ocidental e oriental, é necessário reconhecer que o **interlíngua** constitui, provàvelmente, o idioma mais internacional que se pode criar. Aos partidários de que se adote o inglês ou o "inglês básico" como idioma internacional, o **interlíngua** lhes oferece abundantes elementos tomados do inglês.

Aquêles que crêem que o francês deveria continuar sendo o idioma das relações internacionais, verão que o mesmo está representado claramente no **interlíngua.**

Os que preferem o espanhol como idioma auxiliar se darão conta de que, tanto êste idioma como seu irmão gêmeo, o português, deram uma apreciável contribuição ao **interlíngua.**

No entanto, êsse idioma, utilizado como auxiliar, está isento completamente de ligações políticas com os países nos quais se falam os importantes idiomas mencionados. Trata-se de uma língua "natural" e viva, da qual podem servir-se indivíduos de qualquer nacionalidade, sem temor algum de que o prestígio de sua língua nacional sofra algum abatimento.

De muitos países surgiram comentários entusiastas acêrca da facilidade com que pode ser lido o **interlíngua.** O trabalho principal da IALA, atualmente, é o de publicidade, e consiste em fazer ver a utilidade da nova língua auxiliar, aos homens de ciência, de negócios, editôres, publicistas e pessoas de interêsse internacional.

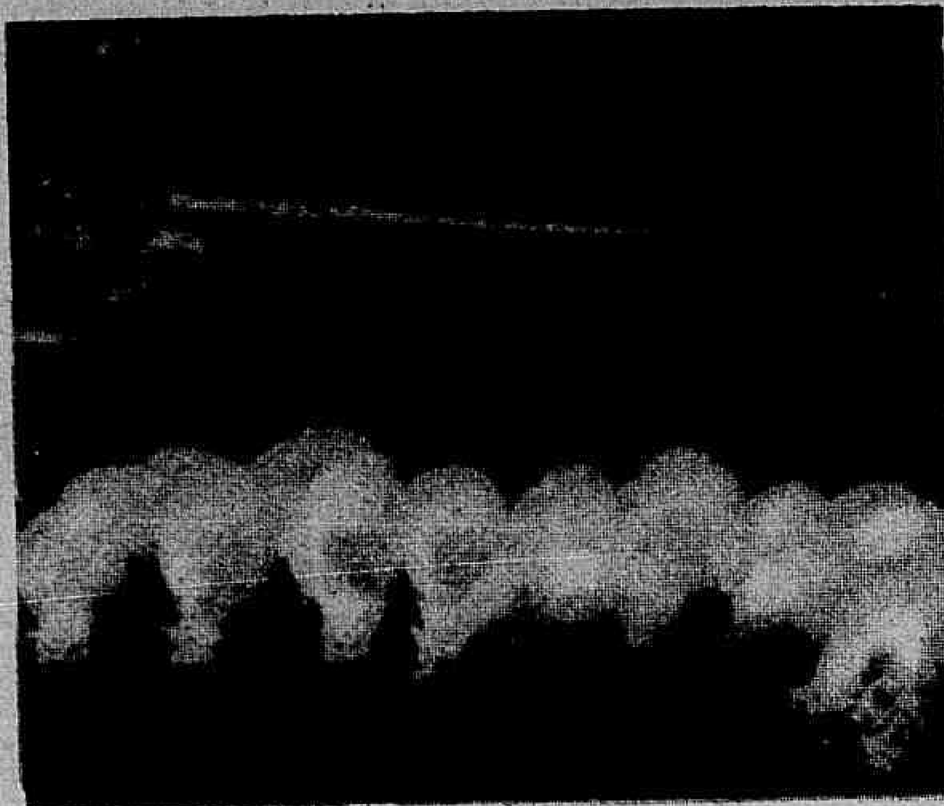
Alguns membros da delegação norte-americana às Nações Unidas advogaram oficialmente para que a organização adotasse um idioma auxiliar internacional. Dados os esforços e a perda de tempo que significa a necessidade de que surjam traduções (pelo menos para três idiomas), de tudo o que é dito e registrado nas seções dos diversos órgãos da instituição, consideram que se veria com agrado a criação de algum meio, permitindo a todos os membros da mesma entender, de imediato, o que é dito nessas seções, sem necessidade de apelar para o registro das traduções.

VIDA DO CAMPO

ÉPOCA DE PARIÇÃO DAS OVELHAS

Por GEORGE W. LITTON
(Assistente de Zootecnia do Instituto Politécnico de Virginia, EE. UU.)

POUCO depois de terminar meus estudos universitários, e mesmo durante os oito anos que trabalhei como agrônomo regional, eu poderia escrever uma história acêrca da época de parição das ovelhas, seguro da veracidade de minhas afirmativas. Entretanto, agora já não estou tão seguro. A razão disto é que acabo de regressar dos currais onde estamos criando 200 ovelhas de raça mista e 50 de puro-sangue. Presenciei várias exceções aos princípios que antes considerava como verdades indiscutíveis. Durante as quatro temporadas em que estive diretamente encarregado dêstes animais, vi como ovelhas muito gordas muitas vêzes pariam primeiro, coisa que, em outros tempos, supus errada; também vi ovelhas gordas que não dão leite depois de nascidos os cordeirinhos, coisa que, geralmente, só se pode esperar de ovelhas mal nutridas e enfraquecidas. Já vi ovelhas com os ubres cheios de leite que se recusam a alimentar os cordeirinhos, afastando-os com coices, quando antes considerava que ùnicamente a falta de leite poderia fazer com que a ovelha se recusasse a amamentar suas crias. E assim, todos os dias, algo se passa nos redis das ovelhas que me faz duvidar do que, em boa fé, disse a muitos criadores há anos atrás.



Muitos cordeirinhos nascem mortos ou morrem logo depois de nascer. Não me atrevo a dar nenhuma explicação científica, mas vou apresentar aqui algumas das minhas próprias teorias. Todo o mundo sabe que há muitas causas às quais pode ser atribuído êste gênero de morte, mas é provável que apenas algumas representes as causas principais. Ao anotar a data de parição das ovelhas de puro-sangue, aqui em nosso instituto, verifica-se que aquelas parem aos 147 dias, ou de um a cinco dias antes, dão os cordeirinhos mais robustos, havendo menor número de natimortos. E seja dito de passagem que, se um cordeirinho pesa, ao nascer, menos de cinco libras (2½ quilos), tem 80% de probabilidade de morrer antes de passados oito dias. Achamos também que o pêso da cria ao nascer aumenta ligeiramente, à medida que a ovelha aumenta em idade, até chegar aos seis anos, mas as mesmas ovelhas parem cordeirinhos pequenos com bastante regularidade. Estamos quase decididos a segregar êste tipo. Entretanto, voltemos ao primeiro ponto. Cada dia em excesso ao período de gestação normal da ovelha aumenta enormemente a probabilidade da morte da cria. O problema é, pois, o que fazer para que as crias nasçam em tempo certo ou um pouco antes. Isto, está claro, é regulado pelos hormônios, o hormônio do útero denominado "pitocina", sendo pròvàvelmente um dos principais. Contudo, creio que a parição da ovelha é influenciada pelas mudanças bruscas do tempo, pelo uso de alimentos verdes ou suculentos nas rações e pela abundância de exercícios físicos. Pouco se pode fazer com relação ao tempo, mas podemos regular os outros dois fatôres. Uma outra teoria que acaricio, com respeito à morte da cria ao nascer, talvez os faça rir, mas aqui vai ela: temos conservado com religiosidade um rebanho destas ovelhas protegido contra qualquer queda de temperatura, desde 15 de novembro até a presente data, não tendo sido observado um único caso de morte da cria, ao nascer. Posso acrescentar que os registros de mais três anos mostram que várias destas ovelhas costumavam parir gêmeos, um dêles estando morto ao nascer. Entretanto, não sucedeu assim desta vez. Trate pois de evitar, de agora em diante, que durante a época da parição as suas ovelhas fiquem sujeitas a mudanças de temperatura. Ficamos satisfeitos ao ver que uma secreção nasal característica, que muitos pensam pertencer às ovelhas, secava e desaparecia.

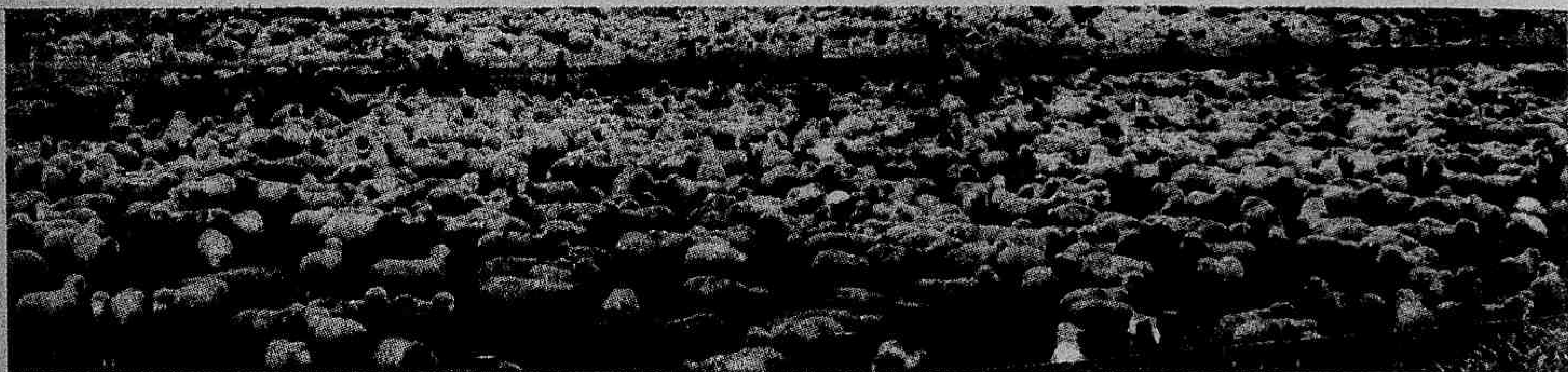
O mal da gestação, quando presente entre as ovelhas na época de cria, é um dos fatôres mais desconcertantes que pode aparecer. Esta moléstia foi constatada no Estado de Missouri, já em 1918 e, pelo que se pode averiguar não há nenhum Estado isento dela, no Estados Unidos. Apresenta-se mais comumente em ovelhas que têm fetos gêmeos ou triplos, e que são de idade mediana. As ovelhas de primeira cria, ou aquelas que já tiveram muitas crias, raras vêzes são afetadas. As ovelhas magras são afetadas mais freqüentemente do que aquelas em boas carnes, e as que perdem pêso, em vez de engordar, são mais propensas à moléstia.

Os primeiros sintomas manifestam-se em ovelhas que se apresentam tristes, lerdas, que permanecem deitadas por mais tempo que o normal e que cerram os dentes. Quando se exercitam, os músculos mostram um tremor e todo o animal tirita. Em seguida, parecem atacadas de uma paralisia parcial, a cabeça apresenta-se torcida para um dos lados, não podem engolir nada e parecem cegas. Freqüentemente, acabam por ficar completamente paralíticas, aumentando-lhes a pressão arterial seguida de edema. Não há febre. A porcentagem de morte é de 90%.

São indicadas como causas prováveis desta moléstia, a prisão de ventre, a falta de exercício, o uso de forragens com demasiada celulose, tal como o feno de fleo, a prenhez, a escassez de cálcio no sangue, a deficiência de elementos, a acidez, o que indica uma redução muito grande na reserva de álcalis do corpo, a "ketose", etc. Em outras palavras, as causas definitivas são desconhecidas, mas a moléstia não é provável que apareça quando se proporcionam às ovelhas os necessários cuidados.

A prevenção e o tratamento da moléstia consistem em bem cuidar das ovelhas: 1) — proporcionar rações ricas em hidratos de carbono — abundância de melaço ou xarope para ovelhas prenhas. 2) — Bastante exercício, para ajudar a eliminação e para estimular a circulação. 3) — Abundantes quantidades de leguminosas. Muitos opinam que a alfafa cura a moléstia. 4) — Promova-se o aumento de pêso das ovelhas, mesmo se estiverem gordas. Devem engordar 11,5 quilos durante a prenhez, a maior parte dêstes, no último mês antes da parição. 5) — O óleo do germe do trigo parece ter bom efeito. 6) — Vitaminas e sais minerais suficientes sempre que fôr necessário. 7) — Abundância de farinha de linhaça, silagem e outros alimentos laxativos ou suculentos que devem fazer parte das rações.

Póde-se ver imediatamente que estas práticas não são mais do que sinônimas de bom tratamento e basta ler o que tem sido publicado sôbre o assunto para verificar que um ou outro dêstes fatôres tem ajudado num ou noutro ensaio.



O ARROZ

O arroz, com a alta exagerada de preço, passou para a ordem do dia e, por isso, resolvemos selecionar o que foi publicado em uma obra muito interessante e que, na nossa opinião, deve ser conhecida por todos os interessados em arroz. Trata-se de um livro publicado pela Estação Experimental de Arroz da Secretaria de Agricultura do Rio Grande do Sul: "Melhoramentos da Rizicultura no Rio Grande do Sul", que foi publicada em 1945.

O arroz é o cereal de maior produção no mundo e o número de suas variedades cultivadas excede ao de todos os outros cereais reunidos.

Alimento básico de uma grande parte da população do globo, a percentagem da humanidade que se alimenta quase exclusivamente com êle é maior do que a que tem por alimento base qualquer outro cereal.

De tôdas as grandes culturas é a mais segura e regular. Onde e quando começou é uma questão que até hoje não foi resolvida. Todos os autores são unânimes em afirmar que é antiquíssima e os documentos em que se baseiam revelam a sua existência há mais de 5 000 anos, na China. A tradição e a linguagem não nos fornecem dados precisos, mas em quase todos os países da Ásia encontra-se referência ao arroz desde épocas remotas, quer na lenda, quer na religião, atribuindo-se-lhe origem divina e ligando-o a diversas cerimônias religiosas. E' evidente que o arroz cultivado procede dos países asiáticos, Indo-China, China ou Índia, ainda que as opiniões sejam muito diversas neste ponto. Grassi afirma que o arroz foi desconhecido dos primeiros arianos. Brushes crê que é originário da Ásia Oriental. De Candolle considera a China a pátria do arroz. Os gregos opinam pela Índia.

Supõe-se que a sua introdução na Europa tenha surgido pelo contato que houve entre a Macedônia e a Índia, devido às campanhas de Alexandre Magno. Na América do Norte foi introduzido em 1694, pelo Cap. Smith, que o trouxe de Madagascar para o Estado da Carolina. No Brasil já há notícias da cultura do arroz na capitania de S. Vicente. No Rio Grande do Sul, há mais de um século que se iniciou a cultura dêste cereal. Nas zonas coloniais, já em 1832 se encontram refeências a êste assunto, sendo plantadas as variedades de arroz chamadas "de montanha". Mas a cultura no Estado tomou incremento depois que se iniciou a irrigação mecânica, fazendo-se a elevação de água por meio de bombas.

A primeira lavoura assim irrigada foi instalada em 1904, nas proximidades de Pelotas, pelos irmãos Lang; segunda, em 1905, por Oscar Loevens, em Gravataí, nos campos onde hoje está situada a Estação Experimental de Arroz. No mesmo ano iniciava-se a irrigação mecânica no município de Cachoeira, onde ràpidamente se expandiu, tornando-se êste o maior centro arrozeiro do Estado, primazia que conserva até agora.

Hoje, o arroz é cultivado pela maior parte dos municípios rio-grandenses e tornou-se uma cultura das mais importantes do Estado, a de maior exportação para os mercados estrangeiros. Sua produção atingiu, na safra de 1933-34, a elevada soma de 450 000 toneladas, da qual a maior parte foi vendida para o exterior, onde alcançou ótimos preços devido à sua alta qualidade e esmerada classificação.

SELEÇÃO. — Os meios que possuímos para aumentar as variedades cultivadas são: introdução de novas variedades de outros países, aprovei-

tamento das que surgem por cruzamentos naturais ou mutações e produção artificial por hibridação. Em todos êstes meios devemos usar de uma seleção rigorosa a fim de observar, fixar e uniformizar os caracteres que nos interessam, eliminando as p l a n t a s que apresentem caracteres pouco recomendáveis ou indesejáveis. Êste trabalho tem por fim evitar que as sementes assim obtidas, depois de entregues aos agricultores, d e g e n e r e m ou apresentem uma mistura de caracteres.

Quando se trata de introduzir variedades de outros países devemos levar em conta, em primeiro lugar, o clima do meio em que foram criadas, procurando sempre as de climas que mais se assemelhem ao nosso, para têrmos maiores probabilidades de sucesso.

Ao plantar sementes importadas convém fazermos como se fôssem sementes híbridas, isto é, plantá-las separadas e uma a uma, a fim de podermos estudar cada variação que surgir e observar a uniformidade de cada planta, sua apartação ao meio, resistências às doenças perfilhação, produção, acamamento, debulha, etc. Dispondo de espigas selecionadas das variedades que queremos estudar, procedemos à seleção metódica, partindo da análise individual, a mais completa possível, o que exige que cada linha seja plantada com as sementes de uma única espiga. Nos anos iniciais de seleção cuidaremos dos caracteres gerais que correspondem às exigências agrícolas, como: resistência das hastes, ciclo vegetativo, resistência às doenças, falhas, debulha, produção, rendimento no descasque e aspecto do produto comercial.



Duas lindas visitantes dão mais encanto a um arrozal sulino.

Devemos levar em conta o nosso clima e o regime d'água em nossos rios e arroios, às margens dos quais está localizada a maioria das nossas lavouras, sujeitas, em grande número, às enchentes do fim do outono ou princípio do inverno.

E' necessário que procuremos criar variedades precoces que, podendo ser colhidas cedo, tenham todos os caracteres de produção, rendimento e qualidade das variedades tardias. A nossa lavoura arrozeira, para produzir econômicamente e com segurança, deve ir substituindo as variedades tardias por outras de caracteres idênticos, porém mais precoces.

No arroz, como em quase tôdas as culturas, quantidade e qualidade nunca estão reunidas. Nossos trabalhos têm sido sempre orientados no sentido de podermos entregar à lavoura, arrozes de alta produção, ótima qualidade e mais precoces do que os existentes em cultivo. Isto já conseguimos, em parte, com diversas novas variedades introduzidas em nosso meio, as quais já estão sendo cultivadas em uma grande percentagem da área total da lavoura arrozeira do Estado. Nos próximos anos lançaremos ainda novas variedades, cujos estudos já se encontram no período final.

PRODUÇÃO DE NOVAS VARIEDADES — Até há poucos anos, foi doutrina pacífica que a fecundação do arroz se realizava com polinização fechada (cleistogamia), e que a hibridação artificial era impossível, ficando, pois, a produção de novas variedades reduzida às que eventualmente apareciam e que tinham sua explicação nas mutações. As investigações modernas comprovam que as variedades de arroz podem ser divididas em três grupos, quanto à polinização: variedades com polinização aberta; variedades com polinização fechada, e variedades em que o tipo e a polinização dependem das condições climatéricas.

No comêço foi mantida mais ou menos em segrêdo a técnica de hibridação no arroz. Isto causou o atraso em sua generalização e na obtenção de grande número de variedades que, submetidas a uma seleção metódica, pudessem apresentar vantagens sôbre as variedades existentes em cultivo nas diversas regiões do globo.

A hibridação é de grande importância, pois é o meio pelo qual os agrônomos estão habilitados a reunir, em uma única planta, caracteres ótimos, dispersos em diversas variedades, e pela coordenação dêsses, criar plantas adaptáveis às particularidades de clima, solo e mercado.

Nos campos onde fazem multiplicações de sementes, mesmo quando estas descendem de uma única espiga, às vêzes encontram-se plantas que por seus caracteres diferenciam-se da generalidade, e que devem ser eliminadas a fim de manter a uniformidade da semente. Estas plantas, em geral, são consideradas como degenerescência da semente, mas, na verdade, podem ser hibridações anteriores que tivessem passado despercebidas ao investigador.

Como se pode notar, observando a constituição da flor do arroz, a técnica de hibridação no mesmo tem que afastar-se da usada comumente em outros cereais. Na hibridação realizada com êxito, a descendência de cada grão deve ser submetida a um estudo detalhado, como único meio de obtermos dados sôbre caracteres interessantes que venha a possuir, e que devemos fixar por meio de uma seleção rigorosa.

Para se efetuar o cruzamento do arroz é necessária a intervenção operatória que elimine os órgãos masculinos (anteras), produtores de pólen, encerrados na flor, antes que o pólen tenha podido se desprender. Teremos pois, que manter isolados, até seu completo desenvolvimento, os órgãos femininos (estigmas), que deverão recolher o pólen das plantas escolhidas para pai.

Os métodos para suprimir as anteras são: 1.º — pela abertura das partes que compõem a lema e a pálea, arrancar suavemente as anteras sem machucar os órgãos femininos; 2.º — cortar a parte superior da flor com uma tesoura, num talho inclinado, e depois, pela abertura existente, retirar as anteras por meio de uma pinça; 3.º — por meio da imersão em água a determinada temperatura, e durante um tempo certo, fazer com que as flores se abram naturalmente e então arrancar as anteras.

As espigas, preparadas por qualquer um dos métodos acima, devem ser cobertas com papel celofane, até estarem em condições de receber o polen da plantação sôbre o estigma plumoso da planta pai, que é recolhido sôbre um vidro de relógio e lançado sôbre o estigma plumoso da planta mãe. Depois a espiga deverá ser novamente coberta com papel celofane, a fim de evitar futuras fecundações, e a planta amarrada a um tutor, para que não se quebre com os ventos.

Em nossos trabalhos, quando as plantas mães estão com as anteras na altura da metade da cavidade floral, são preparadas, cobertas com um saco de celofane e amarradas a um tutor. No dia seguinte recolhe-se o pólen da variedade desejada para a hibridação, sôbre uma lâmina de vidro, e com um pincel pequeno deitam-se os grãos do mesmo sôbre os estigmas, ou colocam-se sôbre a cavidade floral anteras maduras, que tenham rompido o saco polinífero, sendo que a fecundação, em ambos os casos, nos tem dado percentagens quase iguais. Êste trabalho deve ser realizado entre 10 e 13 horas. Imediatamente após a operação, cobrem-se as espigas e amarram-se as plantas aos tutores, colocando-se-lhes etiquetas com os característicos dos trabalhos realizados.

Para trabalhos de hibridação usamos plantas cultivadas em vasos. Para têrmos flores de tôdas as variedades desejadas, ao mesmo tempo, fazemos séries de plantações levando em conta o período vegetativo de cada variedade, de modo que sempre tenhamos florescência no mesmo, quer se trate de cruzar variedades precoces com variedades médias, ou precoces com tardias. Procedemos todo o trabalho dentro do laboratório, ao abrigo dos ventos, e logo após os vasos são transportados outra vez para o campo, onde se conservam até ao amadurecimento da semente. No ano seguinte, as sementes hibridadas são cultivadas em vasos, e a geração F^2 é cultivada no campo, sendo plantada uma semente em cada cova e distanciada uma das outras de 40 cm. Da geração F^2 são selecionadas as espigas cujos caracteres são interessantes, e de cada espiga são plantadas 2 linhas com 20 covas cada uma. Da geração F^3 são escolhidas as linhas com melhores características, e mais uniformes, para os estudos gerais de laboratório, como: aspecto, rendimento no descasque, etc. As sementes destas linhas são incorporadas aos estudos de seleções durante mais três anos, para julgarmos da fixidez dos caracteres e de suas qualidades como: produção, rusticidade, resistência às doenças, debulha, acamamento, etc.

Após êsses testes, são incluídas nas seleções avançadas onde, sob as mesmas condições e já plantadas em parcelas maiores, são comparadas com as melhores seleções. Depois disso, as que apresentarem bons resultados são plantadas em grandes canteiros, onde se procede a comparação com as melhores variedades em cultivo no Estado. Sòmente depois dêsse percurso é o híbrido ou seleção levado ao campo de multiplicação, para sua semente ser distribuída à lavoura no ano seguinte. Nos híbridos descendentes de um mesmo grão, observam-se indivíduos mais precoces e mais tardios do que os das variedades originárias, e deve-se dispensar a maior atenção a êste ponto durante a escolha, pois, para o nosso meio, é de grande utilidade a obtenção de variedades precoces.

Na Estação Experimental de Arroz possuímos, em estudos, na 3.ª geração, mais de 400 híbridos, e muitos na 2.ª e 1.ª geração. Muito breve alcançaremos o primeiro milhar de híbridos criados em nossos campos, e dos quais, temos fundadas esperanças de criarmos novos tipos, adaptados ao nosso meio, sólo, exigências de mercado, que superem, quer em qualidade, quer em produção, às variedades presentemente em cultivo.

NUTRIÇÃO — O crescimento e a produção de uma planta dependem, diretamente, dos elementos nutritivos absorvidos pela mesma. O processo mais

característico na alimentação das plantas é a fotos-síntese, ou o aproveitamento da energia solar para transformar o óxido de carbono do ar em amido ou açúcar, pela sua combinação com a água. O processo contrário, pelo qual o carbono e a água são lançados no ar, chama-se respiração e é comum às plantas e aos animais.

Como o sol é fornecedor de energia para a fotossíntese, o arroz, que é uma planta amante da luz, necessita, para seu bom desenvolvimento, o máximo de luz que a natureza possa oferecer-lhe. Tempo nublado, sombra de plantas mais altas do que êle, prejudicam-no e a prova real é que as culturas feitas sob as árvores não chegam a granar.

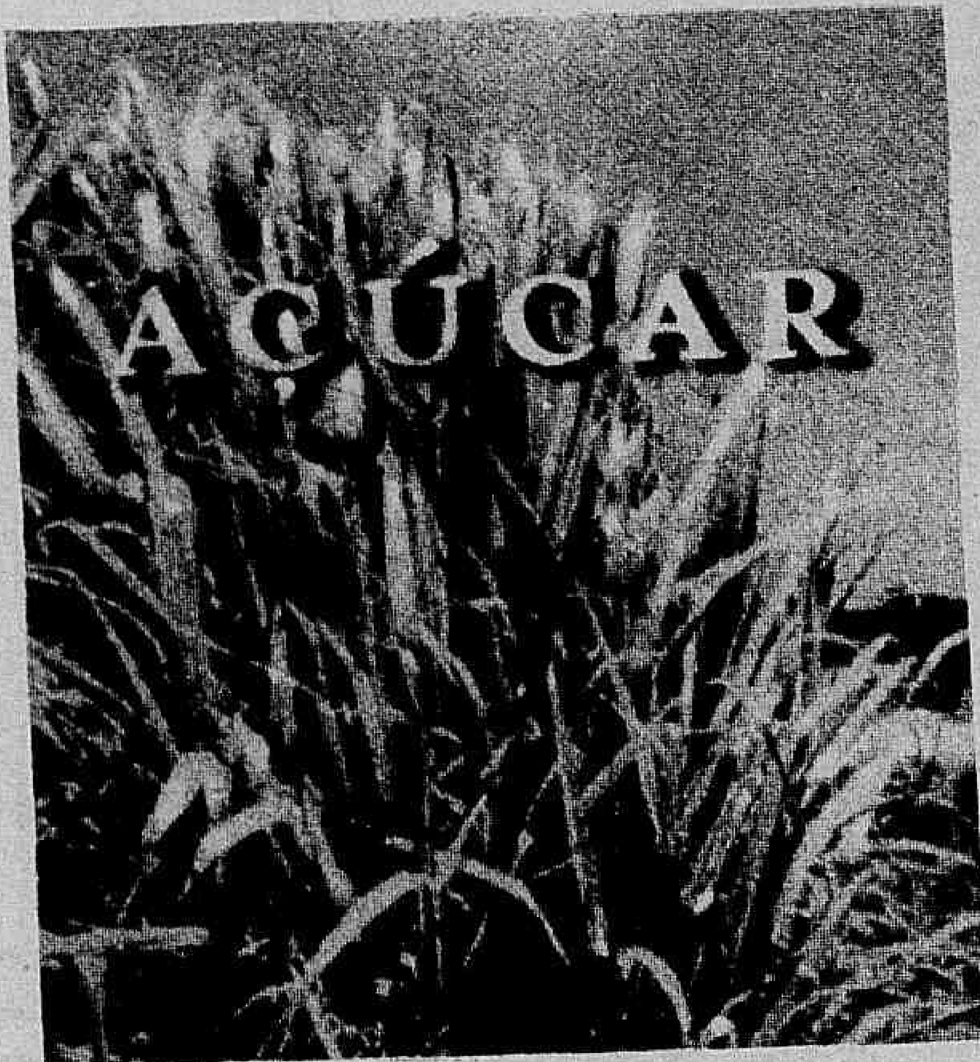
O carbono penetra nas fôlhas por pequenos poros, situados em ambas as faces, chamados estomas, e o vapor d'água se desprende através dêstes poros, depois da evaporação produzida no interior da fôlha.

As raízes absorvem a água do solo e com ela os elementos dissolvidos. Estas substâncias vão geralmente até às fôlhas e, como não são suscetíveis de evaporar-se, ficam retidas quando a água se evapora. O fenômeno da evaporação da água pelas fôlhas chama-se transpiração.

A transpiração tem enorme importância, pois é por êste meio que as plantas adquirem a maior parte de seus elementos minerais. Exceto o carbono e o oxigênio, todos os outros alimentos da planta vêm do sólo. Talvez uma pequena parte dos mesmos se difunda através das raízes, sem a absorção; será, todavia, muito pequena.

O arroz necessita absorver e transpirar grandes quantidades de água, na qual os elementos nutritivos estejam dissolvidos, para produzir boas colheitas.

* *



Por KENNETH J. HAYWARD

(Da Estação Experimental de Agricultura de Tucumán)

MUITAS pessoas acreditam e outras afirmam que o carvão da cana de açúcar é causado por insetos.

A razão dessa crença e dessa afirmativa se baseia em que certos insetos são encontrados freqüentemente nos brotos das canas atacadas pelo carvão. Na realidade, êstes não são os causadores da moléstia, que é, como se sabe, causada pelo fungo **Ustilago scitaminea**, o qual se desenvolve naquelas partes da planta.

Entre os vários insetos que têm sido encontrados em associação com esta moléstia, destaca-se um pequeno coleóptero, ou besouro escuro, de aspecto reluzente e um tanto menor do que a cabeça de um fósforo. Pertence êste inseto ao gênero **Phalacrus**, da família **Phalacridae**, um grupo pequeno de coleópteros ainda pouco estudados. Os insetos adultos desta família são, em geral, encontrados nas flores, onde se alimentam do pólen. Suas larvas são fitófagas e passam o estado larval no interior da haste de certas plantas. O pequeno besouro negro, comum em Tucumán, procura as plantas com carvão para alimentar-se dos esporos do fundo e deposita os seus ovos nas hastes atacadas, dando assim origem às pequenas larvas brancas ali encontradas.

Outro besouro, que é encontrado com menos freqüência nos brotos atacados pelo carvão, é o **Brackytarsus zeae**, da família **Anthribidae**. E' de côr cinzenta, com algumas manchinhas marrons; seu tamanho é de mais ou menos dois milímetros de comprimento por 3/4 de milímetros de largura; sua cabeça termina em uma tromba curta, um tanto semelhante àquela dos gorgulhos. Muitas das espécies desta família se alimentam de fungos, razão pela qual a citada espécie é encontrada nos brotos atacados pelo carvão.

Uma terceira espécie, denominada **Anthicus albifasciatus**, da família dos **Anthicidae**, assemelha-se muito a uma pequena formiga. E' de côr negra, com manchas cinzentas sôbre os élitros onde se unem com o tórax. Mede três milímetros de comprimento. A biologia das espécies desta família é quase desconhecida, mas, devido a seus costumes e aos lugares que os adultos freqüentam, é de se supor que ao menos algumas das espécies se alimentam de fungos.

Além dêstes três insetos, encontram-se, de vez em quando, alguns indivíduos representativos de outras espécies de besouros, vespas e outros insetos, mas a presença dêstes nos brotos de cana atacadas pelo carvão é acidental. Alguns são predadores que buscam suas vítimas, enquanto que outros são atraídos pelo carvão, por várias razões, ou ali vão ter por acaso.

Em resumo, há duas classes de insetos que se encontram nos brotos da cana de açúcar, quando atacadas pelo carvão: uma delas procura os

brotos atacados para alimentar-se dos esporos do carvão e a outra é de presença puramente casual.

Os insetos que se encontram nos brotos atacados pelo carvão, e que se alimentam do mesmo, são em parte benéficos, pois que assim destroem uma certa quantidade de esporos. Entretanto, é provável que êsse efeito benéfico seja prejudicado, quando se considera que, ao voar de uma planta para outra, levam, aderidos ao seu corpo, os esporos do fungo, que são assim disseminados. Entretanto, o perigo que êsses esporos assim disseminados representam é muito pequeno comparado com o grande número de esporos espalhados pelo vento, quando não se tomam as medidas necessárias para coletar e destruir os brotos atacados pelo carvão.

★

Para contrôle da mariposa perfuradora da cana de açúcar

A mariposa perfuradora da cana, cuja denominação técnica é **Elasmopalpus lignosellus** Zeller, é um inseto cujas larvas podem causar prejuízos consideráveis à cana de açúcar, em algumas zonas. Ainda que as plantas hospedeiras prediletas dêste inseto, sejam várias espécies de gramíneas, especialmente o milho e a cana de açúcar, as larvas podem se alimentar de uma diversidade de plantas, e em certas regiões dos Estados Unidos constituem praga grave de algumas variedades de feijoeiros.

Tendo esta mariposa por costume alimentar-se dentro dos talos das plantas hospedeiras, e de passar a sua fase larval escondida em um tubo de sêda, é impossível combatê-la eficazmente mediante a aplicação de inseticidas.

Pela mesma razão, o contrôle biológico seria muito difícil e, provàvelmente, de pouca eficácia. Em vista disso, é necessário recorrer a certos métodos culturais como os indicados em seguida:

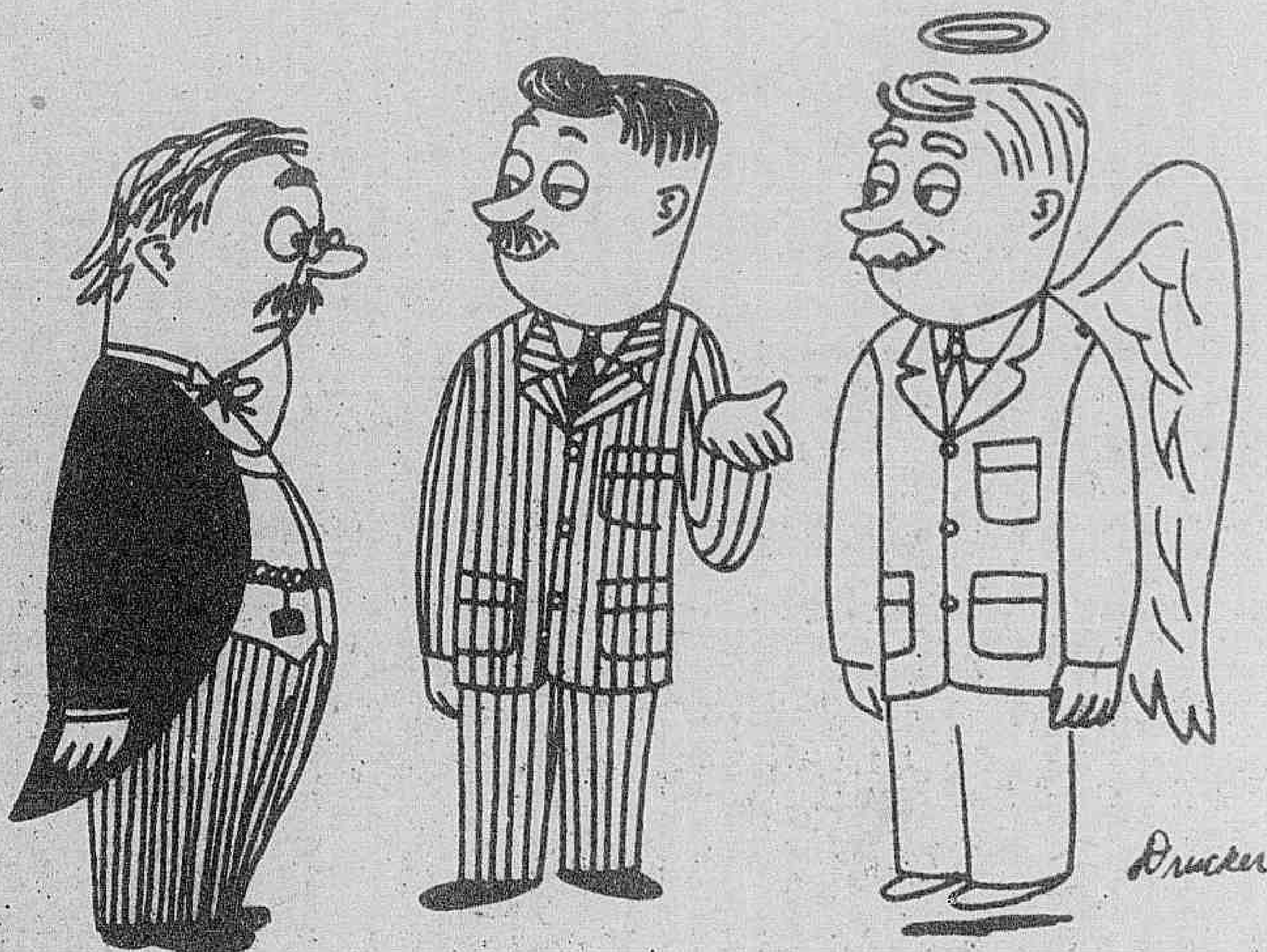
1) — Depois de queimada a palhada nos canaviais, os mesmos devem ser mantidos limpos de tôda a classe de ervas más. 2) — A mariposa **Elasmopalpus lignosellus** ataca com freqüência e causa muito mais prejuízo à cana de açúcar plantada em terrenos arenosos ou pobres, sendo portanto conveniente aplicar adubos para melhorar o solo. 3) — Uma vez comprovada a sua presença na cana, deve-se ajudar as plantas a resistir o efeito do ataque, aplicando-se adubos e efetuando-se o cultivo do solo. O pior efeito do ataque dêste inseto é o de estimular a produção de novos brotos, debilitando assim a planta. Ajudando-se pois as plantas da maneira que foi dita, êstes brotos crescerão normalmente, compensando em parte as perdas causadas pelo inseto.

★ ★

A «BOA RESPOSTA» DO MÊS

Por

MALCOLM W. BINGAY



APÓS militar durante longos anos na vida pública, o Senador estadunidense William Alden Smith estava convencido de que conhecia todos os elementos políticos do Partido Republicano, em seu Estado natal, Michigan. Assim, comparecendo a uma convenção estadual, realizada em Kalamazoo, foi apresentado a um dos delegados presentes; natural, pois, que exclamasse:

— Ora! Não é necessário apresentar-me a George! Conheço-o muito bem, tanto quanto conheço o pai dêle. Diga-me George, como vai o "velho"?

— Meu pai morreu há dez anos! — respondeu o delegado.

O senador ficou um tanto embaraçado, por alguns instantes, e desculpou-se por haver esquecido tal fato, invocando a tremenda pressão que diàriamente exerciam sôbre êle os diversos assuntos com que lidava.

Aconteceu que, na semana seguinte, tornou êle a ser apresentado ao mesmo delegado.

— Ora! — repetiu o senador, a exemplo do que havia dito antes — Conheço o George tão bem quanto conheço o pai dêle! Como vai indo seu pai?

— Continua morto! — respondeu George.

COMO É FÁCIL SABER TUDO

DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS

PEQUENA ENCICLOPÉDIA POPULAR

BIOGRAFIA DE TODOS OS SANTOS E PERSONALIDADES HISTÓRICAS E LEGENDÁRIAS

PAULO (Santo), cognominado "o Apóstolo dos Gentios", nascido em Tarsa (Sicília), no início da era cristã, martirizado em Roma, em 67. Sua família, de origem judia, estabelecera-se em Tarsa, onde conquistou a cidadania romana. Recebeu o nome de Saul. Aos doze anos (ou treze), tornou-se, em Jerusalém, o aluno e talvez o comensal do célebre rabí Gamaliel. Parece que não chegou a ver nem a ouvir Jesus-Cristo. Por ocasião do martírio de Santo Estêvão, em 37, tomou parte no julgamento e votou pela morte do santo. Pouco depois foi visto de casa em casa perseguindo os adeptos da nova religião. Chegou, mesmo, a receber do Sanhedrim a missão de procurá-los em tôda a Síria. Munido dêsse mandato dirigia-se a Damasco, à frente de uma tropa armada, quando Jesus lhe apareceu, segundo contam as Actas, derrubando-o às portas da cidade e dizendo: "Saul, Saul, por que me persegues?" Saul levantou-se completamente cego, mas iluminado interiormente por uma luz divina. Batizado pelo discípulo Ananias, recuperou a vista e começou a anunciar a ressurreição de Jesus, aos judeus estupefactos ante tão completa mudança. Três anos após a sua conversão, os judeus de Damasco conseguiram reunir provas, acusando-o de suspeito aos oficiais do rei árabe, Aretas. Os fiéis, porém, esconderam Paulo num cêsto e, à noite, deram-lhe fuga. Paulo viajou então para Jerusalém, a fim de se avistar com Pedro, o chefe da Igreja nascente, sendo então, juntamente com Barnabé, seu antigo condiscípulo, feito apóstolo particular dos gentios, recebendo a imposição das mãos em Antióquia, onde recebeu o nome de Paulo. Alma heróica em corpo débil, trabalhava incessantemente, discursando num grego cheio de hebraísmos, mas sua fé lhe dava recursos extraordinários e sabia encontrar as palavras capazes de dominar tôdas as almas. Antióquia foi o centro de onde, durante quatorze anos, êle não cessou de irradiar o seu verbo por todo o Oriente, que se cristianizou sob o império da sua palavra.

Seu apostolado se divide em três períodos. No primeiro (44 ou 45-50), partindo de Antióquia com Barnabé e João Marco, percorreu, sucessivamente, a lha de Chipre, a Panfília e a Galátia, fundando as igrejas de Pergeu, de Antióquia, de Pisídia, de Inconium, de Litre e de Derbeu. Foi ao retornar a Antióquia que notou quão vivos debates a conversão dos pagãos suscitara entre os fiéis.

No segundo período (52-54), separado de Barnabé, Paulo aceitou novos companheiros, principalmente Silas, em Antióquia, Timóteo, em Listre, S. Lucas, em Troas. Cruzou o mar e, passando pela Macedônia, ali criou as igrejas de Felipes, de Tessalônica e de Bréia. Em Atenas, falou diante do Aeropago; depois estabeleceu-se em Corinto.

O terceiro período se estende de 54 a 58. Voltando a Antióquia, Paulo encontrou São Pedro e julgou dever censurá-lo a respeito da modificação da atitude relativamente aos judeus-cristãos. Acompanhado de Lucas, de Timóteo e de um novo discípulo, chamado Tito, dirigiu-se a Éfeso, onde operou numerosas conversões. Uma sedição o expulsou desta cidade. Em Troas, e a seguir na Macedônia, seu ministério foi outra vez coroado de êxito. Depois de haver visitado Corinto, a Macedônia e a costa da fônia, retornou a Jerusalém. Ali, perseguido pelo ódio dos judeus, foi prêso e, depois de invocar o seu título de cidadão romano, foi conduzido a Cesaréia, perante o procurador Félix. Êste o guardou em seu palácio, durante dois anos. Festus, que sucedeu a Félix, ia reconduzir seu prisioneiro a Jerusalém, quando Paulo apelou para César. O magistrado o fêz então embarcar para a Itália. Foi em 61 que chegou a Roma, após um naufrágio sôbre a costa de Malta. Entregue ao prefeito do pretório, Burrhus, foi libertado dois anos depois, por Nero (62).

A partir de então, a história de São Paulo não tem mais apoio nas Epístolas ou nas Actas, mas em velhas tradições. Acredita-se que tenha feito uma última viagem à Palestina, a Creta, à Ásia e à Macedônia. De retôrno ao Ocidente, visitou talvez a Espanha, durante a perseguição de Nero (64). Estava em Roma no ano 66, juntamente com Pedro. Prêso com êste na prisão Mamertina, teve a cabeça cortada na estrada de Óstia, num local chamado Águas Salvienas. Sepultado, primeiro, a poucos metros do teatro de seu martírio, seu corpo foi transportado, em 258, para a catacumba de São Calixto. Após alguns meses — ou, segundo alguns historiadores, após quarenta anos — foi restituído à sua antiga sepultura e sôbre ela foi construída a basílica de São Paulo-Extra-Muros. Foi nos alicerces dêsse monumento que encontraram, em 1838, junto das relíquias do santo, uma placa de mármore, em letras latinas do tempo de Constantino, com esta inscriação: "A Paulo, Apóstolo e Mártir". São Paulo escreveu Epístolas célebres. Festejado a 29 de junho".

PAULO (Santo), primeiro eremita, nascido e morto na Tebaida (228-341). Denunciado como cristão por seu cunhado, durante a perseguição de Décia (252), fugiu para o deserto da Tebaida, ali vivendo 87 anos. Santo Antônio o visitou em seus últimos instantes e o sepultou. Sua vida foi escrita por São Jerônimo. Suas relíquias, transportadas para Alexandria e depois para Veneza, foram adquiridas em 1358, por Luís I, da Hungria, que as colocou em Buda, na própria capela do seu palácio. Festejado em 10 de janeiro.

PAULO (Santo), Patriarca de Constantinopla e mártir, nascido em Tessalônica, em 285, morto na Capadócia, em 350. Assistiu ao concílio de Nicéia (352), sendo depois exilado para o Ponto, por ordem de Constantino, que os arianos haviam conquistado. O imperador Constâncio o chamou de volta. Eleito patriarca de Constantinopla, em 340, foi expulso de sua sé pelo imperador, que estabeleceu, em seu lugar, o ariano Eusébio de Nicomédia. Voltando a sua sé em 341, Paulo foi novamente derrubado, após sangrenta revolta. A intervenção do Papa Júlio I e do imperador do Ocidente, Constante, obrigou Constâncio a restabelecer Paulo, porém Constante não tardou a condená-lo a um novo exílio e, se o perdoou, em 347, foi para relegar Paulo em Cucuse, onde os arianos o estrangularam. Festejado em 7 de junho.

PAULO, Da Cruz (Santo), fundador da Ordem dos Passionistas, nascido em Ovada (Estado de Gênova), em 1694, morto em Roma, em 1775. Chamava-se Paulo-Francisco Daney. Recebeu o sacerdócio (1727) e fundou, dez anos após, o mosteiro de Orbitelo, onde reuniu alguns discípulos, com o desejo de propagar a devoção da Paixão de Jesus Cristo. O novo instituto foi aprovado por Pio VI (1775). Seus membros são comumente chamados passionistas. Seu fundador, declarado venerável em 1821, foi beatificado em 1852 e canonizado por Pio IX, em 1864. Festejado em 18 de outubro.

NOS DOMÍNIOS DA GRAMÁTICA

"A língua, digamos, no seu sentido abstrato, é uma propriedade de todo o grupo que a emprega". — MÁRIO DE ANDRADE

LÍNGUA VERNÁCULA

O Ministério da Educação vem de permitir a redução de aulas de disciplinas do currículo secundário, em benefício de outras. A sugestão, logo aceita pelos estabelecimentos de ensino, evidencia o imperativo de alteração do próprio currículo, no qual se observa um enciclopedismo nada condizente com as necessidades contemporâneas. Tudo indica a conveniência de voltarmos ao regime do curso secundário em cinco anos (êsse de preparação geral e básica, destinado, inclusíve, às massas), e do curso de especialização em dois anos (antigo curso complementar, destinado à preparação dos que se encaminhavam às escolas superiores). A verdade é que, pelas contingências atuais, resultantes da política de corrida aos domínios da ciência, quando as nações mobilizam todos os recursos de produção (por que não dizer de destruição?), matérias importantes são relegadas a plano inferior (a filosofia, por exemplo, conta com uma hora por semana), com prejuízo para a formação humanística tão aconselhável. Receamos que o cientificismo ora dominante agrave a onda de materialismo que invade os lares, como reflexo da situação mundial, que se caracteriza pela frieza no trato, pela superposição dos interêsses econômicos.

Abandonam-se as coisas do espírito, prejudica-se a formação moral (que está sempre ligada à formação intelectual), porque a preocupação única é vencer pela fôrça bruta, ainda que essa vitória custe o sacrifício de populações inteiras.

Quanto ao ensino da língua vernácula, foi em algumas séries aumentado o número de horas.

Lucrará com isso o rendimento do curso? Certamente. Mas não se terá resolvido o problema fundamental, que é o da aprendizagem do idioma, intimamente ligada com a metodização.

O objetivo do estudo de qualquer língua é o falar e o escrever corretamente. Em sã consciência, não podemos afirmar que isso se verifique, pelo menos com dez por cento da mocidade que termina o segundo ciclo; por outro lado, não é menos certo que os outros noventa por cento escrevem horrìvelmente, perpetrando cacografias e solecismos gravíssimos.

O fenômeno decorre da falta de orientação prática nos cursos de português. Quantas composições fazem os alunos, por ano? Quantas recebem de volta, devidamente corrigidas e comentadas? Será a leitura acompanhada dos trabalhos correlatos de interpretação? Tirarão êles sinônimos, enriquecendo o vocabulário? A correção de textos será feita com as devidas anotações?

Respondam os senhores professôres.

CORRESPONDÊNCIA

V. R. (Pôrto Alegre) — Realmente o Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguêsa vem concorrendo para as dúvidas a que o leitor se refere. Transcrevo, a propósito, o que já escrevi a respeito (EU SEI TUDO, maio, 1952).

"Tenho observado certa confusão em tôrno das palavras terminadas em **ia, ie, io, ea, eo, na, ne, no, oa**, que, sendo ditongos orais crescentes, formam sílaba. Assim, **glória** é um dissílabo; também **sábio, língua, tênue.**

"A dúvida pode resultar da circunstância de o Formulário da **Academia Brasileira de Letras** (a carta de V. R. agora o confirma) incluir entre os esdrúxulos os vocábulos terminados em **ditongo crescente . . .** Mas só a circunstância de se reconhecer, como ali se faz, em **io, ia, ie, ea, eo, ua, ue, uo, oa,** a qualidade de ditongo, importa em considerá-los numa sílaba. E isso por definição."

Transcrevemos, então, estas palavras de Daltro Santos:

"Enquanto as combinações decrescentes são fàcilmente aceitas como ditongos, **relutam**, todavia, alguns gramáticos em admitir como tais os **grupos crescentes**, isto é, aquêles em que a **semivogal** antecede a **vogal.** O próprio **Forlulário** do Acôrdo acadêmico tem por esdrúxulas tais formas. Entretanto, nestas como naquelas, há a reunião de **duas vozes livres em uma sílaba**: o que constitui ditongo. Querer considerar **formas esdrúxulas** os vocábulos terminados em **ditongo crescente** seria separar em duas sílabas os sons integrativos do ditongo; e, pois, êste deixaria de existir. Mas é evidente que no vocábulo **naufrágio**, por exemplo, tanto se ouve a semivogal — **u** — junto à vogal — **a** — do ditongo decrescente da primeira sílaba, como se ouve a semivogal — **u** — junto à vogal — **a** — do ditongo crescente da última. Ambos êsses ditongos nessa palavra são átonos, em ambos se ouvem os **dois fonemas puros** que o integram. O vocábulo, por sua vez, é **trissílabo** e **paroxítono** (**Fundamentação da Ortografia Simplificada**).

Está satisfeito?

Pergunte-me outra . . .

A. R. — Recebi sua carta. Por falta de espaço, responderei no próximo número.

JOSÉ RICARDO NETO

OLHANDO O MUNDO HÁ SESSENTA DIAS

MEMENTO de EU SEI TUDO

OS FATOS OCORRIDOS EM MARÇO DE 1953

1 — DOMINGO — Noticia-se que, pelo terceiro dia consecutivo, irromperam tumultuosos distúrbios na capital do Irã, principalmente nas imediações do Parlamento, sendo necessária a intervenção enérgica da polícia para conter os manifestantes, pró ou contra o Primeiro Ministro Mossadegh, que se manteve abrigado num clube de oficiais. ★ O jornal peruano "La Prensa" tece lisonjeiros comentários em tôrno da próxima viagem do Presidente Manuel Odria ao Brasil. ★ O Primeiro Ministro Churchill declara-se disposto a aceitar uma reunião dos chefes dos governos da Inglaterra, Rússia e Estados Unidos, mas dentro das condições propostas pelo General Eisenhower.

2 — SEGUNDA-FEIRA — Tem festiva recepção à sua chegada a Washington, o General Ciro do Espírito Santo Cardoso. O Ministro da Guerra do Brasil faz declarações à imprensa. ★ Aparece o Anuário de Estatística da ONU, relativo a 1952, o qual divulga dados sôbre a produção mundial de diversas indústrias, população, etc. ★ Numerosas pessoas são prêsas, inclusive diversas altas patentes, no Irã.

3 — TÊRÇA-FEIRA — O General Van Fleet faz, ao Presidente Eisenhower e diversos chefes militares, um relato acêrca da situação coreana. ★ Noticia-se que o Sr. Foster Dulles está estudando a possibilidade de uma visita ao Oriente Médio. ★ Noticia-se que explodiu uma bomba a cêrca de 30 metros do Presidente Peron, quando o Chefe do Govêrno argentino desembarcava de sua viagem ao Chile. ★ O "New York Herald Tribune" tece comentários em tôrno da concessão do empréstimo de 300 milhões de dólares, pelo Banco de Exportação e Importação, ao Brasil. ★ Assinado por 19 países, inclusive o Brasil, o protocolo que prorroga, por 3 anos, o Convênio Internacional do Açúcar. ★ Noticia-se que os torradores atacadistas norte-americanos aumentaram em dois centavos o preço do café. ★ Na Câmara Baixa indiana, realiza-se uma sessão agitada provocada pelos comunistas, com relação à presença de vasos de guerra norte-americanos em Calcutá. ★ Toma posse o novo Secretário Adjunto para os assuntos inter-americanos, Sr. Moore Cabot.

4 — QUARTA-FEIRA — O rádio de Moscou noticia que se encontra gravemente enfêrmo o Sr. Joseph Stalin, atacado por uma hemorragia cerebral, com a paralização do braço e da perna direita, sobrevindo graves distúrbios cardíacos e respiratórios. Sumidades médicas européias, analisando a notícia do rádio moscovita, declaram que se trata do "boletim de um moribundo". ★ Os círculos políticos europeus e norte-americanos recebem, com surprêsa, a notícia sôbre a gravidade do estado de saúde do Chefe do Govêrno soviético. ★ O Presidente Eisenhower declara que o pensamento dos Estados Unidos está voltado para o povo russo. ★ Churchill dirige uma mensagem à embaixada da Rússia, lamentando o fato. ★ O problema da sucessão do Sr. Stalin, na chefia do govêrno russo e do Partido Comunista, é objeto de comentários nos círculos políticos mundiais; prognosticando-se que haverá acérrima luta pelo poder na União Soviética. ★ Na Comissão Política da Assembléia Geral das Nações Unidas continuam os debates em tôrno da questão coreana.



O pêlo nas pernas, braços e axilas compromete a sua presença na rua, nas praias e nas reuniões elegantes. Para eliminar os pêlos supérfluos não use navalha: use RACÉ, o maravilhoso e eficiente depilatório em pó perfumado. Elimina com incrível rapidez os pêlos incômodos.

A venda nas boas perfumarias.

Laboratórios VINDOBONA

Rua Uruguaiana n. 104 - 5.º - Rio

O perfeito destruidor do pêlo



Queira enviar-me o folheto grátis referente ao depilatório «Racé».

NOME ....

RUA ....

CIDADE ....

ESTADO ....

E.S.T. — R-5

★ O General Van Fleet fala sôbre a situação na Coréia, dizendo que as fôrças aliadas poderiam conquistar uma vitória militar, sem a propagação do conflito. ★ O Sr. Presidente da República sanciona lei prorrogando o prazo concedido à Federação dos Bandeirantes do Brasil para construção de sua sede.

5 — QUINTA-FEIRA — O Primeiro Ministro Joseph Stalin falece às 21,50 (hora local). ★ O Presidente Eisenhower declara que está disposto a ir ao estrangeiro, discutir os problemas de paz mundial com qualquer governante da Rússia que suceda a Stalin, acrescentando que não haveria nenhum sacrifício que não se impusesse para conseguir êsse "desideratum". ★ Os meios bem informados acreditam que se realizou, em Buenos Aires, a reunião final de elaboração do Acôrdo Comercial Argentino-Brasileiro, no Palácio da Presidência. ★ Segundo as mesmas fontes, assistiram à reunião o Ministro de Assuntos Econômicos, Gomez Morales, o Ministro do Comércio Exterior, Caffiero, bem como os representantes brasileiros Ministro João Alberto e o Embaixador Batista Luzardo. Acrescenta-se que não é impossível que se publique a respeito um comunicado, fixando a data de assinatura do acôrdo. ★ O Sr. Presidente da República assina decreto designando Embaixador do Brasil em Costa Rica, o Sr. Afrânio de Melo Franco Filho. ★ Assinado decreto pelo Sr. Presidente da República, designando a delegação brasileira ao Seminário Latino-Americano de Prevenção contra o Crime e Tratamento do Delinqüente, a reunir-se nesta capital, em abril próximo.

6 — SEXTA-FEIRA — A rápida nomeação do Sr. Georgi Malenkov para o cargo de Primeiro Ministro da União Soviética, em substituição de Stalin, parece refletir a preocupação soviética de mostrar poderio e prestígio dos comunistas. ★ O encouraçado "Missouri" entra novamente em operações, bombardeando as baterias do pôrto norte-coreano de Wonson com suas grandes peças de artilharia. O "Missouri" é atacado pelas baterias de costa, pela primeira vez, desde o fim da guerra, mas saiu do pôrto sem avarias. ★ No gabinete do Sr. Ministro da Educação, realiza-se a solenidade de entrega de uma placa de prata, que o Instituto Pasteur, de Paris, ofereceu ao Sr. Professor Arlindo de Assis. ★ Procedente de Washington, chega a esta capital o Sr. Embaixador Walter Moreira Sales. ★ O Sr. Presidente da República assina decreto promovendo a General de Brigada o Coronel Almério Pedro Vieira.

7 — SÁBADO — A rádio de Moscou divulga um editorial do jornal "Pravda", que representa o primeiro comentário soviético a respeito da recomposição feita nos órgãos dirigentes do Partido e do govêrno da União Soviética. ★ O cadáver de Joseph Stalin jaz em câmara ardente, enquanto milhares de soviéticos chorosos, entre êles o novo Primeiro Ministro, Georgi Malenkov, desfilam lentamente ante seu féretro, entre as colunas de mármore do Palácio dos Sindicatos. A fila interminável se estende por mais de 20 quilômetros, apesar do vento frio matinal. ★ As delegações francesa e britânica pedem a convocação do Conselho de Segurança para o início da próxima semana. O Conselho deve examinar, em sessão privada, a questão da sucessão do Sr. Trygve Lie, Secretário Geral demissionário da Nações Unidas.

8 — DOMINGO — Georgi Malenkov, de 51 anos, sucessor de Stalin no cargo de Primeiro Ministro soviético, pronuncia a oração fúnebre ao iniciar-se os funerais de Stalin, na Praça Vermelha, pouco antes das 11 horas da manhã (hora de Moscou). Malenkov segue o precedente estabelecido nos funerais de Lenin, o criador do Estado Soviético, em 1924, quando Stalin, o sucessor de Lenin, proferiu a oração. ★ Uma formação de onze super-fortalezas lança 140 toneladas de bombas sôbre objetivos comunistas em Kuson, a uns sessenta quilômetros ao sul da fronteira da Mandchúria.

9 — SEGUNDA-FEIRA — Crescem as dificuldades para a escolha do substituto do Sr. Trygvie Lie na Secretaria Geral da OUN. ★ Em artigo publicado no "Pravda", o Sr. Malenkov saudou Stalin como o homem que trouxe liberdade para a Rússia, como o mais profundo pensador de sua era e que deu sua vida pela libertação da classe operária. "Stalin operou a libertação de nosso país, pela primeira vez, por milhares de anos, da exploração do homem pelo homem. ★ Novo bombardeio do pôrto de Wonsan pelo couraçado "Missouri", que não foi, desta vez, hostilizado pelas baterias comunistas. ★ Tremor de terra na região ocidental da Turquia, causando grandes danos materiais. Não há notícia de mortes.

10 — TÊRÇA-FEIRA — O líder comunista chinês Mao Tse Tung declara depositar fé na capacidade de Georgi Malenkov, Primeiro Ministro soviético, em continuar a conduzir a Rússia no sentido do desenvolvimento e do progresso. Em artigo de louvor a Stalin, estampado no "Pravda", e difundido pelo rádio de Moscou, Mao Tse Tung diz, também, ter fé em que o povo chinês continuaria a receber ajuda fraternal de seu "grande vizinho", da mesma forma que o tinha recebido durante a vida de Stalin. ★ O Quartel-General da Fôrça Aérea é notificado de que dois aviões russos Mig-15, de propulsão a jacto, entraram na zona norte-americana da Alemanha e derrubaram um avião de caça dos Estados Unidos. A breve mensagem diz que o pilôto do avião norte-americano, um F-84, a jacto, saltou em pàra-quedas e escapou com vida, informando a Fôrça Aérea em Washington que carece de detalhes. ★ O Primeiro Ministro Churchill e o Secretário do Exterior Eden estão vivamente interessados em conhecer a opinião de Tito sôbre as possibilidades na Rússia, com a morte de Stalin. Tito deve ter opinião formada a respeito, uma vez que já foi freqüentador do Kremlin, conhecendo assim muito bem o que se passa nos seus corredores. ★ A Carta que unifica política, militar e econômicamente seis nações européias, é aceita pelos ministros do Exterior dessas nações, que são a França, Alemanha Ocidental, Itália, Bélgica, Holanda e Luxemburgo.

11 — QUARTA-FEIRA — Na Comissão Política da Assembléia das Nações Unidas, o delegado

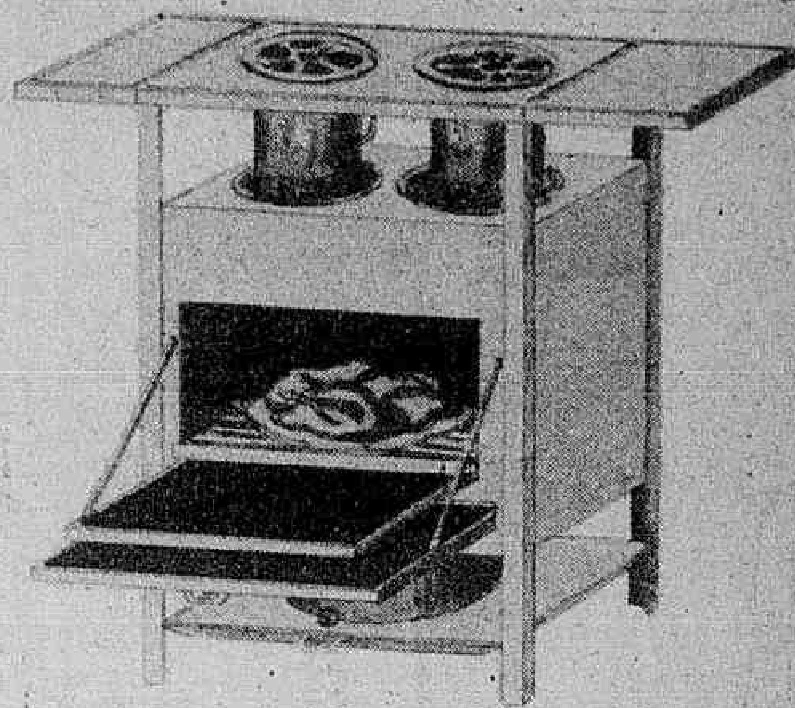
do Brasil, Sr. Souza Gomes, fala a respeito do repatriamento das prisioneiros gregos. ★ O pilôto do avião norte-americano metralhado, até ser derrubado por um aparelho a jacto, soviético, declara que se escontrava em missão de patrulhamento de rotina dentro de sua zona. ★ A Tchecoslováquia protesta, alegando que o citado aparelho violou o seu território. ★ O Govêrno britânico protesta contra declarações proferidas pelo Chefe do Govêrno egípcio, a respeito do Sudão. ★ O General Naguib responsabiliza a Inglaterra pelo retardamento das eleições sudanesas e pelo cerceamento de reuniões políticas. ★ E' noticiado que os preços máximos do café nos Estados Unidos serão eliminados antes do fim do mês corrente. ★ Rejeitado pelo Tribunal de Veneza, o pedido apresentado pela Anglo-Iranian Oil Company, no sentido de serem apreendidas 5 000 toneladas de petróleo transportadas do Irã pelo navio "Miriella". ★ A Assembléia Nacional de França, por 390 votos contra 210, aprova o projeto que concede anistia a presos políticos, inclusive "colaboracionistas". ★ E' reeleito presidente da Câmara, o Sr. Nereu Ramos. ★ O Sr. Presidente da República assina decreto concedendo exoneração ao Sr. Coronel Nizo de Viana Montezuma, do cargo de Comandante Geral da Polícia Militar do Distrito Federal.

12 — QUINTA-FEIRA — Caças a jacto, russos, perpetram nova agressão contra um país ocidental, derrubando um quadrimotor britânico que sobrevoava território da Alemanha Ocidental. Após reunião do Gabinete britânico, o Primeiro Ministro Churchill envia enérgico protesto às autoridades soviéticas. ★ Noticia-se que os pilotos ocidentais receberam ordem de revidar qualquer outro ataque de que sejam alvo. ★ Prosseguem no "Quai d'Orsay" as conversações em tôrno da situação nos Balcans e no Oriente Próximo, das quais participam o Primeiro Ministro da Turquia e o Chanceler dêsse país, com o Ministro de Estrangeiros da França. ★ O Govêrno dos Estados Unidos suprime o contrôle de preços do café, assim como também de todos os produtos de base do café. ★ O Embaixador britânico no Cairo conferencia com o General Naguib a propósito da situação no Sudão. ★ No Palácio Itamarati, é assinado um convênio para instituição de um curso de formação profissional destinado a imigrantes italianos.

13 — SEXTA-FEIRA — O Govêrno inglês distribui o seguinte comunicado: — "O Ministério do Ar, por ordem do Govêrno de Sua Majestade, dá instruções para que os exercícios aéreos continuem como de hábito, a despeito do ataque recente. Todavia, todos os aviões de treinamento serão armados e, sempre que se julgar necessário, serão protegidos por "caças". ★ Os caças bombardeiros das Nações Unidas atacaram um centro de entroncamento, ao norte do Sonchon, perto do Yalu, na principal via férrea ligando a Mandchúria a Sinaju. Os F-86 abatem, por outro lado, seis "Migs", e destroem, provàvelmente, um outro, danificando ainda outro. ★ Falece, com a idade de 56 anos, o Presidente da Tchecoslováquia, Klement Gottwald, após enfermidade de dois dias, anuncia o rádio de Praga. Gottwald era Presidente da Tchecoslováquia desde 1948, quando sucedeu ao Dr. Eduardo Benes, depois de os comunistas terem se apossado do poder, em fevereiro daquele ano.

14 — SÁBADO — A polícia vigiava, em silêncio, quando o Marechal Tito, da Iugoslávia, chega a Londres para um visita oficial de cinco dias. Desembarcou êle num pequeno cais, à sombra das casas do Parlamento, da lancha que o trouxera rio acima, procedente da fragata "Galeb" (Gaivota). Tito é saudado primeiramente pelo Duque de Edinburgo, marido da Rainha Elizabeth e então pelo Ministro do Exterior Anthony Eden. No solo havia passadeiras vermelhas, no trajeto de Tito. ★ Aparelhos "Sabre", da 5.ª Fôrça Aérea, destroem 4 "Migs", durante um combate nos céus da Coréia. Êsse número eleva a 600 o total dos aviões "Migs" destruídos pela aviação aliada, desde o início das hostilidades na Coréia.

FOGÕES E FOGAREIROS
o gás de óleo cru ou querosene
REI



A venda nas boas casas do ramo
INDÚSTRIAS "REI"
RUA DAS MARRECAS, 5
Fabricantes do afamado
CHUVEIRO ELÉTRICO "REI"

CURSO DE LATIM por correspondência
Solicite folhetos
Caixa Postal 6821
São Paulo

NOVA TABELA DE JUROS

DA

Caixa Econômica Federal do Rio de Janeiro

DEPÓSITOS POPULARES

Até o limite de 100.000 cruzeiros — juros capitalizados semestralmente ..... 4½% ao ano

DEPÓSITOS LIMITADOS

— Por meio de cheques até 200.000 cruzeiros .... 4½% ao ano
— Até o limite de 500.000 cruzeiros, movimentados por meio de cheques ou cadernetas .... 4% ao ano
Ambos capitalizados semestralmente.

DEPÓSITOS SEM LIMITE

À vista sem limite — juros capitalizados semestralmente .... 3% ao ano

DEPÓSITOS A PRAZO FIXO

Entrada inicial a partir de 10.000 cruzeiros, sem limite — juros de:
— Prazo de 6 meses .... 5% ao ano
— Prazo de 12 meses ...... 5½% ao ano
— Prazo de 24 meses ...... 6% ao ano

DEPÓSITOS DE AVISO PRÉVIO

Sem limite — juros capitalizados semestralmente:
— Aviso de 60 dias .... 3½% ao ano
— Aviso de 90 dias .... 4% ao ano
— Aviso de 120 dias ...... 4½% ao ano

DEPÓSITOS ESCOLARES

Até o limite de 50.000 cruzeiros — juros capitalizados semestralmente ..... 4½% ao ano

As contas da modalidade «SEM LIMITE» deverão ser emitidas e movimentadas por meio de cheques, nas Agências Rio Branco e Candelária.

15 — DOMINGO — O Parlamento japonês é dissolvido, após a derrota do govêrno liberal de Shigeru Yoshida, que recebeu um voto de "desconfiança" por resolução apresentada pelos três principais partidos de oposição. Espera-se que as eleições sejam realizadas a 19 de abril — cinco meses depois da posse de Yoshida na direção do primeiro govêrno independente japonês, desde que terminou a guerra. ★ Diminuem as esperanças de acôrdo entre a Inglaterra e o govêrno do General Naguib, do Egito. ★ Londres declara ser absurda a decisão do tribunal de Veneza, relativamente ao petróleo da Companhia Iraniana, transportado pelo navio "Mariella".

16 — SEGUNDA-FEIRA — A sessão de abertura da IV Sessão do Conselho Supremo da União Soviética realiza-se na presença dos Srs. Malenkov, Beria, Molotov, Kaganovitch, Bulgarin, Khruchtchev, Voroshilov, assim como outros membros do "Presidium" do Partido Comunista da União Soviética e da maioria dos membros do Conselho de Ministros. ★ O Sr. Presidente da República assina decreto nomeando Diretor Geral da Aeronáutica da Armada o Contra-Almirante Olavo de Araújo. ★ Regressa ao Canadá D. Alexander Vachon, Arcebispo de Ottawa.

17 — TÊRÇA-FEIRA — Apresenta credenciais ao Sr. Presidente da República o novo Embaixador da Holanda. ★ O Sr. Dr. Odilon Braga, ao retirar-se do Palácio Monroe, é vítima de acidente, caindo no pôço do elevador. Socorrido imediatamente, é transportado para o Hospital de Pronto Socorro. ★ Na planície de Yucca, no deserto de Nevada, realizam-se as primeiras experiências atômicas de 1953: explode uma bomba de 15 "kilotons", cujo poderio é equivalente a 15 000 toneladas de dinamite. ★ O Sr. Eden presta contas à Câmara das conversações que manteve em Washington, com o govêrno norte-americano. ★ O Primeiro Ministro Churchill rejeita a proposta da Hungria para a troca de um súdito britânico, prisioneiro da Hungria, por um líder comunista malaio, em poder da Inglaterra. ★ Novo ataque contra um bombardeiro norte-americano perpetram os caças soviéticos nas proximidades do Alasca. Entretanto, os atacantes são forçados a fugir pela reação do bombardeiro. ★ O Sr. Presidente da República assina decreto nomeando Diretor dos Correios o Sr. Joaquim Viana.

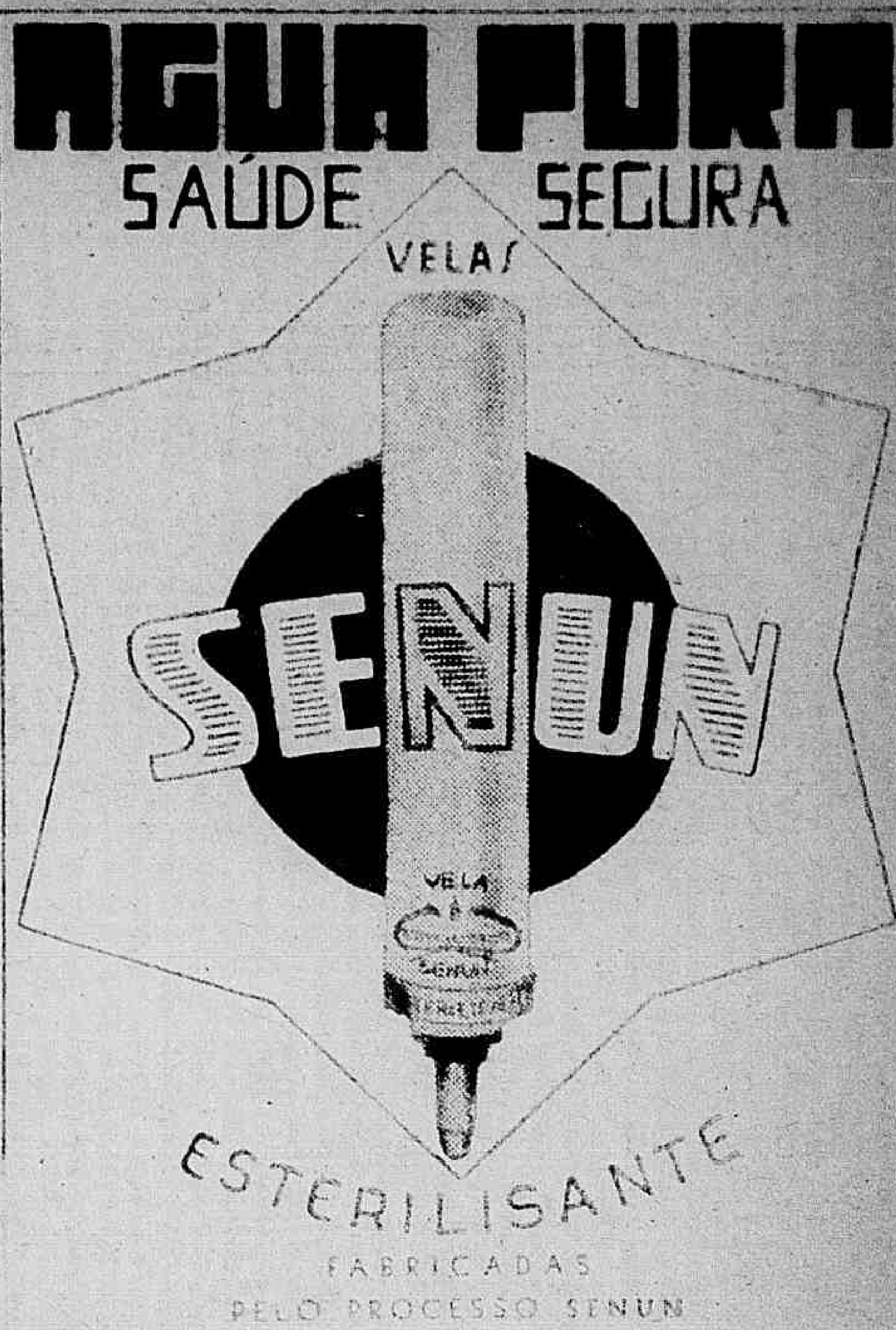
18 — QUARTA-FEIRA — Chega ao nosso pôrto o navio-escola "Juan Sebastian de Elcano". ★ Tornam-se mais tensas as relações entre o Peru e o Equador, com o pedido de retirada, por êsse último país, do Embaixador peruano. O Chanceler equatoriano declara os motivos por que foi considerado "persona non grata" o embaixador peruano. ★ E' nomeada uma Comissão militar, que conta também com um representante do Brasil, para proceder a investigações acêrca do recente incidente verificado na fronteira perúvio-equatoriana. ★ Quando participavam de uma demonstração em homenagem ao Marechal Tito, que se encontra em visita à Inglaterra, dois aviões a jacto, britânicos, colidiram em pleno vôo. Pere-

ceram os pilotos dos dois aparelhos. ★ O deputado Euvaldo Lódi discursa perante importantes figuras dos círculos econômicos norte-americanos, dizendo das conseqüências que poderão advir com o afrouxamento da política de "Boa Vizinhança". ★ O Sr. Presidente da República assina decreto nomeando Comandante da Polícia Militar do Distrito Federal, o Cel. João Uraray de Magalhães.

19 — QUINTA-FEIRA — O Presidente Eisenhower declara que os Estados Unidos jamais iriam além da metade do caminho, no tocante a quaisquer ofertas de paz da União Soviética. ★ O "Bundstag" (Câmara Baixa) ratifica o Pacto do Exército Europeu, por 224 votos contra 165 e 2 abstenções, após violentas manifestações comunistas, em tôrno do edifício do Parlamento, que havia sido protegido por uma cêrca de arame farpado. Em virtude do novo acôrdo, 500 000 soldados alemães farão parte do plano de defesa da Europa Ocidental. ★ A Turquia sofre violentos tremores de terra que, segundo os últimos cômputos oficiais, deixaram um trágico saldo de 420 pessoas mortas e 300 feridas. Pelo menos 600 casas são destruídas durante o sismo, que começou na noite de ontem, com tal violência que os sismógrafos do Observatório Nacional foram destruídos. ★ Prosseguem os trabalhos da IX Reunião Congressual das Caixas Econômicas Federais.

20 — SEXTA-FEIRA — A crise do Oriente Médio se agrava ao fracassarem as negociações sôbre petróleo, com o Irã, e ficarem inteiramente sustadas as questões para resolver o litígio anglo-egípcio da zona do Canal de Suez. O Primeiro Ministro Churchill conferencia demoradamente com os membros de seu gabinete, a respeito da rejeição, pelo chefe do govêrno iraniano, Mohammed Mossadegh, de propostas anglo-norte-americanas, para resolver a questão petrolífera. Posteriormente, o Ministério das Relações Exteriores fêz saber que não estão sendo estudadas outras propostas para substituir as que foram rejeitadas. ★ O Marechal Tito, guardado por uma forte escolta armada, visitou o Palácio de Hampton Court e o Castelo de Windsor, como qualquer outro turista, tendo almoçado, depois, no Parlamento. O resultado de suas conversações sôbre a defesa, com o "Premier" Churchill e o Secretário do Exterior Eden, não foi dado a conhecer.

21 — SÁBADO — Na Assembléia Geral da ONU, após terem falado diversos delegados, é aprovada uma resolução recomendando a continuação dos estudos sôbre a redução dos exércitos e armamentos e eliminação das armas atômicas e bacteriológicas. ★ Como se esperava, é eleito Presidente da Tchecoslováquia o Primeiro Ministro Antonin Zapotocky. Para o cargo de Presidente do Conselho de Ministro, é indicado o Sr. Viliam Siroky. ★ Após permanecer cinco dias em visita à Inglaterra, deixa Londres, com destino a Belgrado, o Marechal Tito. Ao despedir-se, o Chefe do Govêrno iugoslavo declara que chegaram a bom têrmo as negociações que manteve com o govêrno britânico acêrca de problemas relativos à Inglaterra, Iugoslávia e à Europa em geral. ★ Nos círculos das Nações Unidas fala-se



na possibilidade de ser indicado o nome do Sr. Osvaldo Aranha para substituir o Sr. Trygve Lie no cargo de Secretário Geral da ONU. ★ Noticia-se que sobe a duzentos e quinze o número de mortos, no terremoto ocorrido numa localidade na região dos Dardanelos, não se confirmando as primeiras notícias segundo as quais haviam perecido mais de mil pessoas. ★ Um quadrimotor norte-americano, que se dirigia para o Extremo Oriente, cai numa cidade da Califórnia, ocasionando a morte de 35 pessoas, entre as quais 30 especialistas da fôrça aérea. ★ Pelo Sr. Presidente da República é assinado decreto designando o Professor Francisco Clementino San Tiago Dantas, Delegado do Brasil na II Reunião do Conselho Inter-Americano de Jurisconsultos.

22 — DOMINGO — A artilharia e os tanques aliados destroem ou danificam 1 333 abrigos comunistas, cêrca de milha e meia de trincheiras de comunicação e 1 042 ninhos de armamentos. ★ A Argentina e o Brasil trocam as notas formais ratificando o acôrdo comercial entre os dois países, concluído depois das negociações realizadas em Buenos Aires. ★ Instala-se no Ministério da Agricultura, a VII Reunião da Com. Técnica do Trigo.

23 — SEGUNDA-FEIRA — A Iugoslávia ratifica o Pacto Balcânico de Amizade e Cooperação Militar, com a Grécia e a Turquia. O pacto assinado a 28 de fevereiro, entrará em vigor quando os três países signatários tenham depositado os instrumentos de ratificação junto ao govêrno iu-

A BELEZA DOS SEIOS BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Aquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. - Rua da Carioca, 33 - Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ......

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

goslavo, em Belgrado. ★ Os delegados das cinco grandes potência fracassam novamente em suas negociações para a nomeação de um novo Secretário Geral das Nações Unidas, sendo quase certo que o atual Secretário, Sr. Trygve Lie, seja exortado a retirar seu pedido de demissão.

24 — TÊRÇA-FEIRA — O Comité da Comunidade Européia, constituído de representantes das cinco potências, chega a um acôrdo a respeito dos Protocolos adicionais ao Tratado de Defesa da Europa. A notícia é recebida com satisfação nas capitais da Europa Ocidental. ★ O Primeiro Ministro Churchill aceita a proposta da Rússia, no sentido de serem discutidas medidas para evitar incidentes como os ocorridos recentemente, com os ataques a aviões dos países ocidentais. ★ A Rússia rejeitou o protesto dos Estados Unidos contra o ataque da aviação russa a aparelho norte-americano. Washington, por sua vez, repeliu as explicações de Moscou. ★ Com 85 anos de idade, após uma enfermidade gástrica, falece a Rainha Mary, da Inglaterra, que era espôsa de Jorge V, mãe de Jorge VI e avó da atual soberana dos inglêses, Elizabeth II. ★ Noticiada a assinatura, em Buenos Aires, do novo acôrdo comercial entre o Brasil e a Argentina. ★ A polícia francesa realiza, com extraordinário aparato, uma busca na sede da Confederação Geral do Trabalho da França, que obedece a orientação comunista. São apreendidos numerosos documentos e presos diversos líderes da citada organização. ★ Instala-se, nesta capital, a Convenção da Indústria Textil.

25 — QUARTA-FEIRA — Chega a Washington o Primeiro Ministro da França, Sr. René Mayer, em companhia do Chanceler Bidault e do Ministro da Fazenda Maunoury. O "premier" francês declara que sua missão consiste em abordar, com o novo govêrno dos Estados Unidos, os problemas comuns aos dois países. ★ Numa residência de um bairro londrino são encontrados, por novos locatários, três cadáveres de mulheres e mais tarde, um outro corpo, também de mulher, foi achado pela polícia, escondido sob o assoalho de um dos quartos. A Scotland Yard entra em ação para apurar o tenebroso crime, que teria sido cometido pelo último inquilino da citada residência, contra sua mulher e outras pessoas da família. ★ Noticia-se que a decisão do Comité Constituinte em prol da proclamação da república no Egito será submetida a um plebiscito popular. ★ Nas Câmaras dos Comuns e dos Lords são prestadas homenagens à memória da Rainha Mary. ★ Diversos soberanos comunicam ao govêrno londrino que comparecerão aos funerais da antiga e estimada soberana dos inglêses. ★ Falece em Buenos Aires o Dr. Ezequiel Paz, antigo Diretor Proprietário do jornal "La Prensa".

26 — QUINTA-FEIRA — Novo e pesado ataque desfecham os comunistas sôbre posições aliadas, visando quatro postos avançados. ★ Após violenta escaramuça, da qual participaram tropas colombianas, é abandonada a valiosa posição estratégica denominada "Monte Careca". ★ O General Eisenhower declara que a perda dessa po-



APARELHAMENTOS DE PROTEÇÃO CONTRA TODOS — OS PERIGOS: NA TERRA, NO MAR E NO AR —

INDÚSTRIA BRASILEIRA

Óculos para esmeril e soldas — Capacetes para jato de areia — Extintores e cargas de todos os tipos e tamanhos — Capacetes e escudos de fibra para solda elétrica e oxigênio — Capuzes, luvas, aventais e roupas de abestos e couro para fornalhas — Escafandros e artigos para mergulhadores — Máscaras contra poeira "Delta" — Máscaras contra gáses industriais.



DIAS GARCIA IMPORTADORA S. A.

Rua Visc. de Inhauma, 23-25 — Tel.: 23-2017 — End. Tel.: GARCIA — RIO DE JANEIRO

Lojas da Perfumaria Meyer

A grandeza da chamada "Capital da Zona Norte" — o Meyer — se manifesta através de estabelecimentos de luxo e confôrto, como as Lojas da Perfumaria Meyer

LOJA 1 Salão de Cabeleireiros, Manicures, Limpeza de pele e Tinturas — PERFUMARIA — BIJUTERIAS — ARTIGOS PARA PRESENTES EM GERAL
RUA ARQUIAS CORDEIRO, 291-293 — Telefone: 29-0968

LOJA 2 LOUÇAS E CRISTAIS
RUA ARQUIAS CORDEIRO, 285-289 — Telefone: 29-0968

LOJA 3 SAPATARIA — Calçados para senhoras e crianças
RUA ARQUIAS CORDEIRO, 279 — Telefone: 29-1860

LOJA 4 CHAPELARIA e artigos de ESPORTE EM GERAL
RUA ARQUIAS CORDEIRO, 277 — Telefone: 29-1479

LOJA 5 CAMISARIA E ARTIGOS FINOS PARA PRESENTES
RUA ARQUIAS CORDEIRO, 285 — Telefone: 29-1479

Fábrica de Bibelots MITAC — Perfumes MIMO — Tintas TIC-TAC
RUA DOIS DE MAIO, 534-A — Telefone: 29-0756

VIEIRAS DE CASTRO & COMP. LTDA. — Rio de Janeiro

sição não foi devida à falta de munições, como se denunciara. ★ O General Mark Clark, após inspecionar as tropas sediadas na ilha Formosa, declara que tôdas as fôrças do Extremo Oriente deveriam ser lançadas contra os comunistas. ★ E' divulgado que se encontra latente nova crise anglo-egípcia, dizendo-se no Cairo que os inglêses são responsáveis por êsse estado de coisas, por não respeitarem o acôrdo sôbre a questão do Sudão. ★ Declara-se que o General Naguib, no próximo encontro que terá com o Ministro de Estado britânico, Sr. Selwyn Douglas, falará sôbre a questão da evacuação de Suez. ★ Um relatório do Banco da Reserva Federal de Nova York revela que o débito comercial do Brasil, com os Estados Unidos, era, a 28 de fevereiro último, de 202 milhões de dólares. ★ O Presidente da República assina decreto nomeando o Sr. Tenente-Brigadeiro Eduardo Gomes, Presidente da Comissão Militar Mista Brasil-Estados Unidos.

27 — SEXTA-FEIRA — Os caças-bombardeiros lançaram aproximadamente noventa toneladas de bombas contra as posições comunistas do Monte Careca e da Bunkerhill, no "front" ocidental, a fim de apoiar as fôrças terrestres aliadas. Na "Aléia dos Mig" são assinalados três combates aéreos, no transcurso dos quais um "Mig" foi provàvelmente derrubado e um outro danificado. ★ "Uma solução européia do Estatuto do Sarre é, aos olhos do govêrno francês, uma condição necessária à ratificação do tratado da comunidade européia de defesa", declara o Sr. René Mayer, em Washington. ★ Os restos mortais da Rainha Mary são transferidos dos aposentos particulares de Marilborough House para a "Queen's Chapel", em Marilborough Road. O ataúde real estava envolto no estandarte pessoal da Rainha Mary. O ataúde permanecerá na "Queen's Chapel" até amanhã, às 14,30 horas, quando será colocado numa carreta de artilharia e levado em cortejo até Westminster Hall, onde ficará exposto até à meia-noite de segunda-feira. Têrça-feira, de madrugada, o féretro será colocado num automóvel e levado para Windsor, onde, às 11 horas, terá lugar a inumação. ★ A União Soviética dá permissão, para que um grupo de 10 jornalistas norte-americanos visitem Moscou durante uma semana. Dez jornalistas de um grupo que realiza uma excursão pela Europa, chefiados por James L. Wick, da cadeia de jornais "Wick", recebem permissão para visitar a Rússia. ★ Pelo menos cem "kikuyus" leais ao govêrno são massacrados, à noite, pelos rebeldes "mau-mau", em Lari, na reserva de Kiambu, a dezesseis quilômetros de Nairobi. ★ A Marinha dos Estados Unidos anuncia que o comandante Warner Ryarson Edsall, do encouraçado "Missouri", morreu de ataque cardíaco, quando levava o navio a um pôrto do Extremo Oriente.

28 — SÁBADO — As propostas sino-norte-coreanas para o reinício das negociações de Pan Mun Jom são qualificadas de "animadoras" por um

ALMEIDA COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE FERRO Ltda.

Sucessora de L.B. de Almeida & Cia.
DISTRIBUIDORES DA CIA. SIDERÚRGICA NACIONAL — CIA. SIDERÚRGICA BELGO MINEIRA E OUTRAS USINAS NACIONAIS.

FUNDIÇÃO DE FERRO E OUTROS METAIS

Oficina mecânica em geral — Fogões à gás e lenha, marca «Progresso» — Prensas para ladrilhos e escritório.

Bancos para jardim — Colunas de ferro fundido para iluminação de jardins.

IMPORTADORES DE
Chapas de ferro pretas galvanizadas e corrugadas para portas — Ferro em barras — Vergalhões — Cantoneiras — T — U — e eixos para transmissões — Tubos de ferro galvanizados, pretos, vermelhos e de aço para caldeira.

COMUNICAM A SUA NOVA RÊDE DE TELEFONES, A SABER:

MESA TRONCO	52-2104	SECÇÃO TÉCNICA	52-2103
SECÇÃO DE VENDAS	52-2102	CONTABILIDADE	22-1342
SECÇÃO DE VENDAS	22-0409	GERÊNCIA	22-2549
EXPEDIÇÃO	22-1584		

RUA DOS ARCOS, 28-42
RIO DE JANEIRO

porta-voz britânico. "Esperamos — disse êsse porta-voz — que o reinício das negociações de Pan Mun Jom tenha por resultado um acôrdo de armistício pelo qual trabalhamos há tanto tempo". ★ A rádio de Moscóu divulga um comunicado segundo o qual o Soviet Supremo da União Soviética decidiu conceder às pessoas detidas e que não apresentam grande perigo para a segurança do Estado soviético, a possibilidade de voltarem ao trabalho normal e integrarem-se de forma útil à nação soviética. ★ Faz-se um acôrdo no curso das conversações franco-americanas, sôbre o comércio com a China Comunista. ★ O Sr. Presidente da República assina decretos conferindo a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul aos Srs. Theodor Heusz, Presidente da República Federal da Alemanha; Konrad Adenauer, Chanceler da Alemanha; e Capitão Westy Holger Leth, Diretor da Moore McCormack Navegação S. A. ★ Assinado decreto, pelo Sr. Presidente da República, designando a delegação do Brasil no V Período de Sessões da Comissão Econômica para a América Latina.



29 — DOMINGO — O avião da linha da África Central, desaparecido quando voava para a Rodésia do Sul, é encontrado em destroços, em Tanganica, com todos os 13 ocupantes mortos. ★ Um bombardeiro norte-americano cai nos Açores, ocasionando a morte de 16 pessoas. ★ E' noticiado que ocorreu um movimento revolucionário na Guatemala, contra o govêrno. Os rebeldes chegaram a ocupar a província de Salama, de onde foram expulsos posteriormente, pelas fôrças legalistas. ★ Declara o General Ridgway, na posse do Almirante Brind, como Co-

MAIS LIVROS

POR MENOS DINHEIRO

LIVROS DE BÔLSO

VENDAS: RIO: AV. RIO BRANCO, 25 - RUA DO OUVIDOR, 150 - E - RUA MÉXICO, 128
SÃO PAULO: RUA CONS. CRISPINIANO, 403.

INTERIOR: PEÇA PELO REEMBÔLSO POSTAL, ENVIANDO O TALÃO ABAIXO. REMETA-O SOMENTE PARA O RIO

Vida Sexual — Nº 6 — 20,00

Vença a timidez — Sexual

Sexualis

Estimulantes sexuais — Nº 67 — 15,00

Sexo e psicanálise

Práticas sexuais

Anormalidades sexuais

A arte e a técnica do beijo

A carne

Naná

Cartas comerciais

Modelos de cartas

Modelos de cartas sentimentais

Aprenda a dirigir sòzinho

Eletricidade do automóvel

Batilografia

Táticas de xadrez

Aprenda a viver

A cozinha nortista — Nº 86 — 10,00

Os melhores pratos da cozinha francesa

A arte de fazer doces

Multiplicação de plantas

Enxertia prática

Mosqueteiros

Desenvolva a memória

Aprenda a fazer mágicas

O livro das mágicas

70 cartas

Métodos para hipnotisar

Como interpretar os sonhos

Como ler os pensamentos

Editora

GERTUM CARNEIRO

NOME...
RUA...
LOCALIDADE..
ESTADO...

mandante Supremo aliado na zona setentrional da Europa, ao referir-se aos objetivos dos planos defensivos das nações ocidentais: "Devemos trabalhar pela paz".

30 — SEGUNDA-FEIRA — Numa sessão pontilhada de graves incidentes, o Senado italiano aprova a reforma eleitoral. ★ Manifestações de protestos são realizadas, pelos socialistas da esquerda e comunistas, não só no Parlamento como em diversos pontos da Itália. ★ O Primeiro Ministro da China Comunista apresenta proposta às nações aliadas, visando solucionar o conflito coreano, partindo das negociações para a troca de prisioneiros doentes e feridos. O Sr. Chou En Lai, em sua proposta, declarou considerar decisiva a solução da questão da permuta dos citados prisioneiros. Os círculos ocidentais estudam a nova proposta comunista. ★ O Sr. Presidente da República assina decreto conferindo a Ordem Nacional do Mérito a Monsenhor Carlo Chiarlo.

31 — TÊRÇA-FEIRA — Os oficiais de ligação das Nações Unidas e dos comunistas realizam uma reunião preliminar, da qual dependem importantes conferências e, quiçá, a paz na Coréia. ★ Os representantes das Nações Unidas entregam uma nota, redigida com extrema cautela, na qual comunicam que estão dispostos a reiniciar as negociações de armistício, porém sob certas condições. As negociações de paz dependem, porém, do resultado das reuniões especiais, cujo objeto será o da troca voluntária dos prisioneiros de guerra feridos ou gravemente enfermos. ★ Na ausência de objeções, mesmo sem votação, a mesa da assembléia geral decide recomendar à assembléia a inscrição da queixa da Birmânia na ordem do dia da sessão atual. A pedido da China, do Egito e da Grécia, a mesa decide, entretanto, por 9 votos contra 2 e 1 abstenção, modificar o título da queixa da Birmânia, substituindo "govêrno do Kuomintang" por "govêrno da República Chinesa". Esta modificação suscita um protesto de Vychinski, chefe da delegação soviética às Nações Unidas. ★ A 24.ª explosão atômica dentro dos Estados Unidos realiza-se na parte meridional do deserto de Nevada, provocando um resplendor visível a 800 quilômetros de distância. A despeito de sua violência, há indícios de que é esta a menor explosão nuclear das efetuadas como experiência, no campo de provas, distante 104 quilômetros de Las Vegas. A explosão — a terceira desta série de primavera — é provocada no alto de uma tôrre de aço de 100 metros de altura, a qual desapareceu totalmente. O petardo explodiu exatamente às 5 horas da manhã. ★ O Sr. Presidente da República assina decreto conferindo a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul aos Srs. Jacques Vimont e Enrique Meunier. ★ Chega ao Rio o cruzador inglês "Superb". ★ Chega ao Rio de Janeiro o Sr. Semi Samaika, novo Embaixador do Egito no Brasil.



CAPITAL SOCIAL

3.000.000,00

(Integralizado)

Carta Patente n.º 146

Oferece o formidável

PLANO DE ECONOMIA

Série "C"

O plano Série "C" da Brazília além de ajudá-lo a cultivar o hábito sadio da economia, proporciona-lhe as seguintes vantagens:

a) — Prêmios de Cr$ 200.000,00; Cr$ 100.000,00; Cr$ 30.000,00; Cr$ 20.000,00; Cr$ 10.000,00, etc.
b) — Resgate por antecipação;
c) — Resgate por falecimento;
d) — Dividendos ou bonificações anuais;
e) — Seguros contra acidentes pessoais;
f) — Sugestões relacionadas a viagens, repousos ou excursões;
g) — Informações sôbre matéria de interêsse turístico;
h) — Reembôlso integral.

MENSALIDADE — 50,00

Peçam informações

BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL, S. A.

SEDE PRÓPRIA: **Rua Visc. de Inhaúma, 134 - 4.º pav.**
Agências e Sucursais em todos os Estados
TELEFONE: 43-3475

QUEBRA CABEÇAS

Diretor: DR. LAVRUD — Secretário: DABLIÚ — ANO XXXVI — N.º 12 — MAIO — 1953
Dicionários adotados nesta seção: Simões da Fonseca — Hildebrando — Gustavo Barroso, Pequeno Brasileiro, 9.ª edição — Papyrassu, Monossílabos — Sylvio Alves, Breviário — Dicionário de Nomes Próprios, de Lidaci — Provérbios Originais, do Dr. Lavrud.
Tôda correspondência sôbre charadas deve ser dirigida para a redação de EU SEI TUDO — Rua Visconde de Maranguape, 15 — e endereçada ao redator desta seção.

2º TORNEIO
Abril-Junho

CHARADAS NOVÍSSIMAS

51 — Duas — Duas — *Cego* de amor e *melancólico*, o *mulato* chora a perda da cabocla.
Ed Vep (Maceió)

52 — Duas — duas — Aquela *matracada* tocada por *mulher* só pode ser troço ou *tramóia*.
Fiote (Cuiabá)

53 — Uma — uma — Vendo-te *assim com saúde*, sinto-me feliz *realmente*.
Jomaque — C.E.C. (Rio)

54 — Duas — três — Quem *fingir* riqueza e não observar o *regulamento* rígido, logo estará *falido*.
KTQZ (São Paulo)

Ao R. Kurban com admiração.
55 — Duas — uma — Sapato *apertado* e meia furada, não tolero, jogo-os dentro do *primeiro cesto aberto* que encontrar.
Malba Tantan (Santos)

56 — Uma — duas — Não tem *bom gôsto*, a mulher *enfurecida* que entorna a *água mui salgada onde se conserva o peixe.*
Segon (Rio)

57 — Duas — três — *Malha* o piano, sem dó nem piedade e de *ouvido*, o *homem estúpido*.
Guilherme Tell (Rio)

58 — Três — uma — Quem *desfolha a erva mate* com habilidade, reconhece com *desgôsto* quando o *ervateiro que desfolha o mate* não executa o serviço com perfeição.
Cysneirense Júnior

59 — Duas — duas — Não sejas *maçador!* Se eu *disfarço* o caso é para vender a *casa arejada para secar as massas*.
Costa Pereira (Rio)

60 — Quatro (duas) - Que graça! A mulher *mesquinha zombava* da *avareza* dos outros...
Dabliú (Rio)

61 — Três — duas — *A congregação dos fiéis* reunia *grande quantidade* de devotos numa *pequena igreja*.
Segon (Rio)

62 — Três — duas — Em *resumo; pareço alegre*, mas pertenço ao *rol* dos homens tristes.
(*Sem assinatura*)

63 — Duas — três — Não *beba* assim rapaz! Na minha *opinião* a *cachaça* é um veneno.
Eva Dio (Rio)

Ao invencível Debrito.
64 — Duas — uma — duas — A um *indivíduo corajoso* não *ofereça* uma *insignificância;* salvo se você é um *testa de ferro*.
Bisilva (Manaus)

65 — Duas — duas — Êle foi às *vias de fato com uma pessoa importuna* na *casa de pasto* pouco *asseado*.
Dopasso (Recife)

CHARADAS SINCOPADAS

66 — Três (duas) — A fera estava *impaciente*, por se ver atada com uma *corda grossa*.
Asclepios (Rio)

67 — Três (duas) — *Ganha* boa *reputação* quem age com consciência.
Conde de la Fere (Salvador)

68 — Três (duas) — O *velhaco* só *cuida de enganar* o próximo.
Conselheiro (S. J. de Mipibu)

69 — Três (duas) — A *garapa*, ou *qualquer bebida refrigerante* é preferido pelo *agente de polícia*.
Edur Gomes Monteiro (Cuiabá)

70 — Três (duas) — O *chalaceador* nunca pesa a *mentira* que profere.
Ed Vep (Maceió)



A irritação intolerável e os ardores produzidos pelos distúrbios da bexiga, devem ser combatidos, logo de inicio. Sendo a bexiga a porta de saida das substâncias tóxicas e impurezas que os rins separam do sangue, sofre-se dores cruciantes quando esse delicado orgão está inflamado, devido ao contacto com tais substâncias. O exagerado desejo de aliviar a bexiga, os ardores e as irritações das vias urinárias devem ser combatidos, tomando, ainda hoje, as Pilulas de Witt para os Rins e a Bexiga. Sua ação calmante e antisética, faz-se sentir logo na bexiga, nos rins e em todas as vias urinárias.

As Pilulas De Witt são fabricadas especialmente para as doenças dos Rins e da Bexiga.

Pilulas DE WITT para os Rins e a Bexiga
Em vidros de 40 e 100 pilulas
O grande é mais econômico

PÉS QUE VALEM MILHÕES CALÇAM "FOX"

80 — Três (duas) — A *falha na integridade mental, inutiliza* o homem de brio.

Fiote (Cuiabá)

---

81 — Três (duas) — Convém *imaginar com aferro determinado assunto*, para depois melhor *proceder*.

Gumercindo Leite (Alagoa Grande).

71 — Três (duas) — *Calor forte, após muitos dias chuvosos* não é *agradável* ao povo.

Fiote (Cuiabá)

---

72 — Três (duas) — O *balaio* é muito pesado para o *caboclinho*.

Gumercindo Leite (Alagoa Grande — Paraíba)

---

73 — Três (duas) — Se o seu assunto é *urgente* e deseja ser atendido, não *questione*.

Gil Virio (Andradina)

---

74 — Três (duas) — A *pancada* na cabeça resultou um *calombo*.

Malba Tantan (Santos)

---

75 — Três (duas) — *O tempo* me ajudando, eu *remedeio* e consigo chegar ao fim.

Oarcim (Rio)

---

76 — Três (duas) — Há certos indivíduos que, com a mania de *predizer* a nossa sorte, vivem a *transtornar* o sossêgo alheio.

P. Del Debbio (S. Paulo)

---

77 — Três (duas) — Você deve *combater* até *invalidar* o inimigo.

Sertanejo II (Lavras)

---

78 — Três (duas) — O indivíduo que se *acorrenta* ao pano verde, *trabalha para adquirir* a própria ruína física e moral.

Conselheiro (São José de Mipibu)

---

79 — Três (duas) — Ante a *liberdade* da escolha de armas, em certo *duelo*, um dos contendores muniu-se de metralhadora...

Ed Vep (Maceió)

ARTISTAS
VELHOS E MOÇOS
LEIAM COM ATENÇÃO

A época atual, agitada, febril e enervante, exige do homem grande fôrça de vontade para vencer tôdas as dificuldades que se lhe deparam na árdua luta pela existência. Quando um homem tem o sistema nervoso descontrolado, quando sofre de insônia e falta de memória, êle não pode, de forma alguma, firmar a sua vontade, candidatando-se, assim, a inteiro fracasso no exercício da sua profissão. Em tais casos, torna-se imprescindível o uso de um tônico poderoso, que combata rápida e eficazmente o mal. Êsse tônico só poderá ser "Gotas Mendelinas", o surpreendente restaurador do sistema nervoso, o remédio que faz maravilhas pelo seu poder curativo.

Nas boas casas. Pelo reembôlso End. Teleg. Mendelinas Rio.

CHARADAS ANTIGAS

82

Esconde o teu rosto lindo. — 4
Eu sinto um prazer infindo
Quando estou sempre a te ver.
Em qualquer parte *onde* estou - 1
Disfarçado sei que vou
Sentindo o mesmo prazer.

Euclides Vilar (Campina Grande)

83

Ao confrade Roazo, com agradecimentos.

Obedecendo a velho anseio, quero
— Eu que na vida um verso nun-
[ca fiz —
Tramar belo problema em rima
[e espero
Que surja nêle o engenho mais
[feliz.



EVITE A OBESIDADE

Com o uso diário do ENO. Elimina as toxinas do organismo, combate a prisão de ventre, a azia e a acidez... Laxante ideal, alcalinizante e estomacal.

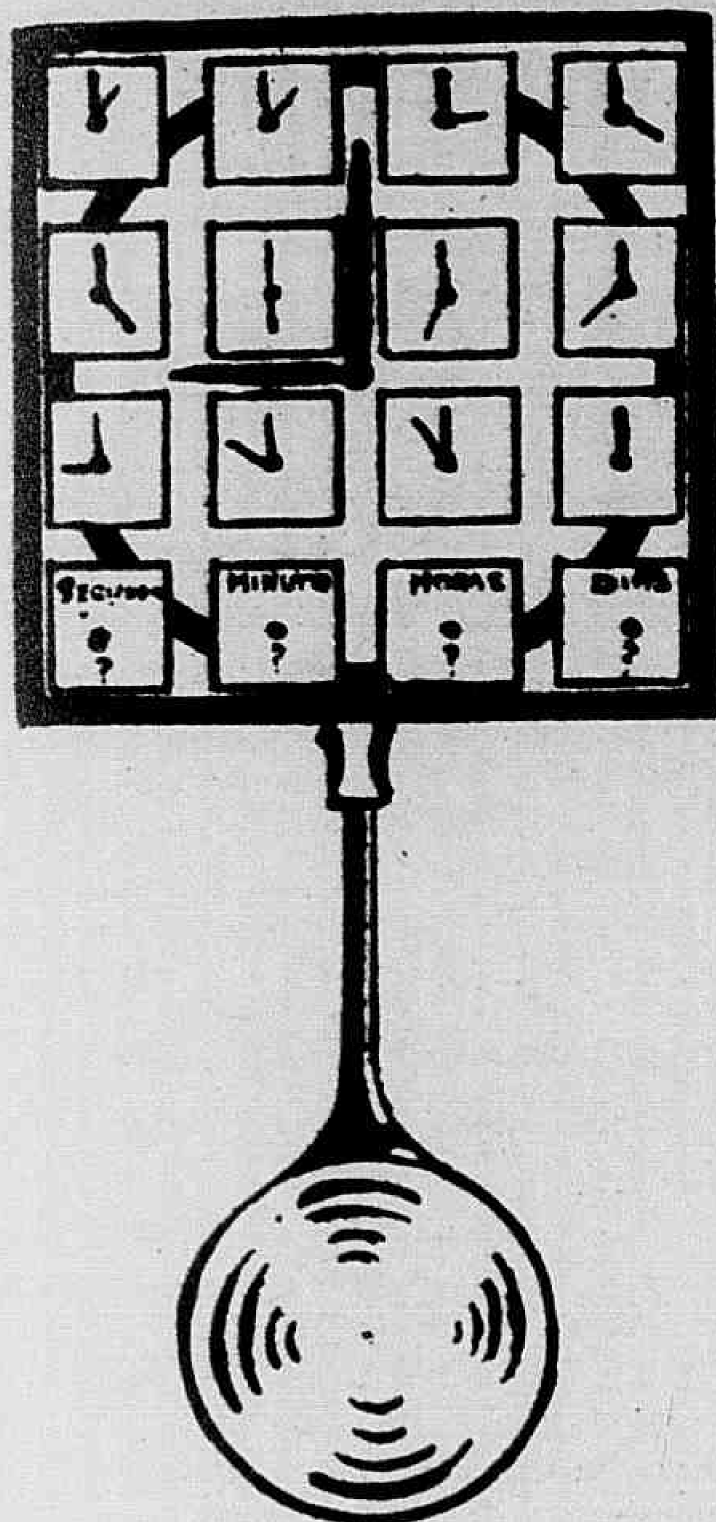
"SAL DE FRUCTA"
ENO

Mais de 70 anos de uso no Mundo inteiro!

Começo, porém, logo desespero:
Foge-me a lira, o verso que [condiz,
E eis que *maldigo* num pesar [sincero — 3
a arte da qual me achais tolo [aprendiz.

Espírito tenaz, volto, no entanto,
Volto e me apego esperançoso [ao manto
Que acolhe os trovadores mais [perfeitos.

105 — ENIGMA PITORESCO



Dr. Jofran (Fortaleza)

E apesar dessa fôrça de vontade,
Consigo *apenas* produzir, con- [frade, — 1
Êste trabalho *cheio de defeitos.*
Gomes Júnior (Maceió)

84

Escuta, ó brôto da praia:
Eu sou filho do sertão,
Onde a "*mulher*" veste saia - 2
Quase arrastando no chão.

Por isso é que te condeno
O gôsto *perseverante* - 3
Dêsse corpo tão pequeno
E exposto a tanto gigante.

Se sou *avêsso aos costumes*
De hoje, mas no que toca
À mulher que se desnuda,



JUVENTUDE
ALEXANDRE



Não alimento ciúmes,
Por fugires, carioca,
Que outros te achem pernuda.
Hamer Indio (Nova Iguaçu)

CHARADAS CASAIS

85 — Três — A *demora* do início do espetáculo não foi proclamada, dada a *magnificência* do seu desenrolar.
Acobar (Maceió)

86 — Três — O partido da *oposição* sempre *impede* a aprovação dos projetos do govêrno.
Adolfo Tuchmann (Rio)

87 — Três — Você *consente* que eu diga, o que diz meu coração? E' que você é uma espiga, não merece *distinção.*
Bisilva (Manaus)

88 — Três — Origina sempre *discórdia*, a menor *intriga.*
Conde de la Fere (Salvador)

106 — ENIGMA FIGURADO



Dr. Lavrud

89 — *Ainda "quilometrando" o excelente e veteraníssimo Bisilva.*

90 — Quatro — Quando o sacerdote *dá a extrema-unção a* um agonizante, pratica um *ato religioso, de instituição divina, para santificação da alma.*
Conselheiro (São José de Mipibu)

91 — Duas — *Venero a probidade.*
Dr. Jofran (Fortaleza)

92 — Três — Não sei porque

CORRIJA EM CASA

A IMPERFEIÇÃO DOS SEIOS

A imperfeição do busto, a ciência afirma, tem diversas origens. A principal e a mais freqüente é o enfraquecimento das glândulas provocado pelo cansaço, pela anemia e pelas insuficiências orgânicas. Como se sabe, na estética da beleza feminina, o busto exerce papel decisivo na harmonia das formas, na graça natural e no poder de atração. Possuir um busto de linhas perfeitas, deve constituir, portanto, a primeira preocupação de tôda mulher elegante e ciosa de seu dever de ser formosa. A Pasta Russa do Dr. G. Ricapal, médico e cientista russo, há meio século vem sendo usada com o mais completo êxito na correção e no fortalecimento do busto feminino, atuando de maneira eficaz nas glândulas enfraquecidas e fazendo com que a languidez desapareça em pouco tempo. Nas farms., drog. e perfs. Nas boas casas pelo reembôlso postal, C. Postal, 1724 — Rio.

minha irmã *zanga-se* ao viajar pelo *mar, quando calmo.*

Edur Gomes Monteiro (Cuiabá)

---

93 — Quatro — Eis um casal extraordinário: êle, é o sr. *insuportável;* ela, a sra. *impertinente.*

Heron Silpes (Canavieiras)

---

94 — Duas — *O importante* é não lhe dar *folga.*

Jomaque — C.E.C. (Rio)

---

95 — Três — Um *projetil* raspa-lhe o braço, enquanto a arma *vomita* fogo.

K.T.Q.Z. (S. Paulo)

---

96 — Cinco — Um perfeito casal de varetas: ela, muito *magra;* ele, *escanifrado...*

Marcimento (S. Paulo)

---

97 — Quatro — Tempo *nublado* não é *pretexto* para se faltar ao trabalho.

Matsuk (Rio)

---

95 — Três — Com sua exagerada *proteção,* êle *facilita* os exames.

Oarcim (Rio)

---

99 — Três — Uma *ofensa* hoje, outra amanhã, vai deixando o cidadão *magoado.*

P. Del Debbio (S. Paulo)

---

100 — Três — Quem bebe muita *cachaça* fica *birrento.*

Walter T. Chaves (Rio)

Acuso com a própria causa,
Que tu defendes tão bem;
Se por *acaso* perderes,
Não acuses mais a ninguém.

Sertanejo II (Lavras)

103

A primeira e a segunda
São iguais ou gêmeas são,
O bom é pra ser bisado.
A terceira aqui lhe digo:
Se não é *tolo* ou *toleirão,*
Já está tudo decifrado.

Asclepios (Rio)

VARIZES E HEMORRÓIDAS
TRATAMENTO SEM OPERAÇÃO
HEMO-VIRTUS
VARIZES: FRICCIONE A POMADA NAS VARIZES E TOME O LIQUIDO
HEMORRÓIDAS: TOME O LIQUIDO E APLIQUE A POMADA NO LOCAL
NAS FARMÁCIAS
Usar durante três meses.

ENIGMAS

101

Descoberto no joguete,
Fêz papel pouco decente,
Quis tirar o corpo fora
Sob a *capa* de inocente.

Sefton (Rio)

104

Se você atar a uva,
Vá saindo, pois, senão,
Vem a dona da parreira
Que é uma célebre viúva,
Conhecida por grosseira,
A berrar de *exaltação* —
Onde?

Irahydes (Rio)

COMO APRENDER A DANÇAR



4ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 830 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo Prof. do «CURSO PRATICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120 — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda também nas livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música de São Paulo.

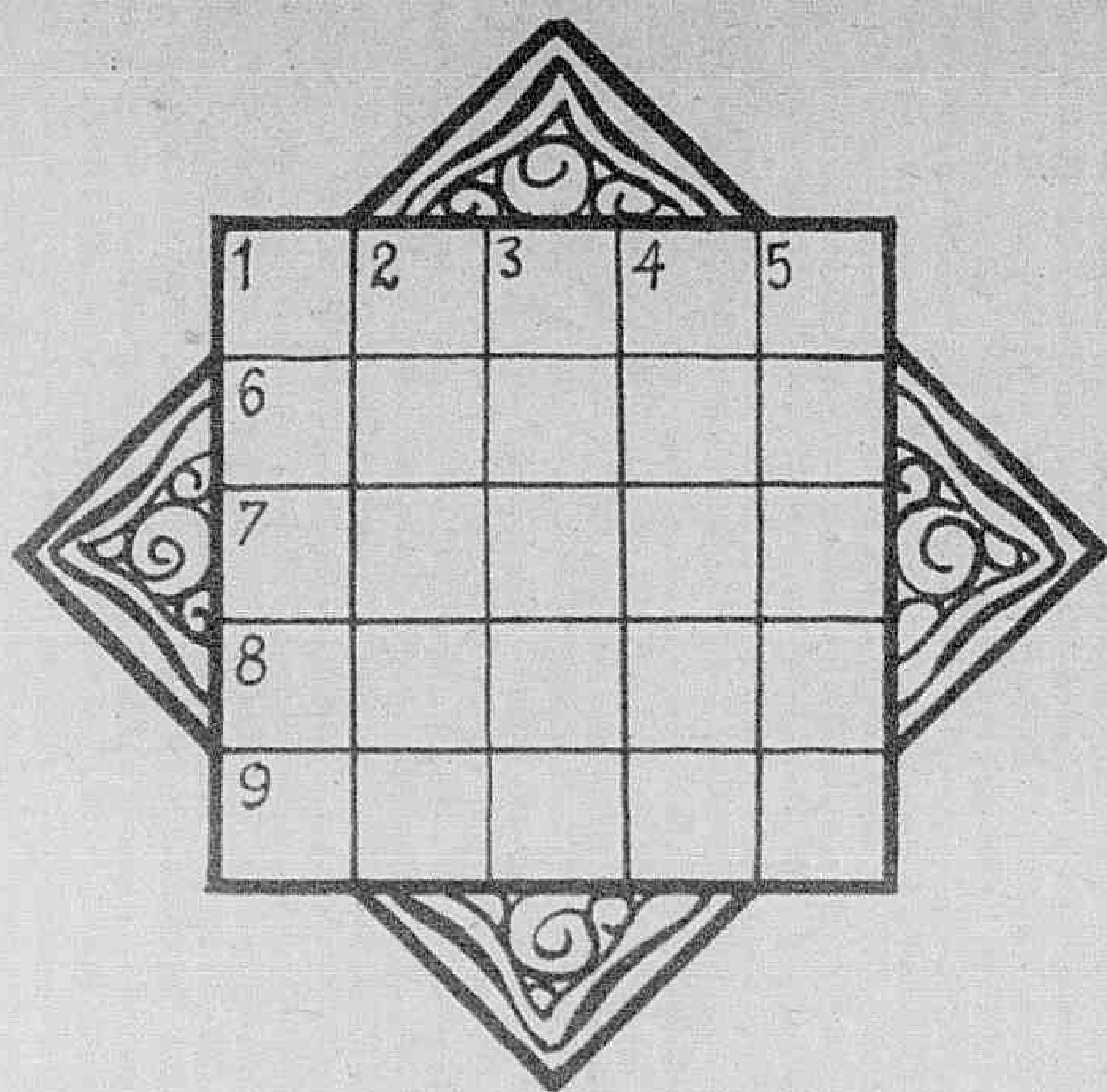
SOFRE DE ASMA?

Só a expectativa de um acesso de asfixia asmática, com seu cortejo aterrador, abate o espírito mais resistente. Ser asmático é viver sempre debaixo dessa obsessão nervosa e dissolvente.

O remédio do dr. Reyngate, a salvação dos asmáticos, combate eficazmente, não só a própria asma, como qualquer bronquite crônica ou não, tosse, chiados, dores do peito, asfixias, coqueluche, etc. Com o remédio do dr. Reyngate, o preparado puramente vegetal, o doente adquire imediato alivio, voltando sua respiração logo ao ritmo natural.

Nas boas casas pelo reembôlso postal C. Postal, 1724 — Rio.

PALAVRAS CRUZADAS
PROBLEMA Nº 1

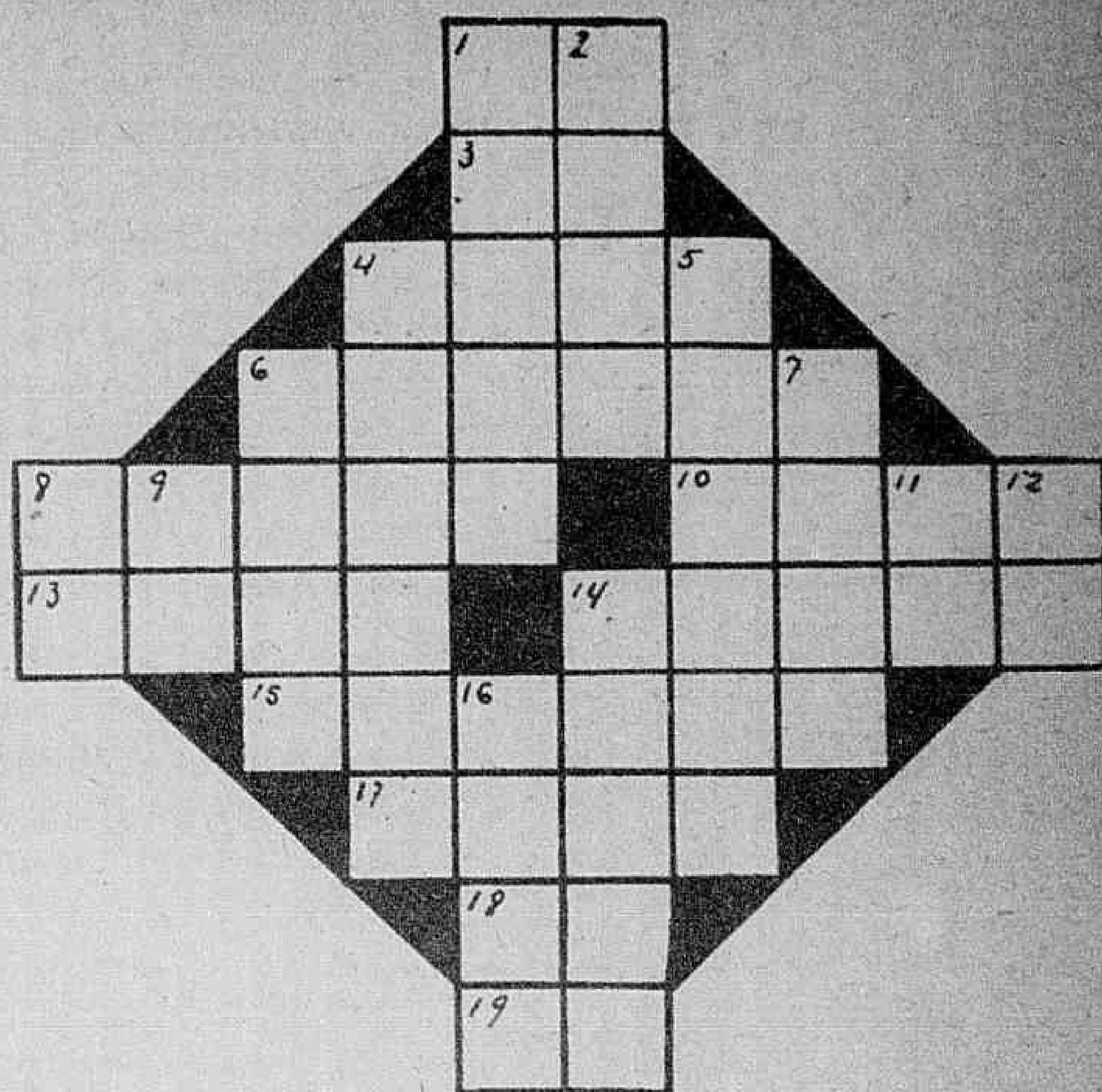


K.T.Q.Z. (S. Paulo)

HORIZONTAIS — 1 — Rebanhos, 6 — Fustigo; 7 — Doloroso; 8 — Açaí; 9 — Reteso.

VERTICAIS — 1 — A fuzilar dos olhos de pessoa encolerizada; 2 — Persistem; 3 — Guarapu; 4 — Estontear; 5 — O poder real.

PALAVRAS CRUZADAS



João Fazio (S. Paulo)

HORIZONTAIS — 1 — Carta de jogar; 3 — Chispe; 4 — Curandeiro (art. ant.); 6 — Violência; 8 — Planalto; 10 — Vento de leste; 13 — Parte dos pinheiros que se corta para lhes extrair a resina; 14 — Asas; 15 — Mete em atascadeiro; 17 — Enchente; 18 — Convir; 19 — Décima sétima letra do alfabeto grego.

VERTICAIS — 1 — Sardinhão amarelo do Amazônas; 2 — Carruagem; 4 — Novato; 5 — Lista; 6 — Estria; 7 — Empreende; 8 — Clima; 9 — Batráquio; 11 — Sol dos Egípcios; 12 — Art. pl.; 14 — Homem ciumento; 16 — Empunhar.

LEIAM

a Cena muda

RÁDIO e CINEMA

ÁGUA INGLÊSA GRANADO



Faz de você um forte!

TÔNICA-APERITIVA

NAS CONVALESCENÇAS

SUPLEMENTO DO DICIONÁRIO DE SINÔNIMOS E LOCUÇÕES DA LÍNGUA PORTUGUÊSA

Tendo-se esgotado ràpidamente a primeira edição do dicionário, Agenor Costa, seu autor, mandou preparar uma aumentada segunda edição, custando o volume encadernado 130 cruzeiros e 100 o brochado.

Num gesto de gentileza tão peculiar ao Agenor, foi-nos oferecido outro volume para prêmio aos nossos decifradores.

CORRESPONDÊNCIA

D'Ávila (Pará de Minas) — Gratos pela colaboração; o enigma é um tanto *ferro* para esta seção.

Rocha Pita (Rio) — Inscrito com muito prazer; pode mandar o figurado mesmo a lápis, pois aqui temos desenhistas.

R. Kurban e *Pele Vermelha* (S. Paulo) — Mandem colaboração.

ERRATA

Na charada sincopada 125, de março, em vez de *raio*, deve ser *saio*.



ASSENTA E DÁ BRILHO AO CABELO!



Cabelos sedosos, brilhantes e bem penteados com o uso constante de FIXBRIL, asseguram o complemento indispensavel para sua elegância.

★ AGORA TAMBEM EM BISNAGA

DE WITT · RIO · LONDRES · NOVA YORK · BUENOS AIRES

ATENÇÃO, RUBRO-NEGROS!

CONHEÇAM A HISTÓRIA DO "CLUBE MAIS QUERIDO" BRASIL" E A VIDA DOS SEUS "CRACKS" MAIS FAMOSOS DO PASSADO E DO PRESENTE

Leiam o ÁLBUM RUBRO-NEGRO

300 PÁGINAS — PREÇO CR$ 50,00

A VENDA EM TÔDAS AS BANCAS DE JORNAIS. REMETEMOS PELO "REEMBÔLSO POSTAL" — PEDIDOS À EDITÔRA BRASILIDADE LTDA., RUA DA QUITANDA, 59 — 2.º ANDAR — C. POSTAL 2.733 — RIO

Alivio rápido para

HEMORROIDES



Man-Zan é a pomada que alivia, na hora, as dôres e os pruridos causados pelas hemorroides. Man-Zan acalma e refresca. MAIS ATÉ: Man-Zan é antisséptico suave para os tecidos, mortal para as bactérias. Por isso, Man-Zan também previne as infecções e outros graves males consequentes das hemorroides.
Um produto De Witt - à venda em tôdas as farmácias.
Coadjuvante para Hemorroides

Pomada ManZan

Aprovado pelo Depto. Nacional de Saúde, sob n. 77, em 12/2/41.

GANHE CR$ 200.000,00 DE PRÊMIOS!

Televisão, geladeiras, bicicletas motorizadas, patins, terreno, enceradeiras, serviço de café, máquina de escrever, liquidificador, máquina de costura, etc.

Conheça o Brasil: recorte da "Revista da Semana" e colecione lindas gravuras coloridas, de valor histórico e geográfico, com ótimo texto educativo,

no Álbum Revista da Semana

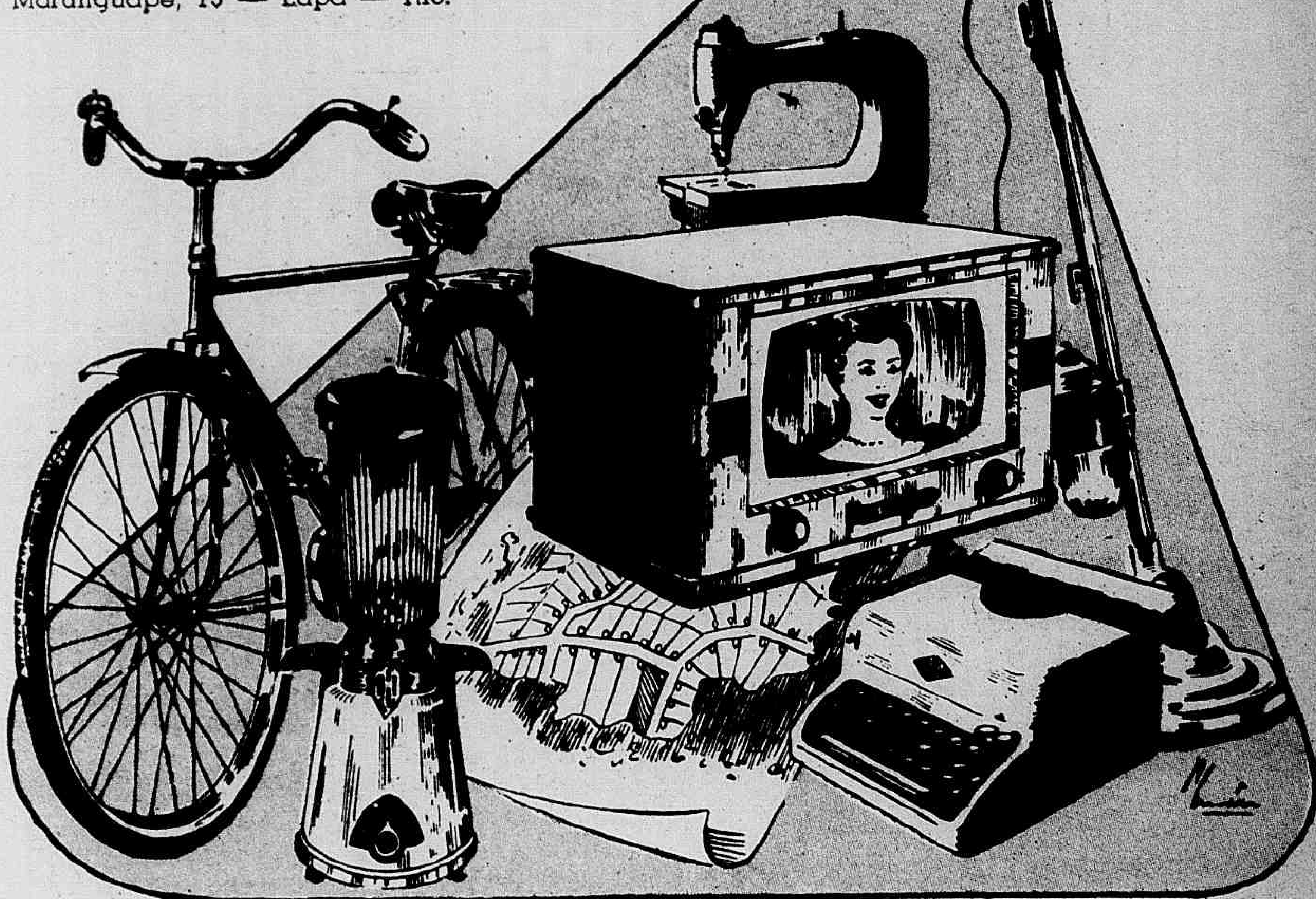
ATENÇÃO

As figuras coloridas, que deverão ser recortadas da "Revista da Semana" e colocadas no "Álbum", começaram a ser publicadas na "Revista da Semana" n.º 12, de 21 de março de 1953. Números atrasados da "Revista", bem como o "Álbum", são encontrados em todos os jornaleiros do Brasil.

Pedidos à Redação: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio.

Condições na

REVISTA DA SEMANA



REALIZAÇÃO DA BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL S. A.

RUA VISCONDE DE INHAÚMA, 134 — RIO DE JANEIRO

EU SEI TUDO

N.º 432 — Ano XXXVI N.º 12 — Maio de 1953

SUMÁRIO:

De utilidade e confôrto 4
As pérolas Wagstaff (conto) 7
Os mananciais térmicos espantam os viajantes — Os repuxos ferventes da Natureza 13
Para construir bons canteiros 18
Um boxeur de futuro 18
A "pérola" das donas de casa 18
Enfim, a verdadeira história de Buffalo Bill 19
Êste mundo louco 24
A lição de um gato 25
Estranha vitória (conto) 26
Para que falar? 29
Os piratas de hoje não valem os de antigamente 30
A fôrça de um juramento (Romance — continuação) 35
Outono dourado no Parque de Weimar (Policromia) 43
O Dr. Guilhotin e sua terrível invenção 45
Pintura fosforescente 49
Nem tudo, antigamente, era melhor! 50
Esteja em dia com o mundo 53
Fábulas para tôdas as idades (principalmente a atômica) 54
O que devemos saber de nossos olhos 55
O rei que trocou o trono por um amor — O que não disse o Duque de Windsor — (I) 61
A volta da espôsa (novela) 66
Eletricidade feminina 68
Crise 67
Frases eternas 68
Podemos chegar aos cem anos (Seis conselhos que prolongam a vida) 70
Os amigos do morto guardam o seu túmulo 75
O chapéu ridículo 76
Economia 76
Aposentadoria 76
Por trás da porta amarela (Romance — continuação) 77
O retôrno (Policromia) 85
Cuidado! Veneno! 87
Compreende vos interlíngua? 89
Vida do campo 91
Nos domínios da Gramática 97
Como é fácil saber tudo — Dicionário de nomes próprios 98
Olhando o mundo há sessenta dias — Memento Eu sei Tudo — Março de 1953 99
Charadas — Quebra-cabeças 109

★

O preço desta revista, em todo o Brasil, é CINCO CRUZEIROS (Cr$ 5,00). Os agentes recebem a revista com um grande desconto para vender pelo preço indicado, com lucro.

CORRESPONDÊNCIA



Henry Young, Estúdio Verbmaster, R. Piauí, 153 — São Paulo — Sua carta foi passada à administração, que se dirigirá, por carta, a V. S. Gratos por seu interêsse.

Natalina Fernandes — Salvador — Bahia — Na ocasião oportuna publicaremos. Podemos afirmar, desde agora, que será o assunto tratado minuciosamente.

Alberto Luís Riggenbach — Pôrto Alegre, Rio Grande do Sul — A obra foi publicada com exclusividade, não existindo nas livrarias. Acreditamos que tenha a coleção completa. Não publicaremos capa.

Paulo Rebcuças — Goiânia — Goiás — Lamentamos informar que o assunto não pode ser tratado nesta revista, pois foge à linha de conduta a que obedecemos.

Antônio Costa — Lisboa — Portugal — Gratos pelo seu interêsse. Esperamos continuar agradando.

★

A CAPA — Falam muito mal do telefone. No entanto, para se conhecer como êle é precioso, é bastante... não ter um qualquer ao alcance da mão. As mulheres então... Se não estão no banho ou dormindo, ou atendendo a algum serviço urgente no lar (um serviço que ocupe as duas mãos), por certo estarão falando ao telefone. Seria mesmo curioso conhecer uma estatística a êsse respeito: quantos minutos, diàriamente, as mulheres contam ou ouvem novidades pelo telefone? "Alô"! respondam as leitoras.